Introdução: O que vamos trabalhar, como porque trabalhar.

Este trabalho busca trazer a perspectiva do professor de História iniciante. Mostrar sua posição em relação ao início da carreira, a percepção de seu trabalho, do ensino de História, deste começo de jornada. Além da perspectiva do professor em seu início de caminhada, podemos abordar sua formação inicial formal, esta como uma das principais influências para a prática destes professores e decisiva na permanência ou desistência do nossos personagens na carreira.

Deste nosso personagem central podemos apurar suas impressões da escola (ou escolas) que trabalha, da sala de aula, como este encara o cotidiano escolar e a construção da identidade profissional serão pontos que iremos trabalhar ao longo de nossa escrita.

"O tempo só se converte em tempo humano quando se organiza, encontra sentido, ressignifica-se em uma narração. A narrativa, por sua vez, é a forma da memória e a memória, a presença do passado". (CUNHA; CARDÔZO, 2011). Desta maneira iremos encontrar na narrativa de nossos protagonistas representações de seu cotidiano na construção de uma identidade profissional.

Além de encontrar na narrativa detalhes sobre seu início de carreira, iremos adentrar um pouco mais profundo no seu espaço de trabalho, a escola. Observando como os professores em questão se articulam, se relacionam no ambiente escolar.

A etnografia, um caminho da Antropologia e assim, uma metodologia qualitativa. Ganhou força nos anos 1960 com os movimentos sociais e estudantis pelo mundo e aguçou a vontade de saber o que acontecia, de fato, nas escolas e salas de aula. No Brasil, esse paradigma ganhou impulso a partir dos anos 80 do século XX.

Assim, André (1995) nos remete

> A década de 1960 foi marcada por vários movimentos sociais, por lutas contra a discriminação racial e social e pela igualdade de direitos. Foi também nessa década que aconteceram as rebeliões estudantis da França, o que precipitou o interesse dos educadores pelo que estava se passado realmente dentro das escolas e das salas de aula e pelo uso da abordagem antropológica ou etnográfica como forma de investigação do dia-a-dia escolar. (ANDRÉ, 1995, P.20/21)

No entanto, posso assegurar que este caminho vem sendo trilhado há pouco tempo, pois me deparei com este tema ao longo do curso de Pós Graduação em História em que me encontro. Em uma das disciplinas que cursei sobre memória e professores, na qual a avaliação

final solicitava um artigo baseado em uma entrevista com professor de história. Assim, esta temática me conquistou de tal forma que não pude esquecê-la.

Conforme fui me aproximando deste assunto, mais me identifiquei com o tema. Deste trabalho cresceu uma outra motivação para desenvolver o trabalho de conclusão de mestrado. De certo, houve uma lapidação da temática junto ao orientador, outras leituras, outras indagações até chegar ao objetivo deste trabalho.

Este trabalho será realizado com a colaboração de oito professores de História com até cinco anos de formação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que lecionam em escolas privadas e públicas da cidade e contará sobre suas percepções da sua experiência docente.

Metade do grupo é formado por quatro homens e por seis mulheres, suas idades são bastante distintas, assim como os motivos de cada um para ingressar no curso de História, portanto temos um grupo bastante heterogêneo. Relacionar as condições socioeconômicas dos nossos professores, um pouco do aspecto pessoal e as suas escolhas serão pontos que nos auxiliarão a entender melhor quem é cada indivíduo da nossa pesquisa.

Meu primeiro contato com os professores se deu através da internet, mais precisamente da rede social Facebook. Primeiramente porque é o meio com qual todos os nossos personagens interagem, assim essa plataforma consegue nos conectar ao mesmo tempo. Também é um meio, que considerei ser menos invasivo na vida destes professores e através desta ferramenta conversamos e marcamos nossos encontros.

Por uma questão de privacidade destes professores, colocaremos letras para indicá-los. Colaborando com nossa pesquisa, A professora "H", tem 27 anos e se graduou em 2013, atualmente leciona em uma escola da rede privada. "H" acredita que o fator que mais lhe motivou a ser professora de História foi sempre ter a disciplina como sua favorita desde o ensino fundamental e também desde essa época, relembra, um professor que a ajudou a desenvolver seu senso crítico.

"A" é outro personagem de nosso estudo, tem 26 anos e se graduou em 2014, trabalha em duas escolas da rede privada, sendo uma delas direcionada a cursos preparatórios para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e para o IFSul. O que mais lhe motivou a seguir a docência em História "*Sempre tive um pequeno gosto por História por jogar muito vídeo game, uma mídia que, com frequência, aborda temas políticos, militares, mitologias, etc. É uma disciplina que dialoga com várias áreas da sociedade",* cita.

"B", tem 56 anos. Renato trabalha há mais de 20 anos como secretário da Escola Estadual Roberto Bastos Tellechea, coordena o curso Acreditar, que é uma parceria entre a escola e a Universidade Federal do Rio Grande, que oferece cursos preparatórios para o IFSul e o Enem totalmente gratuitos para a comunidade. Ele ministra aulas de História na modalidade do pré IFSul. "B" é o único professor deste grupo que trabalha com a educação popular, se graduou em 2013, devido a greve nacional, mas deveria ter sido em 2012. O que mais o motiva a seguir a profissão é acreditar em dias melhores para a educação.

"C", tem 29 anos e está lecionando em uma escola de ensino médio do estado, se formou professor em 2012. Acredita que nenhum professor tenha o inspirado a seguir a carreira de professor, porém entende que de alguma maneira a conduta de seus professores o tenha feito optar por esse caminho. Seu maior incentivo para o curso de História foi o conteúdo, como ele mesmo menciona, *"mas não aquele que aprendia em sala de aula, mas aquele que aprendia fora, vendo filmes, lendo revistas e jornais (muito!) e principalmente conversando com pessoas mais velhas".*

"D", é mais um professor deste grupo que leciona em escola privada na cidade, tem 36 anos e se graduou no ano de 2012, na verdade em 2013 por conta de uma greve nacional que assolou as universidades públicas. "D", acredita que em sua vida escolar já demonstrava identificação com a docência, enquanto cursava o ensino superior não indicou nenhum professor que o tenha o motivado a seguir o caminho docente, por isso seus maiores incentivadores podem ser encontrados na sua vida escolar. *"Na minha ótica, a História se responsabiliza pela identificação do ser humano pela suas ações",* em suas palavras.

"E", tem 36 anos e se formou em 2013, leciona em uma em uma escola do estado. A professora "E", teve muitas dificuldades enquanto estava na escola, repetiu muitas vezes a mesma série, mas em ciências humanas sempre se considerou ótima aluna, tinha apreço pela leitura. Também teve alguns professores memoráveis, mas segundo "E", que não merecem um apontamento especial. Sobre o que lhe motivou a seguir a docência, é categórica: *"De início não era meu curso dos sonhos. Sempre quis fazer Direito, por influência da família, que pressionava para a obtenção de dinheiro mais fácil. Depois de um tempo, e de várias tentativas frustradas, resolvi fazer pra disciplina que mais gostava, e aqui estou eu".*

Outra professora que irá nos auxiliar nessa pesquisa é "F", que tem 27 anos e terminou a graduação em 2010, atualmente leciona em um grupo escolar privado da cidade. Durante sua vida escolar, "F" , se considerou uma aluna tipo "nerd" e sempre teve o apoio dos pais, considera que esse apoio foi fundamental para o interesse nos estudos. *"Eles sempre me*

incentivaram e me ensinaram a importância de se apostar no conhecimento como forma de construção de um futuro melhor". "F" sempre gostou muito de História, curiosa por entender como se deu tal acontecimento ou motivo de tal acontecimento, optou pelo curso de História mesmo com dúvidas sobre o caminho. *"Tinha certeza que pelo meu perfil, possuía aptidão para os cursos de Ciências Humanas, mas ainda questionava a opção de seguir o caminho do ensino".* Para terminar com suas indagações sobre o rumo que iria seguir, Susan, teve inspiração em um professor do curso pré vestibular.

"G", é outra professora que colaborará em nossa empreitada. "G" tem 26 anos e se graduou em 2011. Leciona em duas escolas, uma matricula do estado e outra do município do Rio Grande, há pouco tempo trabalha pela prefeitura. "G" preferiu que as observações acontecessem na escola estadual, acredita que nesta instituição se desenvolve um trabalho mais dinâmico e ela tem mais liberdade para planejar as aulas e avaliações.

"J", é uma professora de 23 anos e leciona em uma escola da rede particular de Rio Grande, há cerca de um ano, pois se formou no inicio de 2015. "J" sempre estudou em escolas públicas e via em alguns professores o empenho máximo para desenvolver a profissão. "*Minha inspiração para ser professora de História veio da Profª Claudia [...]. Lembro que juntava no fim da manhã os gizes que sobravam das aulas, quando chegava em casa brincava que era a professora Claudia. Isso foi na 8ª série",* lembra. Podemos dizer que esta professora, do nosso grupo, foi a única que ingressou diretamente na universidade após a escola.

"I" é a professora mais atípica no nosso grupo, pois se graduou em 2001, porém sua experiência docente começou há menos de cinco anos. "I" tem 36 anos e leciona no Instituto Federal, campus sediado na cidade. Ela lembra de uma professora de Artes, que lecionava com muita criatividade e uma professora de História que tentava sempre aguçar a curiosidade da turma, esses dois exemplos citados como inspirações para a docência.

O professor em início de carreira, no entanto, será o alvo máximo deste trabalho, temos que atentar para o fato que aqui o início de carreira não é sinônimo para jovem professor, ou seja não devemos relacionar com a idade de nossos professores. Sua narrativa, sua experiência docente incipiente, sua vida e sua construção identitária tem relevância ímpar nesse cenário historiográfico em que nos encontramos. As escolhas que este professor faz e como estas afetam sua vida, buscamos articular a vida pessoal com a profissional.

> A escolha da profissão e a noção que se atribui à docência mesmo antes da formação têm um papel importante na trajetória profissional

> do educador. Em princípio, tal ato pode parecer irrelevante. Todavia, o momento da escolha da profissão, a imagem que se tem do que é ser professor e os motivos que impulsionaram a escolha incidem na maneira de ser e estar na docência. (CUNHA; CARDÔZO,2011)

Em acordo com Cunha e Cardôzo podemos pensar para nossa pesquisa que se volta para os professores em início de carreira, que esse momento de escolha é de grande significado para a profissão, pois atrelada a formação em uma instituição de ensino o contexto da escolha desenhará a profissão. O que nos remete à outra dupla, Papi e Martins (2010) que nos dizem que os anos iniciais de docência tem uma carga muito importante também para o desempenho do profissional da educação.

A etnografia *"traz novo olhar para a realidades educacional até então ausente, ou pelo menos pouco visível…"* (OLIVEIRA, 2013, p.168). Pensando dessa maneira, a etnografia nos inquieta a questionar pontos que estamos acostumados. E nesse sentido esse caminho irá nos auxiliar a alcançar nossos objetivos.

Em nosso caso, o professor, personagem tão corriqueiro no quadro educacional, em especial o professor em início de carreira e sua efervescência profissional, ainda é um assunto novo no campo da pesquisa educacional.

Em 2007, Ana Maria Monteiro escreveu em "Professores de História: Saberes e Práticas" que os professores como foco de pesquisas é muito recente, pois foi durante a década de 1970 que as mudanças de paradigmas surgiram como profundas transformações nos processos de pesquisas científicas. A década seguinte, podemos observar um movimento de elaboração curricular e a década de 1990, analisamos um crescimento de pesquisadores e trabalhos abordando o livro didático e suas vertentes. E ainda cita Fonseca, "*lecionar é inventar saberes próprios à sua situação de trabalho; ser professor de história é também ser educador e historiador"* (MONTEIRO, 2007, p. 30).

Partindo do ponto de vista de um professor de história que inicia a carreira docente podemos recontar uma história, que por vezes deixamos esquecida. E trazer essa compreensão significa encontrar na sua própria história respostas para o quadro atual da educação.

Uma jovem que começa sua caminhada de professora de história, em meio às mazelas do sistemas municipais, estaduais ou particular tem um olhar muito particular que cabe ao pesquisador evidenciar, marcar, trazer a tona, mediante uma forma de pesquisar que permita a expressão dessas jovens, a partir de seu olhar.

Um rapaz inexperiente que escolhe a licenciatura como maneira mais rápida para a inserção no mercado de trabalho e se insere neste arranjo educacional, tem uma visão muito singular. Esta começando sua jornada na docência, mas será que continuará a lecionar? Será que ele encontrou sua verdadeira vocação[1] na docência? Posições de um recém ingressante no mundo docente é a proposta deste trabalho, pode fazer com que olhemos mais profundamente que faz a escolha da docência em História.

> A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa "descrição cultural", o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. (ANDRÉ, 1995, P.27)

Sob a perspectiva da etnografia podemos nos aprofundar mais no ambiente escolar, tentar trazer a cultura da escola e como o professor em início docente se estrutura neste contexto. Para André (1995), *"conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem seu dia-a-dia…"* (P. 41). Iremos buscar na singeleza do cotidiano escolar respostas para a construção identitária do professor iniciante.

O método etnográfico consiste em um processo de indução e investigação, onde o pesquisador vai a campo observar determinado grupo. Tentar compreender esse grupo, suas produções, seus significados, o que lhe afeta. Deixar que esses sentidos afetem o pesquisador também. *"Esse método, aqui, afirmamos, pressupõe a possibilidade de um duplo movimento: de irmos até os agentes sociais, e de trazermos esses agentes em sua totalidade até nós por meio da descrição etnográfica…"* (OLIVEIRA, 2013,p. 170).

Para André (1995), há uma adaptação da etnografia ao processo educacional, sendo assim, etnógrafos tentam descrever a cultura de um grupo e os educadores tentam descrever o processo educativo. Deste encaixe surgem *"estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito"* .

André (1995) ainda ressalta que,

[1] Vocação segundo o dicionário é o chamamento, o ato de ser chamado ou habilidade para desempenhar determinada profissão ou carreira, mas devemos tomar em consideração além da natural capacidade de ser professor, o caráter sócio econômico em que cada indivíduo está inserido e as escolhas da sua vida a partir deste elemento.

> A pesquisa do tipo etnografico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária. [...] Chegue bem perto da escola para tentar entender como operam no seu dia-a-dia os mecanismos de dominação e de resistência… sentir a realidade e o mundo (ANDRÉ, 1995,p. 41).

A etnografia permite um trabalho mais livre, onde o pesquisador observa o ambiente e como este afeta as pessoas, na verdade o pesquisador irá narrar o processo com mais naturalidade e em consequência o pesquisado se sentirá mais confortável.

> Não aceitando que a realidade seja algo externo ao sujeito, a corrente idealista-subjetivista valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo individuo. Em oposição, a uma visão empiricista de ciência, busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, valoriza a indução e assume fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador (ANDRÉ, 1995, p. 17).

No Brasil, pesquisas de cunho qualitativo começaram a se desenvolver com mais destaque a partir da década de 70 do século XX, consolidando-se nos anos 1980. Uma motivação, como sabemos, dos pesquisadores educacionais foi a questão de avaliação curricular e o que estava acontecendo nas salas de aula, assim a etnografia vai ganhando fôlego na produção de trabalhos.

"Segundo Sirota (1994), a análise do cotidiano escolar na sala de aula por meio da etnografia, a partir dos anos 1950 do século XX, trouxe grande renovação acadêmica com relação às pesquisas que vinham se desenvolvendo até então". (OLIVEIRA, 2013, p.167) Temos que entender que antropologia, bem como a etnografia pretende inquietar nosso olhar sobre algo que já nos é natural.

Monteiro (2007), nos apresenta uma pesquisa desenvolvida por ela com professores e seus relatos sobre docência, escolhas e ensino. Este trabalho nos esclarece aspectos singelos de cada ser humano que participou do projeto.

> Esses relatos que expressam as visões dos professores sobre a opção pelo magistério, e pelo ensino de História, confirmam esse imbricamento da experiência profissional com a vida pessoal de que nos falam Tardif e Lessard (1999): descobertas, curiosidades, sensibilidades qie são mobilizadas já muito cedo, na infância ou adolescência, a partir de experiências com familiares e professores marcantes, referenciais. (MONTEIRO, 2007, p.62)

Podemos dizer que esta citação foi o mote de inspiração para encaminhar nossa pesquisa, visto que vamos tentar articular a visão dos professores em início docente acerca de si próprio e as relações cotidianas como interferem nesse processo de constituição.

> A síntese pessoal da história da vida profissional de cada um dos professores expressa também um quadro de referências socialmente construídas e partilhadas, construção esta que se deu num processo de socialização profissional, mas que adquire expressão própria, particular na história da vida de cada um. (MONTEIRO, 2007, p. 64)

Neste sentido, queremos que este trabalho tenha as características e expressões de cada professor iniciante que se disponibilizou a entrar neste projeto. Tentar trazer o professor além do profissional, articular sua vida pessoal também é um dos objetivos deste trabalho. Desta maneira, iremos conciliar dois caminhos nesta pesquisa de cunho qualitativo.

Segundo Papi e Martins, duas autoras do Paraná, este momento é basilar para a construção do profissional, para a permanência ou não deste indivíduo na docência dependendo das circunstâncias que este irá encontrar no caminho.

Dentre outras particularidades como o motivo da escolha profissional e a formação inicial, os primeiros anos docentes vão configurar a perspectiva do professor. Essa constituição profissional pode se dar na escola, na imediata inserção do professor recém formado no mercado de trabalho, bem como na formação continuada, na busca de aperfeiçoamento, ou também na sua formação informal.

> Os primeiros anos de exercício profissional são basilares para a configuração das ações profissionais futuras e para a própria permanência na profissão. Podem tornar-se um período mais fácil ou mais difícil, dependendo das condições encontradas pelos professores no local de trabalho, das relações mais ou menos favoráveis que estabelecem com outros colegas, bem como da formação que vivenciam e do apoio que recebem nessa etapa do desenvolvimento profissional. (PAPI; MARTINS, 2010)

Dentro deste grupo que iremos trabalhar, o espaço comum de construção profissional é a escola, contudo não podemos excluir o fato de uma formação continuada formal por parte de alguns desses professores em começo de carreira.

Não podemos negar que muitas transformações ocorreram na História e no Ensino de História até aqui. A História como disciplina apresenta constantes e significativas modificações em relação aos métodos, conteúdos e finalidades para enfim se configurar a proposta curricular atual. Essas transformações acompanham as necessidades sociais.

Sendo dessa maneira, o século passado foi muito expressivo, trouxe perspectivas consideráveis para a História, bem como para o ensino de História. Diante do momento presenciado pela educação nacional se faz pertinente refletir as práticas docentes e sobre os próprios professores.

> No que tange às políticas públicas do ensino de História, precisamos considerar que este foi alvo de uma série de mudanças, a partir especialmente de 1968, em um processo contínuo de desqualificação dos professores de história. Como o professor tem um papel central na constituição de qualquer projeto educacional, este foi diretamente atacado pelas diretrizes políticas do Estado. (CUNHA; CARDÔZO, 2011)

Para Cunha e Cardôzo, com a implantação do método "3+1" começou a depreciação do professor. Este método consiste em três anos de conhecimentos específicos e mais um ano de conhecimentos pedagógicos, na formação inicial. Atacado fortemente, este modelo foi utilizado até a década de 1960.

Ainda em Cunha e Cardôzo (2011) podemos ver que, mesmo com a introdução da Lei de Diretrizes e Bases em 1961 a formação inicial do professor continuava fracionada e a universidade permanecia distante da escola e das problemáticas enfrentadas por esta instituição.

As pesquisas envolvendo o professor tiveram início nos 90 do século XX, ou seja, um movimento recente. Até então, as pesquisas sobre a escola e sobre o processo de aprendizagem isolava o professor. Para Monteiro (2007), o professor era visto como um transmissor de conteúdos produzidos por outros, desqualificando este profissional.

A partir dos anos 1980, podemos notar a culpabilização do professor pela crise educacional que o país encarava, assim houve um processo para que a formação deste profissional fosse aprimorada. Para Monteiro, *"revelando uma mudança de perspectiva, associava-se a questão da formação com a da profissionalização"* (2007, P.36).

Conteúdo, neste cenário, onde surgem muitas obras sobre o ensino de história, poucas ainda são as abordagens acerca do professor, enquanto pessoa e profissional. Nos últimos anos a bibliografia é praticamente nula, a maior parte dos trabalhos encontrados são sobre a história do ensino de História, currículo e livro didático. E sobre o profissional o que mais aparece ainda é a formação docente acadêmica.

Portanto, um trabalho com professores em início de caminhada profissional na cidade do Rio Grande poderá nos revelar minúcias sobre o ensino de História e sobre a própria História que vem sendo delineada em nossa cidade.

> Tomar a narrativa oral como fonte da história é possível graças às mudanças na relação entre a história e a memória, articuladas a uma série de modificações nas concepções epistemológicas, constituindo, de tal modo, um novo cenário de possibilidades no âmbito historiográfico, onde a mais expressiva alteração talvez seja relativa à pretensão de objetivismos e generalismos na produção do conhecimento histórico. A historiografia passa a evidenciar o caráter hermenêutico da história, a valorizar questões de âmbito subjetivo e reflexivo relativas ao sujeito histórico, que fora esquecido, muitas vezes, da memória pública. Portanto, a memória não é só um objeto da história, deve ser analisada como um fenômeno social. (CARDÔZO; CUNHA,2011)

Nesse sentido, a etnografia será um caminho para melhor desenvolver esta pesquisa, visto que esta prevê entrevistas com nossos professores, além de adentrar no universo escolar, o cotidiano, como o professor se articula nessa instituição, como são os alunos e a relação que estabelecem com os professores.

A etnografia vai nos auxiliar a captar melhor os detalhes dos nossos professores em seu ambiente de trabalho, com seus colegas e alunos, sua interação com a instituição e com outros espaços.

> A abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes no final do século XIX quando os cientistas sociais começaram a indagar se o método de investigação das ciências físicas e naturais, que por sua vez se fundamentava numa perspectiva positivista de conhecimento, deveria continuar servindo como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais. (ANDRÉ, 1995, P.16)

André (1995) traz em sua escrita quando a pesquisa qualitativa começou a ganhar fôlego, também constatamos que esta perspectiva colabora em máxima estância com nosso propósito, realizar um trabalho com e sobre professores em início docente e articular este personagem no ambiente escolar.

André (1995) ainda relata que um dos pioneiros a buscar por um método diferenciado foi Wilhelm Dilthey, visto que *"os fenômenos humano e sociais são muito complexos e dinâmicos, o que torna quase impossível o estabelecimento de leis gerais como na física ou na biologia"*. (ANDRÈ, 1995, p.16)

> A principal preocupação na etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados. Alguns

> desses significados são diretamente expressos pela linguagem, outros são transmitidos indiretamente por meio das ações. [...] A etnografia é a tentativa da descrição da cultura. (ANDRÉ, 1995, P.19)

Sendo assim, a etnografia procura descrever a cultura, no nosso caso, a cultura escolar. Procura entender a relação do externo para os individuos, busca mostrar que a realidade está introjetada nas pessoas. Segundo André (1995) essa abordagem em seu princípio foi chamada de "naturalística", pois estuda o acontecimento ao seu natural.

Sendo o fato deste trabalho ser realizado com pessoas, este não se esgota em si, pelo contrário, haverá sempre assunto para se explorar. Para que possamos desnaturalizar esse personagem, tão corriqueiro na nossa sociedade, para que a investigação acerca do professor seja feita por várias óticas.

Por mais transformações que o ensino de história e a própria ciência história tenham presenciado, o século passado, no entanto, foi muito expressivo, trouxe perspectivas consideráveis para a História, bem como para o ensino de História. Atualmente se faz pertinente refletir as práticas docentes e sobre os próprios professores.

Devemos analisar esse sujeito sem juízo de valor, certo ou errado, não somos nós quem deve presumir. O fato é que este trabalho deve nos possibilitar ampliar nossos olhares acerca deste sujeito e o quanto este pode nos auxiliar na construção da educação histórica.

A singularidade desta pesquisa é exatamente essa peculiaridade em concentrar-se na memória dos professores recém formados e seu ineditismo quando tratamos de pessoas centralizadas em uma realidade específica.

Ana Maria Monteiro (2007), nos aponta, e como sabemos, que na década de 1960 o foco das pesquisas era a somente a compreensão dos processos de aprendizagem, isolando a figura do professor. Durante a década seguinte, para Monteiro, foi o auge da desqualificação do professor como profissional, pois era considerado um mero transmissor de conteúdos. Porém nos anos 1980, houve uma mudança no currículo da formação inicial dos professores, visto que este era o culpada pela crise educacional. Trabalhos com o foco no professor e como este articula seus saberes começaram a borbulhar depois da década de 80 do século XX.

Para a realização deste trabalho utilizaremos alguns autores que nos auxiliarão nesse caminho.

> A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele.

> Tais traços são, por sua vez, indícios que colocam no lugar do acontecido, que se substituem a ele. São, por assim dizer, representações do acontecido. e que o historiador visualiza como fontes ou documentos para a sua pesquisa , porque os vê como registros de significado para as questões que levanta. (PESAVENTO, 2012, p. 42)

Sandra Pesavento, em História e História Cultural (2012) defende a teoria que nos proporciona um olhar mais amplo de como se fazer história. A História Cultural mescla abordagens antropológicas com os métodos da História, preocupando-se com outras questões, deixando de lado a História Oficial e a cronologia dos fatos.

> "Suas múltiplas relações com as várias dimensões da sociedade, sua posição como instrumento científico, político, cultural, para diferentes grupos, indica que possibilidades para seu estudo e o quanto ainda há para investigar". (FONSECA, 2011; p. 28)

Novos interesses em relação ao ensino de história se devem ao fato de uma ampliação dos meios de comunicação, que, por meio das propagandas, desempenharam o papel de formuladores de políticas culturais. Segundo nossa autora, desde então, o saber escolar não é só formado apenas na escola, mas também por todos os outros mecanismos.

Vale ressaltar que voltar o olhar para o ensino de história, visto que esta é uma categoria relevante ao nosso estudo. A maneira como nossos professores em início de carreira encaram este tema e até mesmo elaboram e ministram suas aulas advém de rupturas e permanências no âmbito educacional.

Sobre formação de professores podemos destacar de algumas leituras que nos inspiram a pensar e refletir sobre este tema.

Isabel Alarcão em 2003 nos trouxe "Professores reflexivos em uma escola reflexiva", que no prefácio relata uma viagem ao Brasil para ministrar duas palestras sobre educação. Nesta declaração a autora mostra-se um pouco triste pois não se "sentiu em casa", o hotel onde havia se hospedado não tinha a identidade brasileira. A autora se utiliza desta viagem para tecer uma escrita baseada na história local.

"Reafirma-se a necessidade da reflexão crítica, pelos professores; acentua-se a sua dimensão coletiva e não meramente individual, e apresenta-se um conjunto de estratégias de formação propiciadoras do desenvolvimento de educadores reflexivos" (ALARCÃO, 2003, p. 10) Reflexão é um ponto significante para nosso trabalho, por isso esta autora significa para esta construção.

Alarcão nos coloca de frente com uma conexão entre o ensino no Brasil e em Portugal. Primeiro abarcando a sociedade da informação, na verdade como professores, alunos e escola estão frente a esta sociedade. Ela dedica um capítulo inteiro sobre a formação de professores, também nos dois países. O terceiro capítulo é sobre estágios supervisionados e a contribuição destes para a formação profissional e por último como conduzir uma escola reflexiva.

Neste modo, buscamos pontuar alguns assuntos neste trabalho, mas com o foco central no professor em início profissional. Claro, que por vezes é mister trazer alguns outros pontos que se encontram com o cerne da pesquisa.

Ana Maria Monteiro, em 2007, traz o livro "Professores de História: Entre Saberes e Práticas". Uma releitura de sua tese de doutorado, onde trabalha com a perspectiva de quatro professores, sobre suas escolhas, sua formação, seus alunos. Alternando entrevistas e observação, este livro nos mostra um caminho possível a ser feito.

> Esses relatos, que expressam as visões dos professores sobre a opção pelo magistério, e pelo ensino de História, confirmam esse imbricamento da experiência profissional com a vida pessoal de que nos falam Tardif e Lessard (1999): descobertas, curiosidades, sensibilidades que so mobilizadas ja muito cedo, na infância ou adolescência, a partir de experiências vividas com familiares e professores marcantes, referências. (MONTEIRO, 2007, p. 62)

Sob o cunho de nos auxiliar neste caminho, Marli Eliza D.A de André (1995), traz a perspectiva antropológica da etnografia no livro "Etnografia da Prática Escolar". Em verdade o trabalho mostra uma gama de opções de pesquisas partindo do ponto qualitativo. Porém, a etnografia será o caminho que nos levará aos nossos objetivos.

A princípio, este trabalho será dividido em três capítulos, que irão aliar as metodologias, o ensino de História e as posições dos professores iniciantes.

No primeiro capítulo desta pesquisa iremos trabalhar sob a perspectiva da metodologia que escolhemos para alcançar nossos objetivos. Se tratando de uma pesquisa sobre professores, metodologias de cunho qualitativo são, de fato, esclarecedoras. A etnografia irá nos levar onde documentos, tidos como oficiais, não nos levarão, pois tratam da própria visão de quem vive ou viveu algum período da História, assim, nos permite uma aproximação com o nosso objeto de pesquisa, no caso da etnografia.

Neste segundo capítulo iremos apresentar os atores que irão compor esta pesquisa, abordaremos também sua formação inicial e como esta é influenciadora da sua prática em sala de aula. Vamos articular a história oral com a etnografia, visto que este contato com os professores será sob as técnicas de cada método. As escolhas que se faz durante a vida até a

chegada no curso de licenciatura, os hábitos que constituem o professor, como a escola afeta a vida desse professor em início docente são pontos que iremos abordar na primeira parte desta pesquisa.

Outro ponto bastante interessante de se trabalhar neste capítulo é o que motivo que fez esse professor decidir pelo ensino. Assim, podemos discutir sobre a vocação, neste caso, o dom natural de lecionar e levar em consideração o momento social e econômico em que este jovem está inserido.

No terceiro momento deste trabalho iremos apontar quais eram as expectativas de nossos professores durante a graduação, quais esperanças carregavam em sua formação inicial como professores. Outro ponto que tentaremos trazer é como esses profissionais enfrentam os desafios de sala de aula, visando contrapor as suas expectativas com a realidade escolar. E como estes desafios contribuem para uma construção identitária profissional. Neste momento também será válido tratar como o professor percebeu sua graduação, como ele se percebia enquanto aluno, qual a impressão deste professor ao retornar à escola como professor.

Buscando aliar as concepções de nossos personagens com autores que transitam pela temática do ensino de História.

Na última etapa deste, a conclusão, vamos abordar a postura desse profissional em construção diante à escola que trabalha, a direção dessa escola, dos seus colegas, enfim desvendar como este se articula no ambiente escolar. Suas expectativas sobre o ensino de História, frente ao início de carreira.

Capítulo 1. O caminho para o trabalho...

No primeiro capítulo desta pesquisa vamos abordar a maneira que iremos alcançar nossos objetivos. Sabendo que o trabalho tem como foco principal o professor em início de carreira, a metodologia deve nos proporcionar um aprofundamento de nossos personagens, para tal utilizaremos a etnografia.

Desta maneira este capítulo vai mostrar qual caminho escolhemos para desenhar o trabalho, apresentar a maneira como iremos trabalhar, quais fontes encontramos ao longo de nossa caminhada e questões que envolvem as metodologias que guiarão esta investigação.

A etnografia é uma metodologia que tem sua origem na Antropologia, a etnografia pretende o registro mais natural possível de determinado grupo ou sociedade por meio de observações. Em verdade, segundo André, educadores se apropriaram da etnografia para saber o que estava acontecendo nas salas de aula, a partir dessa curiosidade a etnografia ganhou fôlego entre as

décadas 1960 e 1970, mas no Brasil foi se consolidar em 1980. Por meio de observações dos professores em seu ambiente de trabalho tentaremos desvendar um pouco mais deste personagem e sua interação com o espaço escolar.

"[...] a etnografia deve centrar-se na descrição dos sistemas de significados culturais dos sujeitos estudados, o que vai muito além da descrição de situações, ambientes, pessoas ou da mera reprodução do seu discurso e dos depoimentos" (FINO, s/d, p.7). Nesse sentido, a etnografia tenta buscar um aprofundamento do indivíduo e os significados que o cercam.

> A pesquisa do tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária. Por meio de técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas, é possível documentar o não-documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática escolar[...]. (ANDRÉ, 1995, p.41)

Para André, a pesquisa de cunho etnográfico oportuniza a tentativa de entender os mecanismos escolares, as relações e interações que se estabelece no âmbito escolar. Tentar entender, em nosso caso, o professor em relação a estes mecanismos.

Uma questão interessante a ser levantada é que a metodologia não é estanque em si, mas dialoga com outras áreas de conhecimento, o que pode tornar nossa visão sobre os personagens deste trabalho mais ampla.

> Esse processo continuo de anotação e descrição na pesquisa etnográfica possui uma finalidade, pois é por meio desses dados que buscaremos relacionar fatos aparentemente singulares a outros acontecimentos, pois uma das questões fundamentais para a etnografia é a dimensão da totalidade. (OLIVEIRA, 2013, p. 175)

A observação deve ser anotada, a realidade deve ser relatada. É um exercício complexo, mas necessário, pois segundo Amurabi Oliveira (Universidade Federal do Pernambuco, 2013) *"isso dá na imersão da cultura do outro, na necessidade compreender "de dentro" uma dada realidade"* (p. 177).

A escolha desta metodologia se faz mediante o fato de que se iremos trabalhar e escrever sobre pessoas, a metodologia deve proporcionar a singularidade das pessoas, em resumo este capítulo irá delinear o caminho deste trabalho.

Capítulo 2. Os professores (iniciantes) frente a sua formação inicial:

Neste segundo momento iremos apresentar os professores que irão compor esta pesquisa, abordaremos também sua formação inicial e como esta é influenciadora da sua prática em sala de aula. ,

> A formação académica deve portanto ser considerada como um dos elos da educação permanente e sempre voltada para o futuro, para que o jovem professor, formado em 1980, seja capaz de evoluir e de no ano 2000, continuar a desempenhar o papel de traço de união entre os alunos e a ciência dessa época. (MIALARET, 1991. p. 12)

As escolhas que se faz durante a vida até a chegada no curso de licenciatura e posteriormente a volta à escola como professor, hábitos que constituem o professor, como a escola afeta a vida desse professor em início de carreira são pontos que iremos abordar nesta parte desta pesquisa.

Neste sentido a etnografia, mais do que a história oral *a priori*, irá nos guiar. *"Observação participante, que busca descrever os significados de acções e interacções segundo o ponto de vista de seus actores"* (FINO, s/d, p.7). A imersão no ambiente escolar será de grande valia para que possamos articular a vida docente deste professor em início de carreira e as escolhas que este fez durante sua vida profissional.

Mialaret, este francês, em 1991 escreveu "A formação dos professores", voltando-se para a sua realidade. No entanto, podemos nos apoiar em suas perspectivas. Para este autor, a formação acadêmica deve ser comprometida a subsidiar o professor em qualquer época, que este saiba desempenhar a docência conforme esta se transforme.

Aqui no Brasil, Catani et al., nos revela que nossas discussões tão distantes,

> Necessidade de articulação teoria-prática. É mais do que evidente hoje que os programas de formação devem propiciar a seus participantes sólido preparo nos conteúdos ou áreas específica de conhecimento e ainda, possibilidades de relacionar esses conhecimentos a situações da prática pedagógica. (CATANI et al., 1997, p.70)

Trataremos a formação inicial ou acadêmica de nossos professores sob suas perspectivas e como suas expectativas se desenvolvem a partir desta formação. Para adentrar neste aspecto a história oral irá nos auxiliar sob a forma de entrevista semiestruturada com questões que abordam qual sua ótica do currículo do curso, quais disciplinas pensou ser mais proveitosas, sobre a graduação e sobre ser aluno da graduação.

> Não existe filme sem cortes, edições, mudanças de cenário. Como em um filme, a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado

> está presente. A memória, já se disse, é a presença do passado. (ALBERTI, 2004, p.15)

Tentar desvendar um pouco mais dos nossos personagens, o questionário semi direcionado, técnica da história oral, irá nos auxiliar. No primeiro momento da entrevista, o professor irá se apresentar, mencionar o ano que se formou e a(s) escola(s) em que atua. Para adentrarmos mais afundo na história de cada indivíduo, iremos abordar como foi sua vida escolar, os professores que mais marcaram sua caminhada escolar. Outro ponto sobre as escolhas de vida, que influenciam a docência e o que mais o motivou a ser professor de História. Esses apontamentos serão abordados para que haja melhor entendimento de qual caminho nossos personagens percorreram.

Por este grupo ser muito heterogêneo, poderemos captar muitas essências diferentes, contar um pouco de cada indivíduo, de cada professor, suas peculiaridades, seus horizontes.

Portanto este capítulo, em resumo, será sobre a imersão que faremos no ambiente escolar, apresentar nossos professores e suas características mais latentes, aliar a etnografia e a história oral, assim tentar articular as escolhas pessoais e profissionais de cada um.

Capítulo 3.Expectativa X Realidade:

No terceiro capítulo deste trabalho iremos apontar quais eram as expectativas de nossos professores durante a graduação, que esperanças carregavam em sua formação inicial como professores. Outro ponto que tentaremos trazer é como esses profissionais enfrentam os desafios de sala de aula, visando contrapor as suas expectativas com a realidade escolar.

Como relacionam o aprendido na graduação e o saber da sala de aula. E como estes desafios contribuem para uma construção identitária profissional, o que é a escola para esses professores e como a definem. Buscando aliar as concepções de nossos personagens com autores que transitam pela temática do ensino de História.

Dessa maneira, iremos aliar as duas metodologias de cunho qualitativo, história oral e etnografia, com as leituras sobre ensino de história. Acredito que neste ponto a história oral poderá nos apoiar mais ao tentar desvendar os anseios de nossos personagens ainda na graduação e em contrapartida a vida real e o cotidiano na escola.

Durante a graduação geramos uma certa esperança pelo dia em que vamos retornar à sala de aula na posição de professor, por mais que durante esse período nós já tenhamos tido

contato com a escola, às vezes em projetos ou no estágio supervisionado, contudo essa promessa de lecionar ativamente de maneira formal pode ser diferente.

Nessa perspectiva vamos nos valer da história oral para contrapor as expectativas do graduando e a realidade do professor na escola. Outro ponto que será proveitoso para entender esses dois pesos é a porcentagem de professores de História que se formaram desde 2010 e contrapor com a porcentagem que está nas escolas, de fato.

Segundo dados do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI), ao qual pertence o curso de História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em 2010 se graduaram 15 professores de História; em 2011, 12 se licenciaram; em 2012, o saldo foi de 16 professores formados; em 2013 e 2014 se graduaram 18 professores de História. Totalizando 79 professores, em contraposição apenas 8 lecionam na cidade do Rio Grande. Devemos considerar quem leciona em outras cidades e, também, aqueles que não seguiram o caminho docente.

Cabe neste momento do trabalho ressaltar o motivo desse professor ter escolhido o ensino. Como este personagem se percebia enquanto aluno e o que é ser "bom aluno" hoje, qual a sua impressão de retornar a escola como professor. O ambiente escolar é circunstância, quais circunstâncias ele acredita ser justas ou injustas no quadro educacional.

> O papel das Universidades no domínio da formação de professores tem-se deparado com resistências várias, nomeadamente: de sectores conservadores que continuam a desconfiar da formação de professores e a recear a constituição de um corpo profissional prestigiado e autónomo; e de sectores intelectuais que sempre desvalorizaram a dimensão pedagógica da formação de professores e a componente profissional da acção universitária. Uns e outros têm do ensino a visão de uma actividade que se realiza com naturalidade, isto é sem necessidade de qualquer formação específica, na sequência da detenção de um determinado corpo de conhecimentos científicos. (NÓVOA, s/d, P. 8)

António Nóvoa faz um panorama da educação em Portugal, desenhando década por década, contudo podemos trazer para a nossa realidade. Desde a década de 1970, a educação é marcada por transformações, igualmente aqui no Brasil, que de fato vamos ter movimentação para reais mudanças no cenário educacional. Nóvoa, sinaliza para a formação do professor, em primeira instância, e a dificuldade que as Universidades tem para arquitetar a formação desses profissionais.

Para Nóvoa, a década de 70 do século XX foi uma fase fundadora do atual discurso acerca da formação do professor, por isso tão essencial de ser analisada, além de ser um

período que inspirou as referências teóricas, metodológicas e curriculares atuais portuguesas. No Brasil, como já vimos, a década de 1970 também tem sua significância para a educação.

O processo da formação inicial, bem como o professor, é uma temática que começou a tomar fôlego recentemente em trabalhos de programas de pós graduação. André (1997), em um artigo de "Docência, Memória e Gênero", discute sobre as perspectivas atuais da pesquisa sobre docência. A fonte de coleta de dados da pesquisa desenvolvida por esta autora foi o CD-ROM ANPEd, com resumos de trabalhos realizados em Programas de Pós Graduação em Educação entre 1985 e 1995. Os resumos foram interpretados dentro dos seus limites, pois são, por vezes muito sucintos.

Durante o período de análise percebeu-se um gradativo aumento do número de trabalhos realizados. Esse não é o foco central de nossa pesquisa, porém se faz relevante trazer um panorama das pesquisas realizadas sobre esse assunto, pensando que este será um ponto a ser abordado.

> Procurou-se também verificar quais os conteudos que têm sido privilegiados nas pesquisas que abordam esse tema. Tentando idetificar nos resumos, os aspectos mais centrais dos trabalhos, verifica-se que os cursos que preparam professores tanto para atuar nas séries iniciais (Escola Normal) quanto nas mais avançadas (Licenciaturas) têm sido os mais freqüentemente estudados pelos pós graduandos. São aspectos que vêm recebendo atenção de forma regular ao longo dos anos, juntamente com outros temas como o Currículo ou disciplinas específicas como Metodologia, Prática de Ensino e Didática. O curso de Pedagogia também vem sendo alvo de muitos estudos. Nesse sentido os dados contradizem a observação de Rosa Maria Torres de que haveria atualmente uma tendência para privilegiar a temática da formação em serviço. O que o levantamento das pesquisas brasileiras mostra e, ao contrário, um certo privilegiamento da temática da *formação inicial.* (CATANI et al., 1997, p.68/69)

Nesse sentido, os trabalhos envolvendo a formação inicial do professor ganham força nos anos 1990, contudo não está esgotado. É uma temática que necessita de um olhar mais apurado.

Para Gaston Mialaret (1991), a formação acadêmica é o processo e o produto de efeitos mais gerais e/ou específicos, desenvolvendo uma competência no indivíduo. Ainda em Mialaret, *"a formação pedagógica é o conjunto dos processos que conduzem um indivíduo a exercer uma actividade profissional (a de professor) e o resultado desse conjunto de processos"* (MIALARET, 1991, p.10)

Mialaret, também, nos destaca que por um longo tempo pensava-se que para ser professor *"bastava ou uma grande cultura académica sem formação pedagógica,*

(agrégation) ou uma boa formação pedagógica sem nenhum nível especial de formação académica" (MIALARET, 1991, p.10). Atualmente as discussões tem se proposto a relacionar estas formações.

Na conclusão, Perspectivas, vontades no caminho que começa...

No último momento deste trabalho tentaremos abordar a postura desse profissional em construção diante à escola ou escolas em que atua, pensamentos acerca da direção, dos colegas, dos alunos. Suas perspectivas sobre o ensino de História e como este se percebe enquanto professor, sua postura diante de si, sua construção pessoal em relação a construção do profissional.

António Nóvoa pontua que *"Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional"* (NÒVOA, s/d, P. 13). Nesse sentido entendemos que esse inicio de carreira para o professor é a sua formação prática, gerando em cada indivíduo expectativas e projeções diferenciadas.

Tentar investigar quais são as promessas da carreira, quais desafios tem enfrentado, quais são seus pensamentos sobre esse início de carreira serão pontos tangidos nesta última parte do trabalho.

Professores em início docente e suas perspectivas. Que expectativa surge do cruzamento entre formação e realidade escolar? Como fica, ficou a escolha profissional. Neste capítulo podemos traçar um paralelo entre as concepções dos professores e autores que trabalham acerca do ensino atual e as mudanças que o ensino de História presenciou.

1. O caminho para o trabalho: Etnografia

No primeiro capítulo desta pesquisa, vamos abordar a maneira que iremos alcançar nossos objetivos. Sabendo que o trabalho tem, como foco principal, o professor em início de carreira, a metodologia deve nos proporcionar um aprofundamento de nossos sujeitos. Para tal, utilizaremos a etnografia.

Neste capítulo, veremos a etnografia como metodologia e, principalmente, este caminho na prática escolar; o trabalho que realizamos com professores em início de carreira e, por fim, iremos colocar em foco os professores que se propuseram a participar desta pesquisa.

Devemos antes de mais nada entender que a divisão do trabalho se deu desta maneira pela complexidade de assuntos abordados com os professores que estão participando desta pesquisa.

O ponto principal dessa pesquisa é a figura do professor e como este se constitui profissionalmente, portanto a metodologia deve possibilitar a realização deste projeto. Sendo assim, o caminho utilizado para alcançar nossos objetivos é a etnografia, como mencionado. A escolha do caminho se deve ao fato de tentar compreender esses sujeitos em seu ambiente de trabalho e como este âmbito influência na sua construção.

Marli André (1995), em seu "Etnografia da Prática Escolar", faz um apanhado largo de quando a antropologia e a educação se uniram na pesquisa escolar. Para a autora, a razão pela qual prossegue na investigação etnográfica escolar é *"o desejo de contribuir para que a escola brasileira possa oferecer um ensino de qualidade à maioria da população, e, por outro, o reconhecimento do importante papel que pode ter o professor nessa qualidade desejada"* (1995, p.7).

A escolha da etnografia para o desenvolvimento deste trabalho se faz mediante o contato mais próximo que criamos com o grupo de professores. Uma imersão mais aprofundada no cotidiano dos profissionais em seu ambiente de trabalho nos proporcionará um trabalho mais minucioso sobre o professor e sua postura na sala de aula.

Este professor em início de carreira, entendendo este período em até cinco anos de formado e como ele se entende neste processo são pontos os quais iremos abordar nesta pesquisa. Dessa maneira, a pesquisa etnográfica irá nos propiciar acompanhar os professores, entender como o ambiente influencia nesta construção identitária.

André (1995) é uma autora base nessa empreitada, porém não se faz só, recorremos a outros autores antropólogos para entender melhor o início deste caminho. Desta maneira, Stanley R. Barret (2009), em seu "Antropologia: Guia do estudante à teoria e ao método antropológico" nos traça um panorama amplo sobre método e teoria da disciplina antropológica.

> Os antropólogos foram "desencadeados" em um período específico da história: a era da exploração, quando os europeus começaram a encontrar "o primitivo". Esse importante ponto de contato evidenciou um problema intelectual fundamental: Os seres humanos eram, em todos os lugares, essencialmente os mesmos? Ou a disseminada diversidade cultural e física significava que não havia algo como a unidade da humanidade? (BARRET, 2009, p.13).

Para este autor, o "primitivo" foi o que levou os pesquisadores ao campo, também ressalta que, no princípio, quem pesquisava pensava ser superior ao pesquisado. Essa é a crítica que Barret (2009) traz em relação aos primeiros antropólogos, contudo, a antropologia foi pioneira na resposta para alguns questionamentos. Os antropólogos na busca do "primitivo" tornou-se um "*um espécime em cativeiro em um exercício acadêmico"*, para Barret (p.13).

A antropologia, como vamos perceber, vai se reinventar algumas vezes, desta forma proporcionando que a etnografia seja um caminho viável para desenvolver uma pesquisa com professores em início de carreira da cidade do Rio Grande, mesmo que, a princípio, a metodologia investia na busca do conhecimento do diferente, do "primitivo". Atualmente a antropologia, bem como a etnografia, oferece horizontes mais próximos de quem está pesquisando, o que podemos observar neste projeto.

Nessa perspectiva, a chamada "antropologia de gabinete" tinha uma visão evolucionária e etnocêntrica. Havia a inclinação de pensar os costumes de outros povos, os quais não eram europeus, como defeituosos. "*Os principais pesquisadores especulavam sobre o mundo primitivo em relação à sociedade europeia, e erigiram grandes esquemas evolucionários sem nunca terem saído dos casulos de suas bibliotecas e museus, delegando essa tarefa cansativa a viajantes, comerciantes e missionários*". (BARRET, 2009, p.14).

O século XX trouxe uma nova perspectiva quando os pesquisadores insatisfeitos com a coleta de dados feitas por amadores partiram, então, para o campo. Esta é considerada a primeira fase da pesquisa de campo: o encontro real de pesquisadores e nativos. O objetivo

era que, para entender verdadeiramente um grupo ou sociedade, teriam que tentar viver, comportar-se e pensar como as pessoas estudadas.

Este século, o século XX, se encarregou de abrir os horizontes da pesquisa antropológica. Neste sentido, colabora com este projeto tão específico que busca trazer a perspectivas de professores em início de carreira da cidade do Rio Grande. Acompanhar estes professores para tentar compreender sua constituição e o cotidiano na escola.

Um nome significativo na pesquisa de campo da antropologia inglesa, para Barret (2009) é Bronislaw Malinoswski (1884-1942), que determinou o padrão da observação participante. Outro nome significativo, mas para a antropologia americana, foi Franz Boas (1858-1942), que antes mesmo de Malinowski já havia se aventurado em pesquisas de campo.

> Em resumo, a significância do trabalho de campo, que normalmente significava viver com as pessoas no que agora é comumente conhecido como Terceiro Mundo, ou sociedades em desenvolvimento, dificilmente pode ser superestimada. Foi esse relato ocular das práticas e crenças prevalecentes em outras culturas que proporcionou à disciplina uma estatura invejável no mundo acadêmico, e por vezes também entre os leigos (BARRET, 2009, p.15).

Segundo Barret, a saída do antropólogo do "gabinete" para realizar o trabalho de campo, tentar viver e pensar como o grupo que se estudar tem seu significado, contudo, nos primeiros anos da antropologia algumas questões foram mal organizadas. Este é o caso da antropologia ser realizada somente em sociedades classificadas como exóticas.

Alguns questionamentos apontados para o amadurecimento da disciplina, segundo Barret sobre a ética e moral no trabalho, *"como é que um ocidental privilegiado tem o direito de descrever e interpretar a vida de não ocidentais?; como uma pessoas de uma cultura é capaz de interpretar a cultura de outra pessoa?"* (2009, p. 15).

Este autor traz duas vertentes antropológicas: antropologia geral, usual nos Estados Unidos, e antropologia social, mais comum na Grã-Bretanha. A primeira engloba tanto a biologia quanto a cultura das sociedades ou grupos, se divide em quatro princípios: Antropologia Física, a qual analisa a evolução do gênero (Homo) a partir de fósseis, algo denominado de "*paleontologia humana*" (p,16); Arqueologia, que fixa seus estudos no passado imediato; Linguística, que estuda a linguagem como uma dimensão que "*separa o homo sapiens dos outros primatas*" (p.17); Antropologia Cultural, "*a cultura é o conceito*

fundamental da antropologia americana, o enfoque que marca a escola americana como única. Os estudos tipicamente operam em um nível muito elevado de generalidade [...]" (Barret, 2009, P. 17)

A antropologia social pode ser considerada mais limitada do que a antropologia geral, podendo ser identificada como um dos ramos da antropologia geral, a antropologia cultural. "*A escola britânica enfoca a estrutura social e suas subestruturas, como a família, a religião, a economia e o sistema político*" (BARRET, 2009p. 18).

Barret acredita que a antropologia social é bastante similar à sociologia. Entretanto, a principal diferença é que a sociologia se preocupa em estudar as suas próprias sociedades, enquanto a antropologia se interessa por outras populações.

> Desde meados dos anos 1980, a antropologia cultural americana tem disparado à frente do seu homólogo britânico, alimentada por um renovado interesse nos estudos culturais e por uma mudança de ênfase, da estrutura social para o "significado". Tudo isso é parte de uma nova perspectiva conhecida como pós-modernismo, [...] (BARRET, 2009, p.19).

A antropologia social foi uma revolução na prática inglesa. Em alguns pontos, fundiu-se com a norte-americana, contudo foi se distanciando, surgindo como algo particular. Neste pensamento, pesquisadores britânicos foram superados pelos, como Barret (2009) afirma, "novos profetas". Por outro lado, autores consagrados não apoiaram a ideia de separar a antropologia social da cultural, concorda Barret (2009).

Tratar de antropologia e etnografia em uma pesquisa histórica não se faz tão simples, contudo, são áreas bastante afins, *"hoje a maioria dos antropólogos provavelmente concordaria que uma perspectiva histórica enriquece uma etnografia"* (BARRET, 2009, p.49).

> A etnografia é um termo aplicado a dados brutos (Será que existe tal coisa?), a um relato descritivo de um povo. Muitas vezes nos referimos aos livros que descrevem uma comunidade ou sociedade como etnografias, e chamamos pesquisadores de campo que produzem tais livros de etnógrafos. Uma etnologia, em contraste, é uma obra comparativa e teórica, uma síntese de duas ou mais etnografias que tenta não apenas descrever, mas chegar a explicações gerais. (BARRET, 2009, p.20)

De fato, os primeiros antropólogos não concordavam com a necessidade da conexão entre história e antropologia, pois costumava-se pensar que antropologia estudava o geral e a história focava-se no particular. Barret (2009) afirma que, em 1950, Evans-Pritchard, um nome expressivo na antropologia social, rompe com este pensamento. Sendo que, atualmente,

os pesquisadores antropológicos integram a história nas pesquisas antropológicas a fim de entender o presente em suas pesquisas, o que, segundo este autor, não acontece com tanta frequência pela parte dos historiadores.

Durante o século XIX, os primeiros passos da antropologia profissional foram dados. Com essa transição do gabinete para o campo, as necessidades teóricas mudaram. Este período *"rompeu dois obstáculos que obstruíam a investigação científica da sociedade"* (BARRET, 2009, p,61). Primeiramente rompeu com a visão divina e teológica do começo e progresso do universo e por outra via rompeu com o pensamento de que a vida social seria carente de uma regulamentação.

> Escritores como Tylor, Morgan e Spencer por outras palavras, apenas encontravam na história da humanidade os padrões e mudanças que as suas teorias exigiam que descobrissem. Seja como for, o que pode ser afirmado sobre os primórdios do evolucionismo, além de sua crueza, é que era perfeitamente adequado aos seus tempos, pelo menos em um sentido político. Com sua ênfase na sobrevivência dos mais aptos e a presumida superioridade dos europeus, ele forneceu apoio ideológico ao imperialismo e colonialismo. ((BARRET, 2009, p.66)

Os escritores desta primeira fase abarcam as necessidades antropológicas da época, na qual o ideal europeu é o ponto de partida para o estudo das demais sociedades. Barret afirma que o evolucionismo, a teoria que orientava a antropologia do século XIX, teve seus méritos, os evolucionistas pensavam de forma que aprimorasse a pesquisa nomotética.

> Como não havia uma teoria única e uniforme durante as primeiras décadas da antropologia profissional, mas várias perspectivas teóricas com características muito diferentes, é difícil medir o ajuste que então existia entre teoria e método. No entanto, se presumirmos que a antropologia moderna começou com o surgimento da tradição da pesquisa de campo- ou seja, após a perspectiva evolucionária desaparecer de cena- a situação se torna muito mais clara. (BARRET, 2009, p. 94)

Desta primeira fase da antropologia, Barret conclui que "*houve um compromisso geral com o estabelecimento de um estudo científico da cultura ou da sociedade"* (p. 81). As orientações que guiaram a antropologia procuravam firmar um arsenal no qual o profissional pudesse se apoiar e apesar de haver diferenças entre as vertentes, baseavam-se em pesquisas rigorosas. Essa fase da antropologia foi bastante consistente, segundo Barret (2009).

Após a Segunda Guerra Mundial, o particularismo histórico (América) e o funcionalismo estrutural (Inglaterra) destacaram-se como teorias dominantes, no entanto, a

partir de 1950 e 1960, a antropologia mudou sua perspectiva teórica. Barret (2009) nos traz três enfoques determinantes da época: a ecologia cultural, a teoria do conflito e a ação social.

A teoria do conflito, a qual nos interessa mais, é uma teoria que dominou a antropologia durante os anos 1950. Surgiu do novo paradigma que se instalava na sociedade com a mudança social. Dessa forma, o *status quo* já não era mais eficaz, a teoria do conflito se fez necessária.

As características desta orientação são: O conflito é normal e generalizado; O conflito é positivo ou funcional, nesta teoria, o conflito é o ponto de estabilidade da sociedade; O conflito atua como uma válvula de segurança; O conflito com um grupo de fora gera solidariedade interna, onde as pessoas se unem diante de uma ameaça comum; O conflito é um fenômeno sociológico.

No decorrer dos anos 1960 e 1970, a antropologia guiada pelo marxismo expandiu-se, ganhando fôlego principalmente na França, onde ficou conhecida como antropologia econômica. Por conta da dominação capitalista e a vocação à política direitista, essa teoria foi esquecida, salvo por uma "*obra de Gramsci (1976), com seu retrato sutil da hegemonia e da rejeição do determinismo econômico simplista, fez a sua parte para manter viva uma versão marxista da Teoria do Conflito*". (BARRET, 2009, p.112).

Max Weber (1864-1920), foi um nome que contribuiu significativamente com a Teoria do conflito, seus trabalhos aprimoraram o marxismo. Segundo Weber, a sociedade era composta por três esferas, além da econômica: a política, a jurídica e religiosa. Seu objetivo foi mostrar o ponto em comum entre a religião e economia, *"sem a influência da ética protestante a expansão econômica do Ocidente sob o capitalismo nunca teria se materializado"* (BARRET, 2009, p.119)

> A ação social foi bem-sucedida onde a teoria do conflito fracassara em grande medida porque constituiu uma verdadeira alternativa ao modelo excessivamente socializado do agente adotado pelos funcionalistas estruturais, e por ter incorporado o conflito em sua estrutura. Hoje, mais de um quarto de século após a publicação de Stratagems and Spoils, de Bailey, o modelo transacional continua a ter a sua quota de seguidores (BARRET, 2009, p.121).

Durante as décadas de 1960 e 1970, as perspectivas basilares e os princípios da pesquisa que haviam sido firmados na primeira fase da antropologia, em sua maioria, persistiram com modificações. Nesta fase, percebe-se uma ênfase maior para a teoria, a pesquisa em campo ficou mais enxuta, contudo a maioria dos trabalhos de campo ainda era

realizada em comunidades menores, mas o pensamento de que as demais culturas e sociedades eram primitivas não era mais utilizado.

Neste período, surgem novas rotinas de pesquisa como: manter um diário de campo para anotar os pontos das observações, comportamentos, relacionamentos do grupo observado; procurar basear a pesquisa em um problema a ser resolvido; permitir que o problema da pesquisa guie a metodologia; retornar o material pronto para as comunidades pesquisadas, dentre tantas outras citadas por Barret (2009).

Partindo deste pensamento, nossa pesquisa foi organizada com base em leituras sobre a metodologia etnográfica. Posteriormente, encontramos os professores que fazem parte desta pesquisa, marcamos nossos encontros e observações, enquanto formulamos o diário de campo.

Partindo das leituras mais teóricas, podemos seguir para o campo de pesquisa, a escola. Não consideramos ir a campo antes, pois esta metodologia deveria ser estudada com bastante empenho e cautela, sendo assim, não faria sentido partir para a prática sem o mínimo de teoria sobre o assunto.

Encontrar os professores foi uma etapa com certa dificuldade. Como já fora mencionado, não há muitos professores com o tempo que estimamos lecionando na cidade. Por outro lado, alguns professores não aceitaram participar deste projeto, e mais complicado ainda é que tem uma boa parcela de professores que trabalham em outras cidades do estado.

Ao longo dos anos 70 e 80 do século XX a antropologia presenciou o surgimento de mais três teorias: o estruturalismo, o pós-modernismo e a antropologia feminista. Cabe colocar que até aqui, a disciplina já havia oscilado entre outras orientações, porém o foco na sociedade continuou.

> A adequação do positivismo, com sua ênfase em dados empíricos, provas, confirmação de hipóteses e relações de causa e efeito, foi duramente questionada pelos estruturalistas. Os pós-modernistas e feministas, por sua vez, voltaram seus canhões contra aquela obsolescência da antropologia- o empreendimento da pesquisa de campo (BARRET, 2009, p.159).

A crítica desta fase da antropologia foi para a etnografia deturpada, feita por "acadêmicos poderosos" que julgavam a cultura do outro em prol do homem branco ocidental. Outra questão levantada neste período foi a remodelação científica da antropologia, o propósito não era mais agregar conceitos ao que já existia e sim começar a disciplina novamente.

O estruturalismo focou nos princípios mais profundos que regem o comportamento social, ao contrário do que já havia sido feito. Nos anos de 1960 e 1970 mostrou uma concepção conceitual, metodologia e teoria diferenciada, integrando antropologia, linguística, crítica literária, psicanálise e filosofia. Apesar de mostrar um novo caminho, a terceira fase da antropologia propiciou uma possibilidade para o positivismo e para as ciências humanas.

Os estruturalistas objetivaram nas estruturas que mais se repetem. "*O pressuposto é que diferentes formas de organização social são produzidas repetidas vezes pelos princípios subjacentes, os quais permanecem, eles próprios, relativamente constantes*" (BARRET, 2009, p. 161).

Barret (2009), acredita que o grande nome desta orientação seja Claude Levi-Strauss, pois foi contrário ao empirismo positivista. Apresentou a ideia que a cultura é uma linguagem, muito mais do que um sistema biológico, como pensavam os funcionalistas estruturais.

> O seu interesse, em outras palavras, não era tanto pelo que os seres humanos pensam quanto pelo modo como eles pensam, embora uma das suas principais afirmações tenha sido a de que os mitos giram em torno de dilemas e contradições humanas fundamentais, como a de que viver significa morrer (BARRET, 2009, p. 164).

Apesar de trazer uma nova perspectiva teórica e metodológica para a antropologia, incorporou outras ciências para auxiliar a explicar a sociedade, porém não conseguiu sustentar-se, Barret (2009) explica o motivo, pois os estruturalistas focaram suas preocupações em dados mentalistas e por não ter associado aos dados materiais. Esta relação teria evitado as críticas que esta orientação sofreu, segundo este autor, o estruturalismo permitiu manter a ideia fantasiada e desvirtuada das sociedades.

O pós-modernismo surgiu da exigência de uma pesquisa que modificasse o ambiente pesquisado, não somente a pesquisa pela pesquisa. Os pesquisadores desta orientação acreditavam que o trabalho de campo é uma atividade política, na qual os ocidentais muitas vezes distorciam a vida dos não-ocidentais, colaborando para a hegemonia do mundo ocidental.

> A ideia aqui é a de que seria incrivelmente arrogante da parte dos antropólogos presumirem que tenham tanto a capacidade quanto o mandato para descreverem, interpretarem e representarem a vida de pessoas de outras culturas. A suposição subjacente, refletindo o desequilíbrio de poder no passado colonial entre o Ocidente e o resto do mundo, e o estatuto privilegiado atribuído à ciência, tem sido a de que as pessoas em outras culturas não tinham a capacidade de falarem por si mesmas" (BARRET, 2009, p.169).

Uma característica do pós-modernismo é romper com a ideia de que o pesquisador é superior ao pesquisado, partindo do ponto que a ideia de trabalho de campo nesta orientação deve ser um diálogo entre o etnógrafo e "nativo". Deve se estabelecer uma relação complexa, que tenha significado para ambas partes.

Esta é uma ideia presente atualmente. A etnografia pretende um trabalho onde os envolvidos estejam no mesmo lugar na pesquisa, ninguém é superior ou inferior.

Nesta teoria, o etnógrafo deve se despir de preconceitos, deve oferecer para os sujeitos envolvidos na pesquisa, pois durante muito tempo prevaleceu e privilegiou-se a voz do pesquisado. Os pós-modernistas acreditavam que a abordagem dialógica deve privilegiar todos os lados da pesquisa.

"*A cultura é considerada como um sistema de sinais e símbolos, um complexo de significados, uma linguagem [...]*", como salienta Barret (2009, p. 171). Os pós-modernistas acreditavam que o antropólogo e os "nativos" deveriam estar em sintonia para que a interpretação dos dados aconteça de melhor maneira. Abrangendo a perspectiva de cultura, os pós-modernistas levaram o foco para o singular, para cada participante do trabalho.

> No entanto, é difícil imaginar uma antropologia futura insensível às dimensões textuais, ignorante da representação e de tudo o que ela implica. No cômputo final, o destino do pós-modernismo vai se dar no contexto da pesquisa de campo, porque uma perspectiva teórica que seja debatida quase inteiramente em abstrato não pode perdurar (BARRET, 2009, p. 181).

O pós-modernismo sofreu duras críticas por ser controverso, por retirar a autoridade do etnógrafo, por priorizar dados romanceados, … Contudo, Barret (2009) afirma que esta orientação que elevou o nível do trabalho de campo e da escrita etnográfica, por isso que algumas características se perpetuarão, mas a teoria em si não conseguiu se sustentar.

A antropologia feminista pareceu ser um passo significativo na pesquisa social. No geral, a antropologia favoreceu a indagação de inúmeras questões para o feminismo. Nesta orientação, as características básicas são voltadas para as relações de gênero, muito mais do que voltada para a mulher.

A colaboração entre os envolvidos na pesquisa permanece, resquício do pós-modernismo, a pesquisa deve servir para o empoderamento feminino; Antipositivismo, pois é um caminho que apoia o pensamento elitista; Preferência por métodos qualitativos; História de vida; Essência feminina; Antropologia das mulheres versus antropologia feminista, questionava a supremacia do homem.

> Em segundo lugar, houve uma mudança de ênfase para a essência do sexo feminino. Em vez de minimizar as diferenças de gênero, a atenção mudou para os atributos especiais, positivos do feminino genérico, afastando-se dos estereótipos antigos que haviam subestimado as mulheres. Em terceiro lugar, surgiu uma ênfase na diversidade feminina (BARRET, 2009, p. 185).

O pensamento da antropologia feminista surge em meio às críticas que o feminismo havia sofrido, pois o estudo feminista até então estava sendo feito por uma parte de mulheres da elite, nesta fase, esta mudança colaborou para a diversidade e para a sensibilidade na questão da orientação sexual, racial e de classe feminina, além de mostrar que a mulher após a Segunda Guerra. Nascia um novo paradigma feminista, "*refletindo a centralidade de características como o diálogo e o empoderamento*" (BARRET, 2009, p. 185).

Surgem a partir dessa teoria outros pensamentos feministas, que também necessitam atenção. O feminismo cultural *versus* desconstrucionismo, o primeiro acredita em uma essência feminina para reforçar as qualidades femininas. O desconstrucionismo não acredita nesta máxima, afirmam que o feminismo cultural e as suas ideias representam preconceito cultural.

O feminismo e o marxismo, para Barret (2009) existe uma afinidade natural entre os ambos, pois relacionam muito bem as questões de desigualdade e opressão com as mulheres. Embora, haja uma discordância também, mas "a solução óbvia é conciliar o gênero com a classe", para Barret (2009, p.193). O feminismo e o pós-modernismo, são orientações que se contemplam pois, são focados na representação, afirma Barret (2009), as duas abordagens tiraram o foco da verdade elitizada.

> Com o surgimento do pós-modernismo e da metodologia feminista, a ciência sofreu um baque. Ela foi declarada morta ou rejeitada como uma história incompleta, parcial e que apoiava o privilégio. No entanto, na literatura sobre métodos permaneceu a esperança de que a pesquisa qualitativa pudesse ser tornada tão rigorosa e explícita quanto a pesquisa quantitativa (BARRET, 2009, p. 198).

Durante as décadas de 1980 e 1990, a literatura metodológica e teórica estavam fora de sintonia, a pesquisa de campo também, pois muitos etnógrafos não foram preparados para o pensamento que estava sendo difundindo pelo pós-modernismo e também pelo feminismo. Neste período, surgem os antropólogos sem nome que, segundo Barret (2009), foram aqueles que continuaram praticando a etnografia convencional.

Barret (2009) afirma que neste período nenhum passo inédito havia sido dado, os antropólogos americanos continuaram ditando a literatura metodológica, mas, ao mesmo

tempo, os britânicos começaram a produzir materiais de apoio. Também foram publicados livros que compuseram uma série, Série Sege, sobre métodos qualitativos.

> Na terceira fase havia, obviamente, um enorme abismo entre a literatura teórica e a literatura sobre métodos, com a primeira guinando bruscamente para longe da ciência convencional e a última ainda no seu encalço. Ambos os corpos literários têm se preocupado com a desmistificação, mas em sentidos muito diferentes. A literatura sobre os métodos se envolveu na desmistificação no nível da técnica, e tentou mostrar-nos como fazer melhor ciência. A literatura teórica, especialmente o pós-modernismo e a antropologia feminista, abordou a desmistificação ao nível da epistemologia, e argumentou que era, a ciência que estava mistificando (BARRET, 2009, p.202).

A questão é que, durante esta fase da antropologia, os antropólogos voltaram seu foco para a teoria, deixando a pesquisa de campo abandonada, propiciando debates subjetivos. Apesar de a antropologia feminista ter analisado o dia-a-dia das mulheres.

A década de 1990 trouxe algumas transformações na questão do trabalho de campo. Com certa adversidade, o método comparativo se mantinha, porém era uma proposta que havia sido superada pelo pós-modernismo e pela antropologia feminista. Neste período, a antropologia estava aos cuidados do pós-modernismo e a antropologia feminista, estas orientações possibilitaram que a opinião acerca de determinados paradigmas se transformasse.

1.1: Etnografia e a prática escolar

Visto esse amplo universo da antropologia podemos focar mais diretamente na etnografia escolar, caminho escolhido para desenvolver nossa pesquisa. Como vimos até então, a antropologia é uma disciplina muito abrangente, possuindo muitas teorias, conceitos, autores significantes.

> É importante destacar que existe uma polêmica no uso do termo etnografia nas pesquisas em educação devido ao seu uso em sociedades que não as tribais, embora reconheça essa discussão, optei por sua adoção uma vez que entendi ser o que mais satisfazia minhas necessidades na busca pelo entendimento da escola através de uma experiência mais reflexiva (FERREIRA, 2014, p.14).

Ferreira (2014), é uma professora, cujo trabalho inspirou essa caminhada na etnografia. Esta autora também acredita que a etnografia na prática escolar deve ser utilizada, pois a escola é um ambiente vasto, com nuances singulares. Sendo assim, a utilização da etnografia na escola é capaz de detectar problemas mais específicos na educação.

> Esse "modo de acercamento" ou "mergulho" tem suas fases. A primeira delas é um mergulho na teoria, informações e interpretações já feitas sobre a temática e a população específica que queremos estudar. A segunda fase consiste num longo tempo vivendo entre os "nativos" (rurais, urbanos, modernos ou tradicionais); esta fase se conhece como "trabalho de campo". A terceira fase consiste na escrita, que se faz de volta para a casa (URIARTE, 2012, p.14)

Para Uriarte (2012) o etnógrafo "mergulha" inteiramente na pesquisa de campo, para tal deve ter uma base bem consistente da teoria, metodologia e saber sobre o grupo que irá pesquisar. Outro ponto que este autor coloca é que o pesquisador coloca muito de si no trabalho de campo, visto que a subjetividade de quem pesquisa, na opinião deste autor, é fundamental. O tempo que se dispõe para a pesquisa de campo também é mencionado. No caso da pesquisa escolar, podemos elencar alguns contratempos: nem sempre a escola ou os professores disponibilizam a abertura necessária para realizar a pesquisa. A escrita, como forma de concretizar o trabalho, tem função crucial.

Ferreira (2014) ressalta que o indivíduo inserido em determinado ambiente constitui sua "*personalidade a partir de sua subjetividade, mas também dos múltiplos significados que se originam de uma produção cultural estabelecida a partir de diferentes relações sociais"* (p.15).

O pesquisador deve ter em mente que ele está prestes a se envolver com as pessoas e seus significados. Podemos dizer que estar disposto a se comprometer com o grupo que será investigado é primeiro passo para a etnografia, este caminho exige dedicação no campo, é investigação das singularidades do cotidiano.

A etnografia, vem colaborar com as novas necessidades sociais. Não que seja uma novidade, mas é sua utilização na História poderia ser melhor aproveitada. Essa metodologia investiga o ser humano em seu ambiente, o pesquisador consegue interagir com o pesquisado e entender melhor as relações estabelecidas no cotidiano.

1.2: Diário de Campo e Pesquisa

Para se entender mais o universo da pesquisa, o que por vezes se torna confuso, o diário de campo é um instrumento valioso. O diário de campo e, posteriormente, a análise deste diário serão peças-chave no desenvolvimento do trabalho. Além do diário de campo ser uma parte fundamental na pesquisa, elaboramos algumas questões norteadoras, as quais os professores irão responder mais livremente em conversas, como já mencionamos.

Beaud e Weber (2007), escreveram um livro sobre a pesquisa de campo, "Guia para a Pesquisa de Campo", no qual os autores vão instruindo quem está indo pela primeira vez ao campo. E mesmo para quem já tem certa experiência com este tipo de pesquisa é um trabalho base. Sobre o diário de campo, são precisos, *"O diário de campo é a principal ferramenta do etnógrafo, muitas vezes ignorado pelo sociólogo. É um diário de bordo no qual, dia após dia, anotam-se em estilo telegráfico os eventos da pesquisa e o progresso da busca* (Beaud; Weber, 2007, p.65)".

Neste diário deve ser anotado basicamente tudo que está acontecendo, detalhes são muito bem-vindos, curiosidades, indagações de quem pesquisa, particularidades de quem é pesquisado. Deve-se deixar bem claro que este modelo de trabalho não tem por finalidade o julgamento, mas sim, narrar o processo histórico em si.

> Ele é o espaço fundamental para o(a) antropólogo(a) arranjar o encadeamento de suas ações futuras em campo, desde uma avaliação das incorreções e imperfeições ocorridas no seu dia de trabalho de campo, dúvidas conceituais e de procedimento ético. Um espaço para o(a) etnógrafo(a) avaliar sua própria conduta em campo, seus deslizes e acertos junto as pessoas e/ou grupos pesquisados, numa constante vigilância epistemológica. (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 15)

Os primeiros passos dados no campo pesquisado serão baseados em muitas curiosidades e *"aspectos comparativos que nascem da inserção densa do pesquisador no compromisso de refletir sobre a vida social, estando antes de mais nada disposto a vivenciar a experiência de intersubjetividade, sabendo que ele próprio passa a ser objeto de observação"* (ROCHA; ECKERT, 2008, p.2).

Beaud e Weber (2007), afirmam que o diário é o instrumento que "*transforma uma experiência social ordinária em experiência etnográfica* (p.67)". Neste pensamento, o diário, na pesquisa etnográfica, tem a função de contextualizar o pesquisador daquilo que ele possa ter esquecido e/ou arquivo cronológico dos fatos acontecidos nas observações.

O outro. É a grande questão da pesquisa etnográfica. Para Rocha e Eckert, *"observação é então esta aprendizagem de olhar o Outro para conhecê-lo, e ao fazermos isto, também buscamos nos conhecer melhor".* Não podemos negar, quem faz pesquisas de cunho etnográfico tem de estar disposto a olhar o outro de outra maneira e nesse exercício, também nos olhamos de outra forma.

Há uma singularidade na utilização desta metodologia. A etnografia proporciona trocar experiências, Rocha e Eckert (2008) acreditam que o processo da pesquisa de campo deve ser dinâmico. Quando chegamos até o grupo que vamos pesquisar, somos um "corpo" estranho naquele espaço e na sua execução, ao passar do tempo, ambas partes devem estar interagindo. Um "afetando" a vida pessoal e profissional do outro, parafraseando Favret-Saada (2005). Nesse pensamento, pesquisador e pesquisado aprendem um com o outro, o processo ganha significado para ambas as partes.

O caminho etnográfico se baseia em uma preocupação do pesquisador com o grupo que será pesquisado, pois, deve haver uma reflexão por parte do investigado, deve haver um direcionamento nos encontros com os professores e as professoras, sem esquecer de tentar aflorar o lado mais subjetivo de quem estamos investigando.

Para além desta preocupação, o caminho etnográfico é feito através de inúmeras técnicas, ou caminhos. Essas escolhas dependem do pesquisador e do que ele pretende com a pesquisa. Em nosso trabalho, partimos das observações em algumas escolas e semiestruturadas com os professores.

Nessa prática, poderemos adentrar mais a fundo no contexto que desejamos investigar, a escola, o professor, pois investigar determinado grupo social exige um "mergulho" no seu universo. A etnografia nos possibilita além de registrar situações de interação, mas entender aqueles sujeitos no seu contexto.

O encontro da etnografia e da educação se alargou a partir da década de 1970, o foco era o que estava acontecendo nas salas de aula e o currículo escolar, neste cenário diversas áreas do conhecimento foram agregadas como: psicologia, pedagogia, linguística, sociologia e antropologia.

> No Brasil, dentre outros, o momento importante por marcar a disseminação das ideias sob essa nova perspectiva de investigação foi, de acordo com André (2007), o *Seminário de Pesquisas da Região Sudeste*, realizado em Belo Horizonte, em 1980, onde através da mesa-redonda nomeada como "A pesquisa qualitativa e o estudo da escola", os debates acabaram sendo publicados nos Cadernos de Pesquisa nº49, ampliando a divulgação das ideias (FERREIRA, 2014, p.14)

Ferreira (2014) aponta André (2007), que em Belo Horizonte surge o pensamento de utilizar a pesquisa etnográfica na educação. Uma leitura mais apurada sobre ensino de história

no Brasil, podemos concordar que o estado de Minas Gerais apresenta propostas inovadoras para a educação desde os anos 1980.

Trabalhar a partir desta orientação permite ao pesquisador o contato direto com o grupo estudado, permite vivenciar um pouco do seu cotidiano, permite presenciar os acertos e as falhas de cada pessoa envolvida na pesquisa. Assim sendo, o olhar do etnógrafo e a sua capacidade de percepção dão significado às informações que o campo nos fornece.

> A abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes no final do século XIX quando os cientistas sociais começaram a indagar se o método de investigação das ciências físicas e naturais, que por sua vez se fundamentava numa perspectiva positivista de conhecimento, deveria continuar servindo como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais (ANDRÉ, 1995, p.16).

André (1995) adverte para o risco de continuar utilizando o termo "pesquisa qualitativa" de maneira genérica, devemos utilizar termos mais precisos para identificar diferentes modalidades de pesquisa. Salienta, a autora, que o historiador Dilthey foi um dos pioneiros a buscar por uma metodologia diferenciada para as ciências sociais.

"*Não aceitando que a realidade seja algo externo ao sujeito, a corrente idealista-subjetivista valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo. Em oposição a uma visão empirista da ciência [...] tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador*" (ANDRÉ, 1995, p. 17). Dessa forma surge uma nova abordagem (ou paradigma) de pesquisa, que foi de "naturalística" por alguns e "qualitativa" por outros. A partir desta concepção idealista-subjetivista que surge a abordagem qualitativa, que engloba as propostas do interacionismo simbólico, etnometodologia e etnografia.

Assim, a maior motivação da pesquisa etnográfica está no significado das ações e das situações cotidianas para as pessoas ou grupos envolvidos na pesquisa. Sendo, estes significados expressos direta ou indiretamente. "*A etnografia é a tentativa da descrição da cultura"* (ANDRÉ, 1995, p. 19). A tentativa de relatar a cultura do grupo estudado.

Diante deste cenário, vasto em possibilidades interpretativas encontra-se o pesquisador. Tentar transformar as informações fornecidas no ambiente pesquisado e mostrar os significados que os participantes da pesquisa atribuem para determinadas situações para o leitor.

> A década de 1960 foi marcada por vários movimentos sociais, por lutas contra a discriminação racial e social e pela igualdade de direitos. Foi também nessa década que aconteceram as rebeliões estudantis da França, o que precipitou o interesse dos educadores pelo que estava se passando realmente dentro das escolas e das salas de aula e pelo uso da abordagem antropológica ou etnográfica como forma de investigação do dia-a-dia escolar. (ANDRÉ, 1995, p.20/21).

André (1995) traça um panorama da utilização da etnografia na prática escolar, sendo que foi a partir da década de 1960, com movimentos sociais, que a curiosidade de pesquisadores se aguça para tentar entender o ambiente escolar. Esta década foi o palco para as buscas etnográficas ocorridas na seguinte década. Este espaço tão complexo passa a ser foco de pesquisas com o olhar mais investigativo.

A etnografia possibilita ao pesquisador um contato direto com o grupo estudado, neste sentido aproxima o objeto. O pesquisador consegue desvelar a cultura e a sociedade envolvida na pesquisa, através de sua perspectiva de pesquisa, observação participante. "*A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade"* (ANDRÉ, 1995, p.27).

> No trabalho etnográfico não existe invisibilidade, assim estabelecer relações com os "nativos" é inevitável, e são através dessas relações que o etnógrafo procura através do olhar e do ouvir, apreender e compreender as formas como o Outro constrói suas relações no espaço escolar. Participar de um trabalho de campo através da pesquisa etnográfica requer um olhar questionador (FERREIRA, 2014, p.18)

Ferreira (2014), nos atenta para a questão do distanciamento na pesquisa, que é um desafio. Sendo desafio, necessita ser superado, necessita-se de uma reflexão das observações feitas, necessita-se questionar as questões já naturalizadas.

Uma outra questão que Ferreira (2014) nos diz que devemos evitar pré-julgamentos do que iremos observar. Não devemos naturalizar as condições oferecidas pelo campo. *"[...] tentar assumir a postura "estranha no ninho, mas estando no ninho"* (p.18).

" *[...]porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado"* (ANDRÉ, 1995, p.28). Como já é sabido, a etnografia proporciona a interação entre as partes envolvidas na pesquisa, mas neste momento a autora atenta para algumas características que o pesquisador

deve seguir: ser afetado, pois o pesquisador é o principal instrumento na coleta de dados; preocupar-se com o processo e não com o final; estar preocupado em expressar o significado que as pessoas colocam em si mesmas e no que é externo a elas; ser guiado pela indução…

> Se o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo. Existe, pois, uma diferença de enfoque nessas duas áreas, o que faz com que certos requisitos da etnografia não sejam- nem necessitem ser- cumpridos pelos investigadores das questões educacionais (ANDRÉ, 1995, p.28).

Neste sentido, André (1995) nos atenta para a combinação entre etnografia e educação, segundo a autora há uma adaptação das duas áreas, que ainda em sua opinião o que é feito é um estudo do tipo etnográfico e não etnografia propriamente, conclui.

André (1995), aponta o livro "Explorations in classroom observation" de 1976, coordenado por Michel Stubbs e Sara Delamont como um símbolo na história da utilização da abordagem etnográfica no processo educativo.

> O interesse dos educadores pela etnografia fica muito evidente no final dos anos 70 e tem como centro de preocupação o estudo da sala de aula e a avaliação curricular. Para tentar analisar e compreender o que se passa no dia-a-dia escolar temos tido que recorrer frequentemente a diferentes campos de conhecimento como a psicologia, a sociologia, a pedagogia, a linguística e a etnografia (ANDRÉ, 1995, p.36).

A princípio, a etnografia escolar se preocupava com a interação entre alunos e professores, além do currículo. Mas como este era o foco principal da prática etnográfica, ficou conhecida pelo nome de "análises de interação". André (1995) explica que a psicologia comportamental foi principal fundamento para a pesquisa etnográfica deste período.

André (1995) explana que os recursos de pesquisa desta etnografia foram compilados em uma coleção de dez volumes, *Mirrors for Behavior* (1968/1970), que faz uma abordagem bastante minuciosa dos instrumentos de observação. Contudo, muitas críticas se fizeram aos "*sistemas de observação que pretendem reduzir os comportamentos de sala de aula a unidades passíveis de tabulação e mensuração [...]"* (ANDRÉ, 1995, p. 37).

"*A alternativa apresentada pelos autores, para ultrapassar os problemas encontrados nos esquemas de análise da interação, é a abordagem antropológica*" (ANDRÉ, 1995, p.37).

Neste sentido, podemos concordar com a autora que nos anos 1970 a observação etnográfica não partia de uma reflexão ou de um questionamento. Dessa forma a interpretação de dados se fazia dificultosa por conta da própria coleta de dados.

Para Delamont e Hamilton (1976), organizadores da coleção "Mirrors for Behavior", a pesquisa em sala de aula acontece de maneira dinâmica, "*sempre num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos",* assim, vai tentar entender essa multiplicidade de sentidos.

Um fator interessante para a prática etnográfica é que o observador não tenciona provar teorias nem generalizações, mas sim, busca descrever a situação do campo, compreender os significados. Tão pouco pretende colocar um ponto final na pesquisa, as informações coletadas na pesquisa serão sempre consideradas inacabadas, menciona André (1995).

> Outra publicação que certamente preparou favoravelmente o terreno para a aproximação da etnografia com a educação foi o livro publicado por David Hamilton, David Jenkins, Cristine King, Barry MacDonald e Malcom Parlett, intitulado Beyond the numbers game (1977), em Cambrigde (Grã-Bretanha), onde foram discutidos métodos não-convencionais de avaliação de currículo e foram feitas propostas para os futuros estudos da área (ANDRÉ, 1995, p.38).

A ideia desta publicação era difundir que a pesquisa em educação deve ser feita de maneira diferenciada, deve-se levar em consideração os aspectos sociais, culturais e institucionais que permeiam as situações em um contexto geral, mas devem ser examinadas com cautela. André (1995) completa afirmando que tais projeções são direcionadas para a avaliação curricular e impactaram a pesquisa educacional.

No Brasil, as primeiras publicações sobre a abordagem etnográfica em educação estão relacionadas a avaliação, influência principalmente da Inglaterra e estados Unidos. A Fundação Carlos Chagas tem relevância na pesquisa e divulgação das abordagens qualitativas na educação, assim como o Departamento de Educação da PUC-RJ.

> Na década de 1980 a pesquisa do tipo etnográfico ganhou muita popularidade, tornando-se quase um modismo na área de educação. Muitos trabalhos foram produzidos com a preocupação de descrever as atividades de sala de aula e as representações dos atores escolares. A maior parte desses trabalhos surgiu nos centros de pós-graduação em educação do Brasil, em forma de dissertações, teses e pesquisas realizadas pelos docentes (ANDRÉ, 1995, p. 40).

A partir da década de 1980 também se tornou mais comum a organização de eventos e seminários para a discussão e divulgação das ideias etnográficas e destes trabalhos realizados nas universidades brasileiras.

Em 1983, aconteceu um seminário sobre pesquisa participativa, coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Este evento fez com que questões significativas fossem levantadas e estas ideias foram publicadas no *Em aberto* nº20, no ano seguinte. Esse seminário contou com a presença da pesquisadora mexicana Justa Ezpeleta, que em 1986 lançou o livro Pesquisa Participante, fruto dos questionamentos deste evento.

Outro evento que André (1995) menciona como fundamental para a divulgação da pesquisa qualitativa no Brasil foi a visita do doutor Robert Stake, do Center for Instructional Research and Curriculum Evaluation, da Universidade de Illinois. Ele esteve em algumas universidades, incluindo a UFRGS em 1983 para promover suas pesquisas, para debater questões relacionadas à utilização da etnografia educacional.

André (1995), menciona dois nomes significativos para a ampliação das ideias etnográficas, Luiz Pereira e Aparecida Joly Gouveia, "*que fizeram uso das técnicas etnográficas e dos conhecimentos sociológicos para investigar as questões da escola e da educação*" (p.40). São considerados clássicos, as pesquisas destes autores.

> Essa visão da escola como espaço social em que ocorrem movimentos de aproximação e de afastamento, onde se criam e recriam conhecimentos, valores e significados vai exigir o rompimento com uma visão de cotidiano estática, repetitiva, disforme, para considerá-lo, como diria Giroux (1986), um terreno cultural caracterizado por vários graus de acomodação, contestação e resistência, uma pluralidade de linguagens e objetivos conflitantes (ANDRÉ, 1995, p.41).

André (1995), afirma que uma característica básica da pesquisa etnográfica é contato direto entre pesquisador e a situação pesquisada, assim *"permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária"* (p. 41).

Através de um esquema que envolve a observação participante e encontros intensivos, o pesquisador "documenta o não-documentado", para André (1995) significa despir o cotidiano escolar e descrever as situações em que os atores estão envolvidos.

A pesquisa etnográfica possibilita que o pesquisador chegue bem perto da escola, possibilita entender como funciona em seu cotidiano as estruturas de dominação e resistência, de opressão e contestação, "*ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo"* (ANDRÉ, 1995, p.41).

Estar tão perto da escola, em nosso caso, é como colocar uma "*lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia-a-dia*" (ANDRÉ, 1995, p. 41). A autora acredita que este contato mais aprofundado do pesquisador e do grupo pesquisado em seu ambiente, em nosso caso, a escola, é fundamental para compreender este espaço, compreender os papeis de cada indivíduo.

> Nesse sentido, o estudo da prática escolar não pode se restringir a um mero retrato do que se passa no seu cotidiano, mas deve envolver um processo de reconstrução dessa prática, desvelando suas múltiplas dimensões, refazendo seu movimento, apontando suas contradições, recuperando a força viva que nela está presente (ANDRÉ, 1995, p.42)

A autora completa afirmando que a teoria é necessária na pesquisa etnográfica. Uma orientação que auxilia a captar a vitalidade dos acontecimentos e que guie a análise e interpretação dos dados coletados. Como sabemos, o andamento da pesquisa etnográfica é mais flexível, contudo não significa a ausência de teoria.

A pesquisa na escola ou, mais especificamente, na sala de aula, é bastante complexa, demanda muito trabalho, muita atenção do pesquisador e, para tal, devemos nos ater a três dimensões para estudar a vida escolar: a institucional ou organizacional, a instrucional ou pedagógica e a sociopolítica/cultural. Dito isto, estas três dimensões não se isolam, *"mas como uma unidade de múltiplas inter-relações, através das quais se procura compreender a dinâmica social expressa no cotidiano escolar"* (ANDRÉ, 1995, p.42).

A dimensão institucional ou organizacional diz respeito às questões do contexto da prática escolar, incluindo estruturas de poder, estrutura do trabalho pedagógico, viabilidades de materiais e recursos. A dimensão instrucional ou pedagógica é referente ao ensino, objetivos e conteúdos propostos e avaliação. A dimensão sociopolítica/cultural está ligada à um contexto mais amplo, requer uma reflexão sobre o momento histórico.

André (1995), menciona os principais problemas das pesquisas sobre a prática escolar, que podem ser entendidos em três grupos: "*no desconhecimento dos princípios básicos da*

etnografia, na falta de clareza sobre o papel da teoria na pesquisa e na dificuldade de lidar teórica e metodologicamente com a complexa questão objetividade x participação" (p.45).

> Nesse sentido, a pesquisa etnográfica não pode se limitar à descrição de situações, ambientes, pessoas, ou à reprodução de falas e de seus depoimentos. Deve ir muito além e tentar reconstruir as ações e interações dos atores sociais segundo seus pontos de vista, suas categorias de pensamento, sua lógica. Na busca das significações do outro, o investigador deve, pois, ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas de entender, conceber e recriar o mundo (ANDRÉ, 1995, p.45).

A etnografia é um caminho muito aberto e livre, em que o pesquisador observa e conversa o grupo investigado. Todavia, como estamos acompanhando nesta explanação, a teoria é fundamental para que o trabalho não caia no simplismo. Não podemos confundir "*descrição pormenorizada, como técnica de coleta de dados, com a metodologia de observação participante que visa descrever os sistemas de significados [...]"* (ANDRÉ, 1995, p.45).

Neste pensamento, o que André (1995) nos coloca é que por vezes o trabalho etnográfico é confundido por não haver um engessamento do objeto de pesquisa, contudo a teoria e a metodologia são fundamentais para a sua plena realização. O pesquisador, como já dito, deve ter um comprometimento para narrar as situações em que se propôs trabalhar.

> Duas condições, no entanto, são essenciais para que a aproximação- sempre parcial e gradativa- se efetive. Por um lado, as categorias de análise não podem ser impostas de fora para dentro, mas devem ser construídas ao longo do estudo [...]. Por outro lado, é preciso não perder de vista a centralidade do conceito de cultura (ANDRÉ, 1995, p.45).

A autora também nos alerta para a chegada na escola, que é o foco de nosso trabalho e que não podemos impor a nossa presença ou vontade ao grupo. Mas devemos chegar muito devagar, percebendo a acolhida do grupo ou não. Devemos reconhecer os variados sentidos de cultura, como cita André (1995): modo de vida, pensamentos, agir, sentir, valores, costumes, dentre muitos outros significados atribuídos a palavra.

Ainda em André (1995), ela traz uma indagação: "*mas qual o papel da teoria na pesquisa etnográfica?"* (p.47). A teoria faz parte da estruturação da pesquisa e consequentemente, dos apontamentos que irão orientar a pesquisa. Para tal, o pesquisador define o tema e faz a leitura que mais se encaixa na temática escolhida, assim surgem as perguntas que vão orientar a coleta de dados.

"*Na fase posterior, de trabalho de campo, o pesquisador não segue hipóteses rígidas, fica atento ao surgimento de pistas que o conduzam a novas formulações"* (ANDRÉ, 1995, p.47). Este é o momento de refletir sobre a teoria e a experiência do campo. Na parte final da pesquisa etnográfica, o pesquisador estrutura os dados.

> Parece que o desconhecimento ou uma visão equivocada do papel da teoria na pesquisa tem sido responsável pela fragilidade de um bom número de estudos etnográficos da área de educação. É urgente que se corrija esse desvio, para que não se comprometa toda uma linha de trabalhos que têm efetivamente trazido importantes contribuições para o conhecimento da prática escolar cotidiana e para o seu redimensionamento (ANDRÉ, 1995, p.48).

André (1995) acredita que o maior desafio de trabalhar com a etnografia é manter a subjetividade, claro para o pesquisador, e ao mesmo tempo manter o distanciamento que o trabalho científico exige. Conseguir aliar o envolvimento e experiência oferecidos pelo campo com a teoria.

Para nossa autora, tentar verificar o maior número de fontes (encontros, observações, depoimentos orais e escritos, documentos), também uma diversidade de sujeitos e outras formas de interpretação de informações, segundo André (1995), a diversificação de olhares auxilia a manter o distanciamento necessário.

> A principal crítica que ouvimos nos dias de hoje sobre a pesquisa educacional, diz Stake (1988), é que ela, em geral, mostra diferenças não significativas entre um grupo experimental e um grupo de controle. Algumas dessas críticas vão além, afirmando que mesmo que se chegasse a diferenças significativas, os resultados da pesquisa não teriam nenhuma relevância para os problemas da educação (ANDRÉ, 1995, p.50).

André (1995) afirma que o próprio autor, Stake, rebate as suas críticas, argumentando que as pesquisas educacionais são essenciais para apontar os problemas relacionados à educação, auxilia na compreensão da estrutura da prática educativa, Nossa autora acredita que Stake (1988), completa defendendo a pesquisa etnográfica, que consegue representar alguns problemas educacional em sua totalidade complexa é "*uma descoberta preciosa*" (ANDRÉ, 1995, p. 50).

André (1995), ainda citando Stake, diz que a escolha pela pesquisa etnográfica é uma questão epistemológica, pois a escolha do caminho a ser seguido depende dos objetivos que o

pesquisador traça para a pesquisa. Se pretende fazer um trabalho mais teórico, deve-se buscar outras metodologias, porém se "*quiser entender um caso particular levando em conta seu contexto e sua complexidade, então a metodologia do estudo de caso se faz ideal"* (ANDRÉ, 1995, 51).

Uma outra questão que André (1995) deixa bastante clara são as vantagens de se utilizar a pesquisa etnográfica. Como já mencionamos, o contato direto com o grupo e ambiente a ser pesquisado e assim, prover uma visão aprofundada da situação. Outro ponto vantajoso, segundo nossa autora, é poder reconstruir situações cotidianas. Estes privilégios da pesquisa etnográfica necessitam de um comprometimento.

> Se por um lado é extremamente positivo que o estudo de caso tenha uma preocupação especial com o leitor, dando elementos para que este use sua experiência vicarial, ampliando ou confirmando sua compreensão do fenômeno, por outro lado essa preocupação levada ao extremo pode levar o pesquisador a eximir-se de um posicionamento sobre o problema estudado (ANDRÉ, 1995, p.53).

Uma das vantagens da etnografia como metodologia para desvendar o cotidiano escolar é a escrita, que vai entregando pistas ao leitor e este desenvolvendo suas próprias conclusões sobre o trabalho. Assim, o pesquisador não deve escrever pré-julgando o que foi pesquisado para que o leitor não faça o mesmo.

A grande preocupação vinda de André (1995) sobre a escrita etnográfica é que, por vezes, a escrita se faz com base na opinião de quem está lendo e acaba isentando a opinião de quem está escrevendo. Segundo André (1995), a personalidade do pesquisador deve estar presente tanto na pesquisa de campo quanto na escrita.

> Embora esses estudos descritivos possam ser especialmente úteis em áreas onde há escasso conhecimento e pouca pesquisa, eles correm o risco de não acrescentar muito ao que já se conhece. Por outro lado, ao se proporem seguir um esquema aberto e flexível, muitos estudos de caso acabam se perdendo na acumulação infinita de dados ou numa análise superficial e inconsistente (ANDRÉ, 1995, p.54).

Ao contrário de muitos casos, dos quais as pesquisas acabam na acumulação de dados, é possível que a contribuição do trabalho etnográfico seja muito proveitosa, pois, centralizando a ideia da pesquisa em um ponto específico o estudo etnográfico, pode oferecer informações significativas para os problemas educacionais.

André (1995) menciona a ética como um ponto a ser considerado na escolha da metodologia etnográfica, pois o pesquisador tem o poder de selecionar e apontar os dados mais oportunos, porém estes dados podem estar deturpados.

A autora (1995) questiona a condição do pesquisador no Brasil e se depara com um dilema. *"Como conciliar as exigências da prática da pesquisa com as demandas da atividade profissional diária?*" (p. 55). André menciona Robert Walker, que para tentar resolver esta situação o autor recomenda a pesquisa de campo concentrada no tempo. Mas ao mesmo tempo que o tempo se encurta no campo, o pesquisador deve estar atento e tentar captar e relacionar as informações fornecidas pelos envolvidos na pesquisa.

1.3: O professor e a pesquisa

Depois deste panorama sobre etnografia na prática escolar, podemos relacionar com nossa pesquisa, que se trata de acompanhar 10 professores em início de carreira. Este início de carreira compreendido em até cinco anos de formação, como já dito antes.

Deste grupo de professores, contamos com uma metade do sexo feminino e a outra do sexo masculino. As idades são as mais variadas possível, de vinte e dois a cinquenta e cinco anos. Por termos um leque bastante amplo na idade, entendemos, com isto, que a caminhada pessoal de cada um destes profissionais é bastante distinta.

Os professores escolhidos são colegas de profissão que se disponibilizaram a participar desta pesquisa. Alguns foram indicando outros professores, porém nem todos concederam seu tempo para nos auxiliar na construção deste panorama.

Delimitado o período de formação que iríamos pesquisar e após agrupar os professores que fariam parte deste projeto, percebemos a escassez de profissionais em início de carreira que estão atuando na cidade do Rio Grande.

Observamos que, segundos dados do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI), em 2010, 15 professores se formaram; em 2011, 12 profissionais; em 2012, saíram 16 professores; em 2013 e 2014, 18 professores. Totalizando 79 profissionais licenciados em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Com esta informação, notamos um esgotamento da profissão, ou melhor, notamos um grande número de profissionais despontando para um mercado de trabalho esgotado. Atualmente, na cidade, temos doze professores em início de carreira que se graduaram na universidade em questão, com até cinco anos de formação. Neste projeto, participam apenas professores formados pela FURG que lecionam na própria cidade.

Podemos analisar que alguns profissionais voltaram para a cidade natal ou estão lecionando em outras localidades do estado do Rio Grande do Sul, ainda assim é uma parcela bastante pequena de profissionais em início de carreira atuantes. Acreditamos que o papel do governo do estado esteja ligado diretamente nesta situação, pois há um concurso estadual para o magistério inerte desde 2014, em diversas áreas, incluindo História para a cidade do Rio Grande.

Através da etnografia conseguimos desvelar um pouco mais do cotidiano desses professores na escola, como está sendo esse processo de ambientação do professor e a sua construção profissional. Durante as observações, conseguimos notar o quanto a sala de aula transforma as pessoas. Chegamos um pouco antes do horário das aulas para conversar com os professores envolvidos na nossa pesquisa e esses apresentaram comportamento alegre, descontraído entre os demais colegas. No entanto, ao entrar em sala de aula, o semblante se modifica. O rosto contraído de uma professora confirma esta ideia.

Os pequenos momentos antes das aulas, os recreios, um período em aberto, as idas de uma sala para outra são preciosos, pois são nestes minutos em que o professor consegue refletir o que está acontecendo no ambiente escolar, ao menos em nosso caso específico.

O tempo em que o pesquisador estiver no campo, em nosso caso o campo é a escola, ele deve estar bastante atento, visto que a escola é um lugar em acontecem muitas situações simultâneas, principalmente na sala de aula. Estas situações vão moldando a personalidade profissional do professor.

Uma professora relatou que fazia duras críticas ao ensino dito tradicional. Durante a graduação, ela acreditava que não se prenderia ao caderno e faria aulas somente em que os estudantes opinassem. Atualmente em uma das duas escolas em que leciona ela utiliza um carimbo para saber quem copiou a matéria no caderno.

Esta professora acredita que foi o contexto da escola que a encaminhou a utilizar este sistema, uma escola periférica, uma gestão escolar conservadora que a pressiona a manter o caderno. Não se considera tradicional, nem inovadora, mas tenta se adaptar às diversas realidades escolares que enfrenta.

Pensando em graduação, formação inicial formal do professor, este é um ponto que procuramos abordar nas conversas que tivemos durante os poucos momentos fora da sala de aula. Pensar a licenciatura em história como influência na postura profissional também é um ponto abordado em nossas conversas. Ouvimos relatos de que o currículo da graduação tem muitas disciplinas voltadas para o ensino, contudo nenhuma delas se propunha a prática direta na sala de aula, o que resulta numa conversa repetitiva.

Ao chegar na escola, nós pesquisadores devemos ter bastante cuidado, principalmente para o grupo que será observado não se sentir julgado. No nosso projeto, as observações são voltadas para os professores, claro que os alunos fazem parte do contexto e, além destes, o ambiente como um todo, mas o foco é o professor e como este lida com o contexto escolar, o que por vezes pode parecer que o pesquisador está na escola para julgar.

O olhar inquisidor do pesquisador pode inibir o professor e interferir no processo. Os pesquisadores são estranhos naquele cotidiano e devem ter noção disso, até o grupo se acostumar com sua presença leva algum tempo e pode ocorrer do grupo não se acostumar com a presença do pesquisador.

A escola é um ambiente tão vasto e tem sistemas comportamentais tão arraigados que é bastante difícil de penetrar, por isso que o pesquisador deve ter a sensibilidade de entender se vai ser aceito ou não pelo grupo que está observando.

O método etnográfico pressupõe uma troca de experiências entre os envolvidos na pesquisa, contudo nem sempre o grupo que estamos observamos está disposto a essa troca. Principalmente por parte dos estudantes, estes são mais resistentes aos “intrusos”, pois como já mencionado, a escola tem sistemas muito próprios.

O foco do trabalho são os professores, mas claro que os alunos são parte significativa da construção do professor, não sentimos resistência por parte dos professores ou direção, nem mesmo objeção dos demais professores das escolas, mas o curioso são os alunos. Em

algumas turmas, principalmente as séries do ensino médio, sentimos um certo desprezo pelo que estava sendo feito.

As crianças entre o sexto e nono ano, a curiosidade em saber o motivo pelo qual havia uma pessoa observado o seu professor era bastante excitante. O estranhamento inicial é compreendido, pois alguém que está chegando naquela estrutura já estabelecida é alguém que pode abalar o contexto. E este fato podemos constatar entre todas as turmas, contudo nas turmas do ensino fundamental o estranhamento não era tão longo quanto observado nas séries do ensino médio.

Neste pensamento, é grande preocupação do método etnográfico para com o pesquisador, que *"precisa também conhecer as características e habilidades pessoais que serão necessárias para o desenvolvimento de um bom estudo de caso"* (ANDRÉ, 1995, p.58). A autora ainda comenta que a pesquisa etnográfica aparenta ser mais simples, no entanto não é qualquer pessoa que se adapta a uma estrutura de trabalho mais flexível e há quem prefira abordagens mais estruturadas para a realização do trabalho.

> Como no estudo de caso etnográfico o pesquisador é o principal instrumento de coleta e análise de dados, haverá momentos em que sua condição humana será altamente vantajosa, permitindo reagir imediatamente, fazer correções, descobrir novos horizontes. Da mesma maneira, como um instrumento humano, ele pode cometer erros, perder oportunidades, envolver-se demais em certas situações ou com certas pessoas (ANDRÉ, 1995, p.59).

André (1995), completa que para se desenvolver a pesquisa etnográfica, o pesquisador tem de saber conviver com a ambiguidade, com dúvidas e incertezas. Neste esquema de trabalho, não existem padrões estabelecidos. Saber lidar com estas incertezas é uma qualidade do pesquisador, para André (1995).

Outro ponto de destaque para o pesquisador desenvolver a pesquisa etnográfica é a sensibilidade, como já dito. Deve ser sensível tanto na coleta quanto na análise de dados. "*Além de tolerante às ambiguidades e ser uma pessoa sensível, o pesquisador precisa também, de acordo com Merriam (1988), ser comunicativo"* (ANDRÉ, 1995, p.62).

A empatia também está listada por André (1995), pois "*o observador deve tentar se colocar no lugar do outro para tentar entender melhor o que está dizendo, sentindo, pensando"* (ANDRÉ, 1995, p.62)

E a expressão escrita merece destaque também dentre as características solicitadas para um bom pesquisador etnográfico. "*Muitas vezes, o trabalho de campo é conduzido com todo o cuidado, os dados obtidos são ricos, significativos, mas o pesquisador não consegue montar o caso, ou seja, não consegue pôr em palavras aquilo que observou, ouviu e sentiu*" (ANDRÉ, 1995, p.63).

Os professores que se disponibilizaram a participar deste projeto lecionam tanto em escolas da rede pública (municipal e/ou estadual) e rede privada. Na rede pública. o acesso à escola foi mais facilitado, contudo, na rede privada, foi um pouco dificultado. Entretanto, o trabalho etnográfico foi desenvolvido com todos, pois como já mencionamos as abordagens deste caminho nos permitem diversificar.

Durante o período em que observamos as aulas de alguns professores, conseguimos notar que a direção escolar é fundamental para o funcionamento da instituição. A gestão é um fator significativo e também um ponto que foi abordado nas conversas com nossos professores.

Os caminhos que tomamos para desvendar esses professores no seu cotidiano. Diante disso, nas conversas, como já mencionamos, abordamos pontos mais imediatos, outros tinham acabado de ocorrer, as observações sempre auxiliaram nestas conversas.

Desenvolvi, para melhor realizar o trabalho, blocos de perguntas que me ajudaram nos encontros com estes professores. Questões abrangentes em que o professor conseguisse buscar na sua infância referências para as escolhas pessoais e profissionais. Estas questões serviram mais para me guiar, para me situar no universo da pesquisa.

Neste primeiro bloco, procuramos entender como foi a infância de nossos professores; com foi o ambiente familiar, como foi a vida na escola enquanto estudante. Estas questões vão traçar um perfil de vida de nossos professores, como é sabido a vida pessoal dos participantes da pesquisa é essencial para que se entender como as escolhas pessoais e profissionais se entrelaçam.

A segunda parte deste bloco de indagações corresponde ao panorama social-econômico-cultural em que os professores em início de carreira estavam inseridos na sua infância e juventude. Acreditamos que este fator tenha influência direta na escolha da profissão. Nesta parte da conversa vamos abordar as leituras mais maduras que tiveram acesso

antes de ingressar na universidade, outra questão interessante que abordamos neste segundo bloco é a influência do ambiente familiar a escolher a licenciatura.

O terceiro bloco das questões é o mais extenso, pois compreende a escolha da licenciatura, a chegada na universidade, questões que tangem a graduação e o depois, a volta à escola enquanto professor. Por isso, este bloco foi bastante delicado de elaborar,

As últimas perguntas vão proporcionar ao professor entregar as pistas que vão desenvolver a nossa pesquisa. O olhar reflexivo sobre si mesmo é um ponto essencial para que possamos construir a nossa escrita. Os encontros da pesquisa etnográfica não são engessados, por isso as questões que estamos abordando são norteadores para que os professores possam falar abertamente sobre os tópicos. Com estas indagações, que irá guiar as conversas, vamos desvelar estes professores e saber o que estes pensam de si mesmos e da sua prática é o ponto principal desta pesquisa.

Nossos encontros foram ocorrendo de acordo com cada participante, pois como já mencionamos cada professor tem sua caminhada, sua história e, assim, sua personalidade. Alguns professores preferiram que nossas conversas fossem em praças ou na própria escola, outros abriram as portas de suas casas por se sentirem mais confortáveis, para que o encontro fosse mais reservado ou descontraído.

“A” é um professor, também da rede privada de ensino. Ele trabalha com algumas modalidades de ensino, diferentemente da “H” que trabalha com o ensino fundamental. “A”, trabalha em uma escola a partir da perspectiva da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, em outra escola, leciona em cursos preparatórios para o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IF-RS) e Escola de Sargentos das Armas (ESA). Mas já lecionou em uma escola para o ensino fundamental regular.

“A”, tem vinte e sete anos. Seu interesse pela História vem dos vídeos games e histórias em quadrinhos. Acredito que deste grupo que montamos, “A” é o mais próximo deste universo de videogames e histórias em quadrinhos, ele cresceu em um ambiente que o influenciou bastante nesse aspecto.

“A” realizou o ensino fundamental em uma escola periférica, Escola Estadual de Ensino Fundamental Juvêncio Lemos, no Bairro Getúlio Vargas, mas o ensino médio fez em uma escola central, Lemos Junior.

“B” é outro professor que está nos auxiliando a entender a vida do professor em início de carreira. Ele é outra pessoa atípica neste trabalho, pois tem 56 anos, se graduou há três anos, sendo que ficou sem estudar por quase trinta anos antes de ingressar na universidade. Foi criado pela mãe, pelo padrasto e tem um irmão mais novo, disse que não deve seu gosto pela história por conta dos professores que teve na escola.

O professor “B” primeiro estudou na antiga escola Presidente Vargas depois estudou em uma escola privada, onde era bolsista, no ensino fundamental, o Liceu Salesiano Leão XII, mas no ensino médio foi estudar no Lemos Junior, não terminando o curso. Terminou o ensino médio com as provas do antigo ENCEJA.

“C” é mais um professor em início de carreira, tem 29 anos e está lecionado em uma escola de ensino médio do estado, carreira de professor, porém entende que de alguma maneira a conduta de seus professores formou-se professor em 2012. Acredita que nenhum professor tenha o inspirado a seguir a o tenha feito optar por esse caminho.

Na sua família a leitura foi sempre presente, mesmo que seus pais não tivessem formação acadêmica, mas seus pais sempre o incentivaram aos estudos. “C” estudou em uma escola da periferia, Ademar Corrêa, no bairro Santa Teresa, quando morou em Porto Alegre não mencionou a escola e depois de retornar a Rio Grande foi morar no Balneário Cassino, terminando os estudos na Escola Silva Gama.

“D” é mais um professor em início de carreira que não se encaixa nos moldes típicos propostos pela sociedade. Terminou a escola e foi trabalhar. Durante oito anos, esteve afastado dos estudos, incluindo um emprego como secretário escolar, neste período, em uma escola privada. “D” teve uma infância bastante humilde, pouca cobrança ou apoio dos pais para estudar, este professor teve uma infância que não o influenciou a estudar.

Os pais de “D” sempre brigavam muito, apesar de nunca se separarem efetivamente. A mãe era lavadeira e o pai passou por alguns empregos até ser concursado da alfândega, que foi quando a situação financeira melhorou um pouco. Ele conta que nunca teve uma cobrança de ir para a escola, repetiu algumas vezes e no ensino médio evadiu muitas vezes também.

“D” estudou em diversas escolas, ao que se lembra primeira escola foi a escola Presidente Vargas, já extinta. Depois terminou o ensino fundamental na Escola Mate Amargo. No ensino médio, foi estudar por vontade própria no Balneário Cassino, na Escola Silva Gama, evadindo muitas vezes até desistir de estudar. Terminou os estudos básicos pela Educação de Jovens e Adultos em uma escola privada.

“E” é outra professora que está em início de carreira que está nos ajudando neste projeto. Ela tem 36 anos e trabalha em duas escolas estaduais da nossa cidade, somente no ensino fundamental. Ela é casada e não tem filhos. Seu esposo trabalha na Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE). Esta professora já havia tido contato com a universidade e com a história há alguns anos quando se graduou no curso, porém na modalidade bacharelado.

“E” estudou em uma escola no Bairro Cidade Nova, que pode ser considerado um bairro central, Escola Agnela do Nascimento e estudou no Juvenal Miller, atual escola onde leciona e que é uma escola localizada no Centro da cidade do Rio Grande.

“F” é mais uma professora que se disponibilizou a ajudar neste trabalho, tem 27 anos e leciona na rede privada. Terminou sua graduação em 2010 e, logo em seguida, ingressou no mestrado. Acredita que teve muitos professores que a influenciaram, tanto positiva quanto negativamente e encontrou nos seus pais o apoio para seguir à docência.

“F” sempre se interessou por História e os pais sempre a incentivaram aos estudos. Estudou em duas escolas públicas e mais centrais também, Hellena Small e Bibiano de Almeida. Sara cresceu em um lar em que o dinheiro era certinho, não sobrava e nem faltava.

Mais uma professora que aceitou participar deste desafio é “G” que tem vinte e seis anos e se formou 2011 e leciona em duas escolas da rede pública, uma estadual e a outra municipal, sendo esta a matrícula mais nova. Esta professora, em todo o momento, se posiciona sobre si mesma como uma professora em construção, à procura da sua identidade profissional.

Sua família, segundo a professora, sempre foi muito politizada e as conversas sobre política não tinham censura. Ela e sua irmã cresceram em um lar confortável financeiramente. “G” estudou a vida inteira na mesma escola, Bibiano de Almeida.

A mais nova componente deste grupo de professores em início de carreira, é “J” Com 23 anos, leciona desde o final de 2014 em uma escola da rede privada da cidade, mesmo ano em que se formou na universidade. O lar de “J” sempre foi bastante cheio, ela tem alguns vários irmãos, seus pais vieram de relacionamentos anteriores já com filhos e, juntos, tiveram mais três.

Foi um lar com o dinheiro para as despesas certo, conforme os filhos foram conquistando sua independência, as despesas folgando. A professora “J” estudou em uma escola periférica, Ernesto Bulcholz no ensino fundamental e no ensino médio, Lemos Junior, no centro da cidade.

“H” é uma professora que desempenha duas funções, além de professora trabalha em uma escola de cursos profissionalizantes. Tem vinte e oito anos e casou durante o processo da pesquisa, porém cresceu em lar com seus pais e um irmão e irmã mais velhos, no Bairro Getúlio Vargas, periferia da cidade. Estudou na escola do seu bairro, Viriato Correia no ensino fundamental e no ensino médio, Lemos Junior. Ainda enquanto estudava, trabalhava, sempre precisou ajudar nas despesas de casa.

Nossa última componente é “I” de 36 anos, que leciona no Instituto Federal de Educação (IF-RS). Ela lembra saudosa de uma professora de Artes, que lecionava com muita criatividade e uma professora de História que tentava sempre aguçar a curiosidade da turma, esses dois exemplos citados como inspirações para a docência.

“I” se formou em 2001 e este fato, a torna uma figura atípica neste nosso trabalho. Porém, sua experiência docente se iniciou há cinco anos.

Esta professora cresceu em lar bastante diferente dos demais, ela nasceu na Bélgica, pois seus pais eram refugiados políticos e se estabeleceram no país. Seu pai é filósofo e a mãe é linguista, ambos lecionam. Aos seis anos, “I” veio para o Brasil, morando em Porto Alegre e terminando a sua alfabetização. Morou no Uruguai, onde terminou o ensino fundamental. Chegou em Rio Grande, foi morar no Balneário Cassino, cursando o ensino médio na Escola Silva Gama.

A professora “I” viveu em lar bastante confortável financeiramente, como a própria mencionou. Não eram ricos, mas sempre tinham livros em casa, riqueza intelectual.

1.4: A caminhada etnográfica não tem final

Quando decidimos por uma metodologia, decidimos pelos objetivos que queremos alcançar. É mais uma questão epistemológica, do que propriamente uma questão metodológica. Acreditamos que nossas vidas são permeadas por escolhas, o quão vamos por um caminho e não vamos pelo outro, são motivos que por vezes nem saberíamos dizer.

Esta proposta de trabalho tenta trazer o professor como alguém além da sala de aula, é claro que a sala de aula é um cenário fundamental nesta pesquisa. Porém, enxergar uma figura tão corriqueira na sociedade para além da profissão.

A etnografia é um caminho que traz o olhar para questões que podem nos parecer tão "naturais" do nosso cotidiano, neste sentido, o professor. E mais exatamente, o professor em início de carreira.

O professor em início de carreira sendo o foco deste projeto, não podemos deixar de perpassar por sua infância, ou os motivos que o levaram até à docência; sua formação inicial, está sendo entendida como a formação universitária e a sua reação ao retornar à escola enquanto professor.

A etnografia, então, nos permite um aprofundamento no ambiente em que este professor está inserido, a escola. Este caminho foi escolhido justamente por isso, por este motivo se faz significativo nesta pesquisa e assim, foi sua escolha.

Neste capítulo vimos um panorama desta metodologia, que está auxiliando-nos a chegar em pontos mais específicos dos professores, que está nos ajudando a entender um pouco mais destes profissionais e além disso, destes indivíduos.

> A conclusão é simples: a rigor, fazer etnografia não consiste apenas em "ir a campo", ou "ceder a palavra aos nativos" ou ter um "espírito etnográfico". Fazer etnografia supõe uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o "campo" que queremos pesquisar, um "se jogar de cabeça" no mundo que pretendemos desvendar, um tempo prolongado dialogando com as pessoas que pretendemos entender, um "levar a sério" a sua palavra, um encontrar uma ordem nas coisas e, depois, um colocar as coisas em ordem mediante uma escrita realista, polifônica e intersubjetiva (URIARTE, 2012, p. 38).

Nas palavras do autor, que colaboram com nosso pensamento, a etnografia é muito mais do que o trabalho de campo, a teoria deve estar muito presente na pesquisa. O pesquisador deve ter um comprometimento imenso com o trabalho e também se desprender das certezas, pois o campo traz cada vez mais dúvidas. E no final de tudo, ainda, o pesquisador deve narrar com sinceridade as nuances e singularidades que encontrou durante o processo.

Quando decidimos pelo caminho etnográfico, sabíamos que esta é uma metodologia que nos proporciona seguir por muitos caminhos, expande os horizontes de quem pesquisa e não engessa quem está sendo pesquisado. Neste sentido, a etnografia é uma metodologia que

não extingue o assunto em si, porém sempre mostra uma brecha a ser pesquisada, a ser estudada.

O que veremos nos próximos momentos deste trabalho, a análise mais prática da etnografia. A parte de análise do acompanhamento com os professores que se disponibilizaram a participar deste trabalho, um pouco mais das suas histórias, escolhas, significados destas escolhas, enfim, iremos explorar mais a visão destes profissionais.

2. Os professores (iniciantes) frente a sua formação inicial

Neste capítulo do trabalho, iremos apresentar os professores que estão participando deste projeto e relacionaremos a posição deles perante a sua formação inicial.

Este momento da pesquisa será mais prático, visto que o capítulo anterior se encontra na zona mais teórica. O segundo capítulo vai, de fato, revelar quem são estes professores em início de carreira, articulando a etnografia, visto que o contato com os professores será sob este caminho, como já mencionado.

> A formação académica deve, portanto, ser considerada como um dos elos da educação permanente e sempre voltada para o futuro, para que o jovem professor, formado em 1980, seja capaz de evoluir e de no ano 2000, continuar a desempenhar o papel de traço de união entre os alunos e a ciência dessa época. (MIALARET, 1991. p. 12)

Mialaret, este autor francês, em 1991 escreveu "A formação dos professores", voltando-se para a sua realidade. No entanto, podemos nos apoiar em suas perspectivas. Para este autor, a formação acadêmica deve ser comprometida a subsidiar o professor em qualquer época, que este saiba desempenhar à docência conforme essa se transforma. Este autor será um pilar nesta pesquisa, juntamente com os demais autores que iremos nos apoiar.

Trataremos a formação inicial e acadêmica de nossos professores sob suas perspectivas e como suas expectativas se desenvolvem a partir desta formação. Como sabemos, a etnografia irá auxiliar-nos sob a forma de conversas informais e entrevistas semiestruturadas com questões que abordam qual sua ótica do currículo do curso, quais disciplinas pensou serem mais significativas, sobre a graduação e sobre ser aluno da graduação.

> Noutras palavras, o que se propõe é considerar os professores como sujeitos que possuem, utilizam e produzem saberes específicos ao seu

> ofício, ao seu trabalho. A grande importância dessa perspectiva reside no fato de os professores ocuparem, na escola, uma posição fundamental em relação ao conjunto dos agentes escolares: em seu trabalho cotidiano com os alunos, são eles os principais atores e mediadores da cultura e dos saberes escolares (TARDIF, 2002, p. 228).

O que este autor, Mialaret (1991) colabora com nossa pesquisa é que se deve enxergar o professor como um indivíduo antes de mais nada e além disso, mostrar que enquanto professor, este tem função indispensável no processo educacional, pois este é quem faz o papel de mediador de saberes.

Para tentar desvendar um pouco mais dos nossos professores, elaboramos algumas questões que nortearam nossas conversas, mas que não engessassem os participantes da pesquisa, visto que a etnografia é um caminho que deixa tanto o pesquisador quanto o pesquisado livres na pesquisa.

Como já foi dito no primeiro capítulo deste trabalho, nossas conversas abordaram várias fases da vida pessoal e profissional destes professores e professoras. Desde a infância, perpassando a realidade familiar e escolar até o momento em que chega na universidade. Posteriormente as questões abarcam as perspectivas sobre a graduação e a volta para a escola enquanto professor.

Por este grupo ser muito heterogêneo, poderemos captar muitas ideias diferentes, contar um pouco de cada indivíduo, de cada professor, suas peculiaridades, seus horizontes, suas frustrações, suas nuances. Tentar enxergar o indivíduo por trás do professor.

Portanto, este capítulo, em resumo, será sobre a imersão que estamos tentando fazer no ambiente escolar, apresentar nossos professores e suas características mais latentes, aliar a etnografia e, assim, tentar articular as escolhas pessoais e profissionais de cada um.

Primeiramente devemos salientar que nem todas as escolas permitiram um trabalho de observação muito longo ou nem autorizaram nossa presença na escola. Desta forma, como a etnografia se encaminha de variadas maneiras, desenvolvemos a pesquisa com outras perspectivas, além da observação na sala de aula propriamente. Obviamente, as conversas foram valiosas para que se faça um trabalho mais eficaz.

A pesquisa foi realizada de acordo com a disponibilidade de cada professor e escola. Como já mencionamos, não tivemos acesso a todas as escolas, mas conseguimos observar três ambientes bastante diferentes: uma escola na zona rural, na Vila da Quinta; uma escola no centro da cidade e outra escola no bairro Cidade Nova. Marcamos conversas com os docentes

para ouvir o que eles nos tinham para contar, conforme sua disponibilidade. Para estas conversas, elaboramos algumas questões que nortearam a ideia deste trabalho.

Como já foi dito, porém vale a lembrança, foi bastante complicado encontrar os dez professores que aceitassem participar deste trabalho. Primeiro, por não haver muitos professores em início de docência, de fato lecionando na cidade, devido ao número limitado de escolas privadas e dos concursos, um estadual e outro municipal estagnados. Segundo, porque alguns que se formaram migraram para outras cidades, tanto do estado quanto do país e, assim sendo, não teríamos tempo ou financiamento para deslocamento.

Além destes que seguiram na docência em outras cidades e estados do país, há colegas que se formaram, mas não lecionam. Há quem parou e foi ser dona de casa; um colega que passou em um concurso para servidor no IF-RS; há quem foi trabalhar em livraria na própria cidade; fez concurso para carteiro; há que procurou outros cursos na Universidade; há quem foi trabalhar em outras áreas. Temos uma variedade imensa de pessoas que não lecionam, mas que se graduaram em história licenciatura.

Acompanhar os dez professores foi uma tarefa que necessitou empenho e tempo. Anotar, observar na escola, conversar com outros colegas professores, estar atento às atitudes dos professores frente às demandas da turma ou da escola.

Conversas informais entre uma escola e outra ou por redes sociais e podemos dizer que o Facebook facilitou bastante o contato. Através desta ferramenta, conseguimos combinar nossos encontros, por vezes marcamos uns aos outros em postagens descontraídas, mas a verdade é que esta rede social foi crucial para aproximação com este grupo.

Além das conversas, uma ferramenta fundamental nesta pesquisa é o diário de campo. Este diário contém muitas informações, anotações das situações da escola, das conversas com os professores, dos períodos vagos, do recreio, da rua, enfim, o diário foi um aliado crucial neste trabalho.

Além de mostrar quem são e o que pensam os professores participantes deste projeto, tentar relacionar a história pessoal e vida profissional destes, nós iremos trabalhar com alguns autores. Autores estes que nos esclareceram certas questões acerca da formação inicial de professores.

Um dos autores que irá nos guiar nesta parte da pesquisa é Maurice Tardif (2004), “Saberes Docentes e Formação Profissional”, que relaciona a vida do professor com sua própria escolaridade, ou melhor sua vida pessoal e seus saberes. Esta ideia se conecta perfeitamente com o que pretendemos neste trabalho. “*Parece banal, mas um professor é,*

antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros" (TARDIF, 2004, p.31).

António Nóvoa, outro autor português, em "Vidas de Professores" (2000) traz uma compilação de vários outros autores que trabalham com a perspectiva de professores. Este autor acredita que trabalhos sobre a vida de professor, tanto profissional quanto pessoal é algo recente nos círculos universitários.

Podemos notar que a década de 1990 trouxe uma renovação da pesquisa educacional e temas como formação de professores e profissão docente não eram tão raros de encontrar neste período. Muitos autores começaram a associar a história pessoal com a trajetória profissional. Partindo do pensamento que o professor é um sujeito real inserido em determinado contexto e que trabalha perante a programas governamentais, estes fatores interferem no desenvolvimento profissional.

Nóvoa (2000), acredita que antes da década de 1990, mais especificamente em 1984, Ada Abraham publicou a obra intitulada "O professor é uma pessoa". Para o autor, este livro é um marco nas pesquisas educacionais, pois mostra que o professor não poderia mais seguir o modelo racional/teórico empregado até então, como Monteiro (2007) nos aponta.

Ana Maria Monteiro (2007), em seu livro "Professores de História: Entre Saberes e Práticas" traz os depoimentos de professores os quais revelam seu lado mais singelo sobre a sua vida pessoal e profissional. Esta é umas das principais autoras sobre ensino de história e formação de professores no Brasil da atualidade, por isso irá nos ajudar em nossas reflexões.

> Essa preocupação com o saber ressurge em nova perspectiva que rompe radicalmente com as concepções pautadas no modelo da racionalidade técnica. Nesse sentido, o professor, por exemplo, era considerado um técnico cuja atividade profissional consistiria na aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas. Para serem eficazes, deveriam enfrentar os problemas da prática aplicando princípios gerais e conhecimentos científicos derivados da pesquisa (MONTEIRO, 2007, p. 19).

Monteiro (2007) reflete sobre a pessoa do professor, que até pouco tempo não era nem considerado pessoa, teria que agir sempre condizendo com a teoria. A autora acredita que este modelo em que o saber é o conhecimento científico, o professor deveria obter o arsenal necessário para agir de forma adequada, de acordo com a racionalidade.

A racionalidade estava bastante presente na formação do profissional e também nas propostas de currículos. Todos eram ensinados com base na *"crença na existência de conteúdos universais e inquestionáveis [..]" (*MONTEIRO, 2007, p.20). O fracasso deste

modelo na questão educacional, onde a teoria estava acima da prática, fez com que os professores culpassem os alunos e suas famílias pelo insucesso.

> Situações de fracasso escolar, verificadas principalmente nas escolas dos grandes centros urbanos- em sociedades vivendo num contexto em que a globalização econômica, a mundialização da cultura e o esgotamento de utopias instalaram uma crise que, mais do que econômica, política e social, é ética e cultural-, começaram a demonstrar que o paradigma da racionalidade técnica não oferecia instrumentos teóricos necessários para responder às questões emergentes (MONTEIRO, 2007, p. 21).

Sobre a racionalidade na educação, Nóvoa (2000) também expressa sua crítica:

> A introdução por diversas vias de modelos racionalistas de ensino constituiu a resposta possível face à expansão dos sistemas educativos na 2ª metade do século XX. Tratou-se de uma resposta útil, mas simplista. Hoje sabemos que não é possível reduzir a vida escolar às dimensões racionais, nomeadamente porque uma grande parte dos actores educativos encara a convivialidade como um valor essencial e rejeita uma centração exclusiva nas aprendizagens académicas (Nóvoa, 2000, p.14).

Nóvoa (2000), acredita que depois da Segunda Guerra Mundial, a figura do professor na escola e no processo educativo vem tomando outras direções, também ressalta que a utopia da profissão está sendo intimidada por "sistemas não humanos de educação" e que esta ameaça aterroriza os professores há mais de vinte anos.

Podemos dizer que é significativo o debate sobre o ensino "tradicional", visto que nos faz refletir as necessidades de mudança no ensino. Os anos de 1960 e 1970, trouxeram novas perspectivas, autores ingleses criticaram a racionalidade teórica. "*Essas pesquisas também procuravam detectar as relações de força, conflitos simbólicos e formas de dominação [...]"* (MONTEIRO, 2007, p.22)

Com certeza, as discussões e críticas acerca do ensino tradicional e de que o professor seria um mero transmissor de conhecimento viabilizaram uma progressão no debate e no entendimento da vida docente, este fato, revela Monteiro (2007),

> "[...] reafirmam, em meu entender, a necessidade de outros estudos que investiguem esse quando de sua realização, buscando compreender esse "algo mais" presente quando esse profissional age, mobilizando saberes, em situações e, que a complexidade, a instabilidade e o inusitado são a regra e não a exceção" (MONTEIRO, 2007, p.24).

Estas pesquisas realizadas em 1960 e 1970, são fundamentais para que trabalhos como os nossos possam ser realizados atualmente. Há mais trabalhos que envolvem a figura do

professor, mesmo com esta ampliação do tema escolar, ainda assim pesquisas que tenham a vida pessoal deste professor em foco são mais raras de se encontrar.

2.1: Professores e o Universo da Pesquisa

Os professores, como estamos tratando neste trabalho, não podem ser excluídos do contexto em que foram criados nem das experiências que viveram, nem dos docentes que passaram por suas vidas. Estes fatores contribuem diretamente para as suas escolhas, pessoais e profissionais, como menciona "H", "[...] *desde a 7º série. Tive um professor de História que me ajudou muito a desenvolver meu senso crítico e tomar gosto pela disciplina".*

"H" é uma professora de vinte e sete anos, que se graduou em 2013. A professora "H" é a filha caçula de três irmãos. Durante sua infância brincou muito na rua com seu irmão mais velho e os amigos dele. Estudou seu ensino fundamental na Escola Alcides Barcelos, no Bairro Getulio Vargas, onde morou até pouco tempo e concluiu seu ensino médio no Colégio Lemos Júnior no Centro.

A Escola Alcides Barcelos, por se encontrar na periferia da cidade, podemos dizer que é uma escola com uma realidade bastante difícil. Lida com déficit de alunos, tem dificuldades econômicas. Enquanto isso, o Colégio Lemos Júnior, que está localizada no centro da cidade, é uma escola que acolhe vários bairros da cidade, inclusive muitos de nossos professores estudaram nesta escola e enfrenta uma realidade de dificuldades por abarcar várias realidades econômicas e sociais.

> Bom, morei com meus pais. Tinha… Minha mãe é aposentada, ela trabalhava numa fábrica de pescados e o meu pai era do porto, era estivador. Bom, eu cursei meu ensino fundamental na Escola Alcides Barcelos. Humm,,, Depois eu fui fazer meu ensino médio no Lemos (Colégio Lemos Júnior). O Alcides Barcelos fica no bairro (Bairro Getúlio Vargas). Eu brincava muito na rua, com os amigos do meu irmão que é oito anos mais velho que eu. Então eu cresci com ele adolescente brincando com os amigos e eu criança brincando na volta. ("H")

Ela casou durante o desenvolvimento desta pesquisa. Inclusive, o esposo[2] também é licenciado em história e eles se conheceram durante a graduação, formando-se juntos. Infelizmente ele não trabalha como professor.

[2] O seu esposo se graduou pela FURG (Universidade Federal do Rio Grande), juntamente com a "H", mas trabalha em uma livraria no shopping de Rio Grande, eles alugam uma casa em um condomínio mais afastado do centro, no Bairro Trevo.

Nossa conversa aconteceu na sua nova casa, nos convidou para um almoço em um domingo. Sua casa é alugada, um apartamento novo, mistura móveis novos com móveis que comprou em "briques". Como ela mesmo disse, está começando a vida independente dos pais. Marcamos nossa conversa para este dia devido aos seus horários muito apertados durante a semana.

Ela trabalha quatro dias da semana pela manhã na Escola Cristo Rei, onde leciona a disciplina de história todos os dias à tarde até a noite. Na escola de cursos técnicos, desempenha função administrativa. Desdobra-se nesses dois empregos diferentes há cerca de um ano.

Ela também não foi a típica[3] estudante que se formou no ensino médio e ingressou diretamente na universidade. Primeiro foi trabalhar em comércio e tentou alguns vestibulares até conquistar seu maior objetivo, o curso de história.

> A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e se estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. A construção de identidades passa sempre por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional (Diamond, 1991). É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças (NÓVOA, 2000, p.16).

Pensar na "H" e nos demais professores, não é somente perceber este tempo de três, dois, quatro ou um ano em que estão lecionando, mas sim notar que o processo de identidade de cada um de nós professores é muito mais antigo do que pensamos ser. É um processo que vem sendo formulado desde nossa escolaridade básica, das nossas relações familiares, amizades que constituímos ao longo do tempo, como conseguimos identificar em alguns professores.

"H", diz que,

> Desde meu Ensino Fundamental sempre tive a disciplina de História como sendo a minha favorita, pois era através dela que pude conhecer mais sobre tudo e já conseguia relacionar os fatos ao meu redor com o que havia ocorrido no passado, claro que isso foi proporcionado pelas reflexões que o professor instigava e é o que eu mais quero passar para meus educandos, a reflexão. ("H")

[3] Aquela aluna que nunca repetiu nenhuma série, se forma cedo na escola e diretamente ingressa na universidade. Se formou na universidade e diretamente vai trabalhar na sua área.

Mas como também menciona Nóvoa (2000), o desenvolvimento profissional é distinto para cada um, é um processo que não há como prever continuidade, estabilidade emocional. Para uns até que pode ser linear, mas para outros não.

A conversa com o professor "A" ocorreu em uma grande praça da cidade do Rio Grande, em um dia bastante quente, chegamos juntos ao lugar combinado e ficamos conversando antes de começar as questões que nortearam o trabalho.

O local da conversa ficou pela escolha de "A", acredito que ele não se sentiria tão confortável em marcar a conversa na casa dos pais, com os irmãos. Por isso, na praça foi um local que ficaríamos mais à vontade. Nossa conversa estava bastante agradável, porém em determinado horário, a praça que escolhemos não estava mais segura. Fomos embora juntos durante boa parte do percurso.

Os seus irmãos mais velhos sempre mexeram com eletrônica e, consequentemente, ele também. Entretanto, "A" acredita que o fator decisivo para o seu interesse pela história foram as histórias em quadrinhos. Ele cresceu em um lar, com mais três irmãos, o pai é barbeiro e a mãe costureira. Os irmãos se formaram na universidade depois que "A" estava grande, um irmão faz mestrado atualmente.

"A"está com vinte e seis anos e admite que, "*Sempre tive um pequeno gosto por História por jogar muito videogame, uma mídia que, com frequência, aborda temas políticos, militares, mitologias, etc. É uma disciplina que dialoga com várias áreas da sociedade".*

Outro professor, "B" tem cinquenta e seis anos e foi criado pela mãe e pelo padrasto, tem um irmão mais novo e nunca conheceu seu pai biológico. Sua mãe era costureira, mas desempenhou algumas outras funções como lavadeira e passadeira, ele não mencionou muito sobre a figura do padrasto. Teve uma infância com bastante dificuldades financeiras, mas a mãe sempre o impulsionou a estudar.

Ele não deve o seu interesse pela história aos professores do ensino fundamental ou do ensino médio, anteriormente chamado de ginásio ou segundo grau que, segundo ele, foi um período em que os professores prezavam pela resposta decorada, não havia espaço para a criticidade dos alunos. Neste período, ele estudava em uma escola privada, Liceu Salesiano Leão XIII, com bolsa. No ensino médio, foi para uma escola estadual, mas não concluiu esta etapa, lembra que,

> Eu fiquei quase 30 anos parado sem estudar, porque eu terminei, concluí o meu ensino, eu quando prestei concurso pra trabalhar no estado como secretário de escola eu não estava estudando, já tinha, já havia parado de estudar e não havia terminado o ensino médio ai

> depois eu fiz o concurso em seguida houve uma possibilidade de fazer aquelas provas do ENCEJA antigamente, provas da décima oitava (coordenadoria de ensino) pra terminar o ensino médio ou segundo grau na época e eu fiz as provas e terminei o ensino médio e fiquei mesmo sem estudar em escola regular, assim, de escola quase uns vinte e oito anos. (“H”)

Por ainda estar na função de secretário, nossa conversa ocorreu na escola mesmo, um pouco corrida, algumas interrupções, mas a vida deste professor está tão corrida, que se a entrevista não ocorresse naquele dia, não saberíamos quando seria. Em uma sala que não estava sendo utilizada, em uma noite fria, “B” contou um pouco de sua história e experiências.

Ele falou bastante rápido, infelizmente foi uma conversa bastante corrida e com algumas interferências como todas as demais conversas que tivemos com este professor.

Para “C”, outro professor que embarcou nessa jornada, seu maior incentivo para o curso de História foi o conteúdo, como ele mesmo menciona, *“mas não aquele que aprendia em sala de aula, mas aquele que aprendia fora, vendo filmes, lendo revistas e jornais (muito!) e principalmente conversando com pessoas mais velhas”.*

Nossa conversa aconteceu na biblioteca central da FURG, meio atrasado este professor de trinta anos chegou com a camiseta do Grêmio, seu time do coração. Ele leciona somente no turno da noite de uma escola do centro da cidade, o Colégio Lemos Júnior, mas a escola atende aos bairros mais periféricos também.

Segundo o professor “C”, seu lar o influenciou bastante a leituras, apesar da sua mãe ser do lar e seu pai, eletrotécnico, eles sempre consumiram muitos livros. Tinham assinatura de revistas como “Nosso amiguinho” e “Turma da Mônica”. Cresceu junto com mais três irmãos e os pais, sendo que, com cerca de dez anos, os pais se divorciaram. Sempre estudou em escola pública e os pais sempre apoiaram os seus estudos, mas, quando terminou o ensino médio, foi trabalhar em diversos segmentos, pois não havia ingressado na universidade.

> Sim, sou e mais três, um mais velho e dois mais novos, a gente foi criado com meus pais juntos até quando eu tinha dez anos. Sempre íamos a escola, sempre fomos incentivados à leitura, meus pais assinaram a revista “Meu Amiguinho”, meus pais sempre liam bastante. A Minha mãe é dona de casa e meu pai é eletrotécnico até hoje. Um irmão mais velho e um mais novo são da Marinha e a minha irmã que trabalha nos estaleiros, a minha irmã faz direito. Meus pais ficaram juntos até os meus dez anos mais ou menos. Primeiro estudei no Ademar Correia na Santa Teresa, onde eu me criei, um breve período no Roque Callage em Porto Alegre, fui tentar morar com meu pai e minha madrasta… Depois que voltei, voltei pro Ademar Correia e depois fui pro Silva Paes, que eu estudei todo o fundamental. Ai até

> o segundo ano fiz no Juvenal e o terceiro ano eu fiz no Silva Gama, aí eu já morava no Cassino. (“C”)

“D”, tem trinta e sete anos e é mais um professor em início de carreira que não se encaixa na proposta[4] da sociedade. Não terminou a escola, evadiu muitas vezes e foi trabalhar. Durante oito anos, esteve afastado dos estudos, incluindo um emprego como secretário escolar neste período em uma escola privada, Colégio Alternativo.

Quando ingressou no curso de história licenciatura, conciliou o trabalho na escola durante algum tempo, o que foi um pouco complicado pelo horário das aulas coincidirem com o do trabalho. Então, ele conseguiu uma bolsa e saiu da escola em que trabalhava. Atualmente, “D” é casado e mora com a esposa, mas tem uma filha do primeiro casamento. Assim como “H”, ele desempenha duas profissões: durante o dia, leciona em uma escola da rede privada e, à noite, trabalha como motoboy, entregando lanches.

A conversa com “D” aconteceu na própria Furg, assim como “C”, fomos para a biblioteca, que estava bastante cheia, muitas conversas paralelas. Nesta conversa, podemos ver um lado diferente deste professor, que sempre foi mais reservado quanto a sua vida familiar. Desta vez, falou bastante deste aspecto.

Sua infância foi muito humilde, bem pobre, como ele mesmo disse. Seus pais não o cobravam os estudos, nem estudavam com ele. A vida em casa foi regada a muitas brigas dos pais: o pai era alcoólatra, a mãe lavava roupa para fora. A situação financeira melhorou um pouco quando seu pai passou em um concurso para trabalhar na Receita Federal.

> Não é um contexto muito incomum que a gente percebe hoje na nossa sociedade, meus pais sempre foram casados, nunca chegaram a se separar, houve várias ameaças, mas nunca chegaram a se separar. Nós morávamos, na primeira casa que eu tenho recordação foi nos fundos da casa de um senhor, neurótico pela Segunda Guerra Mundial, a minha mãe lavava roupa pra fora e o pai, eu lembro que ele trabalhava embarcado, ai o barco dele pegou fogo e ele perdeu o emprego. Aí foi trabalhar na Pescal, não sei em que função. Mas assim, eu não posso me reclamar do meu pai deixar de trabalhar, eu me lembro deles (dos pais) não comerem pra nós, eu e a minha irmã, termos o que comer. Éramos só nós naquela época, hoje somos cinco irmãos. A vida era meio complicadinha. Aí fomos morar no Cedro (Bairro Getúlio Vargas), onde eu ingressei na escola São Judas Tadeu, um ambiente hostil. Aí meu pai fez um concurso pra Receita Federal com a quarta série do primário, na época não precisava comprovar escolaridade e ingressou, ai a vida deu uma melhorada. (“D”)

[4] A proposta de fazer a escola com a idade devida, se formar, ingressar na universidade e ir trabalhar na área que escolheu.

A escolha pelo curso de história pouco tem a ver com os professores ou a própria escola, mas o amor por histórias que seu pai contava e a licenciatura pelo fato de sua namorada, atual esposa, estava terminando magistério na época. Estes fatores combinados resultaram em sua opção pelo curso.

Quando estava na sétima série e já estava maior de idade, parou de estudar por conta própria, sem os pais saberem. O gosto pela história adquiriu do pai, que, mesmo sem estudo, sempre lhe contava histórias e lhe mostrava filmes baseados na História.

Este professor acredita que, *"Na minha ótica, a História se responsabiliza pela identificação do ser humano pela suas ações",* e por isso se interessou pela história e foi este motivo que o fez ingressar na licenciatura.

"E" é outra professora que colabora nesta pesquisa, ela está com trinta e seis anos, maior parte da sua infância passou no Balneário Cassino. A vida sempre foi apertada financeiramente.

Ela descreve sua vida escolar como:

> Quando era aluna, eu não era muito de prestar atenção. Tinha um déficit de atenção, na verdade, mas nunca foi diagnosticado. Sempre tive muitas dificuldades em exatas. Já humanas, tirava de letra! Lia tudo o que tinha à minha volta, até bula de remédio. E isso acabou influenciando nas minhas escolhas profissionais. Repeti de ano algumas vezes, até finalmente, e por teimosia minha, insistência em ser além do que se esperava de mim, me formei. ("E")

Esta professora, também não sonhava com a esta profissão. Sua primeira opção de curso era Direito, por pressão dos familiares, depois que saiu da escola e algumas tentativas frustradas para este curso, "E" decidiu seguir sua intuição e fazer história, e também por incentivo do marido.[5] E alguns anos mais tarde, na modalidade da licenciatura.

"E" abriu as portas de sua casa,[6] para nossa conversa ser mais a vontade. De fato, foi uma tarde bastante divertida, tomamos chimarrão enquanto passava a série "Friends" na televisão. Ela dividiu conosco algumas leituras que já fez e outras que pretende realizar, todas de cunho "nerd", não mencionou nenhuma leitura teórica. Inclusive ela e o esposo cultivam um cantinho todo especial para estes livros e "action figures" de filmes queridos por eles.

[5] O esposo de "E" é uma figura bastante significativa em sua narrativa. Eles passaram por muitas situações, as quais a professora preferiu não adentrar, mas ele é importante na sua volta aos estudos, principalmente para a licenciatura em História, curso no qual ela já era graduada.

[6] Sua casa está sendo financiada pela Caixa Econômica Federal, é um sobrado bem espaçoso, situada em bairro mais distante do centro, chamado Bairro Rural. É um bairro periférico da cidade, mas que vem sendo urbanizado. Vem crescendo o número de moradores.

Durante o ano de 2015, “E” lecionou em duas escolas. Escola Juvenal Miller, que é a maior delas é a “sua escola”, como ela mesmo diz, que é onde sua matrícula foi feita e uma outra escola menor, onde cobriu uma licença, Escola Nossa Senhora Medianeira.

A escola menor ela considera ser melhor no aspecto de organização, ela acredita que a escola sendo menor, a direção e coordenação pedagógica conseguem lidar melhor com determinadas situações[7] e com os alunos. Porém, na escola maior ela parece se sentir mais confortável para dar aula e entre os demais professores. Ela elogia o grupo de professores, pois conseguem dialogar bastante e trabalhar em conjunto. “E” define assim as escolas, por conta da quantidade de alunos.

“F”, com vinte e sete anos, é mais uma professora que sempre se interessou pela disciplina na escola. *“Eu sempre gostei muito de História, sempre fui muito curiosa e queria saber; sempre saber “como foi?”, “por que foi?”, principalmente porque meu pai, também apaixonado pelos assuntos do passado, desde cedo me convidava para assistir filmes e documentários que abordavam temas afins”,* completa.

Nossa conversa foi marcada para um fim de tarde em uma cafeteria da nossa cidade. Pedimos alguma especialidade do cardápio e nossa conversa foi regada a muita risada e lembranças. Pelo mesmo motivo que a conversa com “A” foi na praça, deixamos “F” escolher o lugar da nossa conversa, ela preferiu que conversássemos em outro lugar além de sua casa.

Lembrou com muito orgulho que sua mãe sempre se dedicou ao lar e à família, enquanto seu pai trabalhava e estudava. Sua mãe também acolheu uma sobrinha, filha de uma irmã falecida, como filha há cerca de uns cinco anos. “F” contou que sempre foi bastante solitária na vida escolar, tinha alguns amigos, mas preferia ficar consigo mesma.

“G” quis que a entrevista fosse na casa da sua mãe, pois fica em uma área central da cidade e a sua residência fica mais afastada e de difícil acesso. A casa em que ela e sua irmã foram criadas e em que os pais ainda moram. Ela é casada há quase um ano, seu esposo é professor também e não têm filhos, a não ser os cachorrinhos e gatinhos que cuidam com muito zelo.

Em nossa conversa, “G” se mostrou muito grata pelas oportunidades que a vida lhe concedeu, ser bastante jovem e já ter sua independência financeira. Ela trabalhou durante dois anos em escolas privadas da cidade enquanto conciliava horários com a escola pública. Trabalhou em três escolas privadas e uma pública, quando passou no concurso do município

[7] Estas situações, “E” define como o cotidiano de uma escola, desordem, “passeios” pela escola, falta do uniforme...

não conseguiu administrar tanto trabalho e deixou as escolas privadas para se dedicar as duas escolas que hoje leciona, Lilia Neves e Viriato Coreia.

A vida de "G" foi bastante confortável financeiramente, morava no centro da cidade e também estudou em uma única escola, Bibiano de Almeida. Mantém seus amigos da época de escola até hoje, sua infância regada a muitas histórias e política.

> Eu tenho uma irmã mais nova, nossa diferença é de quatro anos de idade e a minha família é toda de Rio Grande, os meus pais sempre moraram nesta casa (que foi feita a entrevista), no canalete, centro. Eu tenho vinte e seis anos e eles tem vinte e oito de casados e desde que eles casaram… Essa casa era do meu avô, que meu avô tinha um posto de gasolina, do mercado e esse posto aqui do lado também era e isso aqui era o depósito do posto aí eles reformaram e fizeram uma casa pro meu pai, por isso que é bem grande… Só que depois meu avó desfez a sociedade e meu avô faliu… Até a Duda (irmã) nascer a gente tinha dinheiro (risos) ai ficou, ai eu estudei em colégio público. Até a terceira série estudei no São Francisco e depois fui pro Bibiano. Quando chegou na sexta ou sétima série, eles colocaram o ensino médio, ai eu fiz todo no Bibiano. ("G")

A professora conta que sempre brincou muito, ela e a irmã inventavam histórias e contavam para sua mãe. Teve uma infância muito boa, segundo a própria. A família vive no centro da cidade até hoje, porém ela se mudou quando casou. Comprou um terreno e está terminando sua casa em um bairro mais afastado, o Bolacha.

"G" tem uma vida bastante confortável, os pais e familiares sempre a incentivaram a estudar. Sua mãe é arte-educadora, mas não apoiou "G" quando ela decidiu pela docência. Na verdade, pelo que "G" menciona a docência a escolheu e não o oposto.

"J" pediu para nossa entrevista acontecer na própria escola, em uma tarde bastante quente na sala dos professores no seu turno inverso, à tarde. Muitas crianças pelos corredores na hora do lanche. Passamos por alguns espaços da escola, o turno da tarde agrega as primeiras séries do ensino fundamental e, pelo vidro nas portas, pudemos ver as crianças nas salas.

A última componente do grupo, mas não menos importante, é "I". Está com trinta e sete anos, mas cita com carinho uma professora de Artes como inspiração. Graduou-se em 2001, portanto é a que mais tem tempo de graduada, contudo, sua experiência docente completou cinco anos. Sua família foi fundamental para seguir à docência. Seus pais são professores, ela viveu uma infância muito rica. De fato, "I" é uma professora com a história de vida bastante distinta dos demais professores do grupo.

Nossa entrevista aconteceu no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, onde leciona. Em uma sala que serve para os alunos estudarem, mas naquele horário estava vazia, nós aproveitamos para realizar a conversa. Esta professora é bastante espirituosa, tem uma história de vida bastante diferente dos demais por duas razões: não é brasileira e foi a primeira a se graduar, como já mencionamos, no início dos anos 2000.

Nascida em um lar que o pai é filósofo e a mãe linguista, "I" sempre foi incentivada a leitura, foi uma criança que se encantava com livros grossos, independente da temática, sendo divertido ler de tudo desde sempre.

Até os seis anos morou na Bélgica, onde foi semi alfabetizada, quando o pai recebe uma oportunidade de trabalho em Porto Alegre, terminou a alfabetização em português. Ficou com a família durante três anos em Porto Alegre, depois migraram para o Uruguai durante um ano e chegaram em Rio Grande, vivem aqui desde então.

> Meus pais são uruguaios, eles são refugiados políticos. Passaram por muitas situações até chegar na Europa, moraram em muitos lugares, eu nasci em outro lugar. Saíram do Uruguai antes de chegar na Bélgica. Passaram pelo Chile, por Cuba. Aí chegaram na Bélgica, onde tinham oportunidade de estudar na França já não tinha tanta, mas na Bélgica tinha mais apoio pra exilado político. Então eles fizeram os estudos na Bélgica e eu acabei nascendo na Bélgica, eu e meu irmão mais novo. Aí eu fiquei na Bélgica até os seis anos, meus pais terminaram os estudos lá, fizeram mestrado e doutorado lá e a minha mãe fez o doutorado na Espanha, mas estudaram mesmo na Bélgica. Aí viemos pra Porto Alegre, eles queriam voltar pro Uruguai mas não dava e ai ele (o pai) conseguiu uma oportunidade na PUC de Porto Alegre, ficamos três anos em Porto Alegre, morando lá. Depois ficamos um ano em Riveira e depois viemos para Rio Grande. ("I")

Depois desta primeira mostra de nossos professores, vamos tentar conectar as narrativas destes profissionais com os autores que já mencionamos. Neste sentido, Mialaret (1991) este autor francês se faz bastante necessário para nossa compreensão da formação inicial do professor.

> A formação pedagógica é o conjunto dos processos que conduzem um indivíduo a exercer uma actividade profissional (a de professor) e o resultado desse conjunto de processos. Durante muito tempo pensou-se que, para exercer uma actividade docente bastava ou uma grande cultura académica sem formação pedagógica, (agrégation) ou uma boa formação pedagógica sem nenhum nível especial de formação académica (os antigos brévets de capacité e o certificat d'aptitude pédagoqiques) (MIALARET, 1991, p. 10).

Na posição deste autor, as formações pedagógica e acadêmica são distintas, porém as duas facetas se entrelaçam. Podemos dizer que a formação pedagógica é a vida que este professor teve, suas experiências, leituras, conversas que o levaram a seguir à docência.

A formação acadêmica, no entanto, vai além da vida pessoal, mas abarca as leituras específicas, estudos mais elevados, a própria universidade e a formação que esta oferece ao profissional em construção.

Ao mesmo tempo que Mialaret (1991) diz que a formação acadêmica é indispensável para o professor, ela não se reduz às disciplinas, "*mas deve assegurar ao mesmo tempo aberturas sobre outros domínios científicos e participar, à sua maneira, na formação e no desenvolvimento da personalidade dos alunos dos estudantes*" (MIALARET, 1991, p. 11).

> "A formação académica deve ser considerada como um dos elos da educação permanente e sempre voltada para o futuro, para que o jovem professor, formado em 1980, seja capaz de evoluir e de no ano 2000 continuar a desempenhar o papel de traço de união entre os alunos e a ciência dessa época"(MIALARET, 1991, p.12)

A preocupação com a formação inicial, para Mialaret (1991) é conseguir conectar os conhecimentos universitários com os conhecimentos de vida. Estes saberes que devem ser aproveitados para a vida pessoal e profissional, conseguindo relacionar as duas facetas.

> Estas duas formações, no caso dos professores, então, quanto a nós, muito ligadas e não simplesmente justapostas. É indispensável analisar este ponto para evitar qualquer erro de interpretação e para não desfigurar a harmonia que deve existir entre elas. Não devem ser nem confundidas nem completamente separadas. (MIALARET, 1991, p.23).

Mialaret (1991) acredita que a formação pedagógica e a acadêmica se interligam. Neste sentido, uma não é suficiente sem a outra, nenhum bom professor é formado somente com um destes lados. Ou seja, a formação inicial, que é a vida que este professor tem até ingressar na licenciatura em história e a formação acadêmica, que é o espaço de formação de professores.

2.2: Os professores e a vida pessoal: formação inicial

Este trabalho não seria justo se não perpassa também pelo lado pessoal desses profissionais, afinal, acreditamos que a vida pessoal de cada um influencia nas escolhas de trabalho. Para abordar estas questões mais pessoais, elaboramos algumas questões norteadoras

que tange a casa, a família, a vida escolar na infância dos professores em início de carreira para guiar nossas conversas.

Entenderemos, então, que a formação inicial é a vida que estes professores e professoras viveram e vivem até a formação acadêmica. Acreditamos que formação de professores é o que envolve um todo e não partes soltas.

Os professores que se abriram a participar deste projeto, em sua maioria, vieram da classe média, da escola pública, poucos tiveram uma influência de leituras mais aprofundadas em sua vida familiar, poucos foram os que decidiram a licenciatura somente por gostar de história. Tentaremos mostrar um pouco da vida destes professores, desvendar estas escolhas e entender os motivos de seguir à docência em história.

Podemos citar, que todos estudaram em escola pública, mas "C", "G", "I" e "F" tiveram uma influência do convívio familiar muito mais propício para seguir à docência que os demais professores e, acima de tudo, tiveram influência de seguir o caminho universitário.

Nossos professores tentam relacionar sua vida pessoal e a profissional em nossas conversas. Principalmente quando a questão é relacionada a motivação de escolher a licenciatura em história. "H", por exemplo que desde a sétima série considera a sua disciplina favorita e lembra de um professor que a inspirou bastante.

"H" estudou sempre em escola pública e periférica da cidade, morou em zona periférica também, no Bairro Getúlio Vargas, até pouco tempo, mudou-se quando casou. Sua vida financeira ela define como "sempre deu, nem sobrava, nem faltava", morou sempre com seus pais e no ensino médio resolveu começar um estágio para comprar as coisas que seus pais não podiam comprar. Ela disse que isto, de ir atrás das suas conquistas desde nova foi bom para seu crescimento.

Quando terminou o ensino médio, foi trabalhar na rodoviária da cidade e durante um ano trabalhou em uma loja de sapatos. No ano que terminou o colégio fez vestibular para Oceanologia, pois seu desejo era lidar com plantas e animais, mas sempre se dividiu entre o amor pela história e pela biologia.

> Depois que eu me formei no colégio eu fiz vestibular pra Oceanologia (risos), uma área bem diferente, mas eu sabia que pela minha condição eu tinha que fazer uma escolha, que devido a condição da educação eu teria duas opções: ou eu me matava de estudar ou eu fazia a minha segunda opção. Eu escolhi história e licenciatura pelo mercado. Daí eu terminei o ensino médio e fui trabalhar, não tinha passado no vestibular. Nisso eu já trabalhava no ensino médio, já… No terceiro ano eu fazia estágio. Eu trabalhava pra arcar com o que eu queria, nunca foi pra ajudar em casa. ("H")

"F" sempre morou com os pais, sendo filha única de nascimento, como ela mesmo coloca. Há cinco ela mora com uma prima, cuja a mãe faleceu e o pai mora longe, ela a considera irmã. Estudou em duas escolas, cursou o ensino fundamental na Escola Hellena Small e o ensino médio na Escola Bibiano de Almeida, ambas públicas. A mãe é dona de casa, mas sempre buscou se aprimorar e terminou seus estudos depois de "F" já estar mais velha.

O pai era militar brigadiano, mas se graduou em Direito. A vida desta professora era bastante apertada financeiramente, pois o pai trabalhava e estudava, enquanto a mãe entendia que a filha precisava de suporte. Esta professora se mostra muito orgulhosa quando fala dos pais, principalmente de sua mãe.

"F" tem um núcleo familiar que demonstra ter muito apoio uns pelos outros. Isso é bem presente na sua narrativa e, consequentemente, na sua vida.

> Eu lia histórias em quadrinhos de meninos, então, histórinhas da Marvel eu lia todas. Tinha um amigo do pai de profissão que época, ele… Ele estudava japonês e era professor de artes. Ai ele veio pra mim com uma "vibe", lá na minha sétima, oitava série, de ler mangás. Então nesse período eu lia os mangás do Samurai X, eu era viciada e era uma período em que a própria editora trazia nas histórias relatos de outras gurias que liam, naquela época que não era muito comum gurias lerem essas coisas. [...]Eu era bem "cult" pra época. ("F")

A sua infância foi "meio paradona", em suas palavras. Ela tinha algumas amigas de escola, com quem se reunia para ir para o cinema ou shopping, mas ela acredita que a sua infância e juventude passou muito sozinha. Aprendeu a desenhar somente de olhar e lia bastante histórias em quadrinhos, não saia muito, nem namorava ninguém, segundo a própria sua infância foi "meio bicho grilo".

Uma constante que observamos na maioria destes professores é a família muito presente, incentivadora dos estudos e que apoia na escolha que estes fizeram. Apesar de "B" ter parado de estudar no ensino médio e ter ido trabalhar, sua mãe sempre fez de tudo para ele terminar os estudos. Pouco são os professores que não tiveram o incentivo à docência da família, como "D", que não teve incentivo nenhum e "G", seus pais a incentivaram muito a estudar, mas sua mãe não a apoiou na decisão pela docência.

Na escola, alguns já descobriram a paixão pela história. "J", imitava a professora quando chegava em casa, com os restinhos de giz que sobravam, ela ensinava os amiguinhos em brincadeiras. "J" sempre viveu com os pais, até hoje vive, e com os irmãos, dois por parte

de pai, um por parte de mãe e mais três de pai e mãe. Seu núcleo familiar sempre a fez seguir o que queria, assim como os demais membros da família.

Esta professora, "J", viveu uma infância no Bairro São João, periferia da cidade e estudou em uma escola do seu bairro, Frederico Ernesto Bulcholz e no ensino médio foi estudar no centro, Lemos Junior. Tem uma irmã pedagoga e apesar do pai não ter feito faculdade, foi ele que "J" cita com influência para gostar de história e ele também a influenciou seguir a licenciatura. *"Meu pai disse, tem que ser professora, pois professor sempre tem trabalho".*

"C" não lembra de nenhum professor que tenha sido marcante na sua vida escolar, mas sua paixão pela disciplina veio dos livros que lia, lembra do primeiro livro "histórico" que leu, "Ivanhoe" de Walter Scott. "C" cita sempre os pais como seus maiores incentivadores à leitura, lembra com carinho. Acredita que sua infância tenha sido boa, morou no Bairro Santa Tereza, na periferia, até seus doze ou treze anos, morou em Porto Alegre com seu pai e madrasta, o que não foi tão bom para ele e depois foi morar no Cassino, onde morou até bem pouco tempo.

"H" teve um professor de história marcante na sétima série, foi ele a sua grande inspiração para gostar de história. Apesar de se interessar por biologia também, acabou sendo trazida para o universo da história. Suas leituras de infância foram baseadas nos gibis.

A professora "E" sempre leu muito, lia de tudo *"a pessoa lia até bula de remédio e rótulo de shampoo",* conta rindo. No caso, ela e "C" tem algo em comum, os pais sempre assinaram revistas, jornais, sempre tiveram livros em casa. "E" passou a infância com seus pais e irmão mais novo, até a separação do pai, foi morar no Cassino ainda criança. Lembra mais de suas leituras, do que de outra coisa.

"B" não teve estas influências, no seu tempo de escola o ensino era muito diferente. O professor era apenas alguém que reproduzia o que alguém já havia feito. Há tantas críticas ao ensino tecnicista. Não teve uma infância escolar muito propícia à docência.

"D", como já mencionamos, não teve a infância mais propícia ao estudo, muitas dificuldades financeiras, brigas dos pais e ameaças de separação, muita violência verbal e física. Depois de muito tempo sem estudar, com uma filha para sustentar "D" voltou para a escola para terminar o ensino médio na modalidade de EJA (Educação para Jovens e Adultos). Nesta mesma escola da rede privada, conseguiu um trabalho de recepcionista e secretário, enquanto cursava o técnico em segurança do trabalho. Sobre esta primeira

profissão, “D” nunca chegou a praticar. Ele diz que uma inspiração para escolher a licenciatura foi a sua namorada, atual esposa, que na época concluía o curso de magistério.

> O estudo do ciclo de vida profissional destaca aspectos significativos da história pessoal e da trajetória profissional de docentes. Esses aspectos são basilares para toda e qualquer proposta de mudança e aprimoramento profissional. E mais, tais estudos indicam a dimensão pessoal como fundamental no processo pelos quais os professores se constroem e dinamizam seu trabalho, deixando claro que “o aperfeiçoamento profissional está associado ao desenvolvimento pessoal (ou faz parte dele)” (BOLÍVAR, 2002, p.8). Isto quer dizer que o que a pessoa é ou sente não pode vir dissociado do exercício profissional (FERREIRA; BIASOLI, 2009, p. 56).

Márcia Ferreira e Carmen Biasoli (2009), são professoras da Universidade Federal de Pelotas, em um artigo intitulado “Reconstruindo trajetórias docentes: percursos pessoais e profissionais refletidos na maneira de ser professor” que está no livro “Memórias docentes”. As autoras defendem trabalhos biográficos tendo como foco central a figura do professor, elas acreditam que trabalhos com esta temática renovam as metodologias do trabalho científico.

Ferreira e Biasoli (2009), colocam que a década de 1980 teve o início de um novo panorama para as modalidades de pesquisa, colocando o professor e a sua vida como foco destas pesquisas. As autoras acreditam que foi com o português António Nóvoa que a produção destes estudos começou a ser apresentados.

As autoras colaboram com nossa pesquisa, principalmente no quesito de considerar a trajetória pessoal e a trajetória profissional indissociáveis. Afirmando que o progresso profissional deve ser entendido sob três circunstâncias: *“o professor como pessoa, o contexto em que trabalha e os incentivos e programas para uma evolução profissional*” (FERREIRA; BIASOLI, 2009, p. 56).

As histórias de vidas, neste projeto, como já notamos são bastante variadas. Cada professor trilhou um caminho, fez suas escolhas, cada um viveu uma realidade diferente do outro.

“A” viveu uma infância onde brincava muito com vídeo game, não se considera, hoje, um bom aluno na época da escola. Bagunçava bastante, preferia o videogame às tarefas de casa, repetiu em algumas séries. Nunca se imaginou professor, não tinha paciência para a escola e diz que se interessava mais pela convivência com os outros alunos.

"A" diz que os professores da escola não o influenciaram a seguir à docência, no ensino médio ele teve um contato um pouco melhor com seus docentes, mas quem o influenciou a seguir o curso de licenciatura foi o professor do curso pré-vestibular.

> Quando eu tive contato mesmo com a história foi no cursinho, porque no colégio eu tive… No ensino médio, principalmente, muita falta do professor de história. Sempre tinha o professor, que durante o primeiro ano não tinha no Lemos (Colégio Lemos Júnior), no segundo o professor tava de licença, no terceiro ele saiu e a gente ficou um tempo sem professor… Ann… Então eu tive contato mesmo com a história no cursinho. E aí quem me influenciou na licenciatura foi esse meu professor de cursinho… Eu perguntei: "o que tu acha que é melhor pra mim, licenciatura ou bacharelado? [...] Ele falou: eu acho melhor tu ir na licenciatura que tem mais possibilidades de trabalhar". Mas eu nem imaginava, eu só segui a licenciatura [...] ("A")

"A" diz que este professor do curso pré-vestibular foi uma inspiração para ele seguir à docência, que até então ele havia tido pouco contato com seus professores e com a história. Contudo, não sabia a diferença entre licenciatura e bacharelado, seguiu a licenciatura sem muita perspectiva de que seria professor realmente. E hoje não se imagina trabalhando em outra profissão.

Contrapondo a realidade de "A", a professora "F" sempre foi muito aplicada na escola. Se considera, hoje, uma boa aluna na escola e na universidade também. Para ela ser bom aluno é ler, ter interesse, debater o assunto proposto e assim, a professora "F" se identifica como aluna. Em casa sempre viu os pais lendo e a incentivando a leitura, apesar da mãe não ter terminado o curso de graduação que iniciou. O pai se formou em direito e isso mostrou muitas oportunidades para "F" o pai também incentivava a buscar mais conhecimentos sobre Egito, ela mesmo completa: *"Todo mundo gosta de História por causa de Egito"*.

Para "F",

> O meu pai por ser do direito, das áreas humanas, ele sempre gostou muito de história, então desde pequenininha ele me incentivou. Eu chegava do colégio e contava tudo pra ele, tirava dúvidas. Minha mãe é das exatas e da área da saúde então… Nunca rolou muito essa afinidade e aí a gente sempre debatia, se tinha algum documentário ele me chamava pra ver junto, então… Começou desde cedo (o amor pela história)... ("F")

"J" é uma professora que, desde muito novinha, já imitava aqueles que a ensinavam. Cresceu em um lar com muitos irmãos, seus pais já tinham filhos de outros relacionamentos quando "J" nasceu. Sua casa sempre foi bastante movimentada, apesar de alguns irmãos já não pertencerem mais ao mesmo núcleo familiar. Sempre estudou em escola pública,

atualmente é a única filha que ainda mora com os pais, no mesmo bairro onde cresceu, o bairro São João.

> Bom, meu pai é marceneiro e minha mãe é cozinheira, inclusive cozinheira de escola. O meu pai já está aposentado. Em relação à estudo, eles não têm. Eles têm cursos técnicos relacionados à área deles, mas acho que nenhum dos dois terminaram o segundo grau. Aí então, eu tenho irmãos mais velhos, o meu pai foi casado antes da minha mãe e teve dois filhos e a minha mãe também foi casada antes e teve uma menina, a mais velha de todos. Aí depois meus pais juntos tiveram quatro filhos, eu sou a mais nova. Vivia todo mundo junto, aí depois os mais velhos foram se casando e ficamos só nós, os quatro. ("J")

No ensino médio, estudou em uma escola do centro da cidade, terminando o ensino médio, já sabia que iria tentar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) para o curso de história, a indecisão era em que modalidade se inscrever: licenciatura ou bacharelado. Segundo "J", ela não sabia a diferença entre elas, mas optou pela licenciatura por causa do trabalho, tem duas irmãs professoras que a incentivaram escolher pela licenciatura também.

Como já mencionamos, "E" disse que sempre foi apaixonada por ler, lia de tudo. Na escola, lia o livro didático antes do professor utilizar o material. Ela repetiu algumas séries devido ao seu déficit de atenção, o que ninguém percebeu na época. Em algum ponto da sua adolescência, seu pai abandonou sua mãe e ela acredita que este fato tenha sido melhor, porém vê a mãe abalada até hoje por conta disso.

"E" morou uma época no Bairro Cidade Nova, mas ainda muito jovem foi morar no Balneário Cassino, por conta de uma doença respiratória do irmão mais novo. Sua condição financeira sempre foi apertada, seu pai era quem provinha a família, mas com a separação dos pais, a renda ficou mais curta.

> Meu pai trabalhava no Banco Francês ou no Meridional, não me lembro e a mãe sempre foi dona de casa, mas em seguida ele foi pra Ipiranga e aí sim, ele ganhava mais. Aí meu irmão nasceu, eu tinha seis anos quando ele nasceu. Ai a gente foi pro Cassino, pois ele tinha problema respiratório e ali era do lado de uma fábrica de peixe, então era bem ruim pra ele e o pai fumava também, então a médica falou: "Ou tu para de fumar ou o teu filho vai ter uma doença horrível pro resto da vida". Aí a gente foi pro Cassino, compramos uma casa no Cassino, na época que o Cassino era bom, que um gritava e o outro não escutava. O Cassino era mais de veraneio, assim… Minha infância foi boa… até… a mãe trabalhava em casa, dizer que ela trabalhava não dá, se ela não trabalhasse a gente não tinha o que comer… A mãe ficava em casa com a gente, na época não tinha escolinha assim e o pai nunca apoiou ela trabalhar, pois ela trabalhava antes, trabalhava em casa de família. Eu estudava no Medianeira, todo o ensino fundamental desde o jardim… Mentira! Eu estudava no Agnela, mas eu quebrei o braço e perdi o ano, ai fui pro Medianeira.

> Aí lá eu fiquei até a oitava. Rodei muitas vezes, não me lembro quantas vezes, mas foram muitas. Ai depois fui pro Juvenal. Aí pegava o ônibus do Cassino bem cedo, era bem cedo. (“E”)

Quando conheceu o esposo, foi morar com ele e a sogra, morou um tempo em Pelotas depois que se formou na primeira graduação, trabalhou desde supermercados até lojas de roupa para complementar a renda de casa. Hoje financia sua casa própria em um bairro periférico da cidade.

“G”, uma professora que já sabia que queria ser professora, mas não sabia o que ela lecionaria. Teve uma infância muito boa, segundo ela mesma, confortável financeiramente. Morava no centro da cidade até pouco tempo, mudou-se, pois, casou. Estudou a vida toda em uma boa escola pública, até pouco tempo esta escola era a melhor escola pública da cidade. Os amigos de escola também se tornaram professores. Depois da escola, fez um ano de curso pré-vestibular, já sabendo que iria fazer história.

> Na minha época o Bibiano tava de melhor escola pública que tinha, eles tinha feito no vestibular na época e tiveram uns resultados bons, mas não foi por isso que a minha mãe me colocou, ela colocou pois era mais perto sem ser o Agnela que não tinha vaga… Dos meus professores eu tinha, tinha uma professora de geografia no ensino fundamental que eu era apaixonada, eu era enlouquecida por ela e depois uma professora de português no ensino médio. Então, eu sabia que gostava de história e gostava do negócio de ser professora, mas ainda não tinha pensado em ser professora de história. (“G”)

Na sua casa, lembra “G”, os assuntos não tinham censura para as crianças, então ela e a irmã sempre ouviam as conversas sobre política e sindicalismo isso a incentivou a buscar pelo conhecimento, hoje é uma militante do Partido dos Trabalhadores. E podemos perceber que ela leva sempre esta parte da infância consigo nas aulas. Na sua fala, “G” se considera uma pessoa privilegiada, pois sempre teve uma situação financeira estável, estudou em uma boa escola, Bibiano de Almeida e seus pais pagaram um ano de curso pré-vestibular, Curso Top Aprovado, ingressou em uma boa universidade e hoje trabalha no que ama.

“D” não teve uma infância tão privilegiada, nem tão politizada, que pudesse ter servido de motivação a seguir à docência. No ensino médio, foi estudar em uma escola muito longe, Silva Gama no Cassino, por conta de meninas que ele conhecia. Evadiu mais algumas vezes. Sua vida escolar foi marcada por muita violência por parte dos professores, lembra um episódio com muita dor,

> Eu não lembro se foi na segunda ou terceira série que a professora dava as folhinhas e mandava colar no caderno, eu não tinha cola, mas deixava os espaços para colar. Um dia ela disse que ia olhar os

> cadernos, eu pedi uma cola emprestada e colei tudo na pressa, mas criança com pressa…, colei algumas folhinhas de cabeça pra baixo, a professora rasgou as folhas do meu caderno [...]. Cheguei em casa com o caderno rasgado e apanhei da minha mãe, pois a professora estava certa. (“D”)

“I”, teve um lar de muita conversa política, não considera sua vida privilegiada financeiramente e sempre estudou em escolas públicas, mas intelectualmente foi muito rica. Os pais sempre falavam abertamente sobre assuntos da época, sempre foi, ela e o irmão mais novo, motivada a seguir os estudos e tinha o “paitrociníio” para isso. “Paitrocínio” é uma expressão que explica o patrocínio dos pais nos estudos de “I”.

Ela não se lembra muito que época foi, mas um dia ela via a mãe corrigindo provas ou trabalhos e disse que quando fosse professora seria diferente. A partir disso cresceu a vontade de ser professora de História, pois sempre amou a disciplina.

Esta professora teve uma realidade bastante diferente dos demais professores deste grupo, mas principalmente distante da realidade brasileira, onde os pais pouco se importam com os filhos aprendendo ou não e onde os filhos pouco querem se instruir de verdade. A educação atual consiste em um círculo vicioso, onde fingimos que aprendemos e fingimos que ensinamos. Os demais professores, “C”, “F”, “G” e “I” tiveram uma influência de leitura bastante larga de seus pais, mas, com certeza, “I” foi a que mais teve esta carga, por seus pais serem professores.

> Eu cresci neste meio, rodeada de livros e meu pai, principalmente, falando em questões políticas. Assim, na hora do almoço era hora de falar de todos os temas do mundo. Eu me lembro que eu não gostava de ver jornal, imagina com sete anos eles viam jornal e eu queria ver desenho animado. Ai eu pensei: “Bom vamos ver o que que interessa nisso aí!” E comecei a querer me interessar por jornal por causa deles. Eu sempre fui de me adaptar a situações, então pensei o que poderia tirar de bom do jornal. (“I”)

Este apoio dos pais de “I” foi muito significativo, pois ela pôde se dedicar integralmente aos estudos, sem preocupações externas como falta de dinheiro ou filhos para criar. O fato de ter dois pais professores a influenciaram indiretamente ou diretamente, mas isto ela não nos deixou claro.

A vida vai nos colocando em situações que por vezes não conseguimos distinguir se estamos escolhendo ou, simplesmente, nos deixando levar. Na vida destes professores não é diferente e nas falas destes professores podemos notar isto, mesmo quando o professor não deixa explícito.

Como já mencionamos, a maioria optou pelo curso de licenciatura por conta do acesso ao trabalho, mas esta escolha não foi somente uma escolha. A maioria dos professores, com exceção de “C”, “G” e “I”, mencionou o trabalho como fator para a escolha. O trabalho com acesso mais fácil, na opinião destes professores. Não que os demais professores não escolheram, pois escolheram, mas a situação econômica que “J”, “E”, “B”, “D”, “A”, “H” se encontravam foi o fator mais decisivo para a escolha da profissão

O acesso ao trabalho foi o fator que mais impulsionaram estes professores a seguir a docência, exceto “C”, “G” e “I” que já sabiam que queriam ser professores. Saber que teria trabalho quando terminassem a graduação foi um fator decisivo na vida dos demais professores. Ter trabalho depois da graduação foi uma preocupação destes professores, pois claro, nenhum deles fez um curso de quatro anos para seguir outra profissão, além de professor, portanto trabalhar com que escolheu foi o fator que mais motivou estes professores, além de “I”, “C” e “G” que já sabiam e já queriam ser professores. Para “F”, a licenciatura foi “um tiro no escuro”, como ela mesmo diz.

De todos os sujeitos desta pesquisa, podemos citar somente “I” como a única que entende, de fato, a intelectualidade como meio de vida. Os demais entendem a profissão docente através do trabalho, como o trabalho braçal, tendo uma mentalidade de trabalhador, não de intelectuais.

2.3: Formação Acadêmica: Escolhas e Destinos

A formação inicial, como mencionamos anteriormente, além da universidade, são pontos que resolvemos trabalhar com os professores, pois esta temática tem função crucial e direta na prática escolar. Embora, alguns professores tenham críticas bastante inflamadas acerca do curso.

> O conceito de *formação* pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas, dependendo da área que o toma como objeto de estudo. Segundo o que se encontra em Houaiss e Villar (2009), formação significa o conjunto dos cursos concluídos ou graus alcançados por alguém, podendo ainda significar a maneira como uma pessoa é criada ou educada. Entretanto, mesmo considerando-se tais possibilidades, quando se trata de compreender o significado da palavra *formação* na perspectiva da *formação de professores*, alguns componentes lhe são constitutivos e precisam permear as análises que o envolvem (PAPI; MARTINS, 2010, s.p)

A professora Silmara de Oliveira Gomes Papi e Pura Lúcia Oliver Martins do Paraná, escreveram em 2010 um artigo intitulado: "As pesquisas sobre professores iniciantes: algumas aproximações", onde discorrem um pouco sobre a formação inicial do professor iniciante.

Nesta fase da pesquisa iremos mostrar algumas críticas de nossos professores acerca da sua própria formação acadêmica, bem como autores que nos embasam o significado da formação acadêmica para os profissionais.

Papi e Martins (2010) falam bastante da formação de professores e da necessidade de pesquisas voltadas para essa área.

A afirmação nos apresenta a ideia das autoras que há vários tipos de formações, na verdade este é o início do texto, em que elas concebem o conceito de formação de professores. Elas levantam a questão até de que se forma professor durante toda a vida. E que o professor é responsável por sua formação, até certo ponto, pois o conceito de formação que Papi e Martins (2010) defendem é subjetivo.

A formação que as professoras Papi e Martins propõem é pessoal, pois cada profissional tem que buscar por sua formação, "*e se relaciona ao desenvolvimento humano, o que impossibilita sua vinculação restrita ao âmbito da técnica"* (s.p), apesar das professoras ressaltaram a importância da formação acadêmica continuada.

"H" cursou licenciatura em História entre 2009 e 2013, por conta da greve que atrasou sua formatura, assim como "B" e "D", que foram seus colegas de turma. "G", cursou entre 2008 e 2011, foi colega de "C", que também ingressou em 2008. Poŕem, "C" só concluiu o curso em 2012. "E" percorreu a licenciatura entre 2012 e 2013, pois só cursou as disciplinas pedagógicas. "J" estudou de 2011 a 2014. "A" ingressou em 2010 e concluiu o curso em 2014, "F" ingressou em 2007 e terminou a graduação em 2010, já "I" faz um tempo maior desde que ingressou na graduação, em 1997 e concluiu em 2001 seu curso.

Para "F", a prática é bastante diferente da teoria que aprendemos na graduação. Na sua opinião, a parte mais geral do curso foi a que mais lhe chamou a atenção. No entanto, a construção desta professora começou muito antes da formação acadêmica. "*Eu pensei que ia mudar o mundo (quando entrou na graduação), mas a gente percebe que o mundo muda muito mais a gente do que a gente muda o mundo (risos), estou muito poética hoje".*

Segundo "F", as disciplinas históricas foram as que mais lhe significaram, pois as pedagógicas se tornaram um amontoado de teorias. Sua formação acadêmica continuou no mestrado em História que realizou na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e pretende o

doutorado, para complementar esta formação, as leituras acerca de teoria da história, filosofia e sociologia estão muito presentes em seu cotidiano.

Na opinião de "A", as disciplinas pedagógicas são fundamentais na licenciatura, mas ele acredita que o compilado de discursos teóricos não faz o menor sentido sem a prática durante a graduação.

> Tem professores ótimos, só a parte da licenciatura me desanimava mesmo porque eu não encontrava muito sentido nas aulas que a gente tinha. Por exemplo as práticas pedagógicas, pra mim, eu só aproveitei a primeira. A segunda vinha com uma proposta diferente, mas acabava na mesmice. "Agora vamos falar do aluno deficiente" e falava-se num dia só "Bum" já entrava a mesma coisa que a gente já tinha visto nas outras aulas que era aquela proposta de ser um professor diferente. E essa proposta os professores não seguiam, então, pra mim, o que eu aproveitei bastante a "prática" um e dois na verdade. ("A")

"A" gostaria de dar continuidade à sua formação, porém, como ele ainda não é concursado não é interessante, pois segundo o que ele comenta é que donos de escolas particulares não pagam a mais pelos cursos extras ou formação continuada, o que o desmotiva muito a prosseguir estudando por enquanto.

Outra professora que tem críticas severas ao currículo da licenciatura é "E". Ela diz que a teoria é muito importante, concordando com "A" e que falta a parte prática ainda na graduação. Ela diz que um trabalho mais de perto com a escola seria mais significativo.

Outra crítica de "E" ao currículo é a distância entre as disciplinas, elas não convergem entre si. Por vezes são muitas disciplinas que tratam a mesma temática, mas que são ministradas independente uma da outra.

Segundo estes professores, as disciplinas têm boas propostas, mas não saem do campo teórico. "A" relatou que sua única experiência prática foi no estágio, o que o assustou bastante, pois não tinha noção do que iria acontecer.

A carga horária da licenciatura, com várias disciplinas voltadas para a educação é importante para a estes professores, mas a maioria concorda que estas mesmas são somente um monte de conversas sobre educação, "mais do mesmo" como disse "A"

"E" não complementa sua formação acadêmica, pois acredita que necessita de mais experiência em sala de aula. Ela pretende fazer mestrado na área de educação. Esta professora passou por um trauma na graduação para se formar, ela não mencionou nomes, mas algumas professoras dificultaram o processo de formatura, por isso ela acredita que precisa de mais tempo para retornar à vida acadêmica.

Para “B”, a licenciatura apresentou um currículo excelente, ele afirma que durante a graduação se identificou mais com as disciplinas de educação, frisando bem “Psicologia da Educação” e “Práticas Pedagógicas”. Tanto que quando perguntamos se ele pretende uma pós-graduação, ele responde que sim, mas sempre na área da educação. Este professor retornou para a universidade, em 2016 ele iniciou o curso de arqueologia na FURG.

“D” diz que as disciplinas de “Práticas Pedagógicas” foram ótimas, mas a que ele mais se lembra é “Metodologia de Ensino de História”, completa que é desta disciplina que mais busca inspiração para as suas aulas.

> Ora, um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que possui conhecimentos e um saber-fazer proveniente de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta (TARDIF, 2002, p.230)

Neste sentido, podemos pensar que a formação acadêmica deve ser bastante completa, para que o professor tenha instrumentos suficientes para buscar melhorar sua prática. Devemos nos atentar para um problema que encontramos: o destoante currículo mencionado pelos professores com a cobrança para que seja um professor completo. Tardif (2002) faz um panorama contrapondo as visões tecnicista e sociólogo da educação, conclui que apesar das diferenças, as duas tratam o professor como um boneco: *“ou aplica saberes produzidos por peritos [...] ou é o brinquedo inconsciente [...]”* (p.230).

Para “G” a formação acadêmica foi o que ela esperava, aulas de história e aulas sobre a licenciatura, até que no meio do curso o currículo em que ela estava inserida se transformou. As disciplinas que eram anuais viraram semestrais e isso foi bastante significativo. “G” acredita que sua formação foi defasada por conta disso, tem conteúdos que até hoje ela não domina nem sabe onde encontrar fontes para planejar suas aulas.

“G” é outra professora que critica o modelo da licenciatura com várias disciplinas amontoadas e independentes entre elas, muitos trabalhos que poderiam ter sido construídos em conjuntos de disciplinas.

> O currículo ela (a universidade) me apresentou…O que a gente.... Por isso que eu falo que a universidade ainda tá muito presa ao que o colégio também tá. Eu vi como era no colégio, a única diferença é que nós tínhamos professores que sabiam do que era dado no colégio. O Jean (professor) depois que passou no concurso… A gente fazia aula no meio do laguinho (risos)... Mas eu comecei a ver que a gente pode dar aula a partir de “Brasil” e depois ele fez um jogo, não era nem um

> jogo era… Era palestra que teve vários indígenas na época e a gente pode ver e isso eu gostava muito. E as aulas de didática e não era didática era metodologia do ensino. A professora trouxe um retroprojetor e ensinou como se liga, e eu pensei: É isso que tem que nos ensinar! Tu usar "power point" na faculdade e quando chega no colégio e tem um só e se outra pegou, tu não pode usar...Aquilo dali me foi útil de resto...A gente teve um ensino, sinceramente, bem defasado. Não conseguimos ver Revolução Francesa, não chegamos no Brasil, Rio Grande do Sul quase não teve. ("G")

"H" acredita que o currículo do curso de história proporciona a interação com a escola, acredita que a teoria e a prática andaram bastante juntas no seu curso. Ela cita os cursinhos do PAIETS, (Projeto de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior) que é uma parceria entre algumas escolas e a universidade, como uma prática durante a graduação, isso a motivou e muito a seguir a profissão. Voltando ao currículo, "H" se identificou muito mais com as disciplinas pedagógicas, pois não acreditava que iria se entregar tanto para o curso.

"I", se formou em 2001 e por isso, para ela é difícil se lembrar tanto da graduação, o que ela nos contou que a deixou bastante motivada é que hoje o currículo de licenciatura é muito mais próximo a realidade da sala de aula do que na sua época. Ela considera de grande valia as discussões atuais sobre a escola.

Para ela, que está sempre envolvida com leituras relacionadas à formação de professores, o currículo em que ela cursou tinha um discurso muito longe da prática escolar. Não tinha tantas bolsas de incentivo ao estudo, nem à docência, como atualmente. Ela se sentiu "jogada aos leões" no seu estágio. Na época que cursou a licenciatura, não tinha tantas disciplinas voltadas para a licenciatura.

Esta professora em seguida seguiu seus estudos, fazendo uma espécie de especialização e depois seu doutoramento na Espanha em História. Terminado o doutorado ela buscou fazer uma série de concursos para universidades.

O professor "C" consegue descrever a disciplina de Metodologia de Ensino de História como a que mais significou. Sua graduação ele diz que poderia ter sido mais impulsionada, ele se sentiu um pouco parado em projetos além da sala de aula, ele tentava promover outras atividades, mas não via o interesse dos professores em executar.

> Como se chama aquela cadeira que tem 1,2,3…? (Práticas pedagógicas) Tá, a minha turma tinha essa, didática e uma outra (Políticas públicas) pois é, nessa fase os assuntos convergiam. As práticas foram práticas mesmo, então toda semana a gente dava aula, praticamente, pro professor. Eu gostava, era superinteressante. E depois tinha outra cadeira que durava o ano todo também, que eu acho que virou semestral, que era, tipo… Era Metodologia de Ensino,

> era superinteressante. Quanto ao currículo, eu achei bom, só achei que faltou um incentivo à pesquisa, faltava mais projetos… ("C")

"J" pensava que o curso seria muito complicado, muito mais exigente. Se decepcionou um pouco, mas considera que o curso tem elementos bons, mas também vê uma carência de professores. Ela diz que os professores do curso estão lá há muito tempo e ministram as mesmas cadeiras, falta um frescor no curso.

> Eu quando eu entrei, eu achei que ia ser muito mais complicado, muito mais exigente. Eu até me decepcionei um pouco por achar que eu ia ter muita dificuldade, que ia ter muita leitura obrigatória, que eu ia ler livros e livros (risos), né?! Ai a gente chega e vê que a realidade é um pouco diferente. Tá certo que o aluno tem que ter autonomia, tem que ter, tem que construir o seu currículo, a sua carreira né?! Mas achei que ele seria muito mais pesado do que ele é. ("J")

O que os professores tentam explicar é que o curso de história licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande pode melhorar, principalmente reformular as disciplinas pedagógicas, que são tão significativas para a formação do professor.

Sobre a formação dos professores, Tardif (2002) constata que,

> Em primeiro lugar, reconhecer que os professores de profissão são sujeitos do conhecimento é reconhecer, ao mesmo tempo, que deveriam ter o direito de dizer algo a respeito de sua própria formação profissional, pouco importa que ela ocorra na universidade, nos institutos ou em qualquer outro lugar. É estranho que os professores tenham a missão de formar pessoas e que se reconheça que possuem competências para tal, mas que ao mesmo tempo, não se reconheça que possuem a competência para atuar em sua própria formação e para contratá-la, pelo menos em parte, isto é, ter o poder e o direito de determinar, com outros atores da educação, seus conteúdos e formas (TARDIF, 2002, p.240).

Neste sentido, o autor critica a falta de trabalhos com a versão dos professores sobre a sua própria formação, sua prática e seu cotidiano. Este sujeito tão fundamental no processo educativo é quem tentamos trazer nesta pesquisa. O autor também traz uma série de questões relacionados a esta situação.

Pontuaremos juntamente com Tardif (2002) esses problemas da questão curricular atual, que envolvem a falta de participação dos professores das escolas. Primeiro porque a formação de professores ainda tem como base muitas teorias, que por vezes, nada se relacionam com a realidade e prática escolar. Em seguida, o currículo de disciplinas é muito fragmentado.

Tardif (2002) explica que, *" como posso ser um sujeito do conhecimento se não sou, ao mesmo tempo, o ator da minha própria ação e o autor do meu próprio discurso*" (p.243).

O autor acredita que os professores têm de serem respeitados e reconhecidos como atores efetivos neste processo.

E apesar de ocupar uma função extremamente essencial na sociedade, como agentes escolares, os professores não se encontram em lugares primordiais nas estruturas escolares. Completa Tardif (2002), *"[...] eles se encontram, com muita frequência, em último lugar na longa sequência dos mecanismos de decisão e de decisão e das estruturas de poder que regem a vida escolar"* (p.243).

Os professores precisam de tempo e espaço para que suas ideias sejam debatidas, para que sejam agentes do conhecimento efetivamente na sociedade. "*Em suma, seu poder, não somente na vida dos estabelecimentos escolares, mas na organização e no desenvolvimento de seu próprio trabalho, é realmente muito reduzido"* (TARDIF, 2002, p.243).

Tardif (2002), acrescenta que em todas as suas viagens por diferentes países *"[...] pude observar, no âmbito da profissão docente, muitas divisões internas que geram lutas de poder e de prestígio, exclusões e ignorâncias recíprocas entre todas as pessoas que tem a missão de educar as novas gerações"* (p.244).

O que o autor quer dizer é que, lecionando por uma década no Canadá, ele pode notar que, em outras localidades, a profissão docente é dividida, muitas críticas, hierarquias dos saberes entre os professores dos variados níveis do ensino. Tardif (2002) acredita que se os professores desde a pré-escola até o ensino universitário se unissem veríamos o reconhecimento destes como agentes do conhecimento.

> Seremos reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes, pares iguais que podem aprender uns com os outros. Diante de outro professor, seja ele do pré escolar ou da universidade, nada tenho a mostrar ou a provar - mas posso aprender com ele como realizar melhor nosso ofício comum (TARDIF, 2002, p.244)

Tardif (2002) reconhece que sente falta de uma união entre os professores, nos anos em que pode viajar e os anos em que lecionou no Canadá, este professor constatou que conforme o nível em que os professores atuam mais esnobes se tornam em relação aos outros colegas, A questão que este autor nos coloca é que para a sociedade entender este profissional como um agente social de conhecimento, os professores precisam estar juntos e aprenderem uns com os outros

Durante este período de formação formal na academia é fundamental que haja uma identificação com os professores, afinal estamos nos formando professores também.

Perguntamos sobre professores que motivaram a seguir a docência e perguntamos sobre professores que os inspiraram a continuar neste caminho.

Todos os professores conseguem citar algum professor que o incentivou[8] na graduação, pois também consideram significativa a influência destes mestres na sua prática atual.

"A" cita dois professores que se identificou muito, o primeiro pelo conteúdo, História Medieval, e pelo conhecimento que este mestre carregava em suas aulas e o segundo por ser um indivíduo além da figura do professor. Este fato fez com que "A" o enxergasse além da sala de aula. E saber que há alguém por trás do professor é algo fundamental para "A".

"C" citou vários nomes de professores que se complementam, que ele tenta compactar na sua prática docente. Os principais foram sua orientadora no estágio e também professora de metodologia do ensino de história. Ela foi quem o motivou a saber o contexto em que o aluno está inserido; a professora de teoria da história, por ser uma pessoa que também estava iniciando na universidade e se mostrar com uma sabedoria histórica muito grande; o professor de história medieval, por ser seu exemplo de paixão pela profissão. Dentre tantos professores, estes foram os que mais significaram na caminhada acadêmica de "C".

"F" cita dois professores que mais lhe significaram a caminhada na graduação, a primeira foi sua orientadora de estágio e trabalho de conclusão de curso, por ser uma professora que tem "um chão de escola", uma pessoa que a inspirou a conhecer o aluno; o professor que ministrou história moderna, pelo conhecimento e uma outra professora que era contratada na época que lhe ministrou aulas, pelo conhecimento teórico.

> Alguns professores enquanto profissionais deixaram a desejar… Quando eu fui vendo… Alguns professores pela estabilidade que a profissão traz se acomodaram, assim… Como se aquelas práticas lá… Lá da década de noventa ou oitenta fossem práticas eternamente válidas até o fim dos tempos… Então, se acomodaram assim… Tu entra num curso cheio de expectativas e tu quer ter esse retorno, assim… Até nos primeiros momentos do curso tu quer ter esse retorno pra saber se é aquilo mesmo que tu quer mesmo… ("F")

A professora "I" não consegue lembrar de algum professor específico, pois ela disse que já faz muito tempo desde sua graduação, mas que ela sabe que teve professores inspiradores na academia.

"G", esta professora lembra com carinho dos professores que mais lhe marcaram na graduação. Ela cita três nomes que formam um conjunto "perfeito" na sua opinião. A primeira

[8] Não vamos citar nenhum nome, apenas as disciplinas que ministraram para nossos professores.

foi a professora de metodologia de ensino de história, que na sua opinião é alguém com "chão de escola", o professor de história indígena por ser cativante e sensível, ser alguém além da figura do professor e a última foi uma professora substituta, por se mostrar uma pessoa de altíssimo conhecimento teórico.

O professor "B" pôde citar quase todos os professores das disciplinas pedagógicas. Porém, a professora de psicologia vem na cabeça de imediato, assim como os professores das práticas pedagógicas e a professora de elementos sociológicos da educação. E com muita certeza, ele cita o professor de história medieval.

"J" nos contou que os professores das disciplinas pedagógicas e os que mais se aproximavam da prática foram os que mais lhe marcaram, sem citar nomes, mas disse que os professores que falavam mais da vida escolar a motivaram. "Foram os que mais me tocaram", completou.

> É muito complicado, pois quando a gente entra na universidade, entra com uma expectativa, outra que tu sai da escola e não entende muito bem o que é o professor universitário. Parece que tem uma barreira, mas teve professores que falavam mais da prática que tiveram em escola básica, aí sim… A gente achava mais real pois eles já viveram aquilo, isto toca mais. ("J")

"H", cita a professora de práticas pedagógicas como uma referência de inspiração, pela história que esta professora viveu, cita o professor de história medieval pelo conhecimento e amor à docência assim como a professora psicologia da educação.

O professor "D" aponta a professora de metodologia de ensino de história, pelos ensinamentos; as professoras de práticas pedagógicas pela experiência em escola e o professor de história medieval pela paixão dedicada à docência. "*Na universidade, pude observar um pouquinho de cada professor e aproveitar os pontos positivos que cada um deles tinha".*

"E", se formou em História Bacharelado em 2006, por isso não se lembra muito dos professores ou do currículo na época, além de que depois que se graduou foi trabalhar em outras áreas. Sobre a licenciatura, teve uma experiência negativa com algumas professoras, somente mencionou por alto o nome da professora com quem trabalhou em uma bolsa de iniciação à docência.

Podemos constatar que os nossos professores têm opiniões divididas entre os seus docentes da graduação. Alguns citam mais os professores da história mesmo, enquanto outros citam professores de disciplinas pedagógicas, promovendo um empate entre os pontos de vista.

> É a voz do professor que precisamos ouvir e dela extrair considerações que permitam compreender os entrelaçamentos de suas histórias e trajetórias em diferentes espaços e tempos de sua vida pessoal e de sua prática docente. É essa escuta que precisamos considerar antes de qualquer julgamento. Seu relato de vida, ao transpor sua voz, revela suas reais necessidades. Só ele sabe de si, das relações que estabeleceu com seu processo formativo e como ele é; só ele sabe das razões que tem para ensinar como ensina (FERREIRA; BIASOLI, p.63, 2009).

Ferreira e Biasoli (2009), contribuem para a nossa pesquisa como já mencionamos, esta afirmação traz a expectativa de que o professor tem voz e esta voz tem de ser ouvida. O professor tem de refletir sobre a sua formação acadêmica e assim, refletir sua prática em sala de aula.

Sobre a formação inicial do professor Mialaret (1991) indica que há elementos essenciais para que seja uma formação completa, são quatro pontos pilares para este autor: a primeira é que a formação de professor deve ter uma reflexão de cunho filosófico, histórico e sociológico sobre a escola enquanto instituição e os atuais objetivos da educação. Ele lança a pergunta: " Um educador, uma escola, para que?

O segundo ponto que Mialaret (1991) defende na formação de professores é a prática. *"A iniciação à prática dos diferentes métodos e técnicas pedagógicos que permitam estabelecer a comunicação educativa e optimizar essa comunicação"* (p.18).

O terceiro aspecto, segundo o autor da formação de professores, é um *"conjunto de conhecimentos científicos sobre os problemas psicológicos que permita ao educador conhecer as estruturas e o funcionamento psicológico dos alunos [...]"* (p.18).

O quarto e último apontamento sobre a formação de professores é voltado para o estudo psicológico e pedagógica da didática das disciplinas escolares. Mialaret (1991) acredita que muitas vezes se estuda sob um único ponto a didática, contudo, "*A pedagogia das disciplinas escolares não se pode, portanto, restringir ao estudo limitado de alguns processos práticos. O educador não é um robot*" (p.21).

> Já o dissemos e repetimo-lo que a formação pedagógica, assim como toda a formação profissional, deve ultrapassar o plano da iniciação a algumas técnicas ou à prática de gestos profissionais simples para integrar a acção e o pensamento, a prática e o teoria.
> Noutros termos, reencontramos, tanto para a formação académica como para a formação pedagógica[9], a dupla exigência de iniciação a

[9] Entendemos formação pedagógica o conjunto de pensamentos, ações, situações que constituem o ser professor antes, durante e depois da formação acadêmica formal.

> um subconjunto do saber e o desenvolvimento de uma cultura geral (MIALARET, 1991, p, 23).

Sendo assim, entendemos que a formação acadêmica e a formação pedagógica não se dissociam um da outra, mas complementam-se. Contudo, temos que ter esta possibilidade nos currículos de formação de professores. Mialaret (1991) completa que essa formação acadêmica em complemento da formação pedagógica e vice-versa somente é possível quando percebemos que o professor é um sujeito também.

Ainda em "A Formação dos Professores", Mialaret (1991), disserta no quarto capítulo os princípios básicos e fundamentais de qualquer formação, apontando nove elementos para tal. O primeiro ponto traz a ideia de que a formação pedagógica não substitui o saber, deve haver o conhecimento acadêmico. O segundo ponto é que deve haver uma relação entre a formação acadêmica e pedagógica. O terceiro trata da relação entre teoria e prática.

A quarta perspectiva envolve a ideia da complexidade da formação prática e de que a educação *"não se transforma ao ritmo das outras actividades humanas, exactamente porque se aceita com demasiado à vontade, que ela se pareça com o rochedo de Sisifo e porque os professores actualmente responsáveis pela formação dos jovens nem sempre sabem exactamnete o que devem fazer [...]"* (MIALARET, 1991, p.94).

O quinto ponto levantado pelo autor é que a formação dos educadores deve ter a concepção de unidade entre si, o que Tardif (2002) concorda e já foi dito antes. Mialaret (1991), acredita que "*o corpo docente deve ter consciência de unidade e fraternidade" (*p.95).

A sexta ideia é relacionada a *"coerência interna e externa entre a formação pedagógica, a vida escolar, o ensino teórico e o ensino prático*" (p.96). A sétima perspectiva trata da "individualização da formação e orientação dos indivíduos", ou seja cada indivíduo tem um ritmo de aprendizagem e que nenhuma formação será igual a outra, para o autor isso contraria toda a explanação anterior.

O oitavo elemento defendido é "unidade e diversidade da formação de todos os educadores", nesse sentido entendemos que, há um distanciamento entre as diversas formações, *"a diferença de nível dos candidatos no momento do recrutamento, as finalidades e os métodos muito afastados uns dos outros [...]"* (MIALARET, 1991, p.97).

Nono e último apontamento é sobre a constante formação e também sobre a formação inicial, assim,

> Partindo de duas constatações, banais mas fundamentais, de que não é possível ensinar tudo a um jovem professor e que as circunstâncias e

> situações que irá defrontar serão essencialmente diferentes das que encontra durante a formação, podemos afirmar que nenhuma formação actual se pode fechar sobre si própria e fixar de forma definitiva os seus objectivos. Devemos assentar, pelo contrário, que qualquer formação não passa de um elo (muitas vezes o primeiro) duma longa cadeia que se irá prolongar durante toda a carreira do educador (MIALARET, 1991, p.99).

Desta maneira, Mialaret (1991) afirma que a formação de professores não está associada somente à universidade. Sendo assim, este autor e Tardif (2002) se complementam, pois ambos acreditam em a formação é permanente. Miaralet (1991) completa que, já no ano de 1959, surgiu o ideal de que a formação não se faz somente no ambiente acadêmico, *"podemos dizer que os ensinamos, mas eles não se educam realmente. Daí a futilidade das críticas, das aulas de ensaios ou das discussões [...]"* (p.99).

Como já mencionamos, Gaston Mialaret (1991) é um autor pilar neste trabalho, em foco seu livro "A formação dos professores". Este trabalho que foi escrito há bastante tempo em Portugal, nos parece atualíssimo, além de relatar críticas e perspectivas à formação de professores.

Para encerrar o livro, Mialaret (1991) intitula o capítulo: "A formação de professores de ciências da educação", em que traça um panorama da formação pedagógica dos educadores. Segundo o autor, a formação de professores deixa a desejar, *"já que não é exigida qualquer competência particular e oficialmente reconhecida em ciências da educação para a nomeação num posto psicopedagógico duma escola do magistério*" (p.155).

> Existe porém uma solução relativamente simples para este problema. Desde 1967 que se desenvolveram nas universidades diversos institutos que preparam para a licenciatura, o mestrado e o doutoramento em ciências da educação; seria mais que razoável a criação, como acontece noutras disciplinas, de um professorado de ciências da educação que permita avaliar o nível da tripla formação prática, teórica e científica (MIALARET, 1991, p. 156).

O autor tentou mostrar alguns problemas que envolvem a formação de professores, que são problemas complexos e múltiplos, mas que ainda é possível se ter soluções para estas problemáticas. Termina com um reflexão: *"o que pensariam os pais que, para tratar de um filho, consultassem um médico que não possuísse uma formação rigorosa e compatível com a sua função?"* (p.157). Para o progresso da educação precisamos de professores bem formados, encerra Mialaret (1991).

Tardif (2002) em seu livro "Saberes Docentes e Formação Profissional" elenca uma série de problemática acerca da formação profissional do professor, de fato este livro conta um pouco de suas experiências enquanto professor, levanta os problemas e propõe algumas soluções para melhorar o ensino e a formação de professores.

> Os cursos de formação para o magistério são globalmente idealizados segundo um modelo aplicacionista do conhecimento: os alunos passam um certo número de anos a assistir a aulas baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos proporcionais. Em seguida, ou durante essas aulas, eles vão estagiar para "aplicarem" esses conhecimentos. Enfim quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos proposicionais não se aplicam bem na ação cotidiana (Wideen et alii, 1998) (TARDIF, 2002, p.270).

Para Tardif (2002), este modelo carrega alguns problemas, assim como é separatista. É separada em três pólos: os pesquisadores, os formadores e os professores, assim cada esfera opera de modo individualista. O modo aplicacionista segundo o autor funciona, porém traz uma série de problemas, pois é idealizado a partir de uma lógica disciplinar e não uma lógica da realidade dos professores.

Contudo há várias possibilidades que vem sendo debatidas e aplicadas pelo menos há vinte anos em vários países para restabelecer os fundamentos epistemológicos do ser professor, segundo Tardif (2002). O autor comenta que nos Estados Unidos, por exemplo, há a elaboração de uma coletânea de conhecimentos baseada nos saberes dos professores, esta é a primeira atitude a ser tomada, partir dos saberes profissionais de que está em sala de aula.

A segunda atitude a ser tomada deve consistir em introduzir instrumentos que sejam apropriados para a sala de aula, que sejam apropriados para a prática do professor. Tardif (2002) acredita que a terceira possibilidade como utópica, apesar de ter sido testada na Inglaterra desde 1992, *"a responsabilidade de dois terços da formação inicial*[10] *foi transferida para o meio escolar"* (p.275).

Por última passibilidade de melhorar a formação de professores, Tardif (2002) sugere que seja a atitude mais emergente de ser pensada: os professores universitários devem repensar sua prática também, principalmente os professores que trabalham com a formação de professores. *"Na universidade, temos com muita frequência a ilusão de que não temos*

[10] Neste contexto o autor utiliza a expressão "formação inicial" em relação à graduação.

práticas de ensino, que nós mesmos não somos profissionais do ensino ou que nossas práticas de ensino não constituem objetos legítimos para a pesquisa" (TARDIR, 2002, p,276).

Colaborando com o francês Gaston Mialaret (1991), António Nóvoa (s/d) seu conterrâneo, é categórico quanto à formação de professores, afirma que a formação de professores a partir do século XIX ocupa lugar central nas universidades, este fato decorre devido ao processo educacional "sair debaixo das asas" da Igreja e o professor necessitar de uma formação mais focada.

Neste texto intitulado "Formação de Professores", Nóvoa (s/d) traça um panorama da educação portuguesa desde a década de 1960 até a década de 1990. *Grosso modo*, começando que em 1960, surgem novas configurações sociais e a educação deve acompanhá-las; em 1970 tem-se o Ministério da Educação; em 1980 Portugal tem a profissionalização do professor; em 1990 há um incentivo à formação continuada do professor.

Com certeza, Nóvoa (s/d) encontra-se nas mesmas ideias com Mialaret (191) quando menciona que a formação de professores deve propiciar ao professor uma perspectiva critico-reflexiva, dando autonomia aos professores.

> A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. O processo de formação está dependente de percursos educativos, mas não se deixa controlar pela pedagogia (NÒVOA, s/d, p 14).

Nóvoa colabora em nossa pesquisa pois também vê o como uma pessoa, assim como nós que acreditamos primeiro em um indivíduo antes de ser professor. Este indivíduo está se constituindo professor, narrar este processo é interessante.

O autor acredita na construção da pessoa atrelada a profissão, esta construção deve estar sempre em exercício, que este exercício é o próprio processo de formação e é por isso que é tão importante ouvir os professores e entender que os seus saberes profissionais também são saber acadêmicos.

> Em seu artigo de 1991, "Os professores face ao saber. Esboço de uma problemática do saber docente", Tardif, Lessard e Lahaye destacam que os estudos e pesquisas sobre os saberes dos professores constituem um campo novo e inexplorado, inclusive pelas Ciências da Educação. O objetivo do artigo é discutir a problemática do saber docente, o que fazem a partir de três eixos: a formação e composição

> dos saberes docentes; a discussão sobre os motivos de sua desvalorização no corpo dos saberes sociais; a discussão do estatuto particular que os professores conferem aos saberes da experiência (MONTEIRO, 2007, p.178).

Para Monteiro (2007), os autores explanam que os saberes docentes são desvalorizados, neste artigo formulado pelos autores Tardif, Lessard e Lahaye em 1991. Os saberes da experiência ou prática vem do dia-a-dia, do que se vive na profissão e na vida, segundo a autora.

Monteiro (2007), acredita que o trabalho cotidiano é uma construção e que constrói o conhecimento é autor deste conhecimento. Neste trabalho conseguimos colocar esta ideia em vigor, dito isso, pois o trabalho todo está sendo feito a partir do ponto de vista do professor.

Um ponto que a maioria concorda ao ser perguntado sobre a motivação de cursar licenciatura é o trabalho. O acesso ao trabalho é bastante latente, além do gostar de história ou de ter um professor que inspirou.

Nossos professores prezaram o trabalho na hora de escolher a licenciatura, "ter trabalho depois da graduação", foi uma frase que a maioria falou nas nossas conversas, com exceção de "C", "G" e "I" que já sabiam que seriam professores sem levar em consideração o lado financeiro da situação, como os demais.

"A", como já mencionado, vive em um lar com os pais e alguns irmãos, por isso a contribuição financeira é deveras importante na casa deste professor. Segundo ele, apesar de ser muito próximo das ciências humanas e ter muita afinidade com a cultura *pop,* que o influenciou na decisão do curso, o acesso imediato ao trabalho foi um ponto que pesou na escolha pela licenciatura.

"F", a professora explica que se sentiria frustrada ao terminar a graduação e não trabalhar com aquilo que aprendeu na academia. Apesar de ser muito incentivada pelos pais a seguir sempre aquilo que lhe faz feliz, a professora se auto pressionava a seguir a carreira que escolheu.

Outro professor que pensou na questão financeira na hora de se inscrever para o vestibular foi "B", a partir do plano de carreira dos funcionários públicos, que previa uma aposentadoria mais confortável financeiramente optou por seguir a licenciatura, exatamente a história por já simpatizar com "coisas antigas", como ele mesmo diz.

> O que mais me motivou fazer uma licenciatura exatamente foi entrar, fazer, pelo plano de carreira do estado, fazer um curso superior an… e como eu trabalho em escola, na secretaria de educação eu teria que

> fazer algum curso ligado a área administrativa ou um curso de licenciatura pra poder fazer parte desse plano de carreira. Área administrativa eu sempre trabalhei, mas eu não era um curso que me chamava a atenção e ai dentro dos cursos de licenciatura eu fui vendo qual eu poderia gostar mais e optei pela História, não porque eu gostasse da história, propriamente dita porque eu nunca tive um professor que me incentivasse a gostar disso, como eu disse um pouquinho antes, mas por ser um curso… Quando eu comecei ler a respeito dos cursos que a FURG oferecia… Por ser um curso que eu acho que ali eu encontraria muitas respostas pra muitas outras perguntas, até perguntas que a gente se faz normalmente… da vida, como isso aconteceu… como aconteceu aquilo outro...e ali eu achei que na História eu poderia buscar… Conhecer melhor esses fatos…("B")

"J" também cita, que apesar de amar a disciplina desde a escola, de sempre imitar as professoras e os pais e irmãos a apoiarem, o trabalho sempre lhe preocupou. Pensou em escolher a modalidade do bacharelado, contudo, o campo de trabalho foi um grande fator, o fator decisivo para que ela seguisse na licenciatura.

"C" não mencionou o trabalho como fator decisivo na escolha da licenciatura. "G" também, ambos já sabiam que queriam ser professores, só não sabiam ainda de qual disciplina. Optaram pela história.

Para "H" o trabalho foi o elemento básico para ter decidido a licenciatura em história. Ela sempre amou a disciplina, mas trabalhar também era muito importante para esta professora.

"I" esta professora em algum momento decidiu que iria ser professora, assim com "C" e "G", no caso desta professora toda sua vida a influenciou para isso, no caso de "D" não. Sua motivação além de já gostar de história, optou pela licenciatura pelo trabalho.

A professora "G" era graduada em História Bacharelado, mas com o apoio do esposo voltou ao curso por conta do campo de trabalho também.

Podemos dizer, depois de conhecer um pouco mais estes professores, que a infância que alguns tiveram influenciou bastante na escolha do curso de história, nem tanto a licenciatura. "C", "G" e "I" que fugiram à regra e já sabiam que seriam professores.

2.4: A caminhada da formação pessoal e profissional

Neste capítulo, vimos o quanto a formação pessoal ou inicial influencia nas escolhas profissionais. Temos dez professores, divididos em quatro professores e seis professoras com

vidas muito distintas, tivemos uma grande dificuldade em encontrá-los e uma sorte de tê-los encontrado.

Neste capítulo também tivemos a oportunidade de conhecer estes dez indivíduos que se propuseram a nos auxiliar nesta pesquisa, conhecemos realidades bastantes distintas e que nos fascinaram por terem se encaminhado ao curso de História Licenciatura mesmo com tantos percalços, como podemos notar ao longo da leitura.

Pensamos em tentar entender os motivos ou escolhas que levaram nossos sujeitos a seguir pelo caminho da docência, entender a história de cada um foi bastante significante e muito emotivo, ao olhar o rosto de cada professor e professora lembrando da sua infância, sua vida escolar. Alguns mostravam felicidade por reviver momentos bons e outros mostravam o semblante sério por não querer remexer em certas histórias. Respeitando-os em nossas conversas, aprendi que o respeito ao que o outro fala é o mais importante na pesquisa etnográfica.

Quando nos propomos a escrever sobre o indivíduo antes do profissional também pensamos em escrever a opinião destes profissionais acerca da sua própria formação acadêmica, nessa questão as respostas foram as mais variadas ainda do que a vida de cada um. Um indivíduo é sempre uma “caixinha de surpresas”, em nossas conversas podemos constatar que alguns tem seu pensamento bem definido da graduação e outros nem nunca param para pensar nesse elemento.

Após a leitura sobre autores que nos remetem a formação acadêmica, como Mialaret (1991), Tardif (2002) e Nóvoa (s/d) constatamos que a formação acadêmica de professores no Brasil necessita ser mais próxima da realidade da escola, devemos entender que o professor é agente de saberes e utilizar destes saberes.

3. Expectativa X Realidade

Neste capítulo, discutiremos como os professores enxergam sua chegada nas instituições escolares, como os demais professores e o ambiente o acolheu ou não e como realmente está sendo, o exercício diário de ser professor.

Este capítulo procura mostrar a figura do professor em início de carreira tal como é, cada professor e sua construção, cada um em seu tempo e com suas considerações acerca deste momento.

O objetivo deste trabalho é trazer a perspectiva do professor a frente, neste momento da pesquisa não seria diferente, apoiados por uma série de leituras sobre a expectativa de professor em início de carreira, que devemos deixar claro são bastante raras, bem como a opinião dos professores que se dispuseram a participar.

Um grupo de pedagogos, Lopes, Alves, Marques, Neves (2010) que nos auxilia neste tema dizendo que,

> O professor iniciante geralmente está cheio de perspectivas e vê a escola como lugar, cujo espaço constrói concepções e saberes. No entanto, com o passar do tempo o sistema educacional traz consigo a rotina, as regras institucionais cada vez mais rígidas, os conflitos de aprendizagem e disciplina, os problemas de controle da sala de aula, levam o professor iniciante a um choque com a realidade vivenciada. Ele depara-se com a complexidade contida na atividade de ensinar, assim como, com a falta de colaboração e apoio por parte dos docentes mais experientes das escolas (LOPES;ALVES;MARQUES;NEVES, 2010, s/p)

Esta afirmativa não poderia ser mais correta, visto a realidade que estes professores e professoras presenciam, um ponto que todos tocaram em nossas conversas foi a complexa burocracia pela qual têm de passar os professores. Apesar de notar que para muitos de nossos professores, a burocracia faz parte, mas a vontade de estar em sala de aula lecionando é maior. Vontade esta advinda do início de carreira, do frescor da juventude profissional.

O olhar de quem chega para este trabalho é de suma importância, para que possamos entender este período de adaptação dos professores iniciante e como estes se sentem em relação à esta recepção do ambiente escolar.

O terceiro e último capitulo deste trabalho busca mostrar a perspectiva dos professores e professores na sua volta à escola e como chegaram até estas escolas, estes elementos são essenciais para entendermos a condição de professor iniciante.

3.1: O olhar de quem chega

Nesta fase do capitulo, vamos entender um pouco do cotidiano de nossos professores e professoras: quais séries lecionam, quanto tempo lecionam nesta instituição e como foram recebidos pelos demais docentes e gestão da escola.

Um professor, quando chega em uma escola, está entrando em novo mundo. Novas ideias surgem, novos colegas se formam, novos projetos são pensados, mas, para que isto aconteça, o ambiente escolar deve proporcionar o acolhimento deste que chega.

Assim, a partir das narrativas destes professores poderemos entender como foram recebidos, o que mais lhes chamou a atenção quando chegaram no ambiente escolar.

"D", por exemplo, leciona na Escola São Luiz Gonzaga[11] nas séries finais do ensino fundamental há três anos. Ele diz que, quando chegou na escola, teve de conquistar seu espaço para ter voz ativa dentro do corpo docente, mas hoje pode desenvolver projetos, oficinas e tudo que ele quiser na escola que trabalha. Não o aceitaram de primeira instância, pois pensaram que "D" não se encaixaria nos ideais[12] da escola. Não conseguimos acesso à escola, infelizmente.

O professor "D" consegue desenvolver um trabalho muito bom, na sua visão, na escola que trabalha. Além das aulas, ele tem, no turno inverso ao que trabalha, projetos de leituras e capoeira com os alunos, não mencionamos, mas este professor também é mestre capoeira. O trabalho de qualidade, para "D", se faz à medida que ele desenvolve projeto extraclasse com os alunos da escola. Para ele, esta é a realização profissional, este é o seu parâmetro para bom trabalho.

Este professor desempenha outra profissão: à noite é motoboy, visto que o salário como professor não lhe permite viver confortavelmente. Para ele, a maior alegria é estar na sala de aula. "D" conseguiu este trabalho na escola através de uma indicação de um amigo, mas fez todo o processo de seleção na instituição. Ele procurou a licenciatura para ter trabalho imediato, mas a questão econômica na vida dele continua sendo uma incógnita, pois ele ainda trabalha de motoboy. Portanto, a docência não lhe dá o retorno financeiro esperado para ele continuar desempenhando a profissão de motoboy.

---

[11] Esta escola é privada, fica no Bairro Cidade Nova e atende a classe média remediada, mas ao mesmo tempo tem uma política de bolsas para quem necessita, portanto atende a classe mais baixa também.

[12] Os ideais desta escola são voltados para a receptividade aos alunos, afetividade entre a comunidade e a escola.

> A estrutura física da escola não é das melhores, digamos assim, é ruim. Não é péssima, mas ruinzinha. Tem escola pública bem melhor. Nós temos um multimídia fixo, onde os professores têm que correr na frente um do outro pra agendar, então é um recurso que temos, dificilmente, disponível. Não temos laboratório de ciências. Geralmente, eu gosto de dar aula fora da sala de aula, então eu uso o ginásio, né… Uso o corredor, o pátio, a praça. Claro que toda vez que tem uma saída dessa tem um objetivo e também tirar eles daquele ambiente [...]. No meu primeiro ano, eu sabia que estavam me observando, isso é importante, pois às vezes a gente comete erros sem perceber eles. A direção me chamava: "Quem sabe tu não faz assim?" "Os alunos não estão te respeitando como devem, quem sabe tu não muda a metodologia?". São pessoas experientes que estão ali para te auxiliar, te criticam e te auxiliam. Num primeiro momento não senti acolhimento dos outros professores, pois a minha apresentação foi numa reunião no seminário Santa Cura D'ars[13], na casa de seminaristas. Cheguei isolado, não conhecia ninguém aí quando a minha apresentação, a minha fala foi superforte, a primeira impressão que eles tiveram de mim é que eu era um "nerd", super estudado que não ia conseguir me adaptar ali, que é um contexto de família, de um cuidar do outro, a preocupação é sempre o aluno. Acharam que eu não ia ter essa flexibilidade. ("D")

O professor "D", diz que depois os professores depois vieram conversar com ele e foram lhe dizendo quais as primeiras impressões que ele causou. Ele também reclama da estrutura da escola, diz que é precária e em alguns aspectos está pior que escolas públicas, principalmente quando se trata de trabalhar materiais diferenciados, o multimídia é disputado por todos os professores.

> Eles me colocaram lá em cima, "Bá, esse cara é muito inteligente". Mas a flexibilidade, ela vem como tempo e a experiência. Então, eu não fui muito bem acolhido, só que teve um momento… Foi uma semana de trabalho coletivo, onde nós fizemos trabalhos em grupo e como separaram algumas lideranças e eu fui escolhido como cabeça de chave, os professores escolhiam com quem queriam aprender e muitos queriam aprender comigo. E eu: "Cara, eu cheguei agora, o que que vou ensinar? Nem formado eu tô!". Aí eu comecei a conversar com as professoras, a maior parte era mulher, "Eu trabalho há doze anos", "Trabalho há dez anos", "Trabalho há quatro" num geral, mas muitos antigos na escola também. E eu: "O que eu vou ensinar pra essa pessoa?"; "Como vou manter meu emprego?" (Risos) Era a única coisa que eu pensava. Eu tentei mediar [...] Eles têm essa impressão minha se tem algum trabalho "Vamos perguntar pro L". ("D")

"D" chegou à escola com um vocabulário que intimidou os demais colegas, ele era "carne nova", estava tentando mostrar que também tinha competência para trabalhar naquela

[13] Casa de Formação de Seminaristas do Rio Grande.

instituição, no entanto, os professores que ali já estavam imaginaram que ele seria mais um "engomadinho[14]".

"G" preferiu que as observações fossem feitas na Escola Estadual Lilia Neves[15], pois segundo a professora, nesta escola ela tem mais liberdade de desenvolver projetos e trabalhos mais elaborados, trabalha exclusivamente no ensino médio e no turno da tarde. Na escola municipal[16], leciona para o ensino fundamental, a escola se encontra na periferia, ela encontra uma série de barreiras para a fluidez do ensino de história. Ela leciona há quatro anos, mas na escola da Vila da Quinta está há três anos e há dois na escola municipal.

Respeitar a posição do professor é algo primordial neste trabalho, por isso não forçamos a realização do trabalho na escola municipal, Viriato Correa. A escola em que "G" escolheu para nos acolher, fica em uma zona considerada rural da cidade, na Vila da Quinta. Contudo, é um local onde o rural e o urbano andam de mãos dadas, parece que todos do lugar já são habituados a mistura do urbano e do rural. Fomos muito bem recebidos por todos, desde a direção até os alunos. Mesmo em turmas que não se importavam com nossa presença, até aquelas turmas que faziam de tudo para nos agradar.

Nesta escola da zona rural, "G" parece estar muito à vontade socialmente, na sala dos professores, todos foram muito educados e receptivos, e assim como "G", os demais professores tem bastante liberdade em realizar suas atividades, muitas vezes em conjunto. Em sala de aula se mostra bastante exigente, mas ao mesmo tempo amiga dos estudantes.

Podemos observar esta liberdade. Os professores podem desenvolver projetos e desenvolvem, de fato. Tem a horta da escola, com plantas que os alunos levaram de casa para a escola. Desta horta vai nascer um catálogo em conjunto com vários professores. Há a liberdade em sala de aula de ministrar as aulas como acreditam ser mais adequado.

A professora "G" relembra a primeira impressão que teve quando chegou na escola, acredita que não foi uma experiência tão bonita assim. Quando chegou, "G" se sentiu escanteada, não era tratada como profissional. Em nenhuma das escolas que lecionou ela se sentiu bem acolhida. Somente depois do primeiro ano é que "G" começou a se sentir pertencente àquele ambiente.

> Me lembro, até… Era assim, quando tu entra pra te apresenta na escola. E eu não sou burra de ir às oito da manhã pra elas já me

[14] Expressão utilizada para designar uma pessoa distante da realidade escolar.
[15] Escola que fica na Vila da Quinta, periferia rural da cidade.
[16] Escola Municipal Viriato Correia, está localizada no Bairro Getúlio Vargas. Periferia econômica da cidade do Rio Grande.

> colocarem pra dar aula. Fui às dez e me colocaram pra dar aula igual, pra uma turma que tu não conhece, não sabe onde tá na matéria pra nada. Todas as vezes que eu passei em concurso foi assim, não é pra me apresentar porcaria nenhuma, já me colocam pra dar aula. Agora eu já tô calejada, pois geralmente é uma aula com cada um e tu faz apresentação, manda eles se apresentarem, gasta um tempão nisso. Mas o primeiro dia é horrível por que eu não sabia nada. Aqui não, aqui eu já sabia desde o início, nos colégios particulares, mas nos outros… Mas é claro quando tu pega desde o início não tem problema que eles já te deram o que cada turma vai ter e tu já participou de reunião antes, mas entrando assim não. Eu fui mandada do Revocata pro Mascaranhas quando já tinha uma professora e disseram: Olha tu não vem mais, que já tem outra que vai entrar no teu lugar. Mas que azar desgraçado, eu tirei o lugar dessa mulher duas vezes, no estado e no município, onde ela tinha contrato. Ai, tá entrei na sala, era uma sétima série, até depois eu tive um problema por que umas duas semanas depois eu tinha dito prum guri parar de palhaçada e alguém reclamou de mim dizendo que eu chamei o guri de palhaço. E outra, as outras professoras, ninguém te defende nesse início, depois que tu tá no colégio um ano tu pode ter xingado o guri de animal ai elas te defendem até o final. Tu é nova, não. Aí fizeram uma reuniãozinha e soltaram: é melhor a gente cuidar o que a gente fala pros alunos e eu pensei: Tá, é pra mim. O primeiro ano é horrível sempre. Os alunos não gostam de ti, não importa como era a antiga professora, ela podia ser um horror, ela podia ser uma maravilha, mas tu é diferente dela já é ruim. Ai no final desse primeiro ano eles começam a se acostumar contigo, porque azar, trocou, trocou… Aí o segundo ano em qualquer colégio tu pode ser tu, porque no primeiro ano tu tem que ser boazinha com eles, … É horrível… (“G”)

“G”, hoje, se mostra bastante satisfeita com o trabalho que desenvolve na Escola Lilia Neves, a escola que fica na zona rural. Porém, quando menciona a outra escola, que fica na periferia, no Bairro Getúlio Vargas, a frustração toma conta do seu semblante e até o tom de voz muda.

> Eu não falto, eu dou aula, eu passo avaliação, eu mostro como é a avaliação, eu não tô ali enrolando e quando veem que tu tá fazendo o teu trabalho, tu ganha uma credibilidade. Aula pra eles é ter coisa no quadro [...] Mas uma coisa eu sempre digo: a pessoa que não tem dinheiro no meio rural é diferente da pessoa que não tem dinheiro no centro. Porque há uma diferença entre o Lília e o Viriato. (“G”)

“G” sabe que há esta diferença entre as escolas que leciona por causa de um contexto socioeconômico bastante distantes. São realidades distantes, mas não é por isso que esta professora se sente mais à vontade na escola do meio rural, mas sim por causa da gestão das escolas e a maneira como se comportam os professores e professoras nas escolas.

“G” já lecionou em escolas privadas, o que trouxe para ela uma nova visão de gestão e de realidade escolar.

> Na gestão (da escola privada que lecionou), uma preocupação enorme se os pais vão gostar do professor ou não, assim… Mas teve uma escola que usava o material do Positivo e isso é muito ruim, por que é um módulo por aula, a tua prova não é tua, tua prova tem que ter setenta e cinco por cento do livro, que o livro traz coisas pro vestibular, que o livro traz coisas pro Enem, tu é um mero reprodutor. Quer dizer que tu não tem liberdade nenhuma. Eu era uma pra dar tudo aquilo, não tem espaço pra debater em sala de aula, nada que o aluno pergunte não tem como o aluno ter dúvida. Ai no final do ano, eu passei dois anos lá, e eu sei que sai pela metade do ano, só que eles começaram a aceitar aluno de qualquer aluno, por que a escola foi decaindo e enchia uma sala de malandro, eu dei aula numa sala com quarenta e cinco alunos, quarenta e cinco eu não conseguia passar, se um falasse eu não conseguia controlar, era horrível. Eu não consigo nem imaginar como eu conseguia isso. E na outra escola foi no máximo trinta alunos na sala, vem de bicicleta e a diretora é a favor do professor. Mas na minha primeira escola não. Mercado, uma empresa, a escola que é empresa. ("G")

Ela vê as escolas privadas que trabalhou como empresas, onde o aluno é tratado como o cliente que sempre tem razão. Outro ponto negativo que salienta são os materiais didáticos escolhidos pelas instituições, que em sua maioria "engessam" as aulas e os professores. Nem ela consegue entender como sobreviveu ao sistema privado.

"I" ao chegar no IF (Instituto Federal), primeiramente em Feliz (RS), se sentiu intimidada pelo ensino médio, mas pelo corpo discente foi bem recebida. Como eram um campus pequeno, ela criticou que acontecia muita fofoca e isso a incomodava. Quando chegou ao atual campus, aqui na cidade do Rio Grande, se sentiu mais em casa e também por um campus maior estas picuinhas não chegam até ela.

Esta professora cursou o doutorado na Espanha. Assim que findou o curso, ela voltou ao Brasil, esperando o reconhecimento do título, enquanto fazia concursos até passar para professora substituta na Universidade Federal do Rio Grande, mas ela tinha muita vontade de trabalhar com o ensino médio. Em 2010 foi chamada para IF-RS, em Feliz e o seu primeiro desafio foi moldar suas aulas para tal nível, suas aulas eram de nível universitário. *"Foi então que eu comecei a dinamizar minhas aulas e tendo mais ideias…".*

> Terminei o doutorado e voltei pro Brasil, aí foi a luta pelo reconhecimento do diploma e até reconhecerem o diploma… Eu comecei a fazer concursos, inicialmente só pra universidades isso em julho de 2007, verão lá na Espanha foi até difícil pra montar a banca por conta do verão. Mas ai terminei em 2007 e comecei a fazer concursos e concursos pra universidade, mas nem estava com o diploma validado. Eu sempre passava nos concursos, mas nunca em primeiro, sempre em terceiro ou quarto lugar. Fiz um monte, eu era uma máquina de fazer concurso até porque não consigo ficar

> parada… Eu entrei pro ensino a distância, como tutora e depois com substituta na FURG. E foi aí que eu pensei que seria tão legal dar aula no segundo grau… Bom, eu estava de substituta, mas eu me achava tão ignorante pra dar aula na faculdade. Eu lembro, eu dava um texto pros alunos, mas o que eu achava que eu teria que ler dez livros enquanto os alunos liam um, de repente eu me exigia demais. Me achava péssima. Me exigia muito, parecia que eu não colhia o que eu queria. ("I")

Depois de sua experiência como professora substituta no ano de 2010, ela acreditava que o ensino médio lhe traria outros conhecimentos. Foi fazendo mais concursos, mas dessa vez para o Instituto Federal (IF), no mesmo ano, 2010 foi chamada para ser a professora de história no campus de Feliz.

> Aí eu me lembro que eu pensei: "Queria dar aula no segundo grau, pra ver como que é", em 2009 eu já tinha feito concurso pro antigo CTI, estavam criando o Instituto Federal e no final de 2010 me chamaram, eu tinha ficado em sexto lugar ai eu tava terminando de ser substituta na FURG, até já tinha rescindido o contrato antes e eu fui pra Feliz e depois pedi transferência pra cá. ("I")

A primeira impressão da sala de aula foi na FURG, seu primeiro desafio foi ter uma turma bastante heterogênea, pessoas mais velhas que ela, além da nula experiência em sala de aula. cita a professora. Isso fez com que ela se sentisse insegura, tanto ao domínio de conteúdo quanto o da turma.

> Me sentia sem autoridade, claro, muito imatura. Tinha um aluno mais velho, devia ter uns sessenta. Ele era super mal-educado, atendia o celular na sala de aula e eu não fazia nada pois ele era mais velho… Hoje eu tenho outra maturidade. Meu choque foi um de cada idade, né?! Sempre achar que os alunos sabiam mais do que eu, mas é claro que vão saber, pois o saber é infinito (risos). Me deram disciplinas que eu nunca tinha visto, como Patrimônio Histórico… Acho que o primeiro choque foi esse. Também o choque de ver malícia de algumas pessoas, isso existe no segundo grau de forma diferente. Ai no segundo grau o que que aconteceu, sai da faculdade fui direto pra Feliz no segundo grau. Que aconteceu, minhas aulas eram muito eruditas. Não tive tempo de baixar o nível (risos) ai a diretora de ensino, que é minha amiga veio e me disse: "Carol, a gente precisa conversar, os alunos estão reclamando da aula, eles estão achando muito difíceis as aulas". E eu me dava conta que a aula não fluía. Então depois que eu comecei a conversar com outros professores e comecei a dinamizar as aulas… ("I")

Quando "I" retornou à cidade do Rio Grande teve uma experiência positiva ao chegar na sala de aula.

> Ah sim, olha! Foi uma coisa positiva! Primeiro eu achava uma coisa estranha, tem alguma coisa diferente. Cada aluno é de um jeito,

> porque em Feliz é uma cidade pequena e conservadora e por mais que exista a diferença, todos eram obrigados a usar uniforme e aqui não é. O diretor era engraçado, era cheio de tatuagem, mas era quadrado pra esse tipo de coisa. Não entendo essa oposição de valores. Os cabelos sempre cortados, tudo com o mesmo jeito. Mas era uma característica da cidade, eles não tinham a ousadia de se vestir de outra forma… E quando eu cheguei aqui era um com cabelo azul, o outro com bonezão e calção, outro com skate embaixo do braço, outra com piercing, outra com… Ai nisso eu me dei conta que eu fiquei dois anos fora dessa realidade, me chama muito a atenção essa diversidade entre os adolescentes… Nos primeiros dias eu não me dava conta, mas claro o que visa é o uniforme por isso… Outra coisa é a afetividade dos alunos, aqui eles são muito mais afetivos que lá, lá eles são um pouco mais distante, pela cultura alemã são um pouco mais distantes, educados porém distantes. Diferenças negativas, assim, alemão. Faziam tudo, não perdiam horário, não faltavam nunca. Não faltavam jamais, responsabilidade de primeira. Aqui não, aqui liberdade total só que assim, tu tem que aprender a liberdade, a usar ela senão tu te dá mal, assim que tu aprende (risos)... Aqui tem mais uma relação de carinho, de afeto, de conhecer o aluno. É diferente. ("I")

Esta professora coloca a experiência no IF de Rio Grande como a mais positiva de sua carreira, visto que já tinha maturidade de sala de aula. Coloca também a diversidade do campus como positivo e a afetividade que construiu e continua construindo com seus alunos.

"J" se mostra toda empolgada quando fala da escola em que leciona[17], realmente é uma escola com uma estrutura invejável. A professora começou a trabalhar enquanto concluía a universidade, substituindo um professor no último trimestre do ano, como ela mesmo menciona, *"Não deu nem tempo de sentir alguma coisa, foi tudo muito rápido. Eu sabia que tinha que terminar a matéria e era isso".*

A professora "J" conseguiu este trabalho, substituindo o antigo professor da escola, que saiu no final do ano, tendo que conciliar as aulas finais da graduação e trabalho final com o emprego. Segundo nossa professora, foi bastante desgastante e, por isso, ela se sentiu uma péssima professora naquele momento.

> Eu conheço a diretora antiga da escola e ela tinha um professor aqui que é professor da rede pública e ele maravilhoso, super famoso, faz teatro, ele é incrível. Ai um dia eu tava em aula e toca meu telefone e eu reconheci o número dela, ela disse: "Paola, passa aqui na escola que eu quero falar contigo." Aí eu fui na escola, aqui. E ela me falou o que tava acontecendo, que o professor tava saindo no fim do ano e ela não tinha ninguém, que ela não encontrava ninguém pra dar aula e perguntou se eu aceitaria o desafio. Por que eram turmas pequenas, eu tinha que lidar com crianças de tudo que é religião ou sem religião também. ("I")

[17] Escola Adventista está localizada no centro da cidade do Rio Grande.

A escola que a professora "I" trabalha abarca alunos do centro da cidade, pois está localizada na região central da cidade também. Apesar de ser uma instituição religiosa, adventista, há alunos que não praticam esta religião ou qualquer religiosidade, diz a professora.

O primeiro momento que ela se encontra em sala de aula, ela mesma se pressiona a ser melhor que o professor antigo. Quando "J" entrou pela primeira vez na sala de aula enquanto professora.

> Eu senti medo, porque todo mundo amava ele e quando eu fazia alguma coisa tinha um que falava: "O professor tal não fazia assim". Aí foi terrível. E eu sou baixinha, cara de criança, eu tive que chegar e me impor e ai eu não consegui ter tanta amizade com os alunos, eu fui mais rígida. Fui aprendendo. No ano de 2015 eu comecei o ano letivo, ainda estava muito rígida, por uma pressão minha e da escola, que tu tem que controlar aqueles adolescentes que tão que nem pipoca, mas foi mais exigência minha. Esse ano (2016) eu tô mais leve, depende da direção da escola. Esse diretor nos deixa mais tranquilos, ele não coloca toda a responsabilidade em cima da gente, assim. ("I")

Por ter iniciado no final do ano, "I" se pressionou muito para ser uma professora que fosse boa suficiente para substituir o professor anterior, se pressionou para mostrar para a gestão da escola que era boa o bastante. E falando em gestão, essa também influenciou para que a pressão aumentasse.

Para "F", que saiu da graduação e foi direto para o mestrado, foi um período difícil, pois ela ainda dependia dos pais, até conseguiu um emprego em uma imobiliária, onde ficou por alguns meses. Depois conseguiu um trabalho em uma escola, que largou pois conseguiu uma bolsa do programa de pós-graduação.

> Passou alguns meses, uns três meses que tava lá (no mestrado) e eu peguei o meu primeiro emprego que foi ali no Asspe[18], pra dar pra uma turma só, uma turma que ninguém queria pegar, tipo a turma dos encapetados, digamos assim. Era uma turma de vários repetentes e já tinham passado por várias escolas, foram rejeitados e não tinham um lugar, digamos assim, era regular. Fundamental regular. Aí fiquei ali três meses, trabalhando e indo lá pra Pelotas. Tinha vezes que eu ia de tarde, então eu dava aula de manhã, saía dali, pegava o ônibus, almoçava lá e ia pra aula, então depois de três meses que eu tava ali, chegou uma bolsa extra pro mestrado e eu consegui a bolsa e ai por exigência do mestrado eu tive que sair do emprego, por que pela Capes tu pode trabalhar e ter a bolsa, mas ai fica a critério de cada

[18] O Centro Educacional Asspe é uma instituição privada, que está localizada no centro da cidade. Porém atende os mais diversos alunos.

> programa de pós graduação. E segundo o meu programa a dedicação deveria ser exclusiva por que tu tem que viajar e apresentar trabalhos, tem que representar o nome da universidade, que essa é uma das exigências… Nesse período não trabalhei só me dediquei ao mestrado. ("F")

"F" leciona desde 2012 efetivamente. Esta professora se assustou quando chegou na escola pela primeira vez, uma turma enorme de EJA (Educação de Jovens e Adultos), permaneceu nesta escola de 2012 até 2015. Como já mencionamos, esta professora trocou de escola no último trimestre de 2015, parece estar bem ambientada com a nova experiência.

> Terminei o mestrado e eu tava desesperada, o meu pai já tinha investido um monte em mim e eu não tava trabalhando ai eu fiz a coisa mais louca da minha vida que foi largar currículos em lojas e imobiliárias, já tinha largado em colégio, mas não tinham me chamado né?! E o meu ex-colégio, já tava ocupado. Aí eu fui trabalhar numa imobiliária… Eu preciso me manter… Mas sai da imobiliária, recebi as três semanas que eu trabalhei e comecei a focar em achar alguma coisa na minha área mesmo. Aí passou mais uns quatro meses, eu acho, e eu vi no Anchova[19] que eles estavam precisando de uma professora de história numa instituição de ensino, não dizia onde, só tinha o telefone. Aí eu liguei e era a minha ex-escola… Na primeira vez que eu entrei na sala de aula, eu tremi na base, assim… Tinha umas trinta pessoas me olhando, tremi muito na base. Eles eram o tipo de pessoas que gritavam muito, falavam muito alto. Começa assim, toda vez que eu vou pra sala de aula meu estômago fica assim (gesticulou com as mãos, estômago embrulhado), com borboletas, entendeu?! Até hoje é assim, pois, embora tu conheça as pessoas, toda vez que tu chega na sala de aula é uma coisa nova… ("F")

Desde as primeiras experiências até hoje, um ponto que ela mencionou foi a idade. Como ela é jovem e jovem de experiência, ela sente que os alunos não a respeitam mais por conta disso. O medo e a ansiedade inicial, como já vimos com os demais é normal, faz parte do processo constitutivo do professor.

Esta professora não se sentia pertencente à escola, não se enxergava professora neste momento inicial, essa identidade ela foi moldando com o tempo de docência, que foi quando ela voltou à escola depois do mestrado.

> Foi bem melhor ter voltado lá, eu ia uma única vez lá, nem conhecia meus colegas. Eu era a pessoa mais avulsa, tipo um fantasma na escola, pisava só num dia de manhã e depois não pisava mais… Foi uma experiência muito rápida. Aí na segunda vez as coisas foram acontecendo passo a passo, foi um processo. Eu fui me apropriando

[19] Site de anúncio de serviços e empregos.

> daquilo que eu estava encarregada para fazer. Colocar limites, passar os conteúdos, cobrar quando necessário… Ao longo da convivência que tu gosta mesmo, tanto é que eu tenho alunos de lá que eu me dou bem até hoje… Tem uma aluna minha que foi fazer história, vai ser minha colega. Tem coisas, tem pessoas que tu leva pra vida, tem pessoas que passam despercebidas, que tu não lembra que ontem estava em aula… Então a minha maior dificuldade na segunda vez foi me impor como professora… ("F")

"F" trabalhou no Asspe durante três anos, somente ensino médio, para ela era melhor, como nos contou. Até que foi convidada a dar aula a noite na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com uma outra perspectiva. Tinha um material didático pronto, onde a professora teria que abarcar vários conteúdos seguindo a apostila em uma única aula. Um sistema bastante desgastante para "F", pois o número de alunos duplicou e os prazos para "vencer o conteúdo" teriam de ser cumpridos.

> A primeira vez foi terrível, primeiro que, depois que eu me senti professora eu adquiri a característica de falar e falar muito e uma coisa vai puxando a outra, … Trabalhar com o tempo contado, embora a aula tenha tempo contado tu consegue organizar as ideias, consegue interagir melhor com as pessoas. Nessas aulas de noite era só eu falando. Eu, eu, eu… Ai lá pelas tantas um perguntava alguma coisa, mas tem que levar em conta que eram pessoas que trabalharam a manhã inteira, muito pessoal da barra dali, do estaleiro, do polo então, tinha gente que dormia as vezes em aula e eu deixava… Era um público bem heterogêneo e era bem cansativo, começava as 19:30 e eu saia da escola as 23:00 por ai… Eu chegava em casa sem voz e louca de fome, então a primeira vez foi terrível, eu pensei: "o que que eu tô fazendo aqui?" Porque eu ainda dava aula de manhã lá, então foi bem difícil. Não mais pela questão do nervosismo, mas pela questão de como eu ia dinamizar meu tempo e fazer uma aula legal… ("F")

A primeira vez que pisou na sala de aula enquanto professora do EJA, para ela, não foi uma boa experiência. Uma vez que ela já havia encontrado seu espaço, sua maneira de lecionar, se sentia mais segura em sala de aula, nesta modalidade não havia espaço para ela mostrar quem era como professora. O material, as aulas, as provas a deixaram muito rígida, "engessada".

O professor "A" já lecionou no ensino regular, mas atualmente trabalha com cursos preparatórios e EJA, então apesar de sentir a burocracia, para ele a empolgação da sala de aula é maior do que a preocupação com estes detalhes.

Este professor saiu da universidade e já foi trabalhar, ele explica que foi por necessidade, durante a greve de 2012, "A" estava "parado" e sem bolsa e já pensava em

entregar currículos nas escolas. Como ele já havia estudado no Colégio Albert Einstein[20], fez amizade com o pessoal que trabalhava na escola, um dia passando pela instituição alguém lhe disse que tinha uma vaga pra professor de história. Ele estava precisando de um emprego, esta vaga veio a calhar, ele conseguiu o emprego ainda na graduação.

> Profissionalmente, foi um pouquinho assustador por que eu tava numa escola meio "punk" assim, que era o EJA fundamental. A gente sempre tem essa ideia de que o EJA é super legal trabalhar pois é um público misto, é aquele guri de dezesseis anos e outro de quarenta, então o cara já vai meio iludido pro EJA. Pela manhã. Então o EJA fundamental pela manhã pelo menos onde eu trabalho é muito "punk", pois tu chega do intervalo e a aula tá fedendo a maconha, tem vários casais se "pegando" e tu pede pra parar e quando tu vê já rola uma brincadeira: "ah, o professor tá na seca!". Um público extremamente caótico. Eu enxergo eles como pessoas com problema, eu sempre falo isso na sala de aula. Pra mim, esses caras tem problemas de convivência, não tem limite nenhum, não sabem de onde eles são… Então quando eu entrei as instruções foram: "S, te cuida com as tuas coisas que os caras podem roubar". Então eu entrei lá com aquele sentimento do filme Mentes Perigosas… (risos). Foi assustador, muito assustador e essa foi a primeira impressão… ("A")

"A" teve uma péssima primeira experiência. Caótico é como ele mesmo define este primeiro momento na escola enquanto professor. Ao longo do tempo, ele disse que foi se acostumando a este ambiente, ao longo do tempo foi aprendendo a dominar mais as turmas que trabalha.

> Professor novo, eles param tudo pra prestar atenção, e como eu sou um cara que gosta de brincar, tô sempre… Puxando alguns exemplos engraçados, quando um cara tá conversando eu sempre falo alguma coisa engraçada pra ele ficar quieto e todo mundo ri. Sempre peço as participações… Só que eu não tinha a experiência que o professor não pode ser totalmente várzea, sempre alegrezinho…Mas já me serviu pra me moldar, que bom que eu posso ser assim, que eles aproveitam, mas eu não posso ser totalmente assim e isso eu levei pro cursinho. Pro pré IF, que é um público de quatorze, quinze anos. Que eu sou assim, mas já dou umas mijadas. ("A")

Passado o susto inicial, "A" já consegue se sentir mais maduro em relação às turmas, consegue ter mais domínio do conteúdo e lidera com pulso firme os que bagunçam mais. Também aprendeu que ser professor é dosar a bondade, a sensibilidade e a rigidez.

[20] É um colégio privado, que está situado no centro da cidade, mas acolhe alunos de diversas localidades, principalmente por oferecer a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

As escolas[21] que "A" leciona são privadas, por isso na sua visão as duas tratam os alunos como público, as escolas funcionam como verdadeiras empresas.

> As escolas privadas tentam fazer, tentam mesclar. Nem privar tanto, nem dar tanta liberdade, que se tu começar a privar muito, esse aluno é um cliente e esse cliente vai sair. Então ela tenta arranjar um meio termo. O que às vezes é ruim, em algumas administrações por que… No primeiro ano que dei aula, a escola tava mais interessada em trazer o aluno do que fazer com que o aluno não saia de lá, a gente tava tendo muita evasão. Então, teve um dia que um cara levou uma faca pra escola e só deram um mijãozinho nele: "Olha, não pode trazer faca pra escola". E acabou por ai. Se suspender, ele não vem mais. Então, dependendo da administração tem muito dessa coisa de olhar o aluno mais como um cliente, essa parte da escola privada é complicada. Por outro o Cesam[22], por exemplo, como já tem um público certo, então, tratava o aluno como aluno, lá não tem essa… ("A")

Tendo como aspecto negativo este olhar para com o aluno, "A" reforça que pode ser um aspecto negativo, visto que o aluno é sempre ludibriado a permanecer naquela empresa e por sua vez para o cliente sempre tem razão essa empresa vai fazer de tudo para ele permanecer.

Sobre a acolhida de seus colegas professores, ele não fala muito, somente que tem bom convívio tanto com os colegas do Albert Einstein quanto com os do Liderança. "I" disse que consegue desenvolver projetos com os colegas do Liderança e que antes fazia também no Cesam. Somente no Albert Einstein que os demais professores não trabalham em conjunto.

"B" é a mesma história, não recai sobre seus ombros a burocracia de um professor do ensino regular, visto que leciona em curso preparatório para o IF-RS (Instituto Federal do Rio Grande do Sul). Estes cursos não tem uma característica burocrática, mas sim um ponto extra na vida curricular dos estudantes, não tendo aquela habitual cobrança da escola, até podem ser considerados "alívios" na vida do aluno.

> Só no trabalho de educação popular, um trabalho voluntário. Mas já ajudei, já fiz, já fiquei em sala de aula mais de um mês, atendendo alguma turma num problema de uma doença de uma professora, uma colega da área de história que se afastou e eu assumi, eu a pedido do diretor da escola mesmo aqui e eu nem tava totalmente formado ainda, foi no ano de 2010/2011, que eu assumi uma turma pra eles terem aula. E a minha impressão foi que, o primeiro momento que tu

[21] Colégio Albert Einstein, que tem ensino regular e EJA e Escola Liderança, que é voltado para cursos preparatórios, ambas se localizam no centro da cidade.

[22] Cesam é uma escola de ensino fundamental e médio, privada, que se situa no Bairro Cidade Nova. "A" lecionou durante um ano nesta escola, porém hoje não trabalha mais nesta instituição.

> entrou, que eu entrei na sala de aula, que me deparo na frente de jovens, adolescentes e até adultos quando se dá aula no EJA, como eu fiz um trabalho desses e hoje eu dou aula no pré IF que são alunos de nono ano, a minha primeira impressão todos os anos quando eu início a turma é, é uma coisa, assim, de um medo, um desafio, "Será que eu vou conseguir atender aquela turma?", "Será que eu vou conseguir satisfazer o interesse deles?", "Será que eu vou conseguir suprir a dificuldade que eles tem?" . Ajudá-los, realmente e aí com o passar dos dias, conforme vai passando as aulas, eu vejo que eu…("B")

"B" nos conta que sentiu muito medo quando entrou na sala de aula novamente enquanto professor. Foi "quebrando um galho" para professora de história da escola[23] que trabalha como secretário que ele teve esta primeira experiência. Foi muito impactante, pois, primeiro não foi uma turma que trabalhou desde o início e segundo uma turma que ele não conhecia os conteúdos, mas foi. Com medo, se sentiu desafiado, assim, como toda a vez que ele entra na sala de aula do curso preparatório que leciona.

Este professor, por já trabalhar na escola como secretário há quase trinta anos e lecionar no curso popular Acreditar que é uma parceria entre a universidade e a instituição escolar, há seis anos, tem uma relação muito boa com a gestão e com os demais professores. De todos os sujeitos desta pesquisa, ele é o único que já estava ambientado à escola e principalmente, acostumado com os desafios da profissão.

Aos poucos, ele saiu do papel de secretário para desempenhar a função de professor, por mais que as duas se confundissem no início. Hoje ele mesmo, tomou a postura docente para si.

> Eu acho que eu vou conseguindo superar isso, eu vou superando em mim mesmo esse receio, esse medo e muitas vezes eu fico sem saber, às vezes o que responder de algum questionamento, mas eu procuro buscar depois, como sempre se disse isso na universidade a gente não é detentor do saber total, a gente tá sempre aprendendo e eu procuro fazer isso, mas eu muitas vezes vou pra sala de aula até um pouco nervoso, digamos, e com receio. ("B")

Aos poucos, passado o primeiro desafio na sala de aula enquanto professor, "B" se diz mais à vontade para lecionar e para mostrar que está mais seguro de si. Por mais que às vezes ele ainda tenha medo, ele enfrenta. Ao longo do tempo, vai conseguindo se moldar a profissão.

[23] Escola Estadual Engenheiro Roberto Bastos Tellechea, que fica localizada no Bairro Parque Marinha do Brasil. Este bairro fica bastante afastado do centro da cidade, no meio do caminho entre a cidade e o Balneário Cassino.

"H" começou a nossa conversa dizendo que achava que não ia aproveitar nada do que viu na graduação em sala de aula, mas que se enganou. Contudo, ela consegue fazer a ligação entre universidade e realidade escolar, claro que isto é um desafio diário.

O primeiro emprego como professora surgiu no final de 2014, mas ao sair da universidade "H" trabalhou em outras áreas, principalmente administrativas. Ao passo que continua trabalhando na área administrativa de uma escola de cursos Técnicos, Senac.

No final de 2014, soube que havia uma vaga no Colégio Cristo Rei[24], como já tinha alguma amizade com as irmãs[25] que trabalham na escola, ela deixou currículo na escola, participou do processo seletivo e conseguiu a vaga para ser professora.

> Quando me formei comecei a largar currículos, inclusive ali. E por elas já me conhecerem e conhecerem a minha família me chamaram para a seleção quando foi preciso. Eu participei do processo de seleção. Foi basicamente entrevistas que a gente fez, duas sequencias de entrevistas. Primeiro foi uma entrevista sobre o meu currículo mesmo, conversaram comigo, me conheceram um pouco mais, pois na verdade era a coordenadora e uma irmã que eu não conhecia, que eu não tinha afinidade. Foi do zero. Então. Ela começou a questionar, mais pra conhecer o meu perfil mesmo. No segundo momento foi mais pra saber como eu trabalho, como seria a minha proposta pedagógica. Eu não precisei dar uma aula pra elas, mas foi basicamente isso… Ai arrumei o emprego! ("H")

O primeiro emprego como professora a deixou bastante contente, mas a sobrecarregou ao mesmo tempo, pois não iria se demitir do outro trabalho. Claro, que ela menciona com entusiasmo a nova conquista, deu algumas risadas quando perguntamos sobre o primeiro impacto na sala de aula enquanto professora.

> O início foi muito louco. Bá. Eu comecei em dezembro, o processo de seleção e fui até janeiro. Em janeiro que eu fui lá pra ver os livros que a escola trabalha, e eu pensei: "Meu Deus, agora é sério!". Eles já tinham os livros escolhidos pela antiga professora. São três anos que se trabalha com esses livros, então eu preciso trabalhar com eles estes livros ainda. Mas aí, quando eu me senti mesmo, que ia ser professora, foi quando elas me chamaram pra entregar o livro, os dias das reuniões, do início do ano letivo. Eu fiquei apavorada! Aí as aulas começaram em fevereiro de 2015. E eu tinha menos de um mês pra me preparar… Ai meu Deus. Dá um gelo, dá um medo, um medo. Eu já tava acostumada a dar aula, dei aula no PIBID, dei aula nos estágios e no PAIETS, mas ser regente de uma turma é diferente. É um

[24] O Colégio Cristo Rei fica localizado no centro da cidade, atende alunos da classe média remediada e uma classe mais baixa advinda do Bairro Getúlio Vargas. A instituição tem um sistema amplo de oferecimento de bolsas para todos os alunos.
[25] Há muitas freiras que trabalham na escola, por ser um colégio católico.

> trabalho, tu ficar com eles o ano inteiro. Vais ter que preparar cronograma, preparar aulas, eu não sabia nada. (“H”)

Então, “H” chega novamente na escola agora enquanto professora se sentindo com medo, como seus demais colegas. Não se sente ainda professora, apesar de já ter lecionado antes em outras fases da vida, agora era a hora que ela ia encarar a realidade escolar de frente e com seriedade, não que nas outras etapas não tenham sido sérias, mas dessa vez “era pra valer”.

> E aí a minha primeira reunião com as professoras foi bem perto de começar as aulas, foi numa semana e durante três dias e na outra já começavam as aulas, ai foi… Que eu fui me tranquilizando, elas me receberam super bem, a equipe de professores também me receberam super bem. Esse foi o diferencial, a gente se sente acolhida. Pelo menos eu me senti bem acolhida… No meio do ano sempre tem reunião de formação, mas nessa primeira reunião não. Mas não deixa de ser formação, pois conhecemos o projeto Político Pedagógico da escola, o regimento da escola, o que a congregação, como é um colégio católico, a gente precisa saber pra trabalhar. Então, eu me senti mais tranquila, mais calma, as professoras já foram me dizendo, dando dicas… Mesmo assim, o primeiro dia de aula… (“H”)

O primeiro impacto de “H” foi saber que seria professora naquela escola, ela menciona que a primeira reunião que ela participou foi fundamental para ela se sentir mais acolhida, mais a vontade no ambiente escolar. Conhecer um pouco mais das ideias da escola, através do Projeto Político e do regimento escolar, assegurou que “H” chegasse à escola mais situada na realidade daquela instituição.

Do primeiro dia de aula a professora “H” lembra muito bem que se sentiu desafiada.

> Foi um desafio. Eu era a professora nova pra eles. Eu acho que foi no sétimo ano, que hoje eles estão no oitavo, que dei a primeira aula. Então, o que que eu tinha medo? Da resistência deles, eles tinham uma outra professora, uma outra metodologia, que na verdade, tu pode acabar seguindo os passos, mas tu é outra pessoa… Eu tinha medo de aceitação mesmo. Como que eles iam me ver, eu tinha muita insegurança, mas foi muito bom, eles me receberam muito bem. Eu lembro que no primeiro dia, eu fiz dinâmica de apresentação, eu não dei aula. Fiz a dinâmica de apresentação com balão, dei bombom, meio que comprei os alunos (risos)... Que era pra isso, como que eu vou chegar lá ? É difícil, eu que tô chegando… Foi muito bem, até agora não tive problemas graves com eles. (“H”)

A professora “H” lembra dando risada deste primeiro momento na sala de aula, onde conquistou os alunos com bombons e mensagem de boa volta às aulas. Porém, para “H” é importante que o professor seja acolhedor também, a acolhida tem que vir de ambos os lados, dos alunos e dos professores.

Aos poucos, “H” foi se acostumando com a realidade escolar e foi conhecendo os alunos e as turmas. A escola é católica, mas acolhe alunos de todas as religiões ou alunos sem religião também, já que a gestão da escola se mostra bastante flexível quanto a isso.

“H” já fez parcerias em feiras interdisciplinares com as professoras de religião, geografia e artes, a escola mobiliza feira de ciências também. Segundo “H” a gestão se faz fundamental para que a escola seja um ambiente tranquilo e de aprendizagem bem-sucedida.

“E” é a que mais critica este modelo burocrático ela diz que “*professor gosta é de dar aula, mas se estressa é com a papelada que tem que ser preenchida”,* completa a professora que se sente muito bem na escola em que trabalha. Ela diz que não troca de escola por nada.

Neste início de carreira, “E” já tem uma mente crítica muito forte, em toda sua narrativa ela se mostra um indivíduo crítico.

A professora acredita que aula sem confronto não é aula, que não planeja aula, se planeja conteúdos, mas que na nossa área há muito discussão na sala de aula. Também diz que muda a cada ano os planos de cada série.

Em cada aula ela utiliza elementos da cultura “pop”, conta piadas para quebrar um pouco o gelo e aproximar o aluno do professor.

> Pelada, me senti nua quando cheguei na sala de aula. Foi num concurso… Eu já tava estudando pra concurso há muito tempo, então português foi mais… mais fácil. E estudava bastante leis. Eu passei no concurso em 2012 e eu ia me formar naquele ano. Ai a FURG entrou em greve e me chamaram, mas eu não pude assumir, por que não tinha me formado, não tinha feito nem estágio… Não deu e eu olhava o papel e só chorava. Ai em seguida que passou esse concurso veio o concurso para mais vagas, aí eu passei. No primeiro concurso eu passei em primeiro lugar, no segundo em oitavo. Em seguida me chamaram, a saga toda quem acompanhou foi ele (o marido)... Quando eu fiz o segundo concurso já tinha me formado… Fui pro Bibiano, a senhora que estava lá já ia se aposentar e no fim não conseguiu… Eu já tinha feito o estágio lá, já estava habituada a escola, achei um clima muito bom. Me jogaram no sexto ano, médio não me jogaram ainda, mas meu sonho é pegar o magistério. Dei aula no Bibiano duas semanas, como o caso com a professora não deu certo eles (a 18ª Coordenadoria de Ensino) me transferiram… Aí me colocaram no Juvenal… (“E”)

A professora “E” passou por muitas situações complicadas até chegar à sala de aula, seu primeiro concurso ela não conseguiu assumir pois não tinha concluído a graduação. Houve uma professora que tentou ajudá-la, mas como ela ainda não tinha se matriculado na disciplina de Estágio Supervisionado, a professora não conseguiu fazer mais nada por “E”.

Em seu segundo concurso, em 2013, ela havia se formado, passou e foi convocada, conseguiu assumir. Seu primeiro dia como professora do Estado do Rio Grande do Sul foi na Escola Estadual Bibiano de Almeida.

> Cheguei já assim, peguei um sexto ano. Eu cheguei e ninguém veio falar comigo sobre planejamento. Eu que fui pedir por que eu entrei crua. Não teve ninguém pra me dar uma orientação, supervisão, nada. Eles (da escola) já achavam que eu sabia de tudo, mas eu não sabia de nada. Ai que fui chegando e perguntando pros professores mais velhos como é que fazia, sobre a burocracia, a chamada, sobre o caderno, que eu ainda não aprendi… Ai G, arruma isso… No Bibiano eu acho que foi mais acolhedor, por ser um colégio menor. No Juvenal não. Depois tu te acostuma, tu cria uma maturidade… ("E")

"E" não se sentiu acolhida no Colégio Juvenal Miller, escola que leciona há quase dois anos, no Bibiano de Almeida lecionou por duas semanas somente, mas se sentiu melhor recebida. Quando chegou a escola se sentiu desarmada e pior, sem ninguém para se amparar. Teve que aprender a caminhar sozinha, ou como dizemos no cotidiano, "teve que aprender na marra".

Este foi o primeiro choque para "E" que pensou que a escola fosse um ambiente de solidariedade, também cita a falta de interesse dos alunos em aprender, ela sempre dá "mijadas" nos alunos.

"E" acredita que a função do professor é interligar as informações, ele não detém o conhecimento total, na sua opinião. Também não existe aluno burro, existe aluno que não aprende de determinada maneira. Ela tem uma aluna no sexto ano, que *"todo mundo diz que é burra, mas ninguém procura a solução pro problema de aprendizagem*" ("E").

"C" está em processo de se entender ainda enquanto professor, tem alguns desafios a enfrentar e que o seu cotidiano escolar parece uma "montanha-russa", tem dias que são muito bons e dias que são muito ruins. Como os demais professores, "C" está se construindo enquanto professional.

Lembra da primeira vez que entrou na sala de aula enquanto professor,

> Eu lembro que eu entrei e saí (da sala), eles achavam que eu era aluno, né? Um cara novo. Eu entrei larguei as coisas, assim, na mesa e sai. Aí pensei: não, eu tenho que voltar! Aí voltei. Eu fui me treinando, né?! Me deu muito medo. Eu me lembro que nas primeiras semanas eu vi um post de uma pessoa que era de uma outra graduação, tava fazendo estágio, ai o post dizia assim: Posso trocar de turma, mas eu pensei: Eu não tenho essa opção, mas… Foi medo, bastante medo no início, não dos alunos, mas de ser insuficiente e querer agradar sempre. Depois eu descobri que não é possível. ("C")

Este professor diz que foi bem recebido pela gestão da escola e pelos demais professores.

> Pô, me recebeu muito bem, ficaram muito felizes. Todos os anos eles fazem uma reunião no início, onde eles me apresentaram e foi muito legal. Claro, que nos outros turnos eu não tenho convivência e eu sou barrado na porta, que eles acham ou que sou estranho ou que sou aluno que já saiu da escola e quer entrar de novo, que eu gosto de usar uniforme, não sei… É mais fácil de limpar. Não tive nenhuma resistência… Tanto é que já tinham me colocado seis horários pra dar aula de sociologia, mas não aceitei… Foi bem tranquila essa aceitação. ("C")

Esta acolhida para "C" foi significativa, na sua narrativa podemos entender que ele estabeleceu um contato de parcerias com os seus colegas, facilitando aplicação de projetos extra-classe na escola. Ele comenta um fator que o deixa chateado: a falta dos professores. Quando um professor falta a aula, desestrutura toda a escola e, por consequência, todo o planejamento que "C" havia feito. Mas no geral, este professor elogia bastante a relação que estabeleceu com os colegas.

Os desafios que este professor enfrenta diariamente ele cita:

> Quanto ao conteúdo é assim, tem muito conteúdo bom que fica de fora ou, as vezes o conteúdo grosso. Tem oitenta por cento do conteúdo, mas tu tem que dar vinte por cento só. Isso é uma coisa que não acontece, tem que ter uma cartilha de conteúdo. Eu uso o livro só pra coisas muito rápida, tipo: Façam as questões da página tal". Com a matéria do caderno, eu exijo caderno, livro… Como são três turnos, né?! Não tem livro pra todo mundo ou se levam pra casa, eles não trazem de volta e as meninas usam só bolsa de mão aí não cabe… Enfim… Os desafios, tá tem essa questão do conteúdo que as coisas boas eu não posso dar. ("C")

Para cada professor analisamos um desafio diferente, "C" fica incomodado com a questão do conteúdo. Ele afirma que de cem por cento do conteúdo programático, o professor seleciona oitenta por cento e destes só consegue ensinar vinte por cento, assim muitos assuntos interessantes acabam ficando de fora.

O processo de adaptação é para cada um de uma maneira, Nóvoa (S/A) já dizia que cada construção acontece de um jeito diferente. O professor em início de carreira por vezes ainda não parou para pensar nesta fase de sua vida, mas com certeza é um período decisivo e de fundamental significado, é neste momento que designa se o professor permanecerá na profissão e também vai se desenhando que tipo de profissional este professor deseja ser.

> O professor constrói seus saberes, sua cultura e seu conhecimento desde o início de sua carreira e vai sendo aprimorado ao longo de sua vida profissional. Na medida em que o sujeito-profissional iniciante

> lida com os percalços da carreira e de como ele se estabelece, evidencia-se o processo de aprender a ensinar (LOPES;ALVES;MARQUES;NEVES, 2010, s/p)

Este grupo de pedagogos escreveu em um artigo, "O professor em início de carreira: a arte de ser educador", em 2010 sobre os desafios que os professores em início vivenciam e sobre as expectativas destes frente à sala de aula. Trabalho que colabora com o nosso, visto a temática muito próxima, na afirmação podemos entender que esta primeira fase do trabalho docente vai sendo moldado ao longo dos desafios enfrentados pelos professores e professoras.

Ao longo da carreira o professor vai se modelando, encontrando nos desafios, nas problemáticas diárias a sua identidade profissional, pode ser que não seja no primeiro ano ou no segundo, pode ser que esse processo demore mais ou menos, isto vai depender dos fatores que são enfrentados cotidianamente e depende do tempo que cada indivíduo leva para se construir. Na verdade, o ser professor pode ser um eterno exercício de construção e desconstrução.

É interessante que estes primeiros anos da prática em sala de aula seja tão marcante na vida profissional do docente. Muitos dos autores que colaboram com este trabalho afirmam que é um período decisivo na vida dos professores e os nossos professores não refletem sobre este fato. Pelo que entendemos, estes dez professores estão tentando se acostumar com o cotidiano da profissão, mas não param para pensar o quanto este período é significativo.

Os professores com que conversamos, não parecem pensar muito neste início docente, se repensam enquanto professores, mas enquanto professores iniciantes não.

Enquanto estamos na graduação criamos muitas expectativas em relação à docência e por mais que o curso tenha o seu "quê" realista, não adianta, continuamos idealizando as situações futuras, as relações que teremos com os colegas e com os alunos, expectativas fazem parte no momento da graduação.

A idealização pode ser considerada um problema, visto que as pessoas são diferentes, a cada turma serão enfrentadas situações diferenciadas

Durante a graduação também somos postos à prova de muitas teorias educacionais, os currículos atuais contêm as reformas educacionais ocorridas ao longo da história, desta maneira temos noção dos rompimentos e continuidades educacionais. Mas a dúvida que sempre fica é como aplicar na prática a teoria que aprendemos? Sabemos que cada professor tem seu tempo de adaptação e de construção e é neste tempo que cada professor encontrará a resposta para esta questão.

Ainda na graduação somos postos à tantas teorias, que começamos a criticar algumas e aceitar outras, neste momento vamos tentando nos moldar o tipo de professores que queremos ser, mas como o processo de construção de identidade não depende somente de nós, mas também de um conjunto contextual, algumas teorias que criticávamos vão sendo incorporadas em nosso cotidiano de práticas.

O nervosismo faz parte da vida do professor em iniciante. Este fator fez e faz parte da maior parte de nossas conversas, pois é um sentimento que se faz presente. Os professores, todos, relataram que sentiram e ainda sentem o nervosismo ao entrar na sala de aula. O medo combinado ao nervosismo também é relatado, mas não medo de dar aula, os nossos professores dizem que não sentiram medo de dar aula, mas de serem insuficientes a demanda dos alunos.

Para Papi e Martins (2010), no processo de aprender a ensinar, como denominam as autoras, existem quatro fases pelas quais o professor tem de passar, são fases distintas. A primeira que chamam de "pré-treino", que é o conjunto de experiências vividas pelos futuros professores, vivências que os influenciam a seguir à docência. A segunda fase é a "formação inicial", que é a formação acadêmica formal. A terceira fase é a "iniciação", que diz respeito aos primeiros anos da vida profissional, esta iniciação que estamos tentando narrar nesta pesquisa. E por último, a fase "permanente", *"relaciona-se ao período que inclui as atividades de formação planificadas pelas instituições e pelos próprios professores ao longo da carreira, a fim de permitir que o desenvolvimento profissional seja um processo constante"* (PAPI; MARTINS, 2010, s/p).

> Embora se considere que possam estar inter-relacionadas, tais fases são apontadas como momentos diferenciados da profissão. Além disso, enquanto objeto de investigação na área de formação de professores, elas têm sido privilegiadas em maior ou menor quantidade, dependendo do momento histórico em que se encontra a pesquisa educacional brasileira. Isso porque, na mesma medida em que as pesquisas costumam acompanhar o movimento que se constitui em torno de diferentes temáticas a serem investigadas, também influenciam a determinação do encaminhamento desse processo (PAPI; MARTINS, 2010, s/p)

São momentos que se relacionam, mas devem ser observados individualmente, no nosso trabalho, como sabemos, estamos tentando observar a fase da iniciação docente, que, como as autoras mencionam, não temos muita produção sobre. O que é uma pena, visto que é um tema bastante vasto. As autoras só contribuem para o nosso pensamento de que no Brasil, a pesquisa sobre a figura do professor e da formação profissional ainda se mostra incipiente.

As autoras Papi e Martins (2010) fizeram um levantamento da tendência de trabalhos que envolvem professores iniciantes.

> a) levantamento, por meio dos títulos disponíveis na página on-line da ANPEd, das pesquisas sobre o tema "professores iniciantes" apresentadas na 28ª, 29ª e 30ª reuniões, nos GTs 4, 8 e 14;
> b) leitura dos textos das pesquisas selecionadas nos GTs 4, 8 e 14, disponibilizados na página on-line da ANPEd;
> c) análise dos resultados dos trabalhos de Mariano (2005; 2006) disponibilizados na página on-line da ANPEd;
> d) pesquisa sobre o tema professores iniciantes no banco de teses da CAPES, por meio da busca de palavras exatas, nos anos de 2000 a 2007[4] trabalhos de mestrado e doutorado;
> e) análise da investigação denominada *Estado do Conhecimento sobre Formação de Profissionais da Educação (1997-2002)* (BRZEZINSKI, 2006), bem como leitura dos títulos de pesquisas apresentados pela autora e dos resumos dos trabalhos cujos títulos foram selecionados. (PAPI; MARTINS, 2010, s/p)

Sem pretensão de ser feito um estado da arte, as autoras levantaram dados que nos auxiliam a entender onde está a pesquisa que tanto nos interessa, Papi e Martins (2010) utilizaram palavras-chaves para coletar os dados desta pequena pesquisa.

> No tocante ao teor das pesquisas, a maioria dos trabalhos enfatiza, de forma descritiva e analítica, os processos de constituição da prática do professor iniciante, seus saberes, socialização profissional, pontuando, inclusive, dificuldades e possibilidades utilizadas pelos professores para resolvê-las. Entretanto, duas pesquisas relacionam-se ao desenvolvimento de propostas específicas para facilitar a inserção profissional do professor iniciante, diferenciando-se das demais (PAPI;MARTINS, 2010, s/p).

Podemos concluir que as pesquisas sobre o professor iniciante e principalmente esta fase em que está iniciando seus caminhos na profissão é uma área bastante carente de trabalhos e também estamos carentes de pesquisas voltadas para o professor enquanto indivíduo além do profissional.

A fase de iniciação para as autoras, Papi e Martins (2010) e tantos outros professores-autores que contribuem para esta pesquisa, a fase de início docente é um marco na carreira destes professores. É um momento único, no qual o professor se vê diante das contradições e alegrias da profissão.

Poucos são os professores que realmente pensam em si neste momento. A reflexão existe, porém, os professores nos relataram a reflexão do trabalho em si, na sua prática. Não nos foi dito por nenhum de nossos professores se eles entendem a si mesmos como professores iniciantes e/ou pensam sobre isso.

"H" nos mencionou que se pega pensando neste momento de início docente, não chega a nenhuma conclusão além de que ser professor é também exercitar a reflexão sobre si próprio. "C" não reflete sobre este momento, ele exercita o pensamento sobre a sua prática e em como ele pode melhorar enquanto profissional.

"I" também, prefere pensar em sua prática e como melhorá-la, assim como "G", são professoras que se consideram em construção. "J" é mais uma professora que se pensa somente enquanto professora.

"E", está em um período da carreira que não consegue distinguir onde termina o sujeito e começa professora, se considera em mudança o tempo todo. Assim, como "B", que acredita estar sempre mudando sua prática.

"F" e "D" se pensam enquanto indivíduos além do profissional, além de refletirem sobre a sua prática e "A", que assim como "E" não sabe onde a seu pessoal termina e onde começa o seu eu-professor.

Esta fase da vida profissional é deveras importante, também, por estar sendo construído o professor que se quer ser. E por ainda estar disposto a se pensar e pensar a prática que faz.

> É indispensável ao docente no início de sua carreira que ele reflita sobre sua prática, troque conhecimentos e articule com clareza ao longo do processo de formação com os sujeitos que formam a sociedade, já que ensinar faz parte de um processo inconcluso que surge da seriedade, do compromisso e do respeito à autonomia dos indivíduos (LOPES;ALVES;MARQUES;NEVES, 2010, s/p)

Para este grupo de pedagogos (2010) a prática é também a interação com os demais sujeitos que formam a sociedade, ou seja, outros professores. Na sua opinião, ser professor é um processo dinâmico, plural e sem conclusão, visto que depende do comprometimento de indivíduos.

A partir das observações feitas em algumas escolas podemos notar que é no cotidiano, na sala de aula, nas situações de estresse e situações de alegrias que se constituem os professores, nossos colaboradores também acreditam nesta afirmação.

Nove entre dez deste grupo de professores e professoras não acreditam ou não acreditam mais em vocação. Somente a "H" menciona que ainda acredita na vocação de ser professor, apesar de acreditar também em construção docente.

O que queremos expressar é que quando perguntados se acreditam na vocação de ser professor, este grupo exceto "H" responde que não acredita. Com esta questão queremos saber quais destes professores sente que nasceu predestinado a ser professor. "C" já acreditou, hoje

ele pensa diferente. “H”, no entanto sente que a vocação caminha junto com a construção, esta professora acredita na vocação enquanto sua construção.

3.2: Caindo na Rotina

Nesta fase do capítulo, iremos mostrar como é condição do professor iniciante, suas perspectivas sobre a docência e sobre sua prática, ainda que iniciante. O que já aprendeu, como está sendo este processo de adaptação ao ambiente escolar.

Neste momento de professor iniciante podemos notar que muitas expectativas se contrapõem à realidade e depois dos primeiros sustos como estes professores e professoras enxergam a realidade e as suas antigas expectativas.

“D” mostra que se sente muito bem resolvido na escola que leciona, se sente “em casa” melhor explicando. Passadas as primeiras impressões, o professor conseguiu mostrar que pode se adaptar ao contexto da escola e à proposta que a escola pretende.

> Eu só dou aula pela manhã, do quinto ao nono ano, mas a tarde tem as séries iniciais. Nós trabalhamos com o material didático da positivo e é um material horrível, muitos erros, onde eu identifico os erros e dali eu faço uma brincadeira. Só que uma professora que não é especialista, das séries inicias, que é uma professora pra todas as disciplinas, ela ensinou o que o livro estava colocando pra ela e ai ela ensinou algo pro aluno, mas o livro estava errado e ai chegou o meu aluno que é filho de um nossos professores aqui da universidade, ele é meu aluno hoje no oitavo ano, na época ele estava no quinto. Aí me chamaram na escola, me ligaram, eu tava tirando um cochilo a tarde. A professora está desesperada que veio uma carta de um pai que era professor e que a professora está ensinando errado e nisso eu não tô sabendo de nada, ai ela foi no livro e disse que o livro estava certo e pro aluno, infelizmente, o livro está sempre certo. Os meus não tem essa concepção e aí chegou e eles estavam em dúvida de quem estava certo: a professora e o livro ou o pai do aluno. Me ligaram e me fizeram a pergunta: Quem era o presidente do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Eu respondi: Getúlio Vargas, mas pensei que eu tinha cometido algum erro. Nisso eu tava indo pro centro e pensei: Vou passar na escola. Eu fiquei com aquilo, eu pensei que eu estava errado. Quando eu entrei na secretaria: “Ainda bem que tu tá aqui, olha essa carta” me disseram, a carta não tava assinada e eles estavam procurando até na internet, mas na internet também tem muita coisa errada. Quem estava certo era o pai. Me pediram pra salvar a professora. Eu fiz uma intervenção na aula, justifiquei o erro dela. (“D”)

Esta narrativa de “D”, mostra o quanto ele se sente bem na escola e a gestão escolar confia na sua capacidade intelectual. Todavia, a história nos diz o quanto “D” cresceu

profissionalmente. Depois deste fato, "D" recebeu uma carta do pai do aluno o elogiando, foi quando descobriu que este pai foi seu professor na graduação.

Além da péssima estrutura, a escola de "D" tem um péssimo material didático, mas a vida em uma instituição se faz assim. Tenta-se aproveitar o máximo que pode dos espaços escolares e dos livros didáticos, mas este professor não utiliza o material como único aporte metodológico. Ele tenta trabalhar com documentos e outros livros.

Este professor leciona, como já mencionamos, na Escola Luiz Gonzaga para as séries finais do ensino fundamental, ou seja, do sexto ano ao nono ano. É o único professor de história da escola, trabalha vinte horas semanais e somente no turno da manhã.

Enquanto professora "G", em alguns momentos disse que criticava e muito o modo tradicional[26] de lecionar, enquanto estava na graduação, hoje ela diz ser uma professora tradicional, principalmente no ensino fundamental, onde a cobrança da escola e dos pais pelo caderno cheio ainda é constante. Contudo, suas aulas são pautadas em discussões onde os estudantes colocam suas posições e dúvidas, pelo menos no ensino médio e na escola em que estivemos.

Passado o primeiro ano e este impacto inicial, "G" já se sente mais segura no ambiente escolar, principalmente na Escola Lilia Neves.

A professora "G" leciona, então, em duas escolas a estadual, Lilia Neves, onde trabalha com o ensino médio do turno da tarde e a municipal, Viriato Corrêa, onde leciona para as séries finais do ensino fundamental. Tem quarenta horas de trabalho por semana.

Um dos maiores desafios de "G" é conseguir traduzir a teoria para a prática escolar, na verdade todos os professores citaram este elemento como algo desafiador.

> Que eu aprendi em relação a conteúdo? Pra te dizer a verdade, eu não uso muito texto de historiador[27], a não ser algum trabalho que eu faço pra eles relacionarem, mas eu não baseio as aulas em texto de historiador. Eu, eu sempre falo como se tivesse contado uma história, e aí o que eu aprendi fica nesse sentido de contar. E eu uso o livro pra me lembrar da ordem, por que daqui a pouco a gente esquece… Que tá mudando, a proposta do MEC, o conteúdo de história. Eu aprovava, que via "Brasil" e relacionar com o mundo. E eu tentava fazer isso, principalmente na do sexto ano, nos anos iniciais e primeiro ano do ensino médio que ai eu vejo a pré-história do Brasil. No terceiro ano é muito difícil, é muito conteúdo aí eu não consigo. E eu tenho um problema grave, que a faculdade parou no Otto Von Bismarchi, então não vi a Primeira Guerra na faculdade e eu não Segunda Guerra na

[26] Podemos entender o modo tradicional como a maneira de ensinar sem prezar pela opinião do aluno, onde o professor reproduzia os conteúdos somente.

[27] Com esta fala, a professora quer dizer que, não utiliza textos teóricos para produzir suas aulas.

> faculdade, eu não vi Revolução Francesa na faculdade aí fica difícil…Não dá de trabalhar... Procuro coisas na internet pra ficar mais legal, … A minha época da faculdade, a gente saiu da vontade de rir do que a gente não teve. Não vi nada… ("G")

As suas aulas são expositivas-dialogadas, onde a professora vai explicando o conteúdo e ao mesmo tempo instigando os alunos, questionando-os, mostrando vários lados da mesma história. Ela vai escrevendo no quadro em tópicos do conteúdo conforme se lembra, somente para os alunos terem algo no caderno, mas o que ela mais gosta é de falar e sempre provoca os alunos a falarem também.

Outro ponto, que foi mencionado nas nossas conversas com "G" e com os demais componentes deste grupo, foi a maneira que eles planejam as suas aulas.

"G",

> Se eu só tiver que passar o conteúdo, se for só aula de bota o conteúdo e explicar e vou com a minha cabeça. Se, que é o que é o que a gente tá propondo agora, que é aula que é junto história, geografia, sociologia e filosofia… A gente tá pensando em trabalhos por área, nós queremos ficar juntos em tudo. Então, o que eu vejo… Eu pego um filme sobre política ou eu tô vendo se tem slides prontos com bastante caricaturas, que tenham bastante desenhos. Que, porque eu não uso slide? Eu trabalho de manhã e de tarde e aí eu acho mais fácil eu jogar, mas eu falo que o slide não é meu, dou a referência, eu mantenho o nome dele. Por que eu quero isso? Por que a gente vai trabalhar com feira, vai ter uma feira de história e aí a gente tá se organizando tudo pra isso no Lilia Neves. A gente lê mais, mas eu leio na internet. Não vou te mentir. Não pego livros teóricos[28]. ("G")

Seus planos para as aulas, ela não prepara. Não tem um caderno com os conteúdos ou mesmo planos de aula como nos ensinam na graduação. Ela chega na sala, pega o livro da turma somente para saber em que parte ela havia parado na última aula e começa sua fala a partir disso. Sem muito planejamento, ela somente dá a aula.

Em quase todas as suas aulas, podemos observar que ela chega em sala de aula, pega o livro para ver em que parte parou na última aula e começa a colocar a matéria em tópicos no quadro, falando aquilo que se lembra do conteúdo. Não é algo planejado anteriormente, não há planos de aula.

"I" não se adaptou a cidade de Feliz, onde ficou por dois anos, pediu transferência para voltar a morar em Rio Grande, mas acredita que foi um período de amadurecimento pessoal.

[28] Textos que não são textos ou livros didáticos.

> Quando o campus é pequeno, tu tem menos liberdade. Eu sinto isso. Aqui, eu amei, o campus. A quantidade de ações que ele te dá, as pessoas não estão de julgando e a relação com os colegas é excelente, essa troca, tem muita troca. Só que tu não conhece todo mundo por ser um campus muito grande. Eu não conheço quase ninguém, alguns professores do médio, alguns técnicos, … Então tu não conhece tanto… O bom é que tu não sabe das coisas ruins, das fofocas, das maldades lá se sabia de tudo. Tem, sempre tem, aqui tu não sabe nada. ("I")

"I" trabalha hoje a história, a partir de conceitos. Ou seja, dos conteúdos programáticos, a professora, seleciona conceitos que envolvem estes conteúdos e leciona a partir destes. Por isso não vê tanta dificuldade relacionar a história com a vida prática dos alunos, ela prefere trabalhar conceitos justamente para conseguir fazer *links* e trazer os alunos para a história, pra que se sintam também agentes históricos. Esta professora trabalha com a modalidade do ensino médio no Instituto Federal, totaliza vinte horas de trabalho semanais

A escola que "J" leciona, a Escola Adventista, oferece uma estrutura bastante diferenciada, até mesmo das escolas particulares da cidade. Todas as salas têm equipamentos de boa qualidade, televisores, ar condicionado, elevador para acesso dos cadeirantes, biblioteca e sala de computadores. A professora nos disse que a escola passou por uma reforma bastante grande nos últimos quatro anos, ampliando e melhorando o espaço físico.

Esta professora leciona somente para o ensino fundamental, trabalha com o sexto ano ao nono ano, sendo vinte horas semanais de trabalho. Também é a única professora de história da escola, pela escola ser pequena e ter somente o ensino fundamental.

"J" hoje mantém uma postura diferente na escola, quando entrou no final de 2014 se sentiu muito pressionada a ser melhor que o professor que substituiu. Em 2015, já teve outra postura, começou o ano letivo e isso garantiu uma segurança maior para "J" se sentir mais "em casa", em 2016 ela já se sente mais confiante no seu trabalho.

> Consigo (fazer um trabalho diferenciado), mas em algumas matérias, por exemplo, História Antiga é mais difícil de fazer isso. Então eu faço mais com o sétimo, oitavo e nono ano. Mas não é sempre que dá, quando eu vejo que as datas estão apertadas, "vamos lá conteúdo! ". Se não a gente é cobrado. Tem muita burocracia aqui, primeiro tem chamada de aula, tem o diário de classe e depois eu tenho que passar tudo isso pro sistema e no sistema coloca notas, faltas, as aulas… Me senti muito acolhida. Os professores do meu nível, fundamental II, me ajudaram, me deram dicas, me ensinaram muito. ("J")

"J" faz seu planejamento conforme aprendeu[29] na universidade, neste quesito não sentiu dificuldade, mas aponta que sente o desafio em conseguir aplicar a teoria aprendida na universidade à realidade escolar.

> É, é difícil fazer essa ponte. O conteúdo que tu aprendeu na faculdade, as leituras que fizemos na faculdade e traduzir isso para o universo deles, por que, por exemplo, a gente lê um parágrafo do livro e eles não entendem palavras simples. Tá muito complicado isso em todos os níveis, eu tô vendo isso, da dificuldade deles compreender palavras, de não terem leitura. Na verdade, eu acho que… Eu vejo eles com livros enormes de *Crepúsculo e Harry Potter* e tal, eles leem muito, só que parece que quando a gente tenta sair desse mundo mágico não tem tanta facilidade. Então como eu faço, eu tenho as leituras que eu fiz na faculdade e tenho material didático deles e tento buscar outro apoio pra fazer esse ponte, tipo fotos e documentos, até o livro traz documentos históricos, uma carta de Dom Pedro II sei lá. E é mais exposição dialogada isso, eu mostro pra eles de onde eu tirei, de onde veio, mas é difícil fazer essa transição, não é fácil. ("J")

"F" mudou de escola durante o processo deste trabalho, saiu do Aspe e foi contratada no Liceu Salesiano Leão XIII, no último trimestre de 2015. E sobre essa nova fase profissional ela afirma ao ser questionada como foi acolhida, *"cem por cento!"*.

> A carga horária aumentou bastante né?! Por que é aquele ritmo de manhã, tarde e noite foi bem intenso quando eu fiquei, mas não durou muito tempo aí depois eu só trabalhei de manhã… Foi um período que eu fiquei bem tranquila só dava aula pro ensino médio. Quando eu saí de lá e fui pro Salesiano eu fui super bem acolhida, os alunos estavam com medo que eu ia abandonar eles também. Segundo eles, eles foram abandonados duas vezes, mas faz parte da característica da escola a afetividade. Eles vão ficar meio assim, por que não te conhecem, mas em dois ou três dias tu já vai estar sendo abraçada pelos alunos. Que é uma coisa que eu não estava acostumada… Lá no Asspe a gente tinha regras de nem tocar no aluno… Não podia nem tocar no ombro do aluno. Eu saí de um extremo que não podia nem tocar pra outro que eles vem te abraçam e beijam… Tu é bem recebido, tem toda uma preparação pro ENEM que lá no Aspe não tem. A gente fez dicas ano passado pro ENEM e eu já peguei… É todo um outro mundo, qualquer prática pedagógica que tu pensa em fazer dá pra fazer… ("F")

"F" parece estar se sentindo "em casa" nesta nova fase profissional. Nesta escola ela consegue desenvolver projetos com filmes, fazer aulas diferenciadas em conjunto com outros professores. *"Então ali pra mim, é o momento ideal, é um local ideal pra se trabalhar. É ali!"*

> Até na própria área acadêmica de história, eu tava lendo algumas coisas sobre o Rüsen agora que meu namorado[30] me passou, que são

[29] Ela planeja as aulas por semana e faz um planejamento bimestral, mas geral.

> fundamentais pra minha prática, enquanto professora e historiadora e enquanto sujeito crítico também, são algumas leituras que eu vejo como necessárias para minha formação continuada. Já que eu não tenho ido mais em seminários, não tenho tempo pra isso. Então eu tenho lido coisas assim, da minha parte. Tenho lido muito Rüsen por minha conta… E eu peguei algumas coisas de um historiador que trabalha com a questão de empatia… Eu acho interessante pra tu te perceber em sala de aula, que as vezes o aluno não consegue compreender a importância da história é porquê ele não consegue se colocar enquanto sujeito, enquanto sujeito no mesmo lugar que os agentes que a gente estuda. ("F")

"F" é um dos poucos professores deste trabalho que diz fazer leituras historiográficas, ou planeja a aula utilizando textos de cunho acadêmico, mas ela já se sente segura o bastante enquanto professora para saber que a sua formação depende exclusivamente de si, por isso acaba se envolvendo em leituras não didáticas também.

Esta professora trabalha quarenta horas semanais, pois leciona em uma escola maior, que abarca tanto ensino fundamental, como ensino médio. A professora "F" leciona para todas as turmas que a escola possui, do sexto ano ao terceiro ano do ensino médio.

O professor "A" planeja por semana as suas aulas. Programa por conteúdos, ou seja, ele faz suas aulas em casa, pesquisa sobre o tema que vai aplicar.

> Eu programo pra ver algum conteúdo e… Beleza, nosso conteúdo é… Sei lá, Idade Média, então a gente vê Idade Média. E eu tento programar sempre e contextualizar. Pegar algum tema, tipo inquisição. Beleza, inquisição, então vamos tentar trazer a inquisição pra cá. O que que a gente tem que é perto, o que chegou, o que pode ser. Sempre pego um tema e tento trazer pra algo que a gente vê hoje, nos dias atuais ou mais próximo possível. ("A")

Nesse sentido podemos entender que "A" faz seus planejamentos a partir dos conteúdos programáticos, planeja semanalmente as aulas. Sempre fazendo aulas expositivo-dialogadas, assim como "G", ou seja, ao passo que vai explicando o conteúdo ele vai questionando os alunos, provocando para que os estudantes criem suas próprias opiniões.

"A" trabalha em duas escolas, por vinte horas semanais. A primeira, Albert Einstein, leciona para o EJA do ensino fundamental e no Curso Liderança, trabalha com cursos preparatórios para a Escola de Soldados (EsSA) e Instituto Federal (IF).

Este professor atualmente enfrenta desafios diários, como todo o professor, mas consegue pensar em uma dificuldade em específico que é a falta de educação dos estudantes.

---

[30] O namorado de "F" também é professor de história, se formou um ano depois dela, ele leciona em uma escola privada no centro da cidade, contudo por ter horários muito corridos ele não conseguiu participar de nossa pesquisa.

"*No Albert Einstein, né?! É a falta de limite, da noção, das pessoas que não conseguem se comportar num lugar, assim. A maior dificuldade que eu tenho é o comportamento de um público específico".*

> Não, com os alunos muito bom, muito bom. Até com esses problemáticos, eles decidem… Quando eles caem na real: "Pô, tô avacalhando mesmo". Teve um aluno, dois alunos…Um aluno e uma aluna ano passado, que os caras são meio sem noção mesmo. Que ele começou a ter problema de drogas com o pai dele, ai ele começou a mudar e ele mesmo veio me pedir desculpa… E uma outra colega também, no final do ano ela deu uma aquietada e começou estudar também veio pedir desculpas. A minha relação com os alunos é muito aberta, não pego rancor dos caras… ("A")

Ao mesmo tempo que a maior dificuldade de "A" são os alunos, sua relação com eles é transparente, ele consegue estabelecer um diálogo com seus alunos. É muito significativo para o professor em início de carreira ter essa relação com os alunos, saber se colocar no lugar de professor e de amigo. Foi colocado anteriormente, saber dosar a sensibilidade e a rigidez e nesse sentido, "A" parece ter aprendido.

> Algumas pedem só pra eu não colocar muito a religião, sempre me perguntam a minha religião, como eu relaciono. Eu era de religião, cresci numa igreja batista, então eu tenho algum conhecimento bíblico, assim, mas eu pelo contrário, a gente que é da história tenta sempre Estado Laico. Enfatiza o lado de não religião, mas é impossível não falar de religião, é o que moldou a civilização, faz e fez parte da história. Inevitavelmente a gente fala. A escola sempre tem a preocupação com a religião. ("A")

"A" foi criado na Igreja Batista, saiu há pouco tempo por conflitos ideológicos, a igreja que ele frequentava começou a impor ideias que "A" não se adaptou, ele nos contou. Contudo, este é um assunto que nos faz pensar que algumas das escolas privadas da cidade do Rio Grande estão tentando se afastar da imposição religiosa, apesar de sabermos que a maioria das escolas privadas são de instituições religiosas.

> Então, a gente fala sobre política, as vezes a gente fala mais de atualidade do que de conteúdo. Isso é uma coisa que sou bastante criticado. Que o conteúdo é importante, mas também é importante a gente vê o que acontece ao nosso redor. Esse é o choque que a gente leva quando vira acadêmico, a gente enxerga o mundo com outros olhos… Isso é tão importante quanto ver o conteúdo… Leitura teoria, não. Não é nem por questão de tempo, mas é como eu larguei desse convívio de FURG, eu me distanciei desse meio acadêmico e da leituras acadêmicas. Eu leio quadrinhos, leio livros de ficção. Tô lendo Game of Thrones, um livro de Star Wars e um mangá sobre a cultura grega. Mas tudo tem uma ligação com a história ou tu mesmo consegue achar os conectores… ("A")

Passado o primeiro momento de susto, a acolhida da escola, “A” já se sente mais confortável nas escolas que trabalha. As escolas dão respaldo para ele trabalhar com quadrinhos, com filmes, mas são exigentes quanto ao conteúdo. “A” relata que é criticado, por muitas vezes, esquecer de trabalhar o conteúdo e focar mais no que está acontecendo atualmente na política, na economia e na sociedade. Este professor, assim como boa parte destes sujeitos não se dedica às leituras não didáticas ou historiográficas, acaba direcionando sua atenção para as leituras “nerds”, mas nestas leituras também consegue estabelecer relações com a história.

> Procuro fazer isso, procuro até quando eu sinto que tô dando uma aula e que eu tô sentindo que aquela aula tá cansativa, eu procuro, eu fico pensando que eles estão com aquela carinha de cansados, de que parece que não tão prestando muita atenção e eu procuro pensar: “bom, a aula não pode ser assim, porque eu não gostaria de uma aula assim”. Eu não gostava de aulas assim, eu não gostava quando eu recebia uma aula, só informação e informação sem poder ter uma troca de informação, sem poder conversar, sem poder interagir, muitas vezes quando a professora entrava e falava e ficava ali ouvindo só sentindo sono. Até na própria graduação a gente passa por isso, então, vez em quando eu me pego, me coloco assim dizendo: “não, tem que fazer uma aula melhor, tem que fazer uma aula mais interativa, tem que fazer uma aula que chame a atenção deles”, por que senão vai ser ruim, eu não vou conseguir nenhum objetivo, não vou conseguir atingir eles com uma aula sem incentivo, então eu procuro me colocar no lugar deles de vem em quando sim, com certeza. As vezes tem que ser um pouco duro, tem que brigar, tem que xingar, porque tu tá lidando com adolescente, mas eu procuro me colocar no lugar deles. (“B”)

Para planejar suas aulas, “B” faz por semana, visto que tem somente dois horários semanais, mas como podemos entender, ele procura sempre pensar em como ele gostaria de ter a aula. Procura se colocar no lugar do aluno na hora de planejar a aula.

“B” procura ao máximo se colocar no lugar do aluno, para que suas aulas não se tornem chatas e cansativas, atualmente este professor reconhece que este fato é muito importante para o processo ensino-aprendizagem.

Assim, como todo o professor, mas principalmente os sujeitos desta pesquisa, enfrenta desafios. Para “B” há dois fatores mais preocupantes, o primeiro é traduzir o conteúdo para uma linguagem mais acessível e o segundo é a educação dos alunos.

> Eu procuro sempre, eu acredito que a gente tem que pegar o conteúdo que a gente tem que passar pros alunos e tem que tentar colocar isso um pouco no nosso dia-a-dia. É difícil muitas vezes, tá dando aula de uma Idade Média e tu… Como eu tô terminando o conteúdo de idade média no pré IF, na turma do pré IF e eu conseguir colocar isso nos dias-dias, no dia-a-dia, mas a gente tenta fazer isso, então o que que

> faz isso, é trazer um filme, onde as vezes eles veem… Filmes na tevê, eles não fazem a ligação. É mostrando as barbaridades que acontecem hoje em dia até, como, acontecem barbaridades como esse banditismo mesmo que anda aflorando principalmente na nossa cidade e , e dá pra fazer uma correlação com isso e então eu procuro sempre, procurar, tentar um pouquinho, as vezes mesmo eu posso até fugir do conteúdo que tá se dando dentro da sala de aula, mas buscando alguma coisa que no dia-a-dia deles a gente possa levar pra que entendam um pouco aquele conteúdo, mas muitas vezes, pra mim, eu penso pra mim que muitas vezes infelizmente, a gente tem que seguir o fato que aconteceu no passado e explicar pra eles realmente como aconteceu e ai, isso as vezes fica um pouco cansativo, mas a gente, eu tento puxar um pouquinho, não sou um excelente professor, mas procuro dar o meu melhor pra fazer isso. ("B")

Quando planeja suas aulas, além de pensar dinâmicas para que a aula fique atrativa, o professor "B" tenta sempre contextualizar os conteúdos com os dias atuais. Ao passar filmes, a mesma história, contextualiza, relaciona o filme com os conteúdos, diz "B" que os alunos não conseguem fazer estas ligações entre filme e história sozinhos, por isso ele sempre procura aplicar esta estratégia em sala de aula.

"B" trabalha somente com a educação popular, ou seja, é voluntário em projeto de cursos preparatórios para o Instituto Federal e para o ENEM. Além de lecionar neste curso também o coordena, trabalha por vinte horas semanais.

Sobre a falta de educação dos alunos e a falta de vontade de aprender, "B" também acredita ser um desafio diário para todo o professor.

> Eu acredito que seria a educação dos alunos, porque ann… Eles muitas vezes não tem, eles vem pra escola e sem a vontade, eles não tem uma educação de poderem entender o que tu tá fazendo ali, é… Como eles dizem, "aah é mostrando o passado! ", mas é mostrando o passado, como eu disse um pouco antes, tentando puxar para o presente e que no futuro pode acontecer algo parecido… Annn… então, assim dificuldade é o que é a própria, o comportamento, da vontade, da própria vontade dos alunos. Quanto outras escolas, eu não sei, por que eu não tenho a prática de outra escola a não ser a escola aqui que eu trabalho, a escola Tellechea… Onde atua o projeto Acreditar, que é a turma que dou aula. Eu não tenho prática fora daqui e aqui, graças a Deus, a escola nos dá, nos oferece condições de usar o multimídia, da gente usar um xerox, da gente usar o material que a gente precise pra trabalhar com os alunos. Talvez se eu usasse lá fora eu entenderia, visse outras dificuldades. Agora o que eu vejo um pouco maior dificuldade aqui é o comportamento deles, a educação deles e a vontade deles. ("B")

Estudar a história é estudar o passado, na visão destes alunos, "B" comenta. Sabemos que que há uma implicância que assombra nossa disciplina, mas o que torna esta implicância

em desafio para “B” é que os seus alunos não entendem é que estudando nosso passamos podemos compreender este presente que assola a nossa história. Há uma falta de vontade de entender a sociedade, de entender a história e este desafio maltrata “B” cotidianamente.

A professora “H” enfrenta alguns desafios nesta realidade escolar.

> O meu desafio diário é fazer a transposição didática, é o maior desafio que eu tenho hoje em dia, que eu sei que eu tenho… Eu gosto muito de trabalhar com o lúdico deles, principalmente com os pequenos. Então, a gente faz trabalho com argila, faz maquete, a gente faz… Agora mesmo nós trabalhamos com cidades da Mesopotâmia, então o que eu pedi? Pedi pra eles fazerem um comparativo da cidade deles pra cidade da Mesopotâmia, tentar entender o motivo da cidade de hoje… ter semelhanças com a cidade da Mesopotâmia… Eu gosto de trabalhar assim, às vezes dá certo, às vezes não. Depende da maturidade da turma… Eu tenho duas turmas de oitavo ano que é mais imatura, é geral… Mas eu tenho outra turma que eu trabalhei a questão da mulher com eles, que tá um tema atual e eu tô começando a falar de Revolução Industrial e ai rendeu bastante o assunto, que não rendeu, que eu tentei aplicar com a questão indígena, na outra turma não rendeu tanto… A gente começou a falar da Independência dos Estados Unidos, que foi a colonização dos indígenas, tentei buscar a questão do indígena brasileiro, com uma turma não rolou tanto. E isso causa frustração, com a outra deu certo… (“H”)

“H” já vive as contradições do espaço escolar, já tem que saber dosar entre as atividades que desenvolve em cada turma. Sabemos que, aos poucos, o ofício de ser professor vai se aprendendo; também, vai se desenvolvendo a sensibilidade, tanto que “H” pede bastante a ajuda aos outros professores da escola para que estes a auxiliem neste processo.

Esta professora leciona para as séries finais do ensino médio, do sexto ao nono ano. É a única professora da escola, trabalha vinte horas semanais somente na escola. Na outra escola, que trabalha com a área administrativa trabalha mais quarenta horas semanais.

Parafraseando António Nóvoa, cada professor se constitui de uma maneira, com “H” não é diferente. Ao passar do tempo ela está encontrando a dose certa no seu trabalho.

“Na verdade, o livro não é todo ruim, a gente tem que saber usar o livro... É um quebra galho pro professor, que ali já tem um planejamento quando tu não tá a raciocinando pra uma aula, o livro te dá uma ideia. Eu sou contra a pessoa que só usa o livro, mas ele…” (“H”). A professora “H” nos contou que teve de acatar o livro que a antiga professora escolheu, esta escolha vai durar três anos, segundo o regimento da escola, mas como foi implementado o nono ano, ela conseguiu escolher o livro desta turma.

O processo de escolha do livro foi bastante simples, conta “H”, ela escolheu um livro que traz bastantes exercícios, bastante charges e figuras. As editoras mandam os livros para a

escola, geralmente três editoras mandam um livro cada, assim o professor escolhe o livro que acredita ser o melhor para trabalhar nos próximos três anos.

"H" nos contou que os livros escolhidos pela antiga professora não eram os melhores, muito sintéticos, com poucas imagens, um livro chato segundo a professora, mas que deste material ela terá que continuar absorvendo o máximo possível.

O planejamento de aula foi um ponto que conversamos com "H", que prepara suas aulas quando chega do seu outro emprego às onze horas da noite, "*tem vezes que vou dormir à uma hora da manhã"*, diz "H". Ela trabalha no Senac de uma hora da tarde às dez da noite, chega em casa para planejar a aula do dia seguinte.

"E" chegou "com dois pés no peito" na escola, chegou tendo que aprender sozinha como funciona a escola, como se planejar, pois ninguém a pegou pela mão e lhe ensinou… Como ela acredita "*ainda estou aprendendo a ser professora".* Passado o choque inicial, "E" está se adaptando diariamente com as contradições da realidade escolar.

Esta professora, trabalha em uma escola que abarca ensino fundamental e ensino médio, mas leciona para todas as turmas do ensino fundamental, lecionado quarenta horas semanais.

Por vezes ela se mostra já encaixada neste sistema, mas por vezes se mostra bastante irritada com ele. Quando dizemos encaixada, queremos dizer que está adaptada, já se encontrou dentro da situação escolar e quando dizemos que por vezes se mostra irritada, ela se mostra indignada, querendo romper com estas situações cotidiana.

Um de seus desafios diários é interligar a teoria que aprendeu na universidade com a prática da realidade escolar.

> Muito difícil, eu acho que se eu tivesse dado aula quando eu terminei a primeira graduação, que foi a pesada mesmo, eu acho que eu ia dar uma aula muito maçante. O professor de história ainda tem muita dificuldade em abstrair do conteúdo. Tem muito professor muito conteudista, tu não vai deixar o cara burro se tu não falou naquele assunto que é ligado naquele ali, tu tem que falar o que é importante. Agora, o que que é importante? Esse é o desafio. Sempre aprendi, a gente não vive no passado, a gente vive agora… ("E")

A professora "E", em todas as suas aulas que observamos, sempre busca trazer os conteúdos para os dias atuais e para a realidade que vive aquela escola. Este elemento, ela diz que o aprendeu com uma professora que teve na graduação, sua inspiração pela busca de conhecimento e por sempre tentar contextualizar o passado e o presente.

Ela faz um planejamento trimestral, onde tem os conteúdos programáticos e como serão aplicados. Semanalmente, ela recorre a este plano para montar as suas aulas. Ela diz que dificilmente esse planejamento muda, os conteúdos são sempre os mesmos

> Eu pego esse planejamento e vejo é esse assunto aqui, aí eu vou no livro didático. No Radix. Pra quê? Pra ter uma ordem pra eles, uma cronologia. Ainda somos apegados a essa cronologia, eu não tenho conhecimento, não tenho base teórica pra não usar um livro didático, pra não usar a cronologia. Eu sou professor há um, dois anos, quando eu tiver dez anos não vou precisar mais olhar. Eu ainda preciso olhar. E o que eu faço? Eu vejo os assuntos e vou lá nos meus achados, nas coisas que eu salvo. Ou vou na internet buscar alguma coisa pra inserir naquilo… Um debate, um filme e assim eu vou indo, vou construindo. A escola me dá liberdade total. Tenho que fazer prova, sou obrigada, o valor elas (as professoras que coordenam a escola) dão uma sugestão de acordo com aquilo que acreditam que é melhor, e eu confio nelas… Também não gosto de prova, mas tem a família, são coisas… A gente também tem que saber usar a prova, usar pra diagnosticar… (“E”)

Ao passar o primeiro choque de se ver sozinha na escola, ter que caminhar com as próprias pernas, “E” já consegue se entender neste espaço e reconhecer que a gestão faz ou tenta fazer sempre o melhor para esta escola. A professora ainda se mostra muito ligada à cronologia dos assuntos, afinal ela aprendeu a dar aula desta maneira. Para suas aulas, procura sempre procurar materiais novos na internet.

O professor “C” planejava suas aulas por semana. A cada sábado, ele fazia as aulas para a semana que se iniciava, mas com a falta sucessiva dos seus colegas professores, ele viu que, assim, ele trabalhava o dobro e muitas aulas eram perdidas. Atualmente ele planeja durante as férias, as aulas para o semestre, acreditando ser mais fácil.

> Eu planejava por semana, passava o sábado todo fazendo pra aquela semana e ai como tinha muito dia que tu ia e não dava aula, então ficava aula pra outra semana. Agora eu já tô num nível, que, como eu sei quantas aulas são por semestre, eu, nas férias já planejo todo o semestre. Fico mais relaxado e posso curtir mais também. Claro, que sempre tem uns inconvenientes… Aí tem que pensar: eu sigo na matéria ou atraso meu calendário? Os alunos são malvados, às vezes, principalmente os do terceiro ano, não sei por que isso, mas eles vão embora. Dá na telha e eles vão. Com anova coordenação que funciona “afu” mesmo, eu já sentei com ela e perguntei como é que funciona: boto falta pra todo mundo ou deixo em branco? Na antiga, mandava deixar em branco. Só que quando tu deixa em branco é como se tu não fosse dar aula. Agora não, ela me disse pra colocar a falta, a data e na parte do conteúdo pra colocar que os alunos foram embora. Assim, foi a solução dos deuses pra mim… (“C”)

Estes dilemas são desafios diários na vida de "C" que planeja as suas aulas por semestre. Mas a questão dos conteúdos é algo latente na narrativa deste professor. Outro elemento que ele considera fundamental na vida escolar é a gestão. A coordenação atual oferece um respaldo maior para o professor, ela está do lado do professor, o apoia. "C" leciona somente para o ensino médio do turno da noite, por vinte horas semanais.

Sobre a avaliação, ele também mencionou que nunca aplicou "prova de verdade", mas a coordenação pede uma atividade avaliativa séria, o que deixa "C" mais tranquilo, pois ele não acredita em prova. Somente para o terceiro ano do ensino médio, ele acha justo para os alunos já irem se acostumando com o ENEM e vestibular.

> Eu tenho péssimas experiências, pra te falar a verdade, Tem dias que são ótimos, que "afu", o negócio rolou, mas tem dias como ontem mesmo que algumas coisas não deram certo e ai eu repenso: "O que que eu tô fazendo?" Primeiro eu repenso o que eu tô fazendo, depois eu repenso o motivo de estar fazendo isso por essas pessoas e ai depois eu penso: será que eu devo estar fazendo isso, será que é o certo? Pois é um desgaste, tu prepara as coisas e depois tu chega lá e não surte efeito... Não sei, eu tenho que começar a me adaptar. Faço essa reflexão todos os dias, não tem um dia que não me levante, por que eu vivo história todo o dia. Tô lendo história ou pesquisando alguma coisa e eu fico pensando… Mas eu quero fazer sentido, quero pagar pra sociedade o curso de graduação que ela me pagou. Ser professor é isso também, tipo, dar esse retorno eu acho super necessário, por isso que eu enfrento. Não tô me acomodando não… Tô tentando… ("C")

Ao longo do tempo, "C" vem se adaptando ao ambiente escolar, se inserindo na profissão, construindo a sua identidade. Está tentando, como ele mesmo diz. O ambiente escolar não é fácil, o professor "C" tem em sua escola uma gestão muito competente, mas as experiências negativas vêm por parte dos alunos.

É importante para nós, professores, a reflexão. A reflexão de entender o seu lugar na sociedade, refletir sobre a nossa prática, mesmo que incipiente e sobre quem nós somos, "C" é o único que apresenta esta reflexão diária da profissão.

Por trabalhar no turno da noite, este já é o maior desafio deste início de carreira. Ele tem uma crise de consciência pois em um dia leciona para cinquenta alunos, no outro para três, segundo ele este é um dos desafios. Outra barreira que enfrenta são as questões tecnológicas. A estrutura da escola oferece multimídia, mas em uma sala fixa, tendo que deslocar os alunos em uma aula de quarenta minutos, esta tarefa se torna inviável.

> As dificuldades que eu enfrento são estas aí, de que as vezes um colega que falta eu tenho que cobrir a aula dele. Até hoje eu não aprendi a subir aula. Eu preparo dois materiais, um pro terceiro ano e

> outro pro primeiro ano, como geralmente acontece. Poxa, como eu vou fazer se as duas turmas têm matéria nova? O terceiro ano tem o ENEM, sabe? Eu não consigo… E a questão do próprio aluno… Quando o aluno coloca na cabeça que não quer ter aula, ele não ter aula. Eu tinha uma turma só de meninas, elas colocavam na cabeça que não iam ter aula, elas não tinham. Chegou agosto e eu tinha dado três aulas pra elas... ("C")

Contradições da vida escolar, em alguns aspectos "C" se sente bem, mas em outros ele fica extremamente incomodado. Ele acredita que nesta nova coordenação, a situação escolar está "menos pior", a gestão preza sempre pela posição do professor, mas a falta de interesse dos demais professores e dos alunos isto, "acaba" com "C", o deixam muito chateado.

3.3: Os desafios não acabam

Este capítulo trouxe a perspectivas destes dez professores e professoras, como foram recebidos em seu ambiente de trabalho, a primeira impressão da escola, dos alunos, a acolhida dos demais colegas.

A segunda parte, podemos entender o processo de adaptação à escola, como é o planejamento de aulas, como está sendo a relação com os alunos, quantas horas trabalham. Neste capítulo podemos entender melhor a condição de professor iniciante, que enfrenta muitos desafios.

Os professores, aos poucos, já estão se encaixando no sistema escolar, claro que com suas críticas, suas inquietações, mas ao longo do tempo parece que de um jeito ou de outro vão aderindo ao sistema escolar.

Como vimos os desafios são diversos, mas são certos na vida de todo professor, principalmente na vida do professor iniciante. Os desafios vão desde a chegada à escola, até na hora de ir à sala de aula. O medo e a ansiedade vimos que é algo muito geral que todos estes sujeitos sentiram ao chegar na escola enquanto professores.

O estar sozinho dentro da realidade escolar, podemos observar que causou um certo medo nestes professores. A responsabilidades de estar à frente das turmas, cuidar da burocracia, lidar com alunos mal-educados, lidar com salários bastante defasados, são questões que tem permeiam a vida deste professor iniciante. Porém, com certeza, os desafios não se encerram por aqui. Cobranças, pressão, adaptação ao sistema.

A pós-graduação que a maioria tanto almeja, é um objetivo de todos os professores, que buscam por condições melhores de trabalho e melhores salário também. Claro, "I" já é

doutora em História Ibero Americana, pela Universidad Madrid, ela não comenta um pós-doutorado. “F” apesar de já ser mestre em história, pensa sim, em um doutorado. “C” também já é mestre em Literatura, pela FURG E os demais pensam em fazer mestrado. “G” e “D” querem cursar o mestrado em História, “B” e “E” pensam na área da educação. “A”, pensa em fazer mestrado, mas fica desmotivado ao saber que não em escolas privadas este título não será valorizado, “J” está cursando o mestrado em história pela FURG e “H” cursa uma especialização em Currículo Escolar pela Faculdade Barão de Mauá.

Para concluir, devemos entender que o processo de construção profissional destes professores envolve as nuances e as peculiaridades do cotidiano, bem como as contradições que este cotidiano carrega.

Considerações Finais

Como já sabemos este trabalho não tem uma conclusão fechada, formada. Quando falamos ou trabalhamos com seres humanos raramente há uma conclusão. Em nosso caso não temos como encerrar este assunto, visto que a formação profissional de cada professor continuará até o dia que este decidir não lecionar mais e por que o assunto se faz tão vasto que seria uma pena que se findasse aqui.

Mas como é de praxe, deve haver um fechamento, mesmo que seja breve, para este projeto que demandou algum tempo, trabalho e a colaboração de dez professores iniciantes que se propuseram a dividir um pouco de suas experiências incipientes conosco.

Como lemos, este projeto foi dividido em três capítulos, o primeiro tratou da metodologia que utilizamos para desenvolver nosso trabalho, no segundo vimos como vivem os professores, podemos analisar a sua caminhada até chegar ao ambiente universitário e por último, o capítulo que mostrou este inicio de carreira.

Neste trabalho podemos analisar a trajetória destes dez professores, sujeitos ímpares que nos proporcionaram entender um universo muito específico e peculiar, o universo de professores iniciantes, que estão tentando se adaptar ao sistema e ao ambiente escolar na cidade do Rio Grande.

Apesar das dificuldades que cada um enfrenta diariamente, podemos ver que há muitas tentativas para permanecer na profissão, na verdade os desafios enfrentados são assumidos como a própria construção profissional.

A caminhada de um professor iniciante exige muito trabalho árduo, tentativas de se provar bom o suficiente, não ter tempo suficiente para isso, lidar com as críticas, adaptação ao ambiente de trabalho.

Nesta caminhada podemos descobrir tantas nuances, podemos conhecer quem está começando a vida sendo profissional em história na cidade do Rio Grande, podemos entender os motivos que levaram cada um destes dez profissionais a cursarem a licenciatura em história e a quererem seguir o caminho da docência.

O professor "A" é um professor todo despojado, tem uma fala bem de garoto adolescente e também se veste como um. Tem influências bastante "geeks" no seu dia-a-dia, na sua narrativa. Sua vida financeira, apesar de ser apertada, porém consegue comprar os livros e Histórias em Quadrinhos (HQs), que tanto gosta, além dos jogos de videogames. Esta é sua formação particular, uma infância de muitas brincadeiras de rua e video games.

Já a professora "F" sempre nos pareceu muito responsável, introspectiva. Passou sua infância lendo HQs, mais solitária que os demais professores, é a única que se considera uma boa aluna, dentro do contexto escolar. Ser bom aluno para ela é ler bastante e participar em aula. Em sua vida acadêmica, foi muito aplicada e como professora também é, continua fazendo leituras mais aprofundadas sobre educação.

O professor "C" sempre leu bastante, desde criança foi incentivado a leitura em casa, via seus pais lendo bastante, além de assinar algumas coleções, gibis também fizeram parte de sua infância, como "A turma da Mônica". Como professor é muito reflexivo, sempre atento à sua prática, à sua construção. Já desejava ser professor, mas não sabia de que, até que o amor pela história o fez seguir a licenciatura em história.

"G" é uma professora que sempre soube o que seria quando crescesse. Teve uma infância em que o tema política não tinha censura, cresceu em um lar bastante politizado e levou isto pra sua vida profissional. Podemos observar em suas aulas a criticidade e o lado político bastante aflorado, sua construção pessoal foi baseada em uma visão política bem definida.

O lar que o professor "D" cresceu não propiciou a chegar até a docência em história. Seu núcleo familiar era composto pelos pais e mais quatro irmãs. Se constituiu em um lar de muitas brigas, violência doméstica, alcoolismo, ou seja, nada motivadora ao estudo. Evadiu várias vezes da escola, somente concluiu o ensino médio adulto e com uma filha para sustentar. Se tornou professor por inspiração na atual esposa, que fazia magistério.

A professora “E” sempre leu muito, não por incentivo dos seus pais ou familiares, mas por que gostava muito. Era a “nerd” da família, todos queriam que cursasse Direito, pelo dinheiro e pelo prestigio que o curso carrega. Porém, depois de muitas tentativas fracassadas no vestibular, ela decidiu seguir a sua própria vontade, cursar história. Se graduou em Bacharel em 2006, chegou na licenciatura em 2011.

A professora “H” é uma professora que ri bastante, é muito animada. Cresceu brincando na rua com seu irmão mais velho, queria trabalhar com plantas, mas dividia esse interesse com a história. Seguiu o caminho da docência, mas antes tentou seguiu a intuição e fez vestibular para Oceanologia, obviamente não foi bem sucedido. Sua vida financeira era bastante apertada, nem sobrava, nem faltava.

A vida do professor “B” também não foi fácil, o mais velho deste grupo teve uma vida bem difícil economicamente, sua mãe era costureira e lavadeira, não conheceu seu pai biológico, apesar das barreiras sua mãe fez tudo que pode para mantê-lo na escola. Evadiu no ensino médio, terminou muitos anos depois através das antigas provas do EJA. Foi trabalhar de secretário escolar, cargo que cultivou por quase trinta anos.

A professora “J” é a professora mais nova deste grupo, cresceu em um lar com muitos irmãos, alguns envolvidos com a educação. Seguiu a docência em história por conta do seu pai, que sempre gostou muito de ler e ver sobre o Egito antigo. “J” também acabou a escola e ingressou direto na universidade.

“I” teve uma infância rodeada de livros e política. Seus pais são professores universitários, a mãe é linguista e o pai é filósofo e somente isso, já seria motivação para seguir os passos de seus pais. Até seus seis anos viveu na Bélgica, sua terra natal. Passou um ano no Uruguai até chegar em Rio Grande, quando já tinha ideia de que seria professora, ideia esta que ela não lembra quando surgiu, mas que ela já sabia que existia.

Na questão da formação acadêmica para a maioria o que mais significou foram as disciplinas pedagógicas, mas para cada um foi alguma peculiaridade que mais marcou a vida acadêmica.

Para “A” a graduação foi melhor na parte que vemos a história propriamente dita, mas consegue mencionar que Psicologia da Educação e Práticas Pedagógicas I significaram bastante para sua construção profissional.

Na opinião de “F”, as disciplinas de história foram as que mais se identificou, a graduação para ela foi melhor apresentada neste quesito. Seu currículo estava se adaptando às disciplinas pedagógicas, talvez por isso estas não tenham a cativado tanto.

“C” cita muitas disciplinas que significaram para a sua prática docente, mas a que ele diz que foi a mais significativa foi a metodologia do ensino de história. Este professor acredita que a graduação deveria incentivar mais os licenciandos, ele se sentiu que poderia ter produzido mais se fosse mais motivado a isto.

“G” cita três disciplinas que foram os pilares para ela: história moderna, história indigena e metodologia do ensino de história. Ou seja, uma mescla das disciplinas de história com as disciplinas pedagógicas. Durante a graduação de “G” o currículo sofreu algumas mudanças, dentre elas a passagem das disciplinas anuais para semestrais, um professor faleceu e, consequentemente, houve a defasagem em sua formação.

“D” acredita que sua formação foi muito boa, quer dizer sobre como o curso lhe apresentou a história e a licenciatura, mas com certeza a disciplina que ele leva com carinho da graduação é metodologia do ensino de história, que lhe ensinou muito.

“E”, por outro lado, tem muitas críticas à licenciatura. Para ela não passou de um amontoado de disciplinas que discutiam a mesmas temáticas e que no final não tinha prática na escola. Para esta professora, o curso poderia ter tido mais atividades junto às escolas, isso ela sentiu falta. Listou psicologia da educação como disciplina mais significativa.

“H” é uma professora que diz que a licenciatura se apresentou de maneira satisfatória. Elogia a estrutura do currículo, acredita que as disciplinas pedagógicas lhe significaram muito para a sua prática docente. Cita psicologia da educação e práticas pedagógicas I como as que carrega na vida enquanto professora.

“B” também acredita que o currículo da graduação foi muito bom, para ele as disciplinas que mais significaram foram: práticas pedagógicas, psicologia da educação e metodologia do ensino de história. Ou seja, somente disciplinas da licenciatura.

“J” também cita somente metodologia do ensino de história, pois acredita que as disciplinas da licenciatura deviam ser ministradas por professores que já lecionaram no ensino básico. Também menciona que achou que o curso precisa de um frescor, pois os professores já estão há muito tempo lecionando as mesmas disciplinas.

“I” é a única que não lembra de muitas disciplinas ou do curso em si, lembra que antigamente as disciplinas pedagógicas não existiam. O seu currículo foi todo voltado para a história propriamente dita.

Mas será que a graduação foi um momento tão mágico, assim? Todos currículos apresentam seus problemas. Podendo ser desde os professores lecionando há muito tempo as mesmas disciplinas, ao tempo de cada disciplina. O fato é que a formação acadêmica

apresenta problemáticas, o motivo de nem todos o professores falarem abertamente sobre este assunto já demonstra um problema, a falta de criticidade sobre a sua formação, desde os pontos positivos até os pontos negativos.

O que levou estes professores e professoras e segurem a docência, cada um tem uma constituição inicial. Alguns se justificam pelo núcleo familiar ou pelas influências, outros mal tiveram incentivo para encerrar o ensino básico.

"A" foi trazido à docência pelo professor do curso pré ENEM que o inspirou, mas com certeza toda a sua influência vem dos HQs e videogames que leu e jogou na infância. A licenciatura é por causa do campo de trabalho, mais fácil de se inserir no mercado.

"F", como ela mesma cita, a licenciatura foi "um tiro no escuro", mas já sabia que faria história, por influência do seu pai. Seu pai sempre lhe mostrou temas relacionados à disciplina, ela foi se encantando e se tornando cada vez mais curiosa. Ela não queria terminar a graduação e não trabalhar com aquilo que escolheu, por isso escolheu a licenciatura.

"C" já sabia que seria professor, não se lembra desde quando teve essa ideia, mas não sabia qual disciplina gostaria de lecionar. Uniu o gosto pela história, mas não a história que aprendeu na escola, aquela que ele aprendeu nas leituras que foi tendo durante a vida.

"G" também, assim com "C", já sabia que seria professora desde criança, mas não sabia a disciplina. Aos poucos teve a inspiração para seguir a docência em história, sua mãe foi contra no início, mas "G" já tinha a sua decisão feita.

"D", como sabemos não teve um lar muito incentivador ao estudo, por isso que ele evadiu algumas vezes da escola e foi terminar o ensino médio já adulto. Mas o gosto pela história vem do seu pai, que sempre lhe contava histórias e mostrava filmes sobre história. Apesar do pouco estudo o pai de "D" conseguia relacionar os filmes com a história. A licenciatura foi escolhida pro dois motivos: o trabalho imediato e a inspiração da sua atual esposa, que cursava magistério, ele via tanta dedicação que isso o levou para a docência.

"E" já era bacharel em história, mas voltou à licenciatura por causa do trabalho, a carreira de bacharel em Rio Grande é muito difícil. Desde 2006, quando se graduou até 2010 não havia trabalhado na sua área, por isso retornou para a licenciatura.

"H". disse desde o princípio que escolheu a licenciatura por causa da carreira imediata, ela queria trabalhar na área que escolheu, a história.

"B" escolheu a licenciatura por causa do plano de carreira dos funcionários públicos do estado do Rio Grande do Sul, que lhe traria uma aposentadoria mais confortável se fizesse uma graduação relacionada a licenciatura. Escolheu história por gostar de temas antigos,

pegou gosto pela disciplina já adulto e dentre os cursos de licenciatura oferecidos pela FURG, a história foi o que mais lhe chamou a atenção.

"J" escolheu a licenciatura por causa do trabalho, o acesso ao trabalho imediato. Como seu pai lhe disse: "Professor sempre tem trabalho", já gostava muito de história e resolveu seguir o conselho de seu pai.

"I" uniu o amor pela disciplina e pela docência, mas não menciona os fins econômicos como razão maior pela escolha. A história sempre foi sua grande paixão e a docência foi sua escolha.

A chegada à escola e adaptação destes professores na rotina escolar também é interessante retomar. A condição de professor iniciante em termos de ensino não tem nada de inovador, mas é um momento significativo, pois estes professores e professoras estão se construindo profissionais.

Podemos perceber que há uma pressão que ronda o início da carreira docente, ela vem do lado do sistema que tenta "achatar" este professor iniciante, ou seja, tenta encaixar este professor aos demais professores e de outro lado, tem o professor se pressionando para se encaixar nos padrões deste sistema educacional.

Há uma pressão para que professores iniciantes sejam melhores que os que já lecionam por mais tempo, contanto este é mais um desafio na vida destes que tem todo um sistema para se adaptar. Esta pressão vem do próprio sistema escolar, que tenta colocar todos os professores em um mesmo padrão no ensino.

Esta pesquisa foi desafiadora por dois pontos principais: o tempo e a abertura das escolas. Não se teve muito tempo para desenvolver um trabalho mais elaborado e não tivemos a abertura necessária das escolas para realizar também uma pesquisa mais concisa.

Além destes dois fatores soma-se a falta de experiência da pesquisadora na questão metodológica da pesquisa. Levei muito tempo para me sentir segura em relação a etnografia, por fim me descobri uma etnografa.

Realizar esta pesquisa me proporcionou conhecer meus colegas de profissão, mas acima disto, podemos conhecer estes professores, que do nosso ponto de vista já cansado, nos passa despercebido.

Conseguimos perceber que a prática de fazer aulas mirabolantes ou muito diferentes de que quem leciona há mais tempo não observamos nestes professores, mas podemos pensar que seja pelo tempo e pelos conteúdos que devem ser "vencidos".

Outra questão que permeia o professor iniciante é o motivo da escolha da licenciatura, não podemos generalizar e dizer que a situação econômica influenciou todos estes professores, mas a condição econômica influencia, sim, a escolha pela docência. O gosto pela disciplina não é suficiente na maioria dos casos, as pessoas precisam trabalhar, se sustentar, ajudar em casa, etc.

E a partir disto, podemos entender que por vezes a situação econômica influencia a escolha docente, conseguimos perceber em alguns destes professores que o fator financeiro foi crucial nesta escolha.

A pesquisa mostra que ser professor iniciante é estar no meio de muitas cobranças, estar tentando se adaptar ao sistema educacional, se auto pressionar a ser melhor do que os outros professor que já lecionam há tempos, é tentar se entender no processo de construção identitária.

Referências Bibliográficas

ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em Uma Escola Reflexiva.** São Paulo. Editora Cortez, 2003.

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Etnografia da Prática Escolar.** Campinas, SP: Papirus, 1995.

BARRET, Stanley R. **Antropologia: o guia do estudante à teoria e ao método antropológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BEAUD Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula.** 11. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CATANI, Denice Barabara. **Docência, Memória e Gênero: Estudos sobre Formação.** São Paulo: Editora Escrituras. 1997.

CUNHA, Jorge Luiz da; CARDÔZO, Lisliane dos Santos. **Ensino de História e formação de professores: narrativas de educadores. Educ. rev. no.42 Curitiba Oct./Dec. 2011. Disponivel em:** http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000500010

FERREIRA, Maria Luiza Tavares; GONÇALVES, Jussemar Weiss. **Vidas em compasso de espera: a história dos professores de história, interrogações a partir de uma proposta etnográfica.** Revista Latino-Americana de História Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013 – Edição Especial. Disponivel em: http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/176/134

FERREIRA, Maria Luiza Tavares. Narrativas Escolares: **Contexto de Trabalho e de Ensino no Cotidiano dos Professores de História nas escolas estaduais e municipais da cidade de Rio Grande.** Rio Grande, 2014.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; BIASOLI, Carmem Lúcia. **Reconstruindo Trajetórias Docentes: Percursos pessoais e profissionais refletidos na maneira de ser professor.** *In:* FERREIRA; Márcia Ondina Vieira; FISCHER, Beatriz T; PERES, Lúcia Maria Vaz. **Memórias Docentes.** São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História e Ensino de História.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GUIMARÃES, Selva. **Caminhos da História Ensinada.** Campinas: Papirus, 2012.

JOHANNES, Fabian. **O tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: F.Alves, 1976.

LOPES, Emmanuelle Gomes; ALVES, Fabiana Mariano; MARQUES, Janaina Micheline da Silva; NEVES, Quitéria Juliana das. **O Professor em inicio de carreira: a arte de ser educador**. 2010. Disponivel em: http://www.webartigos.com/artigos/o-professor-em-inicio-de-carreira-a-arte-de-ser-educador/55577/

MIALARET, Gaston. **A Formação dos professores.** Coimbra: Livraria Almedina, 1991.

NÓVOA, António. **Vidas de Professores.** Porto: Porto Ed, 2000.

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Profissão Docente.** Porto, S/D. Diponivel em: https://core.ac.uk/download/files/489/12424596.pdf

PAPI, Silmara de Oliveira; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **As pesquisas sobre professores iniciantes: algumas aproximações.** Educ. rev. vol.26 no.3 Belo Horizonte Dec. 2010. Disponivel em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000300003&script=sci_arttext.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autentica, 2012.

PINSKY. Carla Bessanezi. **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto. 2014.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **ETNOGRAFIA: SABERES E PRÁTICAS**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponivel em: http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação profissional. Petrópolis,** RJ: Vozes, 2002.

TOSTA, Sandra Pereira; ROCHA, Gilmar. **Diálogos sem Fronteiras: História, Etnografia e Educação em Culturas Ibero-Americanas.** 1 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014.

URIARTE, Urpi Montoya. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**. 2012. Diponivel em: http://pontourbe.revues.org/300

ZARTH, Paulo Afonso. **Ensino de História e educação**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004.

ANEXOS

Conversas com os professores

H

“Bom, morei com meus pais. Tinha… Minha mãe é aposentada, ela trabalhava numa fábrica de pescados e o meu pai era do porto, era estivador. Bom, eu cursei meu ensino fundamental na Escola Alcides Barcelos. Humm,,, Depois eu fui fazer meu ensino médio no Lemos (Colégio Lemos Júnior). O Alcides Barcelos fica no bairro (Bairro Getúlio Vargas). Eu brincava muito na rua, com os amigos do meu irmão que é oito anos mais velho que eu. Então eu cresci com ele adolescente brincando com os amigos e eu criança brincando na volta”.

“Desde meu Ensino Fundamental sempre tive a disciplina de História como sendo a minha favorita, pois era através dela que pude conhecer mais sobre tudo e já conseguia relacionar os fatos ao meu redor com o que havia ocorrido no passado, claro que isso foi proporcionado pelas reflexões que o professor instigava e é o que eu mais quero passar para meus educandos, a reflexão”.

“[...] desde a 7º série. Tive um professor de História que me ajudou muito a desenvolver meu senso crítico e tomar gosto pela disciplina”.

“Depois que eu me formei no colégio eu fiz vestibular pra Oceanologia (risos), uma area bem diferente, mas eu sabia que pela minha condição eu tinha que fazer uma escolha, que devido a condição da educação eu teria duas opções: ou eu me matava de estudar ou eu fazia a minha segunda opção. Eu escolhi história e licenciatura pelo mercado. Dai eu terminei o ensino médio e fui trabalhar, não tinha passado no vestibular. Nisso eu já trabalhava no ensino médio, já… No terceiro ano eu fazia estágio. Eu trabalhava pra arcar com o que eu queria, nunca foi pra ajudar em casa”.

“Quando me formei comecei a largar curriculos, inclusive ali. E por elas já me conhecerem e conhecerem a minha família me chamaram para a seleção quando foi preciso. Eu participei do processo de seleção. Foi basicamente entrevistas que a gente fez, duas sequências de entrevistas. Primeiro foi uma entrevista sobre o meu currículo mesmo, conversaram comigo, me conheceram um pouco mais, pois na verdade era a coordenadora e uma irmã que eu não conhecia, que eu não tinha afinidade. Foi do zero. Então. Ela começou a questionar, mais pra conhecer o meu perfil mesmo. No segundo momento foi mais pra saber como eu trabalho,

como seria a minha proposta pedagógica. Eu não precisei dar uma aula pra elas, mas foi basicamente isso… Ai arrumei o emprego!".

"O início foi muito louco. Bá. Eu comecei em dezembro, o processo de seleção e fui até janeiro. Em janeiro que eu fui lá pra ver os livros que a escola trabalha, e eu pensei: "Meu Deus, agora é sério!". Eles já tinham os livros escolhidos pela antiga professora. São três anos que se trabalha com esses livros, então eu preciso trabalhar com eles estes livros ainda. Mas ai, quando eu me senti mesmo, que ia ser professora, foi quando elas me chamaram pra entregar o livro, os dias das reuniões, do inicio do ano letivo. Eu fiquei apavorada! Ai as aulas começaram em fevereiro de 2015. E eu tinha menos de um mês pra me preparar… Ai meu Deus. Dá um gelo, dá um medo, um medo. Eu já tava acostumada a dar aula, dei aula no PIBID, dei aula nos estágios e no PAIETS, mas ser regente de uma turma é diferente. É um trabalho, tu ficar com eles o ano inteiro. Vais ter que preparar cronograma, preparar aulas, eu não sabia nada."

"E ai a minha primeira reunião com as professoras foi bem perto de começar as aulas, foi numa semana e durante três dias e na outra já começavam as aulas, ai foi… Que eu fui me tranquilizando, elas me receberam super bem, a equipe de professores também me receberam super bem. Esse foi o diferencial, a gente se sente acolhida. Pelo menos eu me senti bem acolhida… No meio do ano sempre tem reunião de formação, mas nessa primeira reunião não. Mas não deixa de ser formação, pois conhecemos o projeto Político Pedagógico da escola, o regimento da escola, o que a congregação, como é um colégio católico, a gente precisa saber pra trabalhar. Então, eu me senti mais tranquila, mais calma, as professora já foram me dizendo, dando dicas… Mesmo assim, o primeiro dia de aula…".

"Foi um desafio. Eu era a professora nova pra eles. Eu acho que foi no sétimo ano, que hoje eles estão no oitavo, que dei a primeira aula. Então, o que que eu tinha medo? Da resistência deles, eles tinham uma outra professora, uma outra metodologia, que na verdade, tu pode acabar seguindo os passos, mas tu é outra pessoa… Eu tinha medo de aceitação mesmo. Como que eles iam me ver, eu tinha muita insegurança, mas foi muito bom, eles me receberam muito bem. Eu lembro que no primeiro dia, eu fiz dinâmica de apresentação, eu não dei aula. Fiz a dinâmica de apresentação com balão, dei bombom, meio que comprei os alunos (risos)... Que era pra isso, como que eu vou chegar lá ? É difícil, eu que tô chegando… Foi muito bem, até agora não tive problemas graves com eles".

"O meu desafio diário é fazer a transposição didática, é o maior desafio que eu tenho hoje em dia, que eu sei que eu tenho… Eu gosto muito de trabalhar com o lúdico deles, principalmente

com os pequenos. Então, a gente faz trabalho com argila, faz maquete, a gente faz… Agora mesmo nós trabalhamos com cidades da Mesopotâmia, então o que eu pedi? Pedi pra eles fazerem um comparativo da cidade deles pra cidade da Mesopotâmia, tentar entender o motivo da cidade de hoje… ter semelhanças com a cidade da Mesopotâmia… Eu gosto de trabalhar assim, às vezes dá certo, às vezes não. Depende da maturidade da turma… Eu tenho duas turmas de oitavo ano que é mais imatura, é geral… Mas eu tenho outra turma que eu trabalhei a questão da mulher com eles, que tá um tema atual e eu tô começando a falar de Revolução Industrial e ai rendeu bastante o assunto, que não rendeu, que eu tentei aplicar com a questão indígena, na outra turma não rendeu tanto… A gente começou a falar da Independência dos Estados Unidos, que foi a colonização dos indígenas, tentei buscar a questão do indígena brasileiro, com uma turma não rolou tanto. E isso causa frustração, com a outra deu certo…"

"Na verdade o livro não é todo ruim, a gente tem que saber usar o livro… É um quebra galho pro professor, que ali já tem um planejamento quando tu não tá a raciocinando pra uma aula, o livro te dá uma ideia. Eu sou contra a pessoa que só usa o livro, mas ele…"

B

"Eu fiquei quase 30 anos parado sem estudar, porquê eu terminei, conclui o meu ensino, eu quando prestei concurso pra trabalhar no estado como secretário de escola eu não estava estudando, já tinha, já havia parado de estudar e não havia terminado o ensino médio ai depois eu fiz o concurso em seguida houve uma possibilidade de fazer aquelas provas do ENCEJA antigamente, provas da décima oitava (coordenadoria de ensino) pra terminar o ensino médio ou segundo grau na época e eu fiz as provas e terminei o ensino médio e fiquei mesmo sem estudar em escola regular, assim, de escola quase uns vinte e oito anos".

"O que mais me motivou fazer uma licenciatura exatamente foi entrar, fazer, pelo plano de carreira do estado, fazer um curso superior an… e como eu trabalho em escola, na secretária de educação eu teria que fazer algum curso ligado a área administrativa ou um curso de licenciatura pra poder fazer parte desse plano de carreira. Área administrativa eu sempre trabalhei, mas eu não era um curso que me chamava a atenção e ai dentro dos cursos de licenciatura eu fui vendo qual eu poderia gostar mais e optei pela História, não porque eu gostasse da história, propriamente dita porque eu nunca tive um professor que me incentivasse a gostar disso, como eu disse um pouquinho antes, mas por ser um curso… Quando eu comecei ler a respeito dos cursos que a FURG oferecia… Por ser um curso que eu acho que

ali eu encontaria muitas respostas pra muitas outras perguntas, até perguntas que a gente se faz normalmente… da vida, como isso aconteceu… como aconteceu aquilo outro...e ali eu achei que na História eu poderia buscar… Conhecer melhor esses fatos…".

"Só no trabalho de educação popular, um trabalho voluntário. Mas já ajudei, já fiz, já fiquei em sala de aula mais de um mês, atendendo alguma turma num problema de uma doença de uma professora, uma colega da área de história que se afastou e eu assumi, eu a pedido do diretor da escola mesmo aqui e eu nem tava totalmente formado ainda, foi no ano de 2010/2011, que eu assumi uma turma pra eles terem aula. E a minha impressão foi que, o primeiro momento que tu entrou, que eu entrei na sala de aula, que me deparo na frente de jovens, adolescente e até adultos quando se dá aula no EJA, como eu fiz um trabalho desses e hoje eu dou aula no pré IF que são alunos de nono ano, a minha primeira impressão todos os anos quando eu inicio a turma é, é uma coisa, assim, de um medo, um desafio, "Será que eu vou conseguir atender aquela turma?", "Será que eu vou conseguir satisfazer o interesse deles?", "Será que eu vou conseguir suprir a dificuldade que eles tem?" . Ajudá-los, realmente e ai com o passar dos dias, conforme vai passando as aulas, eu vejo que eu…"

"Eu acho que eu vou conseguindo superar isso, eu vou superando em mim mesmo esse receio, esse medo e muitas vezes eu fico sem saber, as vezes o que responder de algum questionamento, mas eu procuro buscar depois, como sempre se disse isso na universidade a gente não é detentor do saber total, a gente tá sempre aprendendo e eu procuro fazer isso, mas eu muitas vezes vou pra sala de aula até um pouco nervoso, digamos, e com receio."

"Procuro fazer isso, procuro até quando eu sinto que tô dando uma aula e que eu tô sentindo que aquela aula tá cansativa, eu procuro, eu fico pensando que eles estão com aquela carinha de cansados, de que parece que não tão prestando muita atenção e eu procuro pensar: "bom, a aula não pode ser assim, porque eu não gostaria de uma aula assim". Eu não gostava de aulas assim, eu não gostava quando eu recebia uma aula, só informação e informação sem poder ter uma troca de informação, sem poder conversar, sem poder interagir, muitas vezes quando a professora entrava e falava e ficava ali ouvindo só sentindo sono. Até na própria graduação a gente passa por isso, então, vez em quando eu me pego, me coloco assim dizendo: "não, tem que fazer uma aula melhor, tem que fazer uma aula mais interativa, tem que fazer uma aula que chame a atenção deles", por que senão vai ser ruim, eu não vou conseguir nenhum objetivo, não vou conseguir atingir eles com uma aula sem incentivo, então eu procuro me colocar no lugar deles de vem em quando sim, com certeza. As vezes tem que ser um pouco

duro, tem que brigar, tem que xingar, porque tu tá lidando com adolescente, mas eu procuro me colocar no lugar deles."

"Eu procuro sempre, eu acredito que a gente tem que pegar o conteúdo que a gente tem que passar pros alunos e tem que tentar colocar isso um pouco no nosso dia-a-dia. É difícil muitas vezes, tá dando aula de uma idade média e tu… Como eu tô terminando o conteúdo de idade média no pré IF, na turma do pré IF e eu conseguir colocar isso nos dias-dias, no dia-a-dia, mas a gente tenta fazer isso, então o que que faz isso, é trazer um filme, onde as vezes eles veem… Filmes na tevê, eles não fazem a ligação. É mostrando as barbaridades que acontecem hoje em dia até, como, acontecem barbaridades como esse banditismo mesmo que anda aflorando principalmente na nossa cidade e , e dá pra fazer uma correlação com isso e então eu procuro sempre, procurar, tentar um pouquinho, as vezes mesmo eu posso até fugir do conteúdo que tá se dando dentro da sala de aula, mas buscando alguma coisa que no dia-a-dia deles a gente possa levar pra que entendam um pouco aquele conteúdo, mas muitas vezes, pra mim, eu penso pra mim que muitas vezes infelizmente, a gente tem que seguir o fato que aconteceu no passado e explicar pra eles realmente como aconteceu e ai, isso as vezes fica um pouco cansativo, mas a gente, eu tento puxar um pouquinho, não sou um excelente professor, mas procuro dar o meu melhor pra fazer isso."

"Eu acredito que seria a educação dos alunos, porque ann… Eles muitas vezes não tem, eles vem pra escola e sem a vontade, eles não tem uma educação de poderem entender o que tu tá fazendo ali, é… Como eles dizem, "aah é mostrando o passado!", mas é mostrando o passado, como eu disse um pouco antes, tentando puxar para o presente e que no futuro pode acontecer algo parecido… Annn… então, assim dificuldade é o que é a própria, o comportamento, da vontade, da própria vontade dos alunos. Quanto outras escolas, eu não sei, por que eu não tenho a prática de outra escola a não ser a escola aqui que eu trabalho, a escola Tellechea… Onde atua o projeto Acreditar, que é a turma que dou aula. Eu não tenho prática fora daqui e aqui, graças a Deus, a escola nos dá, nos oferece condições de usar o multimídia, da gente usar um xerox, da gente usar o material que a gente precise pra trabalhar com os alunos. Talvez se eu usasse lá fora eu entenderia, visse outras dificuldades. Agora o que eu vejo um pouco maior dificuldade aqui é o comportamento deles, a educação deles e a vontade deles."

F

"Eu sempre gostei muito de História, sempre fui muito curiosa e queria saber; sempre saber "como foi?", "por que foi?", principalmente porque meu pai, também apaixonado pelos

assuntos do passado, desde cedo me convidava para assistir filmes e documentários que abordavam temas afins".

"Eu lia histórias em quadrinhos de meninos, então, histórinhas da Marvel eu lia todas. Tinha um amigo do pai de profissão que época, ele… Ele estudava japonês e era professor de artes. Ai ele veio pra mim com uma "vibe", lá na minha sétima, oitava série, de ler mangás. Então nesse período eu lia os mangás do Samurai X, eu era viciada e era uma período em que a própria editora trazia nas histórias relatos de outras gurias que liam, naquela época que não era muito comum gurias lerem essas coisas. [...]Eu era bem "cult"pra época".

"Todo mundo gosta de História por causa de Egito".

"O meu pai por ser do direito, das áreas humanas, ele sempre gostou muito de história, então desde pequenininha ele me incentivou. Eu chegava do colégio e contava tudo pra ele, tirava dúvidas. Minha mãe é das exatas e da área da saúde então… Nunca rolou muito essa afinidade e ai agente sempre debatia, se tinha algum documentário ele me chamava pra ver junto, então… Começou desde cedo (o amor pela história)..."

"Eu pensei que ia mudar o mundo (quando entrou na graduação), mas a gente percebe que o mundo muda muito mais a gente do que a gente muda o mundo (risos), estou muito poética hoje".

"Alguns professores enquanto profissionais deixaram a desejar… Quando eu fui vendo… Alguns professores pela estabilidade que a profissão traz se acomodaram, assim… Como se aquelas práticas lá… Lá da década de noventa ou oitenta fossem práticas eternamente válidas até o fim dos tempos… Então, se acomodaram assim… Tu entra num curso cheio de expectativas e tu quer ter esse retorno, assim… Até nos primeiros momentos do curso tu quer ter esse retorno pra saber se é aquilo mesmo que tu quer mesmo…".

"Eu sempre gostei muito de História, sempre fui muito curiosa e queria saber; sempre saber "como foi?", "por que foi?", principalmente porque meu pai, também apaixonado pelos assuntos do passado, desde cedo me convidava para assistir filmes e documentários que abordavam temas afins".

"Passou alguns meses, uns três meses que tava lá (no mestrado) e eu peguei o meu primeiro emprego que foi ali no Asspe, pra dar pra uma turma só, uma turma que ninguém queria pegar, tipo a turma dos encapetados, digamos assim. Era uma turma de vários repetentes e já tinham passado por várias escolas, foram rejeitados e não tinham um lugar, digamos assim, era regular. Fundamental regular. Ai fiquei ali três meses, trabalhando e indo lá pra Pelotas. Tinha vezes que eu ia de tarde, então eu dava aula de manhã, saía dali, pegava o ônibus,

almoçava lá e ia pra aula, então depois de trÊs meses que eu tava ali, chegou uma bolsa extra pro mestrado e eu consegui a bolsa e ai por exigência do mestrado eu tive que sair do emprego, por que pela Capes tu pode trabalhar e ter a bolsa, mas ai fica a critério de cada programa de pós graduação. E segundo o meu programa a dedicação deveria ser exclusiva por que tu tem que viajar e apresentar trabalhos, tem que representar o nome da universidade, que essa é uma das exigências… Nesse período não trabalhei só me dediquei ao mestrado"

"Terminei o mestrado e eu tava desesperada, o meu pai já tinha investido um monte em mim e eu não tava trabalhando ai eu fiz a coisa mais louca da minha vida que foi largar currículos em lojas e imobiliárias, já tinha largado em colégio, mas não tinham me chamando né?! E o meu ex colégio, já tava ocupado. Ai eu fui trabalhar numa imobiliária… Eu preciso me manter… Mas sai da imobiliária, recebi as três semanas que eu trabalhei e comecei a focar em achar alguma coisa na minha área mesmo. Ai passou mais uns quatro meses, eu acho, e eu vi no Anchova que eles estavam precisando de uma professora de história numa instituição de ensino, não dizia onde, só tinha o telefone. Ai eu liguei e era a minha ex escola… Na primeira vez que eu entrei na sala de aula, eu tremi na base, assim… Tinha umas trinta pessoas me olhando, tremi muito na base. Eles eram o tipo de pessoas que gritavam muito, falavam muito alto. Começa assim, toda vez que eu vou pra sala de aula meu estômago fica assim (gesticulou com as mãos, estômago embrulhado), com borboletas, entendeu?! Até hoje é assim, pois, embora tu conheça as pessoas, toda vez que tu chega na sala de aula é uma coisa nova…"

"Foi bem melhor ter voltado lá, eu ia uma única vez lá, nem conhecia meus colegas. Eu era a pessoa mais avulsa, tipo um fantasma na escola, pisava só num dia de manhã e depois não pisava mais… Foi uma experiência muito rápida. Ai na segunda vez as coisas foram acontecendo passo a passo, foi um processo. Eu fui me apropriando daquilo que eu estava encarregada para fazer. Colocar limites, passar os conteúdos, cobrar quando necessário… Ao longo da convivência que tu gosta mesmo, tanto é que eu tenho alunos de lá que eu me dou bem até hoje… Tem uma aluna minha que foi fazer história, vai ser minha colega. Tem coisas, tem pessoas que tu leva pra vida, tem pessoas que passam despercebidas, que tu não lembra que ontem estav em aula… Então a minha maior dificuldade na segunda vez foi me impor como professora…"

"A primeira vez foi terrível, primeiro que, depois que eu me senti professora eu adquiri a característica de falar e falar muito e uma coisa vai puxando a outra, … Trabalhar com o tempo contado, embora a aula tenha tempo contado tu consegue organizar as ideias, consegue interagir melhor com as pessoas. Nessas aulas de de noite era só eu falando. Eu, eu, eu… Ai

lá pelas tantas um perguntava alguma coisa, mas tem que levar em conta que eram pessoas que trabalharam a manhã inteira, muito pessoal da barra dali, do estaleiro, do pólo então, tinha gente que dormia as vezes em aula e eu deixava… Era um público bem heterogêneo e era bem cansativo, começava as 19:30 e eu saia da escola às 23:00 por ai… Eu chegava em casa sem voz e louca de fome, então a primeira vez foi terrível, eu pensei: "o que que eu tô fazendo aqui?" Porque eu ainda dava aula de manhã lá, então foi bem difícil. Não mais pela questão do nervosismo, mas pela questão de como eu ia dinamizar meu tempo e fazer uma aula legal…"

"A carga horária aumentou bastante né?! Por que é aquele ritmo de manhã, tarde e noite foi bem intenso quando eu fiquei, mas não durou muito tempo ai depois eu só trabalhei de manhã… Foi um período que eu fiquei bem tranquila só dava aula pro ensino médio. Quando eu sai de lá e fui pro Salesiano eu fui super bem acolhida, os alunos estavam com medo que eu ia abandonar eles também. Segundo eles, eles foram abandonados duas vezes, mas faz parte da característica da escola a afetividade. Eles vão ficar meio assim, por que não te conhecem, mas em dois ou três dias tu já vai estar sendo abraçada pelos alunos. Que é uma coisa que eu não estava acostumada… Lá no Asspe a gente tinha regras de nem tocar no aluno… Não podia nem tocar no ombro do aluno. Eu sai de um extremo que não podia nem tocar pra outro que eles vem te abraçam e beijam… Tu é bem recebido, tem toda uma preparação pro ENEM que lá no Aspe não tem. A gente fez dicas ano passado pro ENEM e eu já peguei… É todo um outro mundo, qualquer prática pedagógica que tu pensa em fazer dá pra fazer…"

"Até na própria área acadêmica de história, eu tava lendo algumas coisas sobre o Rüsen agora que meu namorado me passou, que são fundamentais pra minha prática, enquanto professora e historiadora e enquanto sujeito crítico também, são algumas leituras que eu vejo como necessárias para minha formação continuada. Já que eu não tenho ido mais em seminários, não tenho tempo pra isso. Então eu tenho lido coisas assim, da minha parte. Tenho lido muito Rüsen por minha conta… E eu peguei algumas coisas de um historiador que trabalha com a questão de empatia… Eu acho interessante pra tu te perceber em sala de aula, que as vezes o aluno não consegue compreender a importancia da história é porquê ele não consegue se colocar enquanto sujeito, enquanto sujeito no mesmo lugar que os agentes que a gente estuda. "

A

“Sempre tive um pequeno gosto por História por jogar muito vídeo game, uma mídia que, com frequência, aborda temas políticos, militares, mitologias, etc. É uma disciplina que dialoga com várias áreas da sociedade”.

“Quando eu tive contato mesmo com a história foi no cursinho, porque no colégio eu tive… No ensino médio, principalmente, muita falta do professor de história. Sempre tinha o professor, que durante o primeiro ano não tinha no Lemos (Colégio Lemos Júnior), no segundo o professor tava de licença, no terceiro ele saiu e a gente ficou um tempo sem professor… Ann… Então eu tive contato mesmo com a história no cursinho. E aí quem me influenciou na licenciatura foi esse meu professor de cursinho… Eu perguntei: “o que tu acha que é melhor pra mim, licenciatura ou bacharelado? [...] Ele falou: eu acho melhor tu ir na licenciatura que tem mais possibilidades de trabalhar”. Mas eu nem imaginava, eu só segui a licenciatura [...]”.

“Tem professores ótimos, só a parte da licenciatura me desanimava mesmo por que eu não encontrava muito sentido nas aulas que a gente tinha. Por exemplo as práticas pedagógicas, para mim, eu só aproveitei a primeira. A segunda vinha com uma proposta diferente, mas acabava na mesmisse. “Agora vamos falar do aluno deficiente” e falava-se num dia só “Bum” já entrava a mesma coisa que a gente já tinha visto nas outras aulas que era aquela proposta de ser um professor diferente. E essa proposta os professores não seguiam, então, pra mim, o que eu aproveitei bastante a “prática” um e dois na verdade”.

“Profissionalmente, foi um pouquinho assustador por que eu tava numa escola meio “punk” assim, que era o EJA fundamental. A gente sempre tem essa ideia de que o EJA é super legal trabalhar pois é um público misto, é aquele guri de dezesseis anos e outro de quarenta,então o cara já vai meio iludido pro EJA. Pela manhã. Então o EJA fundamental pela manhã pelo menos onde eu trabalho é muito “punk”, pois tu chega do intervalo e a aula tá fedendo a maconha, tem vários casais se “pegando” e tu pede pra parar e quando tu vê já rola uma brincadeira: “ah, o professor tá na seca!”. Um público extremamente caótico. Eu enxergo eles como pessoas com problema, eu sempre falo isso na sala de aula. Pra mim, esses caras tem problemas de convivência, não tem limite nenhum, não sabem de onde eles são… Então quando eu entrei as instruções foram: “S, te cuida com as tuas coisas que os caras podem roubar”. Então eu entrei lá com aquele sentimento do filme Mentes Perigosas… (risos). Foi assustador, muito assustador e essa foi a primeira impressão…”

“Professor novo, eles param tudo pra prestar atenção, e como eu sou um cara que gosta de brincar, tô sempre… Puxando alguns exemplos engraçados, quando um cara tá conversando

eu sempre falo alguma coisa engraçada pra ele ficar quieto e todo mundo ri. Sempre peço as participações… Só que eu não tinha a experiência que o professor não pode ser totalmente várzea, sempre alegrezinho…Mas já me serviu pra me moldar, que bom que eu posso ser assim, que eles aproveitam , mas eu não posso ser totalmente assim e isso eu levei pro cursinho. Pro pré IF, que é um público de quatorze, quinze anos. Que eu sou assim, mas já dou umas mijadas."

"As escolas privadas tentam fazer, tentam mesclar. Nem privar tanto, nem dar tanta liberdade, que se tu começar a privar muito, esse aluno é um cliente e esse cliente vai sair. Então ela tenta arranjar um meio termo. O que às vezes é ruim, em algumas administrações por que… No primeiro ano que dei aula, a escola tava mais interessada em trazer o aluno do que fazer com que o aluno não saia de lá, a gente tava tendo muita evasão. Então, teve um dia que um cara levou uma faca pra escola e só deram um mijãozinho nele: "Olha, não pode trazer faca pra escola". E acabou por ai. Se suspender, ele não vem mais. Então, dependendo da administração tem muito dessa coisa de olhar o aluno mais como um cliente, essa parte da escola privada é complicada. Por outro o Cesam, por exemplo, como já tem um público certo, então, tratava o aluno como aluno, lá não tem essa…"

"Eu programo pra ver algum conteúdo e… Beleza, nosso conteúdo é… Sei lá, Idade Média, então a gente vê Idade Média. E eu tento, programar sempre e contextualizar. Pegar algum tema, tipo inquisição. Beleza, inquisição, então vamos tentar trazer a inquisição pra cá. O que que a gente tem que é perto, o que chegou, o que pode ser. Sempre pego um tema e tento trazer pra algo que a gente vê hoje, nos dias atuais ou mais próximo possível."

"Não, com os alunos muito bom, muito bom. Até com esses problemáticos, eles decidem… Quando eles caem na real: "Pô, tô avacalhando mesmo". Teve um aluno, dois alunos…Um aluno e uma aluna ano passado, que os caras são meio sem noção mesmo. Que ele começou a ter problema de drogas com o pai dele, ai ele começou a mudar e ele mesmo veio me pedir desculpa… E uma outra colega também, no final do ano ela deu uma aquietada e começou estudar também veio pedir desculpas. A minha relação com os alunos é muito aberta, não pego rancor dos caras…"

"Algumas pedem só pra eu não colocar muito a religião, sempre me perguntam a minha religião, como eu relaciono. Eu era de religião, cresci numa igreja batista, então eu tenho algum conhecimento bíblico, assim, mas eu pelo contrário, a gente que é da história tenta sempre Estado Laico. Enfatiza o lado de não religião, mas é impossível não falar de religião, é

o que moldou a civilização, faz e fez parte da história. Inevitavelmente a gente fala. A escola sempre tem a preocupação com a religião".

"Então, a gente fala sobre política, às vezes a gente fala mais de atualidade do que de conteúdo. Isso é uma coisa que sou bastante criticado. Que o conteúdo é importante, mas também é importante a gente vê o que acontece ao nosso redor. Esse é o choque que a gente leva quando vira acadêmico, a gente enxerga o mundo com outros olhos… Isso é tão importante quanto ver o conteúdo… Leitura teoria, não.Não é nem por questão de tempo, mas é como eu larguei desse convívio de FURG, eu me distanciei desse meio acadêmico e da leituras acadêmicas. Eu leio quadrinhos, leio livros de ficção. Tô lendo Game of Thrones, um livro de Star Wars e um mangá sobre a cultura grega. Mas tudo tem uma ligação com a história ou tu mesmo consegue achar os conectores… "

E

"Quando era aluna, eu não era muito de prestar atenção. Tinha um déficit de atenção, na verdade, mas nunca foi diagnosticado. Sempre tive muita dificuldades em exatas. Já humanas, tirava de letra! Lia tudo o que tinha à minha volta, até bula de remédio. E isso acabou influenciando nas minhas escolhas profissionais. Repeti de ano algumas vezes, até finalmente, e por teimosia minha, insistência em ser além do que se esperava de mim, me formei".

"Meu pai trabalhava no Banco Francês ou no Meridional, não me lembro e a mãe sempre foi dona de casa, mas em seguida ele foi pra Ipiranga e ai sim, ele ganhava mais. Ai meu irmão nasceu, eu tinha seis anos quando ele nasceu. Ai a gente foi pro Cassino, pois ele tinha problema respiratório e ali era do lado de uma fábrica de peixe, então era bem ruim pra ele e o pai fumava também, então a médica falou: "Ou tu para de fumar ou o teu filho vai ter uma doença horrível pro resto da vida". Ai a gente foi pro Cassino, compramos uma casa no Cassino, na época que o Cassino era bom, que um gritava e o outro não escutava. O Cassino era mais de veraneio, assim… Minha infância foi boa… até… a mãe trabalhava em casa, dizer que ela trabalhava não dá, se ela não trabalhasse a gente não tinha o que comer… A mãe ficava em casa com a gente, na época não tinha escolinha assim e o pai nunca apoiou ela trabalhar, pois ela trabalhava antes, trabalhava em casa de família. Eu estudava no Medianeira, todo o ensino fundamental desde o jardim… Mentira! Eu estudava no Agnella, mas eu quebrei o braço e perdi o ano, ai fui pro Medianeira. Ai lá eu fiquei até a oitava. Rodei

muitas vezes, não me lembro quantas vezes, mas foram muitas. Ai depois fui pro Juvenal. Ai pegava o ônibus do Cassino bem cedo, era bem cedo".

"Muito difícil, eu acho que se eu tivesse dado aula quando eu terminei a primeira graduação, que foi a pesada mesmo, eu acho que eu ia dar uma aula muito massante. O professor de história ainda tem muita dificuldade em abstrair do conteúdo, Tem muito professor muito conteudista, tu não vai deixar o cara burro se tu não falou naquele assunto que é ligado naquele ali, tu tem que falar o uq é importante. Agoa, o que que é importante? Esse é o desafio. Sempre aprendi, a gente não vive no passado, a gente vive agora…"

"Eu pego esse planejamento e vejo é esse assunto aqui, ai eu vou no livro didático. No Radix. Pra quê? Pra ter uma ordem para eles, uma cronologia. Ainda somos apegados a essa cronologia, eu não tenho conhecimento, não tenho base teórica pra não usar um livro didático, pra não usar a cronologia. Eu sou professor há um, dois anos, quando eu tiver dez anos não vou precisar mais olhar. Eu ainda preciso olhar. E o que eu faço? Eu vejo os assuntos e vou lá nos meus achados, nas coisas que eu salvo. Ou vou na internet buscar alguma coisa pra inserir naquilo… Um debate, um filme e assim eu vou indo, vou construindo. A escola me dá liberdade total. Tenho que fazer prova, sou obrigada, o valor elas (as professoras que coordenam a escola) dão uma sugestão de acordo com aquilo que acreditam que é melhor, e eu confio nelas… Também não gosto de prova, mas tem a família, são coisas… A gente também tem que saber usar a prova, usar pra diagnosticar… "

"Pelada, me senti nua quando cheguei na sala de aula. Foi num concurso… Eu já tava estudando pra concurso há muito tempo, então português foi mais… mais fácil. E estudava bastante leis.. Eu passei no concurso em 2012 e eu ia me formar naquele ano. Ai a FURG entrou em greve e me chamaram, mas eu não pudi assumir, por que não tinha me formado, não tinha feito nem estágio… Não deu e eu olhava o papel e só chorava. Ai em seguida que passou esse concurso veio o concurso para mais vagas, ai eu passei. No primeiro concurso eu passei em primeiro lugar, no segundo em oitavo. Em seguida me chamaram, a saga toda quem acompanhou foi ele (o marido)... Quando eu fiz o segundo concurso já tinha me formado… Fui pro Bibiano, a senhora que estava lá já ia se aposentar e no fim não conseguiu… Eu já tinha feito o estágio lá, já estava habituada a escola, achei um clima muito bom.Me jogaram no sexto ano, médio não me jogaram ainda, mas meu sonho é pegar o magistério. Dei aula no Bibiano duas semanas, como o caso com a professora não deu certo eles (a 18ª Coordenadoria de Ensino) me transferiram… Ai me colocaram no Juvenal…"

“Cheguei já assim, peguei um sexto ano. Eu cheguei e ninguém veio falar comigo sobre planejamento. Eu que fui pedir por que eu entrei crua. Não teve ninguém pra me dar uma orientação, supervisão, nada. Eles (da escola) já achavam que eu sabia de tudo, mas eu não sabia de nada. Ai que fui chegando e perguntando pros professores mais velhos como é que fazia, sobre a burocracia, a chamada, sobre o caderno, que eu ainda não aprendi… Ai G, arruma isso… No Bibiano eu acho que foi mais acolhedor, por ser um colégio menor. No juvenal não. Depois tu te acostuma, tu cria uma maturidade…”

“todo mundo diz que é burra, mas ninguém procura a solução pro problema de aprendizagem”.

“Muito difícil, eu acho que se eu tivesse dado aula quando eu terminei a primeira graduação, que foi a pesada mesmo, eu acho que eu ia dar uma aula muito massante. O professor de história ainda tem muita dificuldade em abstrair do conteúdo, Tem muito professor muito conteudista, tu não vai deixar o cara burro se tu não falou naquele assunto que é ligado naquele ali, tu tem que falar o uq é importante. Agoa, o que que é importante? Esse é o desafio. Sempre aprendi, a gente não vive no passado, a gente vive agora…”

J

“Eu quando eu entrei, eu achei que ia ser muito mais complicado, muito mais exigente. Eu até me decepcionei um pouco por achar que eu ia ter muita dificuldade, que ia ter muita leitura obrigatória, que eu ia ler livros e livros (risos), né?! Ai a gente chega e vê que a realidade é um pouco diferente. Tá certo que o aluno tem que ter autonomia, tem que ter, tem que construir o seu currículo, a sua carreira né?! Mas achei que ele seria muito mais pesado do que ele é”.

“É muito complicado, pois quando a gente entra na universidade, entra com uma expectativa, outra que tu sai da escola e não entende muito bem o que é o professor universitário. Parece que tem uma barreira, mas teve professores que falavam mais da prática que tiveram em escola básica, ai sim… A gente achava mais real pois eles já viveram aquilo, isto toca mais”.

“Bom, meu pai é marceneiro e minha mãe é cozinheira, inclusive cozinheira de escola. O meu pai já está aposentado. Em relação à estudo, eles não tem. Eles tem cursos técnicos relacionados à area deles, mas acho que nenhum dos dois terminaram o segundo grau. Ai então, eu tenho irmãos mais velhos, o meu pai foi casado antes da minha mãe e teve dois filhos e a minha mãe também foi casada antes e teve uma menina, a mais velha de todos. Ai

depois meus pais juntos tiveram quatro filhos, eu sou a mais nova. Vivia todo mundo junto, ai depois os mais velhos foram se casando e ficamos só nós, os quatro".

"Eu conheço a diretora antiga da escola e ela tinha um professor aqui que é professor da rede pública e ele maravilhoso, super famoso, faz teatro, ele é incrível. Ai um dia eu tava em aula e toca meu telefone e eu reconheci o numero dela, ela disse: "Paola, passa aqui na escola que eu quero falar contigo." Ai eu fui na escola, aqui. E ela me falou o que tava acontecendo, que o professor tava saindo no fim do ano e ela não tinha ninguém, que ela não encontrava ninguém pra dar aula e perguntou se eu aceitaria o desafio. Por que eram turmas pequenas, eu tinha que lidar com crianças de tudo que é religião ou sem religião também."

"Eu senti medo, por que todo mundo amava ele e quando eu fazia alguma coisa tinha um que falava: "O professor tal não fazia assim". Ai foi terrível. E eu sou baixinha, cara de criança, eu tive que chegar e me impor e ai eu não consegui ter tanta amizade com os alunos, eu fui mais rígida. Fui aprendendo. No ano de 2015 eu comecei o ano letivo, ainda estava muito rígida, por uma pressão minha e da escola, que tu tem que controlar aqueles adolescentes que tão que nem pipoca, mas foi mais exigência minha. Esse ano (2016) eu tô mais leve, depende da direção da escola. Esse diretor nos deixa mais tranquilos, ele não coloca toda a responsabilidade em cima da gente, assim."

"Consigo (fazer um trabalho diferenciado), mas em algumas matérias, por exemplo, História Antiga é mais difícil de fazer isso. Então eu faço mais com o sétimo, oitavo e nono ano. Mas não é sempre que dá, quando eu vejo que as datas estão apertadas, "vamos lá conteúdo!". Se não a gente é cobrado. Tem muita burocracia aqui, primeiro tem chamada de aula, tem o diário de classe e depois eu tenho que passar tudo isso pro sistema e no sistema coloca notas, faltas, as aulas… Me senti muito acolhida. Os professores do meu nível, fundamental II, me ajudaram, me deram dicas, me ensinaram muito."

"É, é difícil fazer essa ponte. O conteúdo que tu aprendeu na faculdade, as leituras que fizemos na faculdade e traduzir isso para o universo deles, por que, por exemplo, a gente lê um parágrafo do livro e eles não entendem palavras simples. Tá muito complicado isso em todos os níveis, eu tô vendo isso, da dificuldade deles compreender palavras, de não terem leitura. Na verdade, eu acho que… Eu vejo eles com livros enormes de Crepuscúlo e Harry Potter e tal, eles leem muito, só que parece que quando a gente tenta sair desse mundo mágico não tem tanta facilidade. Então como eu faço, eu tenho as leituras que eu fiz na faculdade e tenho material didático deles e tento buscar outro apoio pra fazer esse ponte, tipo fotos e documentos, até o livro traz documentos históricos, uma carta de Dom Pedro II sei lá. E é

mais exposição dialogada isso, eu mostro pra eles de onde eu tirei, de onde veio, mas é difícil fazer essa transição, não é fácil."

D

"Não é um contexto muito incomum que a gente percebe hoje na nossa sociedade, meus pais sempre foram casados, nunca chegaram a se separar, houve várias ameaças mas nunca chegaram a se separar. Nós morávamos, na primeira casa que eu tenho recordação foi nos fundos da casa de um senhor, neurótico pela Segunda Guerra Mundial, a minha mãe lavava roupa pra fora e o pai, eu lembro que ele trabalhava embarcado, ai o barco dele pegou fogo e ele perdeu o emprego. Ai foi trabalhar Pescal, não sei em que função. Mas assim, eu não posso me reclamar do meu pai deixar de trabalhar, eu me lembro deles (dos pais) não comerem pra nós, eu e a minha irmã, termos o que comer. Éramos só nós naquela época, hoje somos cinco irmãos. A vida era meio complicadinha. Ai fomos morar no Cedro (Bairro Getúlio Vargas), onde eu ingressei na escola São Judas Tadeu, um ambiente hostil. Ai meu pai fez um concurso pra Receita Federal com a quarta série do primário, na época não precisava comprovar escolaridade e ingressou, ai a vida deu uma melhorada".

"Eu não lembro se foi na segunda ou terceira série que a professora dava as folhinhas e mandava colar no caderno, eu não tinha cola, mas deixava os espaços para colar. Um dia ela disse que ia olhar os cadernos, eu pedi uma cola emprestada e colei tudo na pressa, mas criança com pressa…, colei algumas folhinhas de cabeça pra baixo, a professora rasgou as folhas do meu caderno [...]. Cheguei em casa com o caderno rasgado e apanhei da minha mãe, pois a professora estava certa".

"Na universidade pude observar um pouquinho de cada professor e aproveitar os pontos positivos que cada um deles tinha".

"A estrutura física da escola não é da melhores, digamos assim, é ruim. Não é péssima, mas ruinzinha. Tem escola pública bem melhor. Nós temos um multimedia fixo, onde os professores tem que correr na frente um do outro pra agendar, então é um recurso que nśo temos dificilmente disponível. Não temos laboratório de ciências. Geralmente, eu gosto de dar aula fora da sala de aula, então eu uso o ginásio, né… Uso o corredor, o pátio, a praça. Claro que toda vez que tem uma saída dessa tem um objetivo e também tirar eles daquele ambiente [...]. No meu primeiro ano eu sabia que estavam me observando, isso é importante, pois às vezes a gente comete erros sem perceber eles. A direção me chamava: "Quem sabe tu não faz assim?" "Os alunos não estão te respeitando como devem, quem sabe tu não muda a

metodologia?". São pessoas experientes que estão ali para te auxiliar, te criticam e te auxiliam. Num primeiro momento não senti acolhimento dos outros professores, pois a minha apresentação foi numa reunião no seminário Santa Cura D'ars, na casa de seminaristas. Cheguei isolado, não conhecia ninguém ai quando a minha apresentação, a minha fala foi super forte, a primeira impressão que eles tiveram de mim é que eu era um "nerd", super estudado que não ia conseguir me adaptar ali, que é um contexto de família, de um cuidar do outro, a preocupação é sempre o aluno. Acharam que eu não ia ter essa flexibilidade".

"Eles me colocaram lá em cima, "Bá, esse cara é muito inteligente". Mas a flexibilidade, ela vem como tempo e a experiência. Então, eu não fui muito bem acolhido, só que teve um momento… Foi uma semana de trabalho coletivo, onde nós fizemos trabalhos em grupo e como separaram algumas lideranças e eu fui escolhido como cabeça de chave, os professores escolhiam com quem queriam aprender e muitos queriam aprender comigo. E eu: "Cara, eu cheguei agora, o que que vou ensinar? Nem formado eu tô!". Ai eu comecei a conversar com as professoras, a maior parte era mulher, "Eu trabalho há doze anos", "Trabalho há dez anos", "Trabalho há quatro" num geral, mas muitos antigos na escola também. E eu: "O que eu vou ensinar pra essa pessoa?" "Como vou manter meu emprego?" (Risos) Era a única coisa que eu pensava. Eu tentei mediar [...] Eles tem essa impressão minha se tem algum trabalho "Vamos perguntar pro L"".

"Eu só dou aula pela manhã, do quinto ao nono ano, mas a tarde tem as séries iniciais. Nós trabalhamos com o material didático da positivo e é um material horrível, muitos erros, onde eu identifico os erros e dali eu faço uma brincadeira. Só que uma professora que não é especialista, das séries inicias, que é uma professora pra todas as disciplinas, ela ensinou o que o livro estava colocando pra ela e ai ela ensinou algo pro aluno, mas o livro estava errado e ai chegou o meu aluno que é filho de um nossos professores aqui da universidade, ele é meu aluno hoje no oitavo ano, na época ele estava no quinto. Ai me chamara na escola, me ligaram, eu tava tirando um cochilo a tarde. A professora está desesperada que veio uma carta de um pai que era professor e que a professora está ensinando errado e nisso eu não tô sabendo de nada, ai ela foi no livro e disse que o livro estava certo e pro aluno, infelizmente, o livro está sempre certo. Os meus não tem essa concepção e ai chegou e eles estavam em dúvida de quem estava certo: a professora e o livro ou o pai do aluno. Me ligaram e me fizeram a pergunta: Quem era o presidente do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Eu respondi: Getúlio Vargas, mas pensei que eu tinha cometido algum erro. Nisso eu tava indo pro centro e pensei: Vou passar na escola. Eu fiquei com aquilo, eu pensei que eu estava

errado. Quando eu entrei na secretaria: “Ainda bem que tu tá aqui, olha essa carta” me disseram, a carta não tava assinada e eles estavam procurando até na internet, mas na internet também tem muita coisa errada. Quem estava certo era o pai. Me pediram pra salvar a professora. Eu fiz uma intervenção na aula, justifiquei o erro dela.”

G

“Eu tenho uma irmã mais nova, nossa diferença é de quatro anos de idade e a minha familia é toda de Rio Grande, os meus pais sempre moraram nesta casa (que foi feita a entrevista), no canalete, centro. Eu tenho vinte e seis anos e eles tem vinte e oito de casados e desde que eles casaram… Essa casa era do meu avô, que meu avô tinha um posto de gasolina, do mercado e esse posto aqui do lado também era e isso aqui era o depósito do posto ai eles reformaram e fizeram uma casa pro meu pai, por isso que é bem grande… Só que depois meu avô desfez a sociedade e meu avô faliu… Até a Duda (irmã) nascer a gente tinha dinheiro (risos) ai ficou, ai eu estudei em colégio público. Até a terceira série estudei no São Francisco e depois fui pro Bibiano. Quando chegou na sexta ou sétima série, eles colocaram o ensino médio, ai eu fiz todo no Bibiano”.

“Na minha época o Bibiano tava de melhor escola pública que tinha, eles tinha feito no vestibular na época e tiveram uns resultados bons, mas não foi por isso que a minha mãe me colocou, ela colocou pois era mais perto sem ser o Agnela que não tinha vaga… Dos meus professores eu tinha, tinha uma professora de geografia no ensino fundamental que eu era apaixonada, eu era enlouquecida por ela e depois uma professora de português no ensino médio. Então, eu sabia que gostava de história e gostava do negócio de ser professora, mas ainda não tinha pensado em ser professora de história”.

“O currículo, ela (a universidade) me apresentou…O que a gente... Por isso que eu falo que a universidade ainda tá muito presa ao que o colégio também tá. Eu vi como era no colégio, a única diferença é que nós tínhamos professores que sabiam do que era dado no colégio. O Jean (professor) depois que passou no concurso… A gente fazia aula no meio do laguinho (risos)... Mas eu comecei a ver que a gente pode dar aula a partir de “Brasil” e depois ele fez um jogo, não era nem um jogo era… Era palestra que teve vários indígenas na época e a gente pode ver e isso eu gostava muito. E as aulas de didática e não era didática era metodologia do ensino. A professora trouxe um retroprojetor e ensinou como se liga, e eu pensei: É isso que tem que nos ensinar!!Tu usar power point na faculdade e quando chega no colégio e tem um só e se outra pegou, tu não pode usar...Aquilo dali me foi util de resto...A gente teve um

ensino, sinceramente, bem defazado. Não conseguimos ver Revolução Francesa, não chegamos no Brasil, Rio Grande do Sul quase não teve."

"Me lembro, até… Era assim, quando tu entra pra te apresenta na escola. E eu não sou bura de ir às oito da manhã pra elas já me colocarem pra dar aula. Fui às dez e me colocaram pra dar aula igual, pra uma turma que tu não conhece, não sabe onde tá na matéria pra nada. Todas as vezes que eu passei em concurso foi assim, não é pra me apresentar porcaria nenhuma, já me colocam pra dar aula. Agora eu já tô calejada, pois geralmente é uma aula com cada um e tu faz apresentação, manda eles se apresentarem, gasta um tempão nisso. Mas o primeiro dia é horrível por que eu não sabia nada. Aqui não, aqui eu já sabia desde o início, nos colégios particulares, mas nos outros… Mas é claro quando tu pega desde o início não tem problema que eles já te deram o que cada turma vai ter e tu já participou de reunião antes, mas entrando assim não. Eu fui mandada do Revocata pro Mascaranhas quando já tinha uma professora e disseram: Olha tu não vem mais, que já tem outra que vai entrar no teu lugar. Mas que azar desgraçado, eu tirei o lugar dessa mulher duas vezes, no estado e no município, onde ela tinha contrato. Ai, tá entrei na sala, era uma sétima série, até depois eu tive um problema por que umas duas semanas depois eu tinha dito prum guri parar de palhaçada e alguém reclamou de mim dizendo que eu chamei o guri de palhaço. E outra, as outras professoras, ninguém te defende nesse início, depois que tu tá no colégio um ano tu pode ter xingado o guri de animal ai elas te defendem até o final. Tu é nova, não. Ai fizeram uma reuniãozinha e soltaram: é melhor a gente cuidar o que a gente fala pros alunos e eu pensei: Tá, é pra mim. O primeiro ano é horrível sempre. Os alunos não gostam de ti, não importa como era a antiga professora, ela podia ser um horror, ela podia ser uma maravilha, mas tu é diferente dela já é ruim. Ai no final desse primeiro ano eles começam a se acostumar contigo, porque azar, trocou, trocou… Ai o segundo ano em qualquer colégio tu pode ser tu, por que no primeiro ano tu tem que ser boazinha com eles, … É horrível…"

"Eu não falto, eu dou aula, eu passo avaliação, eu mostro como é a avaliação, eu não tô ali enrolando e quando vêem que tu tá fazendo o teu trabalho, tu ganha uma credibilidade. Aula pra eles é ter coisa no quadro [...] Mas uma coisa eu sempre digo: a pessoa que não tem dinheiro no meio rural é diferente da pessoa que não tem dinheiro no centro. Porque há uma diferença entre o Lilia e o Viriato."

"Na gestão (da escola privada que lecionou), uma preocupação enorme se os pais vão gostar do professor ou não, assim… Mas teve uma escola que usava o material do Positivo e isso é muito ruim, por que é um módulo por aula, a tua prova não é tua, tua prova tem que ter

setenta e cinco por cento do livro, que o livro traz coisas pro vestibular, que o livro traz coisas pro enem, tu é um mero reprodutor. Quer dizer que tu não tem liberdade nenhuma. Eu era uma pra dar tudo aquilo, não tem espaço pra debater em sala de aula, nada que o aluno pergunte não tem como o aluno ter dúvida. Ai no final do ano, eu passei dois anos lá, e eu sei que sai pela metade do ano, só que eles começaram a aceitar aluno de qualquer aluno, por que a escola foi decaindo e enchia uma sala de malandro, eu dei aula numa sala com quarenta e cinco alunos, quarenta e cinco eu não conseguia passar, se um falasse eu não conseguia controlar, era horrível. Eu não consigo nem imaginar como eu conseguia isso. E na outra escola foi no máximo trinta alunos na sala, vem de bicicleta e a diretora é a favor do professor. Mas na minha primeira escola não. Mercado, uma empresa, a escola que é empresa. "

"Que eu aprendi em relação a conteúdo? Pra te dizer a verdade, eu não uso muito texto de historiador, a não ser algum trabalho que eu faço pra eles relacionarem, mas eu não baseio as aulas em texto de historiador. Eu, eu sempre falo como se tivesse contado uma história, e ai o que eu aprendi fica nesse sentido de contar. E eu uso o livro pra me lembrar da ordem, por que daqui a pouco a gente esquece… Que tá mudando, a proposta do MEC, o conteúdo de história. Eu aprovava, que via "Brasil" e relacionar com o mundo. E eu tentava fazer isso, principalmente na sexto ano, nos anos iniciais e primeiro ano do ensino médio que ai eu vejo a pré história do Brasil. No terceiro ano é muito difícil, é muito conteudo ai eu não consigo. E eu tenho um problema grave, que a faculdade parou no Otto Von Bismarchi, então não vi a Primeira Guerra na faculdade e eu não Segunda Guerra na faculdade, eu não vi Revolução Francesa na faculdade ai fica difícil…Não dá de trabalhar... Procuro coisas na internet pra ficar mais legal, … A minha época da faculdade, a gente saiu da vontade de rir do que a gente não teve. Não vi nada…"

"Se eu só tiver que passar o conteúdo, se for só aula de bota o conteúdo e explicar e vou com a minha cabeça. Se, que é o que é o que a gente tá propondo agora, que é aula que é junto história, geografia, sociologia e filosofia… A gente tá pensando em trabalhos por área, nós queremos ficar juntos em tudo. Então, o que eu vejo… Eu pego um filme sobre política ou eu tô vendo se tem slides prontos com bastante caricaturas, que tenham bastante desenhos. Que, porque eu não uso slide? Eu trabalho de manhã e de tarde e ai eu acho mais fácil eu jogar, mas eu falo que o slide não é meu, dou a referência, eu mantenho o nome dele. Por que eu quero isso? Por que a gente vai trabalhar com feira, vai ter uma feira de história e ai a gente tá se

organizando todo pra isso no Lilia Neves. A gente lê mais, mas eu leio na internet. Não vou te mentir. Não pego livros teóricos".

C

"Como se chama aquela cadeira que tem 1,2,3…? (Práticas pedagógicas) Tá, a minha turma tinha essa, didática e uma outra (Políticas públicas) pois é, nessa fase os assuntos convergiam. As práticas foram práticas mesmo, então toda semana a gente dava aula, praticamente, pro professor. Eu gostava, era super interessante. E depois tinha outra cadeira que durava o ano todo também, que eu acho que virou semestral, que era , tipo… Era Metodologia de Ensino, era super interessante. Quanto ao currículo, eu achei bom, só achei que faltou um incentivo à pesquisa, faltava mais projetos….

"mas não aquele que aprendia em sala de aula, mas aquele que aprendia fora, vendo filmes, lendo revistas e jornais (muito!) e principalmente conversando com pessoas mais velhas".

"Eu planejava por semana, passava o sábado todo fazendo pra aquela semana e ai como tinha muito dia que tu ia e não dava aula, então ficava aula pra outra semana. Agora eu já tô num nível, que, como eu sei quantas aulas são por semestre, eu , nas férias já planejo todo o semestre. Fico mais relaxado e posso curtir mais também. Claro, que sempre tem uns inconvenientes… Ai tem que pensar: eu sigo na matéria ou atraso meu calendário? Os alunos são malvados, as vezes, principalmente os do terceiro ano, não sei porquê isso, mas eles vão embora. Dá na telha e eles vão. Com a nova coordenação que funciona "afu" mesmo, eu já sentei com ela e perguntei como é que funciona: boto falta pra todo mundo ou deixo em branco? Na antiga, mandava deixar em branco. Só que quando tu deixa em branco é como se tu não fosse dar aula. Agora não, ela me disse pra colocar a falta, a data e na parte do conteúdo pra colocar que os alunos foram embora. Assim, foi a solução dos deuses pra mim…"

"Eu tenho péssimas experiências, pra te falar a verdade, Tem dias que são ótimos, que "afu", o negócio rolou, mas tem dias como ontem mesmo que algumas coisas não deram certo e ai eu repenso: "O que que eu tô fazendo?" Primeiro eu repenso o que eu tô fazendo, depois eu repenso o motivo de estar fazendo isso por essas pessoas e ai depois eu penso: será que eu devo estar fazendo isso, será que é o certo? Pois é um desgaste, tu prepara as coisas e depois tu chega lá e não surte efeito.. Não sei, eu tenho que começar a me adaptar. Faço essa reflexão todos os dias, não tem um dia que não me levante, por que eu vivo história todo o dia. Tô lendo história ou pesquisando alguma coisa e eu fico pensando… Mas eu quero fazer sentido,

quero pagar pra sociedade o curso de graduação que ela me pagou. Ser professor é isso também, tipo, dar esse retorno eu acho super necessário, por isso que eu enfrento. Não tô me acomodando não… Tô tentando…".

"As dificuldades que eu enfrento são estas ai, de que as vezes um colega que falta eu tenho que cobrir a aula dele. Até hoje eu não aprendi a subir aula. Eu preparo dois materiais, um pro terceiro ano e outro pro primeiro ano, como geralmente acontece. Poxa, como eu vou fazer se as duas turmas tem materia nova? O terceiro ano tem o ENEM, sabe? Eu não consigo… E a questão do próprio aluno… Quando o aluno coloca na cabeça que não quer ter aula, ele não ter aula. Eu tinha uma turma só de meninas, elas colocavam na cabeça que não iam ter aula, elas não tinham. Chegou agosto e eu tinha dado três aulas pra elas…".

"Eu lembro que eu entrei e sai (da sala), eles achavam que eu era aluno, né? Um cara novo. Eu entrei larguei as coisas, assim, na mesa e sai. Ai pensei: não, eu tenho que voltar! Ai voltei. Eu fui me treinando, né?!Me deu muito medo. Eu me lembro que nas primeiras semanas eu vi um post de uma pessoa que era de uma outra graduação, tava fazendo estágio, ai o post dizia assim: Posso trocar de turma, mas eu pensei: Eu não tenho essa opção, mas… Foi medo, bastante medo no inicio, não dos alunos, mas de ser insuficiente e querer agradar sempre. Depois eu descobri que não é possível."

"Pô, me recebeu muito bem, ficaram muito felizes. Todos os anos eles fazem uma reunião no inicio, onde eles me apresentaram e foi muito legal. Claro, que nos outros turnos eu não tenho convivência e eu sou barrado na porta, que eles acham ou que sou estranho ou que sou aluno que já saiu da escola e quer entrar de novo, que eu gosto de usar uniforme, não sei… É mais fácil de limpar. Não tive nenhuma resistência… Tanto é que já tinham me colocado seis horários pra dar aula de sociologia, mas não aceitei… Foi bem tranquila essa aceitação. "

"Quanto à conteudo é assim, tem muito conteúdo bom que fica de fora ou, às vezes o conteúdo grosso. Tem oitenta por cento do conteúdo, mas tu tem que dar vinte por cento só. Isso é uma coisa que não acontece, tem que ter uma cartilha de conteúdo. Eu uso o livro só pra coisas muito rapida, tipo: Façam as questões da página tal". Com a matéria do caderno, eu exigo caderno, livro… Como são três turnos, né?! Não tem livro pra todo mundo ou se levam pra casa, eles não trazem de volta e as meninas usam só bolsa de mão ai não cabe… Enfim… Os desafios, tá tem essa questão do conteúdo que as coisas boas eu não posso dar".

I

“Meus pais são uruguaios, eles são refugiados políticos. Passaram por muitas situações até chegar na Europa, moraram em muitos lugares, eu nasci em outro lugar. Saíram do Uruguai antes de chegar na Bélgica. Passaram pelo Chile, por Cuba. Ai chegaram na Bélgica, onde tinham oportunidade de estudar na França já não tinha tanta, mas na Bélgica tinha mais apoio pra exilado político. Então eles fizeram os estudos na Bélgica e eu acabei nascendo na Bélgica, eu e meu irmão mais novo. Ai eu fiquei na Bélgica até os seis anos, meus pais terminaram os estudos lá, fizeram mestrado e doutorado lá e a minha mãe fez o doutorado na Espanha, mas estudaram mesmo na Bélgica. Ai viemos pra Porto Alegre, eles queriam voltar pro Uruguai mas não dava e ai ele (o pai) conseguiu uma oportunidade na PUC de Porto Alegre, ficamos três anos em Porto Alegre, morando lá. Depois ficamos um ano em Riveira e depois viemos para Rio Grande”.

“Eu cresci neste meio, rodeada de livros e meu pai, principalmente, falando em questões politicas. Assim, na hora do almoço era hora de falar de todos os temas do mundo. Eu me lembro que eu não gostava de ver jornal, imagina com sete anos eles viam jornal e eu queria ver desenho animado. Ai eu pensei: “Bom vamos ver o que que interessa nisso ai!” E comecei a querer me interessar por jornal por causa deles. Eu sempre fui de me adaptar a situações, então pensei o que poderia tirar de bom do jornal”.

“Terminei o doutorado e voltei pro Brasil, ai foi a luta pelo reconhecimento do diploma e até reconhecerem o diploma… Eu comecei a fazer concursos, inicialmente só pra universidades isso em julho de 2007, verão lá na Espanha foi até difícil pra montar a banca por conta do verão. Mas ai terminei em 2007 e comecei a fazer concursos e concursos pra universidade, mas nem estava com o diploma validado. Eu sempre passava nos concursos mas nunca em primeiro, sempre em terceiro ou quarto lugar. Fiz um monte, eu era uma máquina de fazer concurso até porque não consigo ficar parada… Eu entrei pro ensino a distância, como tutora e depois com substituta na FURG. E foi ai que eu pensei que seria tão legal dar aula no segundo grau… Bom, eu estava de substituta, mas eu me achava tão ignorante pra dar aula na faculdade. Eu lembro, eu dava um texto pros alunos, mas o que eu achava que eu teria que ler dez livros enquanto os alunos liam um, de repente eu me exigia demais. Me achava péssima. Me exigia muito, parecia que eu não colhia o que eu queria”.

“Ai eu me lembro que eu pensei: “Queria dar aula no segundo grau, pra ver como que é”, em 2009 eu já tinha feito concurso pro antigo CTI, estavam criando o Instituto Federal e no final de 2010 me chamaram, eu tinha ficado em sexto lugar ai eu tava terminando de ser substituta

na FURG, até já tinha rescindido o contrato antes e eu fui pra Feliz e depois pedi transferência pra cá".

"Me sentia sem autoridade, claro, muito imatura. Tinha um aluno mais velho, devia ter uns sessenta. Ele era super mal educado, atendia o celular na sala de aula, e eu não fazia nada pois ele era mais velho… Hoje eu tenho outra maturidade. Meu choque foi um de cada idade, né?! Sempre achar que os alunos sabiam mais do que eu, mas é claro que vão saber, pois o saber é infinito (risos). Me deram disciplinas que eu nunca tinha visto, como Patrimônio Histórico… Acho que o primeiro choque foi esse. Também o choque de ver malícia de algumas pessoa, isso existe no segundo grau de forma diferente. Ai no segundo grau o que que aconteceu, sai da faculdade fui direto pra Feliz no segundo grau. Que aconteceu, minhas aulas eram muito eruditas. Não tive tempo de baixar o nível (risos) ai a diretora de ensino, que é minha amiga veio e me disse, "a gente precisa conversar, os alunos estão reclamando da aula, eles estão achando muito difíceis as aulas". E eu me dava conta que a aula não fluia. Então depois que eu comecei a conversar com outros professores e comecei a dinamizar as aulas…"

"Ah sim, olha! Foi uma coisa positiva! Primeiro eu achava uma coisa estranha, tem alguma coisa diferente. Cada aluno é de um jeito, por que em Feliz é uma cidade pequena e conservadora e por mais que exista a diferença, todos eram obrigados a usar uniforme e aqui não é. O diretor era engraçado, era cheio de tatuagem, mas era quadrado pra esse tipo de coisa. Não entendo essa oposição de valores. Os cabelos sempre cortados, tudo com o mesmo jeito. Mas era uma característica da cidade, eles não tinham a ousadia de se vestir de outra forma… E quando eu cheguei aqui era um com cabelo azul, o outro com bonézão e calção, outro com skate embaixo do braço, outra com piercing, outra com… Ai nisso eu me dei conta que eu fiquei dois anos fora dessa realidade, me chama muito a atenção essa diversidade entre os adolescentes… Nos primeiros dias eu não me dava conta, mas claro o que visa é o uniforme por isso… Outra coisa é a afetividade dos alunos, aqui eles são muito mais afetivos que lá, lá eles são um pouco mais distante, pela cultura alemã são um pouco mais distantes, educados porém distantes. Diferenças negativas, assim, alemão. Faziam tudo, não perdiam horário, não faltavam nunca. Não faltavam jamais, responsabilidade de primeira. Aqui não, aqui liberdade total só que assim, tu tem que aprender a liberdade, a usar ela senão tu te dá mal, assim que tu aprende (risos)... Aqui tem mais uma relação de carinho, de afeto, de conhecer o aluno. É diferente".

"Quando o campus é pequeno, tu tem menos liberdade. Eu sinto isso. Aqui, eu amei, o campus. A quantidade de ações que ele te dá, as pessoas não estão de julgando e a relação

com os colegas é excelente, essa troca, tem muita troca. Só que tu não conhece todo mundo por ser um campus muito grande. Eu não conheço quase ninguém, alguns professores do médio, alguns técnicos, … Então tu não conhece tanto… O bom é que tu não sabe das coisas ruins, das fofocas, das maldades lá se sabia de tudo. Tem, sempre tem, aqui tu não sabe nada."

- Escola Lilia Neves 01/10/2015

- Cheguei na escola e já encontrei muitos alunos que eu já conhecia do Taim e foi muito acolhedor. A professora me apresentou à coordenadora pedagógica, que foi bastante receptiva. Fomos para sala dos professores (* encontrei uma professora do PIBID, que já conhecia), conversar um pouco antes da aula, lá a professora me contou um pouco sobre as escolas em que trabalha e disse que aqui é a "melhor" de se trabalhar.
- A escola tem uma estrutura bem grande.
- A sala que observei é verde bem pintada, quadro branco, terceiro ano do ensino médio. Essa professora só tem médio aqui. As janelas e porta são amarelas, a turma é agitada, segundo a professora, de fato comprovei. Tem uma aluna grávida. Tem mais meninas do que meninos nesta turma. A agitação inicial foi mais pelo fato da proposta de um trabalho final (estratégias de guerra, que no final será posta em prática pelos alunos)
- Muitos alunos trocaram de lugar durante a aula, a organização da sala é de acordo com os alunos.
- Dois outros alunos bateram e pediram pra colar um panfleto, a turma se agitou denovo (Aos poucos, a turma se acalma).
- Assunto da aula foi continuação da Revolução Russa.
- Participação da turma, segundo a professora ela prefere essa turma, pois eles são agitados mas participam bastante.
- Um aluno se levanta e pede pra ir no banheiro, o pedido é negado (segundo a professora, na última reunião do conselho os professores concordaram em não deixá-los beber água e ir no banheiropois eles andam demais pela escola) e pega o panfleto colado antes e se senta.
- A professora vai conversando e escrevendo no quadro, algumas informações sistemáticas. A aula é expositivo-dialogada, o tempo todo ela vai explanando e indagando a turma, faz links atuais e com outros conteúdos já estudados com a turma.
- consegui identificar os esteriótipos da adolescência, exceto pelo fato de que os "bagunceiros" sentam na frente e mais quietos no fundo.
- Uma menina saiu pra ir ao banheiro e foi um alvoroço só, aos poucos se acalmaram.
- Durante a aula, tem picos de muita conversa ou muito silêncio.
- Pela janela se vê um pequeno espaço com pequenas árvores e um varal com panos pendurados.
- Até o meio da parede é revestida com azuleijos brancos, um ventilador só.
- Quase no fim da aula, um grupo de meninas pediu pra dar um recado, os meninos ficaram mais agitados.
- Minutos depois, uma professora bateu na porta, estava procurando por uma aluna, que saiu com a professora e quando voltou trouxe um sacolinha.
- A aula terminou, a professora comprou um docinho de duas alunas.
- Pegou as suas coisas e saimos da sala. Ela deixou o quadro sujo. Ela disse que esse que esse detalhe eu poderia colocar na anotação, pois ela já recebeu até notificação sobre isso.

- Ela foi pra outra turma e fui embora, eu tinha outro compromisso.
- Ainda olhei o pátio ensolarado e os alunos aproveitando um pouco antes de voltar pras suas salas.

- Escola Medianeira 05/10/2015

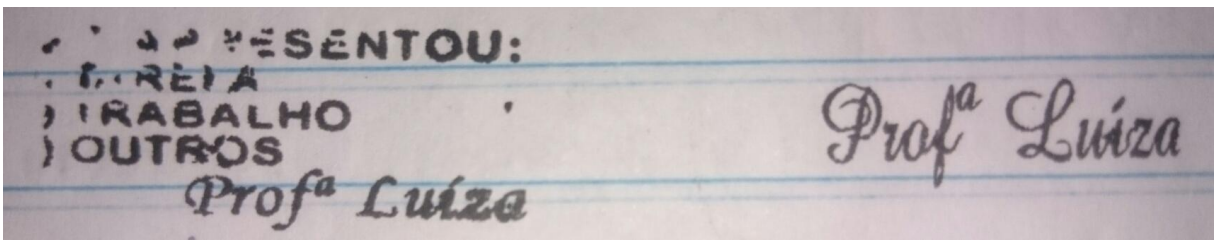
- Cheguei na escola mais cedo e fui encontrar a professora na sala dos professores, lá ela estava conversando com outro homem que quer fazer estágio nessa escola.
- Depois que ele foi embora, ficamos conversando um pouco sobre livros didáticos, sobre as turmas que ministra e as escolas que leciona. Ela me sugeriu ir na outra escola, pois é muito grande e desorganizada.
- Chegou outro professor de história, que ficou dizendo que professor de história tem que ter um parafuso a menos.
- Fomos pra sala, turma 91, uma turma grande. A sala é bem grande, pintada de branco e azul. O quadro fica ao fundo de quem entra, tem muitos materiais reciclados (a sala parece nova!) e jogos.
- Logo que me sentei, entra uma mulher, que acredito ser a coordenadora pedagógica (e era), pois ela começou a falar sobre o uniforme da escola e uma menina que estava sem o uniforme ficou de pé ao lado dessa mulher, com "cara de bunda".
- A aula, finalmente, começou. O assunto é "Brasil: da democracia à ditadura".
- A professora interage bastante com a turma, mesmo escrevendo no quadro. A professora conversa bastante com a turma. Traz a "Era Vargas" para os dias atuais, critica os politicos, a política em si.
- A turma é bem quieta, não sei se é por causa da minha presença. Apesar de algum burburinho em alguns grupinhos.
- Não consegui identificar os estereotipos da adolescência (nerd, patricinha…)
- alguma hora, a professora mencionou o Obama e sugeriu que eles assistissem a um discurso. Um aluno brincou: " Não sei a lingua do Obama". A turma riu, mas logo se calou.
- A professora me colocou na aula em alguns momentos e a turma não se opos, me perguntou algumas coisas que ela não lembrava ou queria que eu participasse mesmo.
- A professora me contou que está nessa escola desde agosto deste ano, pois está cobrindo uma licença e ficará até março, provavelmente. Aparentemente ela gosta mais daqui do que da outra escola, pois aqui é menor.
- Uma menina, aqui do fundo (ou inicio) da sala, estava fazendo atividade de outra disciplina, se levantou várias e várias vezes.
- A aula terminou, mas a professora continuou escrevendo para terminar o texto do quadro e fazer a chamada, mas a turma foi se levantando e conversando.
- Fomos para a 92, em seguida. Em cada turma é uma aula.
- Na 92, ainda estava com outra professora. Depois que ela saiu, nós entramos, essa turma estava mais agitada, mas foi mais solicita. Eu precisava de uma cadeira e os meninos foram prontamente arranjar uma. Tem uma aluna, que foi minha aluna no estágio.

- A sala parece nova, mas a porta é velha e feia, aqui a organização é bem diferente.
- A professora começou falando sobre um "aulão" para a prova do IF, os alunos se agitaram. Essa turma é mais agitada. Também não sei se por causa da minha presença.
- Por tudo e qualquer coisa eles se ouriçam. Se um aluno diz que não pode vir no contra turno outra retruca: "não mandei tu morar longe". Todos vaiam.
- A aula é basicamente a mesma. A professora pede silêncio o tempo todo, literalmente.
- A professora está cobrindo outra, por isso o conteúdo está um pouco atrasado.
- O rumo dos assuntos foi tomando outra direção.
- Um menino pediu pra ir no banheiro, a professora permitiu. Ele voltou em poucos minutos.
- Essa professora também ministra ensino religioso.
- Alguns alunos se sentam em duplas, outros sozinhos e isso não parece incomodar a professora.
- A professora claramente muda a postura nesta turma, é mais gritona, mas tenta articular a "Era Vargas" com temas atuais.
- A turma fala muito, muito. Na verdade é um certo grupo é que está mais agitado.
- Segundo a professora: "Tá brabo hoje!"
- Em algum momento: a professora perdeu a paciencia e disse para um aluno que ia colocar ele pra rua, a turma riu quando ele disse "naõ fiz nada!".
-
- Escola Lilia Neves 08/10/15
- Turma: 301
- Eu cheguei um pouco antes da aula, fui encontrar a professora que estava na sala dos professores.
- Pensei que estavam em reunião, pois havia um silêncio no ar, mas logo se acabou com a risada alta da professora de geografia.
- Antes de entrar na sala dos professores fiquei no pátio conversando com algumas ex-alunas do PIBID - Taim.
- A professora me mostrou fotos da Fanzine, atividade do trimestre passado, que valeu como prova. Tinha trabalhos lindos!
- Ela não gosta de trabalhar com PowerPoint, pois tem alunos que não prestam atençãoe pedem o pen-drive pra copiar o arquivo.
- A turma continuo as atividades que realizavam: Fofocas, maquiagens.
- Tinha menos alunos que da outra vez, estava chuvendo.
- Eu combinei com a professora de vir nas terças e nas quintas, ela concordou.
- Chamada.
- A aula começou. Continuação da Revolução Russa.
- A professora se irrita um pouco com um grupo de meninas que estavam fazendo trabalho de outra disciplina.
- A professora esquematiza a Revolução Russa no quadro e vai explanando e indagando sobre.
- A turma não se opôs, nem recebeu bem a minha presença.

- Não vi um grupo de alunos de uniforme, não lembro de ter visto nenhum aluno de uniforme na verdade.
- Eu disse pra professora que eu não estou julgando ela, expliquei melhor a proposta do trabalho. Enquanto estavamos na sala dos professores e estava uma farra pois lá a professora combinou um evento no final de semana com outro professor, Festa do Mar.
- Bem atrasados, chegam dois alunos.
- O grupo de meninas não calam a boca nem por um segundo.
- Alguns alunos tem uma visão bem crítica, um pouco imatura, mas procuram perguntar bastante.
- Pois o assunto do Brasil atual surgiu. Dilma, Cunha, juros de bancos…
- Também estão animados com o feriadão e até chegaram a combinar de ninguém vir amanhã. Uma menina furou, pois vai fazer a prova de segunda chamada de outra disciplina.
- Burburinhos internos entre os alunos.
- Depois que bateu para a segunda aula surgiu o assunto de uma produção de um filme, um trabalho de "aula".
- Agora a professora vai começar Era Vargas.
- A professora explica que poderia ter dois professores de História, um para Geral e outro para Brasil. Pois teriam uma história sem ir e voltar no tempo.
- Um aluno indagou a professora sobre a credibilidade da urna eletrônica.
- Outro pergunta sobre o filme Ensaio Sobre a Cegueira e em paralelo com a professora ele explica o filme para os colegas à sua volta , acho que ele não entendeu o filme. Ele riu muito enquanto falava.
- O assunto filmes tomou conta da sala.
- Volta para Era Vargas.
- Mas a professora pede silêncio toda hora.
- Um cheirinho de comida boa chegou aqui, o refeitório e a cozinha são pertos da sala.
- Alguns alunos reclamam que estão cansados.
- Bacana a explicação sobre revolução e reforma.
- A professora é articulada, caminha na sala, fala alto quando julga necessário.
- As mesmas meninas ainda não calaram a boca.
- J, é uma incógnita. Ele é participativo e malandro e bobo ao mesmo tempo.
- Ela ficou um pouco irritada e começou a fala como vai ser a prova.
- Eu tava com sono.
- Bateu e o quadro não ficou cheio de novo.

- Escola Lilia Neves 08/10/15
- Turma: 212
- Nos outros períodos fomos para outra turma.
- E já começaram pedindo para ela ser regente do time de futebol da turma.

- A sala é bem diferente, menor, toda branca e a parede do quadro é de PVC, o quadro é branco, fica no segundo andar e tem bastante janelas.
- Nessa turma sentei na frente, a turma que escolheu o meu lugar.
- Pela chamada faltaram muitos alunos.
- No quadro ainda tinha matéria da aula passada.
- O assunto aqui é Brasil Colonial.
- A professora ainda está preocupada com a questão do time de futebol.
- A interação entre a professora e a turma parece boa, no sentido de que conversam abertamente.
- A turma que estava agitada, logo se acalmaram.
- A aula começou com a chamada.
- A sala tem janelas para a rua, o barulho que vem da rua me incomodou.
- A sala está numa penumbra.
- A professora retorna com um desenho do "mapa mundi" para retomar as navegações.
- Um menino (Ramones T-Shirt) participou bastante desde o início da aula (tem a fala articulada).
- A professora falou mais alto nessa turma (acredito que seja pelo barulho da rua).
- A turma me pareceu mais dividida: os mais atinados e os desinteressados.
- Visualmente identifiquei os esteriótipos adolescentes (nerd, atleta, roqueiro, patricinha).
- A professora traz o Brasil Colonial para os dias atuais,os mais interessados participam bastante.
- Essa sala não pareceu tão nova, o branco parece cinza e as classes parecem mais "modernas", mas mais riscadas.
- O quadro é branco, de vidro.
- Não sei se foi por conta da minha presença, mas a turma se agitava e se acalmava em vários momentos.
- A porta estava aberta, o barulho dos corredores atrapalhavam, mas a professora a manteve aberta.
- A proposta de esquematizar a matéria no quadro continua, enquanto isso a conversa era sobre a hora do almoço, não incomodou a professora.
- O assunto fome foi recorrente também.
- Os alunos elogiaram a aula da nossa professora.
- Esquema: fala e depois coloca no quadro.
- O pedido de ir pra fila da merenda concedido
- A professora me contou que usa esses carimbos no ensino fundamental, por mais que estes não valham pontos é uma maneira dos alunos copiarem. Que é uma exigência da escola.



- Ela ainda se define como uma mistura do tradicional e aquilo que ela considera novo.
- Mencionou uma professora que tivemos em comum no primeiro ano da diciplina de Elementos Filosóficos da Educação, que “pedia para gente ir na escola observar se o professor era tradicional”.
- Ela acredita que não existe só professor tradicional ou só professor “moderno”, somos uma mistura de ideias.
- Descemos as escadas, o pátio estava cheio. Era recreio.
- Conversamos mais um pouco com uma aluna.
- E acertamos a hora da aula de terça, ela disse que são turmas que pouco interagem. Nem reclamam, nem elogiam. E que quando ela chegou na 212 foi bem mal recebida, era meio do ano, ela estava cobrindo outro professor
- Ela disse que chegar no meio do ano foi muito ruim, pois o grupo já tem seus hábitos e cotidiano estabelecidos, mas ao poucos a turma foi se abrindo e ela foi sendo carivada e cativando eles também.

- Escola Lilia Neves 15/10/2015

- Cheguei na escola e a coordenadora pedagógica me recebeu dizendo que talvez a professora não viesse. Na noite anterior choveu tanto que alagou toda a cidade, ou boa parte pelo menos! A professora não conseguiu sair de casa pela manhã, mas a tarde o sol estava a pino.
- A coordenadora disse que eu esperasse na sala dos professores, mas preferi ficar no sol que pegava o pátio todo. Fiquri me lembrando da minha época de escola, enquanto as crianças menores chegavam e “guardavam” seu lugar na fila com as mochilas. Depois de alguns minutos, uma professora que eu já conhecia do PiBiD, veio ao meu encontro, veio ao meu encontro, dizendo pra eu ir com ela pra sala dos professores e me abraçou desejando “Feliz Dia dos Professores”. Fui com ela, aparentemente a chuva fez estrago mesmo, tinham poucos professores na sala dos professores.
- Eu e a professora de geografia ficamos conversando sobre a época do PiBiD.

- Escola Medianeira 19/10/2015
- Cheguei alguns minutos antes pra ficar conversando com a professora.
- Tinham duas professoras na porta de entrada da escola, cumprimentei e perguntei sobre a professora de história, elas disseram que eu podia entrar.
- Dessa vez os corredores estavam mais quietos.
- A professora estava na sala dos professores e ficamos conversando sobre estar desmotivada no trabalho, mas na parte burocrática. Na opinião dela a burocracia é o pior.
- Falamos um pouco sobre filmes.
- Ela perguntou sobre a situação do curso de história.
- Ela disse que tem muita coisa pra desabafar na entrevista.

- E a vontade de voltar para academia para uma pós-graduação (“ela tem mais a oferecer”).
- O outro professor de história também esboçou essa vontade, mas com 60 horas semanais, ele cansa de pensar.
- O sinal bateu, fomos pra sala.
- A turma 91, estava muito agitada.
- Demorou para se acalmarem.
- O assunto foi “novas eleições”.
- Ela também entregou uma folha de trabalho para entregar na próxima semana.
- Sentei ao fundo, um aluno (filho de uma colega de mestrado) que pegou a minha cadeira.
- O que me parece “normal” são as conversinhas paralelas, entre os grupinhos.
- A professora, me integrou novamente em alguns momentos da aula, eu gosto!
- Muitas conversinhas, cochichos e até risadas altas. A professora, hoje, estava mais impacinte com essas conversinhas e a turma mais desbocada, mas ela não deixou a “espiritualidade” habitual.
- A professora me pareceu aborrecida com a questão de sempre trazer questões atuais e instigar a turma a pensar e a turma (todos, no geral) não levarem a sério, distorcerem algumas coisas.
- Um caso da outra escola: Ela, nessas de dizer que temos que estudar para conseguir empregos melhores. Um aluno contou pra mãe, que foi confrontar a professora e isso a deixou muito mal. =(
- A maioria dos alunos usavam o moletom de formatura.
- A professora ganha os alunos nos detalhes, na linguagem, nos filmes e séries que todos veem.
- Ela me mostrou alguns bilhetinhos carinhosos que ganhou dos alunos (“Razão pra Continuar”).
- Sarcasmo faz parte e essa turma parece curtir.
- A sistematização do conteúdo no quadro, aula expositivo-dialogada.
- “Getúlio Vargas: Pai dos Pobres” - gancho com a atualidade (Fase Democrática).
- Já mais no fim, alguns alunos começaram a avisar que ia bater o sinal.
- Bateu.
- Chamada.
- Entre uma aula e outra, conversamos sobre séries que gostamos.
- A 92 é visualmente mais desorganizada, mais agitada.
- Ela distribuiu o trabalho (o mesmo), pois “eles estavam sem nota”.
- A turma demorou bem mais para se acalmar.
- O quadro estava cheio da outra professora.
- Eles falam mais alto, são mais desbocados e grossos (uns com os outros).
- Ela retomou a última, pois tinham poucos alunos por causa da chuva.
- Essa turma pareceu não assimilar tudo ou muita coisa.
- A professora, estava bastante irritada com as conversinhas paralelas.
- Em um momento, o assunto virou -> capitalismo / YouTube / Dólar.

- Uma menina, com cara de brava pediu pra voltar pro conteúdo.
- Uma aula bem diferente, o mesmo conteúdo.
- O conteúdo está atrasado (nas duas turmas).
- E, claramente, a professora "corre" em alguns pontos do conteúdo.
- Finalmente, ela chega nas "Novas eleições", o que foi dado na 91.
- Dois meninos se juntaram, "criaram uma fila", a professora pediu silêncio. Nossa, foi um reboliço. A turma toda se revoltou contra esses meninos.
- A professora pediu pro menino trocar o lugar, a menina com cara de brava disse algo que o menino não gostou e ele fez que ia dar um soco na menina.
- Eu me assustei, bastante.
- "É o Brasil, é o que o sistema oferece", disse a professora.
- Acho que até ela se assustou.
- A aula seguiu.
- E a mijada seguiu, sobre estar muito velho para certas atitudes. Aparentemente a professora está cansada desse discuso aqui.
- A menina com cara de brava, as vezes me olha, enquanto escrevo e olha pro menino.
- O assunto chegou até o ensino público, que vai pro ensino médio público e que vai pro privado.
- Bateu.
- Chamada.
- Recreio.

- Escola Juvenal Miller 21/10/2015

- Cheguei na escola, e no hall de entrada já tinha bastante alunos. Uma mulher me perguntou quem eu era e o que queria, eu respondi e ela disse que a professora ainda não estava na escola.
- Fiquei olhando um quadro, das primeiras professoras formadas na escola. 1956.
- A professora chegou, fomos rapidamente para a sala dos professores. O pouco que ficamos lá, percebi que era enorme, tão grande que parecia que não tinha muita coisa.
- Ela também me disse que hoje a aula seria para refazer a prova. Parecia decepcionada com as notas e ela tem que tentar fazer de tudo para "salvar" as notas.
- Chegamos na sala de aula. Uma sala enorme. Poucas coisas nas paredes, uns cartazes e ao lado do quadro o horário das aulas bem miudinho. A sala é triste, só não é pior por conta da janela que deixa a luz entrar na sala. Alguns fios soltos entre as ligações das lâmpadas.
- Alguns alunos já estavam esperando na porta e a professora já foi explicando a atividade.
- Muitos chegaram depois, muitos mesmo. Eu tive que sentar na frente, pois eles tem lugar marcado.
- A turma 62 é bem grande.As meninas são mais baixinhas.
- A professora é mais rigida nessa turma, pois essa turma pe mais agitada.

- Um aluno perguntou sobre um trabalho da aula passada, ela acabou dando uma "mijada" na turma, pois a maioria faltou a aula e sem razão.
- A turma foi fazendo a atividade, mas a conversinha não parou.
- A maioria não usa uniforme.
- A professora pareceu muito chateada com as notas dessa turma.
- Um aluno, bem alto, lá do fundo se levantou e foi pegar o caderno de outro colega, mas este colega ainda estava utilizando o caderno, me pareceu que ele só queria o caderno daquele menino especifico, pois foi na classe dele algumas vezes.
- A professora ficou corrigindo as provas de outra turma e não parecia animada também.
- No geral, a turma se acalmou para fazer a proposta.
- As provas que ela corrigia era do oitavo ano, ela disse que são provas mais complexas. Para acertar as questões ela procura as palavras-chaves do seu gabarito.
- Ela separa as fovas em saquinhos diferentes, eu já teria me perdido…
- Conter a turma muito tempo não é fácil, quem vai terminado a atividade acaba conversando mais.
- O mesmo guri alto do fundo parece ser o "palhaço" da turma. Ele quer aparecer, faz gracinha o tempo todo, "coletou" os estojos das meninas da sala, pois "precisava" de um lápis. Segundo a professora ele já veio com faca pra escola.
- Minutos antes da aula acabar, dois alunos chegam e a gritaria começa. Uma situação complicada.
- A professora recolhe as provas, disse que poderiam terminar a atividade na próxima aula. Muita gritaria. Para a turma, a aula já havia acabado.
- O guri alto continuou passeando pela sala com os estojos dos outros.
- Saimos, pois não escutamos o sinal.
- Esperamos um pouco, até a professora sair da 61.
- A professora mais velha me disse: "Pena que tu não é da minha area, pois eu já tinha que ter saido".
- Turma: 61
- Entramos na 61 e um aluno levou uma cadeira para o fundo pra mim.
- A turma se acalmou bem mais rápido, são bem menores. Todos são baixinhos.
- A professora passou a mesma atividade da outra turma de refazer as questões erradas da prova.
- Uma menina se sentou com outra colega, pois não fez a prova.
- O mesmo recado sobre faltar a aula com pouca chuva foi dado.
- Só depois que me sentei e a turma tinha se acalmado é fui reparar na sala. Tão triste quanto a outra, mal batia a luz do sol. Era bem menor, o chão tinha várias sujeirinhas, ao fundo tinha uns cartazes colados. Um vetilador no meio do teto.
- Muitos se sentaram em dupla, mas ainda assim é uma turma mais tranquila. Me peguei pensando na minha vida com essa idade e nessa série.
- Eu era "cdf" em História. Adorava. Matemática e ciências não eram o meu forte.
- Apesar de pequenas, as meninas já estão bem vaidosas, todas impecáveis, arrumadas, penteadas e perfumadas. Sem maquiagens, mas muito bonitas. Nessa época da minha

vida, o máximo da minha "arrumação" era escovar os dentes e lavar o rosto. Vivia de uniforme, se deixasse até dormia com ele e com o cabelo sempre muito bagunçado.

- Os meninos e meninas que foram terminando iam conversando, "passeando" pela sala. A menina mais bagunceira da turma nem era tão bagunceira assim…
- Consegui perceber alguns cochichos sobre a minha presença. Nada negativo, apenas curiosidade. Uma pessoa, do nada, para observar e anotar, eu ficaria me mordendo de curiosidade.
- Uma menina rompeu a barreira e me perguntou o que eu estava fazendo. Quase respondi: nem eu sei direito, mas saiu que estou observando a professora, que está em inicio de carreira.
- Duas meninas começaram a conversar, a "bagunceira" e outra sobre a festa do final de semana, bebidas e coisas assim… Me espantei quanto a isso.
- Enquanto alguns alunos conversavam, outros faziam ainda a atividade, a professora se dividia entre correções, assuntos "nerds" e pedidos de silêncio (ou pelo menos menos pra falarem mais baixo).
- Ela sorriu pra mim, "a bagunceira".
- Contrastes: Enquanto os da frente parecem bem infantis, os do fundo já são mais precoces, apesar de todos serem muito crianças ainda.
- Fui atingida!! Um lápis me atingiu, a dupla pareceu envergonhada.
- Tem umas meninas altas sim, não tinha reparado, mas os rostos infantis.
- Um raio de sol trouxe um pouco de vida para a sala.

- Turma: 81
- A turma é organizada por duplas e trios, sentei na frente mesmo, pois a sala estava lotada. Causei estranhamento, eles me olhavam e conversavam.
- A atividade de refazer a prova também foi passada para esta turma. Misto de tristeza e felicidade com as notas.
- Acabei mudando de lugar.
- Uma nuvem de alunos tomou conta da mesa da professora.
- Um solzinho batia no janelão da sala. O chão desta sala é mais detonado que das outras. Nas paredes, alguns cartazes, mais cartazes que nas outras turmas.
- Foi anulada uma questão, por erro da professora.
- Conclusão minha sobre os cartazes que vi até agora: na minha época a gente se dava mais, eu dominava a arte de fazer cartazes.
- Essa turma tem cara de mais velha, parece ensino médio, mas a maturidade… deixa a desejar.
- As meninas são divididas entre vaidosas e não vaidosas, os meninos também. A diferença é a maquiagem.
- Picos entre o silênco e a gritaria em segundos.
- Sentei perto de dois meninos, um deles gabaritou a prova. Os dois de trás ficaram conversando sobre os assuntos da prova.
- As vezes olho a turma de canto de olho e tem alguém me cuidando.

- O assunto agora é Pokémon. Nem sabia que essas crianças sabiam o que é isso. Eu amava Pokémon.
- A professora continua corrigindo outras provas. Nossa, as provas são obrigatórias nessa escola.
- Ela dá aula sábado também. Se quarenta hora não é fácil, imagina sessenta? :(
- Muita conversa…
- Meninos na sétima série ainda brincam de lutinha. Freud explica.
- Tem uma "cdf" que quase gabaritou a prova.
- Hormônios!!
- A professora se esforçou bem menos para pedir silêncio nessa turma.
- Continuou corrigindo as provas de recuperação desta turma.
- As notas melhoraram, algumas.
- Muita conversa, agora a professora se irritou.
- Aluno fazendo "selfie" no fundo da sala.
- A professora recolheu as provas.
- Era tanta bagunça qie ela gritava: "Provas" no meio de tudo.
- Acho que alguém não gostou de mim, pois recebi duas bolinhas de papel.
- A professora é regente desta turma.
- Bateu. Recreio.
- Durante o recreio ficamos na sala dos professores. Estava com cheiro horrível de cigarro. Ficamos conversando com os outros professores. Uma professora de história com vinte e cinco anos de carreira disse que eu tinha que fazer um trabalho com ela e eu respondi: quem sabe para o doutorado?!
- A professora continuou a tarefa de corrigir provas. Não acaba nunca!!
- Muitas reclamações, mas a questão salarial não foi mencionada. Reparei na questão burocrática.
- Eu só ouvia e concordava com tudo. A pauta de trabalhar sábado também foi levantada, a professora deu a entender que aderiu a greve por pressão, mas tinha gente em volta, ela não quis se estender no assunto. Bateu de novo! Continuamos por lá mais um pouco, até ela terminar as correções.
- Subimos as escadas e chegamos na 71. Muita curiosidade, fui super bem recebida.
- Um aluno veio até mim e se apresentou sozinho.
- A tarefa de refazer as provas também foi passada aqui. Muita conversa, organização (ou desorganização) das classes, alguns pedidos de silêncio e a distribuição das provas.
- Enfim, consegui prestar atenção na turma, até uma menina ter rasgado a prova. A professora ficou irada e não fez questão de esconder. Disse para a menina colar a prova e que se ela não estivesse conversando saberia que teria que devolver . A menina saiu culpando outra colega e batendo porta.
- Uma professora bateu e a nossa professora ficou alguns minutos fora. Foi bastante conturbado este tempinho. A turma conversa muito e muito alto
- Quando a professora voltou, me apresentou formalmente para turma, que ficou chocada com o tanto que temos que estudar.

- Expliquei um pouco sobre o mestrado.
- A professora grita bastante nessa turma, pedindo silêncio. E continuou fazendo as correções.
- Se levantou, caminhou um pouco pela sala. Pediu desculpa para a menina com a prova rasgada.
- Pediu silêncio, não adiantou. Continuou corrigindo.
- Essa sala é bem parecida com as demais, alguns cartazes, quadro branco, paredes tristes, um ventilador no meio do teto (estava ligado), mas o chão não era de madeira vermelha, era de lajota.
- A turma é bem mista, baixinhos, altos, mas uma coisa é certa: CONVERSA.
- Notas da recuperação: :(
- O que me deixou estranhamente alegre é que, difrente de todas as outras turmas, nesta quando eu olhava pelo canto de olho eu recebia sorrisos e abanos.
- Muita tristeza com as notas.
- 11:07
- É uma turma que fala muito e muito alto. Ficam transitando pela sala. A professora fica irritada fácilmente. Já é final da manhã. Passar o tempo todo pedindo silêncio não é fácil.
- Mesmo assim, a professora não deixa a peteca cair, é atenciosa com todos que a procuram. No meio da bagunça ficou pedido as provas: PROVAS, PROVAS! Gritava…
- A turma nem se abalou, a conversa alta e as risadas mais altas ainda continuaram.
- "Bobinho" com o caderno ainda é brincadeira e "Boiola" ainda é xingamento.
- Bateu e não ouvimos.
- Turma: 62
- De volta para 62, estavam quebrando tudo, batendo classe e cadeira. A professora saiu por alguns instantes, ficaram conversando em tom baixo e me pediram para entregar uma caneta em outra turma, eu disse que teria que esperar a professora e me sentei na mesma cadeira de antes.
- Ela voltou e passou um poema/ texto no quadro. Essa aula é de Religião. O nome do texto é "O menino que não era pessoa".
- Os bagunceiros estavam muito mais agitados.
- Se acalmaram mais fácil que as outras turmas, pelo menos.
- No caso, a disciplina religião não é sobre religião em si, mas uma disciplina de reflexão social.
- A professora parece irritada, se cansa mais fácil.
- Um aluno da 61 bateu para pedir um livro de português emprestado.
- Enquanto a turma se prestou a fazer a tarefa, a professora ficou quieta, sentada "um minuoto de felicidade" pareceu.
- A atividade consistia em copiar o texto e responder duas questões e entregar.
- A professora ficou conversando com alguns alunos. Vi um sorriso nos seus olhos, por trás do cansaço e indignação.
- Mais um pedido de livro emprestado.

- Eu gostaria de perguntar para alguns professores como eu era nessa época, não acredito que eles se lembrariam de mim, já faz tempo.
- Bateu, fomos embora.

- Escola de Lilia Neves 03/11/15

- Depois de duas semanas sem conseguir vi pra essa escola, eu finalmente retorno, na turma 311.
- A sala que abriga essa turma é amarela, com menos classes e alunos que as outras turmas que eu observei.
- Fiquei conversando um pouco com a professora na sala dos professores.
- *Segundo a professora, essa turma é muito quieta e acaba desestimulando algumas atividades diferenciadas, mas quieta , no sentido de não participar mesmo.
- O começo da aula foi com a chamada e a retomada do conteúdo: Era Vargas.
- a professora perguntou se marcou prova, a turma respondeu que não, mas um trabalho mais elaborado em sala de aula.
- As avaliações de ciências humanas pretendem ser integradas, pelo menos uma.
- ”vocês tem que ir pela cabeças de vocês”.
- CSA?
- A turma é realmente quieta, eles não se exaltaram até agora.
- 17/11= trabalho/prova.
- A porta rangendo, dá nervoso.
- A professora me contou antes da aula, que a 3anos dá aula, está achando que o ano já acabou depois do ENEM.
- Boas analogias com a politica atual.
- ainda na sala dos professores: tinham dois professores que foram muitos simpáticos, a menina me abraçou, bem jovem.
- A professora faz voltas e voltas na histórias para explicar as situações, faz analogias.
- eu sentei bem atrás e na janela, dá pra ouvir outra professora em outra sala gritando...e o barulho da rua… .
- tem umas conversinhas paralelas, mas nada de tão incomodo.
- A turma abaixo parece atrapalhar mais.
- Olga Benario.
- Uma questão que a professora reportou foi o tempo. o tempo está curto e vai ter que “correr” com os conteúdos.
- E realmente, a professora dá aula sozinha a turma interage pouquissimo, é uma turma reduzida a 12 alunos, pelo menos 12, hoje.
- A professora deixa implicito na sua fala que não tem afinidade com o ensino fundamental quando uma aluna pergunta se ela também dá aula no município.
- A aula inteira, a professora, tenta trazer os alunos para os dias atuais.
- Tenta puxar os alunos pra aula, pouco dá certo.
- A professora passou o trabalho:

- Organizar 4 quadradinhos em forma de história para criticar/comentar/explicar a era Vargas.
- É pra começar agora em aula; individualmente.
- A turma começou meio contrariada, mais nada incontrolável, algumas conversas, risadinhas.
- Bateu.
- Só o tempo de apagar o quadro, ir pegar o livro e ir pra próxima aula.
- No caminho, a professora me explicou que essa turma do primeiro ano tava fazendo um trabalho sobre plantas domesticas desde a antiguidade e irão fazer um livro pra deixar na escola.
- Ela mencionou pretende manter essa proposta para um possível mestrado.
- Subimos muitos lances de escadas até chegar na sala dessa turma.
- A sala é rosa e predominantemente feminina também.
- A professora nos deixa para ver se a sala de vídeo está disponível.
- Um grupo fez chá pra demonstrar (cidró).
- teve baguncinha.
- O primeiro grupo ficou com chás da africa.
- A primeira parte é só a explanação dos chás, de onde é, e talz.
- A segunda é achar as fotos, mudas, explicações escritas.
- O segundo grupo são ervas que aguentam extremos.
- O terceiro grupo ficou com temperinhos verdes.
- O quarto grupo vai trabalhar as medicinais.
- Vai ser feito uma horta.
- A união das duas propostas.
- Esse trabalho nasceu do seminário integrado “revista Lilia”e da professora de espanhol.
- O ultimo grupo foi o do chá(chás da América).
- Essa turma pareceu mais agitada, mas soou por minha causa, visto que a professora me disse que é uma turma monotono também.
- Viemos pra sala de vídeo, onde o ultimo grupo irá apresentar fotos do seu trabalho.
- todos os grupos receberam “CSA” na primeira fase desse trabalho.
- voltamos para a sala, mas vamos esperar um pouquinho, pois o intervalo se aproxima.
- A turma fica conversando, alguns na volta da professora…
- A professora escreve um pouco… diz que eles já podem ir pro recreio.
- fomos pro intervalo, ficamos na sala dos professores.
- vi uma revolta por tarde dos professores em relação a burocracia, e mais uma vez, a questão salarial nem passa pela conversa.

- A questão de concursos públicos também foi tocada.
- Batem novamente… voltamos pra sala… tivemos que subir muitos degraus.
- No caminho encontramos um aluno que foi meu aluno também.
- O assunto é sobre Persas, eu não gosto de história antiga, mas essa professora me fez entender um pouco mais.
- Persas x Grecos (Pérsia atual Irã).
- A turma enquanto isso, quieta! alguns burborinhos paralelos.
- Mas são picos, picos muitos silenciosos, picos muito barulhentos.
- O barulhos da rua as vezes é ruim.
- Introdução de palavras novas.
- A professora vai escrevendo no quadro e falando e tentando trazer os alunos pra aula, no conteúdo.
- Mas a turma pouco interage com a professora.
- A professora saiu para pegar um mapa e Trocar a tinta da caneta.
- Uma professora ou funcionaria veio dar um recado: dia 14/11 festa de halloween.
- Realmente, as dimensões da escola são quase invisíveis aos olhos, é difícil entender essas relações de subordinação ou de empoduramento.
- A professora retornou com dois mapas e pediu para alguém alto pendurar pra ela.
- Península Ática (Grécia)
- (península=local que cola no continente).
- Um grupo composto somente por meninos fica isolado do resto da turma.
- 8 meninos 14 meninas.
- Polis: cidades - estado grega.
- É ruim chegar na sala depois das primeiras aulas, pois todos já acharam seus lugares, hoje nessa turma, me sentei na frente, eu não gosto, pois não consigo ver bem a turma.
- Novamente ela pede ajuda do aluno alto, pra retirar os mapas.
- O reflexo no quadro me impede de ver o que está escrito.
- bateu 16:40h.

- Escola Medianeira 12/11/15

- cheguei mais cedo e fiquei conversando com a professora, ela mostrou provas e me disse o quão é difícil está fazer eles escreverem ou se esforçarem mais.
- Para ela não é fácil, os alunos são grosseiros e não estão nem aí.

- na outra escola, para ela, as mesmas séries respondem melhor, o que pode ser pelo fato de que na outra escola ela está desde inicio do ano, aqui ela está cobrindo uma licença e pegou no meio do ano.
- As turmas já tinham uma dinâmica.
- O sinal bateu, iremos para sala de aula, houve uma suspeita de subir aula, mas acho que não vai ser confirmado.
- A aula de hoje é uma continuação.
- A turma 91 está uma agitação só, voltaram da aula de Educação física.
- O assunto é JK, a professora insiste em trazer os conteúdos para os dias atuais, o que é muito bom, mas a turma não parece interessada, pelo menos hoje, particularmente estão bem agitados, saem da sala toda hora, muita conversa e grosseiria.
- A professora escreve um pouco no quadro e conversa turma um pouco com a turma, vai intercalando.
- Essa turma, geralmente, se organiza com as classes em linhas e colunas, hoje eles não estão como de costumes, isso não parece incomodar a professora.
- Muita conversa, a professora segue escrevendo no quadro.
- Ela passa textos no quadro.
- Um menino levanta, arrasta uma cadeira até o meio da sala, que estava vazio.
- O texto terminou de ser escrito, a professora começou a entregar os trabalhos que haviam feitos.
- Tem um menino que é muito grande e fala muito alto.
- Foi uma conversa só.
- A professora começa a falar as notas 1° bimestre.
- A professora está um pouco doente e claramente fica brava mais fácil.
- 1° bimestre= algumas notas foram péssimas, tipo 3 no igual, foram medianos.
- Eles adoram game of thrones, the walking dead.
- A professora também, ela é uma pessoa que curte nerdisses.
- A professora parou a conversar sobre séries com os poucos de perto da sua mesa.
- Enquanto a turma conversava baixo em grupinhos.
- Eu tenho me lembrar da minha oitava série, parece que os “tipos” de pessoas não mudam. A maior diferença é que hoje tudo é mais acessível com a internet.
- Bateu, e o quadro ficou cheio.
- Fomos para 92, na sala da frente.
- A turma já nos recebe com bastante bagunça.

- Mas me sinto melhor recebida aqui, parece que eles me aceitaram aqui.
- Uma professora veio avisar sobre a aula de reforço pela tarde, enquanto a nossa professora recebe alguns trabalhos.
- Aos poucos a turma foi se acalmando.
- Depois, a professora começou a entregar outros trabalhos.
- E como habitual, a grosseira é presente em toda turma.
- (Como essa construção profissional aconteceu?)
- (como o cotidiano escolar constitui o professor jovem?)
- As notas dos outros bimestres..
- Alguns não sabiam os seus números, foi mais um show de farpas.
- A notas nessa turma foram um pouco piores.
- Marcou-se a data da prova geral, dia 03/12.
- Pediram prova de marcar, o que deixou a professora com cara de brava e debochada.
- Ela foi pra mesa, se organizar, os materiais e os trabalhos que estavam em sua mesa.
- Ela reclamou já que esse trabalho que deve ser entregue hoje até o final da tarde está marcado há 3 semanas e tem aluno pedindo pra prorrogar o prazo.
- Ela vai passar um texto no quadro, o que vai ajudá-los a estudar para a prova.
- A turma parece ignorar.
- Tem muita conversa, passeio pela sala, guris passando desodorante.
- O que eu vejo é muito meninos e meninas com tênis muitos bons, com brincos, casacos, relógios, mochilas… aparentemente caros e não fazem fazem por merecer. Nem se esforçam na escola.
- O texto é o mesmo da outra turma.
- Uma menina foi embora e nada pareceu abalar professora, que escrevia no quadro.
- Aqui ela escreve tudo primeiro, para depois explicar.
- Soube que na aula passada(que não vim) ela trouxe a musica da propaganda do Jânio Quadros(da vassourinha).
- Enquanto, a turma tinha se acalmado um lá no fundo começa imitar carro de som de propaganda… o que deixou a professora irritada(que bom, não vai morrer de fome! disse ela para o menino).
- Chamada
- A menina saiu mais cedo mesmo
- Quem terminar de copiar, pode saindo
- Saímos antes de bater.

- Lilia Neves 12/11/15

- Cheguei na escola e como de costume fui para sala dos professores conversar com a professora.
- Eu me sinto bem recebida pelos professores.
- Vai ter uma tarde de oficinas e mostra cultural, onde os alunos vão apresentar alguns projetos que estão sendo desenvolvidos na escola.
- Os professores são bastantes empenhados e envolvidos.
- Fomos para a sala 301,depois de algum tempo fomos para a sala de vídeo.
- A professora fez uma apresentação de slides sobre a II guerra mundial.
- Chamada.
- Lembretes de entregas de trabalhos.
- ”prova” 26/11
- Essa sala de vídeo é bastante equipada, todos computadores funcionam, tem ar condicionado, aparelho multi mídia, TV LCD.
- Os slides serão enviados para o grupo da turma do facebook.
- O conteúdo é importante!
- Relacionar o fascismo com a II guerra mundial.
- A professora vai explicando, se movimentando no meio da sala.
- Uma menina pede para ir ao banheiro, concedido, um menino não deixa a menina sair, até a intervenção da professora.
- Fascistas x populistas (América Latina)
- A turma parece concentrada.
- Os slides contemplam muitos pontos de vista:
- -Europa
- -América Latina
- -Oriente média
- A professora traz boas colocações sobre a conjuntura da II guerra mundial.
- Na verdade ela utiliza os slides menos, e mais fala.
- Algumas conversinhas paralelas, pouco irrita a professora.
- A linguagem usada bem cotidiana, faz chegar a história nos alunos. Eu queria ter aula com ela.
- Pensamento logico.
- um menino saiu de sala, não incomodou a professora.
- Uma menina sai e volta rapidamente.
- Esse entra e sai não parece incomodar a professora.
- Boas analogias para explicar o estado de guerra, utilizando a própria turma.
- Alguns alunos tem noção do contexto da II guerra mundial.

- A professora brinca, mas chama a atenção quando a conversa fica mais alta.
- Bateu enquanto ela estava explicando os testes em judeus.
- 212
- Fomos para a 212, sentei na frente ao lado de uma menina.
- O quadro cheio de conteúdos de matemática.
- Tem trabalho em grupo, a condição é que todos mostrem trabalho, pois não há limite de pessoas por grupos.
- Nessa turma a professora parece ter bastante a vontade, tem afinidade.
- Antes ela me contou que tem muito conteúdos e pouco tempo, e que depois da II guerra mundial, ela teve uma formação defasada, não lembra de muita coisa do curso.
- Ela fez a chamada e foi pegar o livro, a turma ficou conversando.
- Ainda no terceiro ano, ela passou um trabalho que envolve história oral, cada aluno tem que entrevistar alguém da família que viveu a ditadura militar.
- A professora chegou, vai ver o conteúdo é novo, nessa turma. Eles ficaram mais calmos.
- A professora parece ofegante sem b, tem que subir escadas para chegar nessa sala.
- A aula passada pareceu cansar, ela fala um monte sem beber água.
- Por enquanto, a continuação ao governo geral.
- O habitual: escrever no quadro mais conversar sobre o conteúdo.
- Ela vai intercalando, a turma responde bem.
- União Ibérica: assunto novo.
- Ela parece bem confortável com o assunto.
- Alguns não entendem a letra dela, ela tira sarro da letra e dos desenhos do mapa.
- Ela acha que assim, os alunos conseguem aprender melhor.
- Duas alunas batem e pedem pra falar com ela, enquanto isso jogam bolinha de papel, um menino levanta e fica na porta.
- Ela volta, o menino senta.
- Me pego pensando na defasagem na nossa formação acadêmica.
- Ela tem umas ideias mais leves para as “provas”.
- Pessoal pega no pé da aula por causa da letra, ela não se irrita, acha graça.
- Ela tenta sempre dar um exemplos com os próprios alunos, aproxima o assunto dos alunos.
- Ela vai terminar de escrever rapidinho e vai liberar.
- Bateu!

- 13/11/15

- Cheguei para essa observação um pouco esbaforida e atrasada. Tentei encontrar a sala de permanência da professora, demorei um pouco, mas encontrei.
- Essa professora se formou em 2001, mas está dando aula há 5 anos.
- Essa turma é do 2° ano do médio, do curso de geoprocessamento, só tem menina.
- Fomos pra sala, é uma sala bem agradável e limpa e limpa.
- Essa aula foi somente de revisão, depois é só prova.
- Só tinha 6 meninas.
- A professora fez tipo um quiz para a revisão.
- As meninas me receberam super bem.
- A professora já tinha experiência com o IF, em outra cidade.
- No quiz a professora ditava uma palavra e elas escreviam o período/contexto em que cabia melhor.
- A professora parece bem querida pela turma.
- Ela já me deu aula, e era bem querida pela minha turma.
- Para ela o IF tem uma atmosfera boa, pois o ensino médio é como uma faculdade. O aluno tem mais liberdade, se mata aula, geralmente fica pelo campus, se desisti do curso, volta para rever os colegas.
- O ambiente é bom.
- Ela divide a disciplina com outro professor, que fica com o turno noturno.
- 4 meninas parecem estar mais envolvidas com a proposta. Duas do fundo, nem tanto.
- A professora é muito engraçada.
- Ela já tinha dito que às vezes se fugia do assunto, um monte de mulher juntas… e realmente, do nada elas fogem do tema e voltam normalmente…
- Os assuntos abordados foram: iluminismo, revolução francesa, inconfidência mineira, independência EUA, independência do Brasil, guerras napoleônicas (era napoleônica).
- Depois a professora “corrigiu” as palavras.
- Ótima explicação sobre liberalismo econômico, utilizando as meninas.
- As classes são organizadas tradicionalmente.
- Eu tinha esquecido do quanto a professora consegue se aprofundar, questionar alguns apontamentos.
- Como è final de ano, as meninas já parecem esgotadas.
- Duas meninas da frente encostaram outra classe na sua, colocaram os pés na outra cadeira.

- As meninas do fundo não parecem estar muito afim, as outras até se divertiram, aparentemente…
- Algumas coisas nunca mudam…
- fofoquinhas…
- Determinado momento, nenhuma parecia se importar com a aula.
- Infelizmente só terei hoje aqui… eu acho que seria bem massa o trabalho aqui.
- Na segunda parte da atividade a professora propôs a construção de um texto, uma música sobre os assuntos abordados, mas elas só queriam debater.
- Elas já mostram uma maturidade acerca da história e dos trabalhados.
- A professora consegue mediar bem, traz provocações boas.
- Do debate só participaram as 4 meninas mais da frente. As duas do fundo, não abriram a boca.
- Acabou a aula, na semana que vem já é a prova… ela fez chamada, com todas na sua volta.

- Medianeira 16/11/15

- Cheguei um pouco mais cedo e fiquei conversando com a professora na sala dos professores.
- Ela estava planejando aula para o sexto ano, outra turma.
- Ela me disse que não leva mais trabalho para casa, "depois de um ano, eu aprendi".
- Essa turma do sexto ano é muito problemática e lenta, por isso ela estava fazendo resumo bem mastigado.
- Segundo ela, o grande problema é o quarto ano, que já é por área e os professores da pedagogia não estão preparados para preparar os alunos.
- Ficamos conversando sobre nerdisses, jogos vorazes, star wars e mulheres inspiradoras dessa geração.
- Bateu e fomos para a aula.
- O livro que ela usa é o Radix (pegar bibliografia), ela não usa livros escolhidos, pois nem a professora que ela está substituindo usava, as turmas não estão acostumados, ela também não entende a dinâmica do livro.
- Chegando na aula 91, ela ficou cobrando trabalhos atrasados, conversou pouquinho com alguns alunos sobre o final de semana.
- A sala estava dividida em duas filas, em duplas.
- O assunto é JK, hoje ela não escreveu no quadro, ficou conversando no meio da sala(ela adorou esse espaço aberto!).
- Ela foi e voltou em alguns pontos para explicar JK.

- Em muitos momentos parecia que eles não estavam muito afim.
- JK até o PIBID, ela foi divagando em alguns pontos e fugiu do centro do assunto, mas logo retornou para a vida política nacional.
- Quando ela tocou na questão negra/indígena eles curtiram mais.(política atual).
- Voltando para JK, construção de Brasília, crise/divida.
- Até eu participei, fiz uma continha de porcentagem, falei um pouco sobre Dólar e colonização.
- A professora vai e volta no tempo para situar, JK para a 91.
- A professora instiga bastante, pergunta, faz a turma pensar.
- Enquanto isso… um menino lixa a unha, ver as unhas. Só o barulhinho.
- Mostrou que essa politica de congelar salários não é nova.
- Bateu.
- fez uma chamada "meio apressada.
- Ficamos esperando a professora sair da outra turma 92.
- Finalmente conseguimos! Peguei uma cadeira e me sentei no fundo.
- As meninas que estavam perto, me deram oi e disseram que eu tinha perdido a aula de sábado que estava muito boa.
- A professora cobrou trabalhos de alguns alunos e mandou outros refazerem os trabalhos.
- Ainda meio perdida com tantos papéis.
- Uma aluna veio com uma mera pra mim.
- Algumas conversinhas paralelas, nada exaltado.
- Até quinta é o prazo máximo para entrega dos trabalhos pendentes.
- As meninas que estavam perto, conversaram um pouco comigo, sobre o que eu faço , expliquei rapidamente uma disse que não imagina eu dando aula, "sou muito calminha", eu disse que não sou tão calma.
- A professora começou a aula de fato, a turma se disperçou.
- Ela deu grito, que estava com dor de cabeça.
- A turma se acalmou.
- JK foi para conta de água e luz.
- "Brasil é o país do jeitinho".
- Alguns alunos estão desanimados , outros estão participando bem.
- Voltando para JK, politica desenvolvimentista, impostos.
- O assunto sobre fumo e bebida alcoólica e os impostos sobre eles, uma menina levantou esse questionamento.
- Brasília, agora, dívidas, crise, empréstimos.
- Cidade projetada, cadê dinheiro?

- Divida externa.(ela volta na independência, como marca do inicio da divida externa)
- O inicio “nada romântico” da construção da capital.
- corrupção não é nova
- ”O governo da vassoura”.
- ”Democracia, pólis, a vida politica”
- ”não diga que é apolítico!”.
- Todo argumento é político.
- Já vai bater, uma chamada rápida, uma menina oferece rifa.

- Medianeira 23/11/15

- como habitualmente, cheguei mais cedo para ficar conversando com a professora, que nitidamente está bem cansada. Ela estava corrigindo provas das turmas da outra escola em que leciona.
- Conversamos um pouco sobre o ultimo filme dos jogos vorazes, que está em cartaz e nós duas vimos.
- Ela continuou corrigindo e se impressionando com descaso aos alunos. Esta turma ela pegou no meio do ano, o que ela disse ser horrível.
- Fomos pra 91, que recepcionou com um abraço grupal a professora.
- Hoje eles estão bastante agitados. Aparentemente teve aniversário de alguém no final de semana, pois eles estavam fofocando sobre alguma festa.
- Enquanto a professora pedia por silêncio muitas vezes e escrevia no quadro.
- Geralmente, essa turma se acalma mais rápido, hoje não.
- A professora deixou pra lá e continuou escrevendo no quadro a matéria atrasada.
- Uma parte da turma mostra a sexualidade bem aflorada. A outra não demonstra.
- A homossexualidade ainda xingamento para diminuir os colegas.
- A professora terminou de escrever no quadro e se sentou. Disse que a prova será adiada e no dia que seria a prova vai ter um trabalho em aula.
- A professora è obrigada a fazer prova nas duas escolas e dar “qualitativo” também.
- Fez a chamada; prova 14/12.
- Organizou a pontuação dos trabalhos e explicou como será o trabalho em sala de aula.
- Enquanto isso, ela ficou sentada, organizando alguns papéis.
- A turma ainda conversava, agora mais baixo.

- Um menino perguntou: “sora, qual o nome daquele político da musiquinha da vassoura?
- Ela respondeu.
- Dois meninos se levantaram. Um saiu.
- Uma menina se levantou, bisbilhotou algo perto de mim e voltou pro lugar.
- Nada mais parecia incomodar a professora.
- Só o volume da conversa.
- Mais duas gurias saíram da sala.
- Menino voltou, ficou em pé com os outros.
- As meninas voltaram.
- Agora a professora se levantou e ficou conversando com alguns alunos.
- Pediu pra se sentarem e silêncio e começou apagar o quadro.
- A turma não deu a miníma e continuou a conversa.
- Ela pediu silêncio novamente, disse que hoje ela está devagar.
- Um menino mudou a classe de lugar.
- E três meninos ficaram conversando em pé, no fundo da sala.
- O menino trocou a classe de lugar de novo.
- Hoje, a turma está bastante agitada.
- A professora tentou explicar algo, mas pareceu sem folego.
- Veio pra mim e disse que o fim do semestre está difícil em casa também.
- Bateu.
- Fomos para 92, ficamos esperando a outra professora.
- Na 92, levei uma cadeira pro fundo e uma menina trouxe uma mesa.
- Aqui, a noticia foi questões sobre a guerra ao terra e a “política educacional” da História em retirar conteúdo basilares.
- A turma ficou bem mobilizada, parecem mais politizados do que da ultima vez que estive aqui.
- Participei bastante, com aval da professora e da turma.
- A diminuição dos conteúdos e da carga horária da história.
- Essa turma pareceu mais calma que as demais vezes que estive aqui.
- Uma parte da turma bem desligada e quando a conversa aumentava, ela pedia silêncio.
- A professora estava mais “viva”.
- ”é mais fácil aceitar o pensamento pronto do que pensar sozinho”.
- O assento foi indo e chegou na “nova candidatura do Lula”.

- Juvenal Muller 25/11/15

- Hoje cheguei bem em cima da hora, a professora estava na sala dos professores se organizando, enquanto eu fiquei olhando alguns cartazes que estava na parede do corredor.
- Tem cartazes muitos bons sobre o uso da internet.
- Bateu e subimos, as turmas de hoje são no segundo piso.
- Os alunos vão chegando aos poucos, mas a professora já dando aula.
- Colocando as respostas do questionário no quadro.
- Os alunos estão enlouquecidos com o final dos jogos vorazes.
- Aqui, parece que a aula já começa como um soco rápido, aconteceu tudo muito depressa e ao mesmo tempo.
- Conforme vão chegando os demais alunos, tudo vai se acalmando.
- Um se levanta e continua conversando sobre outras sagas com a professora.
- E outra menina, sentada disse que não gosta do Netflix, pois o aplicativo vai sugerindo filmes que ela não gosta.
- Um menino da sala, extremamente quieto, copiava.
- Duas meninas me olhavam e cochichavam rindo, uma aula tomava todinho e isso não parecia incomodar a professora.
- Outro menino lá no fundo, parecia inatingível.
- Um menino chega agora super atrasado.
- Mesmo com três meninos no outro canto da frente estarem conversando, é uma conversa baixa.
- Quando a gente acha que não pode mais entrar, chega às 8:15h, uma menina.
- A professora termina de escrever e senta.
- Pega o livro e começa a ver algumas sugestões de trabalhos com filmes.
- Os três meninos vieram conversar na mesa da professora sobre nerdisses.
- Ela estava marcando o livro.
- Ela ficou irritada, pois a guria que chegou agora começou a tumultuar a aula.
- Uma menina trouxe a cadeira e se sentou com outra menina bem na frente.
- Ficamos conversando sobre filmes e séries, alguns alunos me colocaram na conversa também.
- A professora disse que está “aprendendo a ser professora”, pois não se estressa mais com notas dos alunos. Ano passado, ela disse que se engajou bastante, procurava os pais, mas não adiantou, então esse ano ela aderiu a ideia de que não pode abraçar e salvar a todos.
- Bateu.

- No corredor, encontramos uma professora, que já está se aposentando. Ela disse que vai sentir muita falta de dar aula. E que a gente não pode se apegar aos detalhes ruins, pois "a gente ganha mal, sofre em sala de aula, se a gente foi se incomodar com tudo não vivemos". Elas disseram que nessa escola a direção defende muito os alunos e o professor fica desamparado.
- A aula começou 61, pedi um lugar e me apontaram este, que é meio na frente.
- A professora teve que voltar na outra sala, pois esqueceu o estojo.
- enquanto isso, a turma era uma bagunça só.
- Aqui também, ela passou as respostas do questionário no quadro.
- No mais, a turma se acalmou, apesar de duas meninas continuarem conversando, a professora estava se incomodando, pois, aqui, eles estão com notas ruins.
- Três meninos da frente, conversas de papel.
- O conteúdo é Grécia antiga.
- A professora parou na questão 8. Se sentou e uma menina pediu pra ela corrigir as questões no seu caderno.
- A conversinha aumentou, um "psiu" e baixou o volume.
- Um menino pediu pra ir no banheiro.
- Sentada, ela começou a falar que está preparando uma atividade com o livro. não usam, mas eles tem.
- Trabalho
- Uma menina na fileira ao lado, sorria sempre ao me olhar.
- Pagina 198 até 203, texto + exercícios.
- Para entregar, vai valer como complemento.
- Houve um probleminha, pois alguns tem livro "roxo" e outros "azuis". E as tarefas são diferentes. Ela vai colocar no xerox.
- Ela escreveu no quadro detalhando melhor.
- Se irrita, pois um menino pergunta se tem que copiar. Ela tinha dito que era para copiar antes.
- Algumas alunas tiraram fotos do quadro.
- Um aluno chegou no final da aula, com a mãe, pois foi fazer a carteira profissional.
- A aula terminou com ela dizendo a data de entrega.
- Fomos para a próxima turma 81, a outra professora ainda estava aqui. Mesmo assim me sentei no fundo. A turma estava uma bagunça.
- Alguns foram ajudar a professora buscar o multimídia, hoje tem apresentação de trabalho.
- A configuração dessa sala está diferente da ultima vez que estive aqui.

- Tem dois quadros na sala, dessa vez a turma está virada para quadro branco.
- Enquanto a professora e o grupo arrumam o material para apresentar, o resto da turma está bagunçando.
- O multimídia foi arrumado, a professora chamou quem estava no corredor, o grupo se organizou, a professora deu uma bronca, pois as apresentações atrasaram.
- O grupo começou, o assunto é liberalismo político-econômico.
- A professora se sentou na frente. O grupo tinha três meninas e um menino, como em todo grupo (mais ou menos) sempre tem os que se destacam positivamente.
- A professora contribui com o grupo. Bem bacana, dois(1 menino e uma menina) falaram melhor.
- Muita conversa, toda hora a professora pedia silêncio.
- Já não daria mais tempo para outro grupo apresentar.
- A professora foi desarmando o multimídia, os alunos foram pro recreio.
- Fomos para a sala dos professores.
- Lá fiquei conversando com a professora de matemática que me pediu indicações de leituras.
- A maioria dos professores reclamaram de cansaço, querem férias.
- Bateu.
- Fomos para 71, me sentei na frente.
- A turma está agitada, mas a professora pediu silêncio algumas vezes.
- Ela vai dar as notas da prova que parece muito ruim, pelo tom da professora.
- Somente dois tiraram a média.
- Ela remarcou a recuperação e mandou refazer a prova toda e trazer assinada.
- Ela vai deixar um trabalho extra no xerox, quando ela anunciou isso alguns alunos foram abraçar a professora.
- Depois de dizer as notas da prova e do trabalho, alguns foram conversar com a professora.
- Antes de entregar as provas, a turma começou a se levantar, conversar, bagunçar.
- Muita bagunça mesmo, até que a professora na sala, …”psiu”, mandou refazerem agora a prova.
- Mesmo assim, a bagunça ainda continua e ela continua mandando, eles ficarem quietos, enquanto entrega as provas.
- Peguei o diário de classe.
- Nessa a turma a professora não para, tem sempre alguém na volta.

- Depois de mais um grito enérgico, os que perambulavam se sentaram, mas só por um momento.
- A conversa continuou , os “passeios” em sala também.
- A professora ficou corrigindo trabalhos, que entregaram atrasados.
- Nossa, quanta conversa!
- Apesar de muitos estarem com a corda no pescoço, eles nem ligam, não sabem nem que os conteúdos que os conteúdos da prova tem no caderno.
- A professora vai passar um trabalho extra, para tentar “salvar” as notas.
- O trabalho será texto + exercícios do livro.
- A aula acabou.
- Voltamos para 61.
- Deveria ser religião, mas ela continuou com história.
- Eles estão bastante agitados.
- A professora continuou colocando as respostas do questionário no quadro.
- Duas meninas pediram pra sair, depois ela veio me dizer o motivo: colocaram uma camisinha aberta em cada mochila.
- Gente, o que fazer numa situação dessas?
- Enquanto isso, alguns alunos do fundo batiam com classe no chão.
- O que incomodou a professora, ela pedia silêncio brava muitas vezes.
- A turma foi se acalmando, mas a sinfonia continuou, até ela pedir pra parar mais uma vez.
- As meninas voltaram.
- Apesar de baixa, a conversa continua.
- ”Psiu”... Estão copiando? Ela perguntou…
- Tem sempre uma conversinha rolando, o que ainda não incomodou a professora.
- Uma menina saiu antes.
- Outra menina foi para o seu lugar.
- Um menino pediu pra ir ao banheiro.
- Ele voltou em seguida.
- A professora parou de escrever, mas pelo jeito o questionário é mais tenso.
- Um menino não se aquieta, fica falando sobre órgãos do corpo humano e ciências no geral.
- Mas foi só ela se sentar que a conversa e a bagunça começa a aumentar.
- *Um grito e para.

- Ela ficou conversando baixinho com alguns alunos na volta da sua mesa.
- Quando a bagunça aumentou, bateu na mesa, mas logo bateu!

- Medianeira 30/11/15

- cheguei na escola e fui direto para a sala dos professores, onde encontrei a professora.
- Ela estava organizando o calendário para Dezembro. Disse que perdeu o calendário que a escola entregou.
- Ela disse que está bem cansada com esse final de ano.
- Ela disse que não quer mais trabalhar nessa escola, ainda mais por ser uma convocação fechada. A maior parte do tempo.
- Ela ficou organizando os eventos das duas escolas em um calendário que ela fez, para que nenhuma data coincide, ela disse que está aprendendo, "que essa escola não é aula e que é no juvenal, onde foi a convocação oficial, Aqui é um bico".
- Bateu e fomos pra aula, onde ela foi muito bem recebida pelos alunos, com abraços e beijos.
- Mas que veio com uma onda de conversas altas, alunos em pé e alguns saíram da sala.
- Ela foi perguntada sobre o que fez no fundos;
- Resolveu passar alguns exercícios a para revisão da prova 07/12.
- Muita conversa, começou a pedir silêncio seguidas vezes.
- A sala está dividida em duas filas, a organização (ou desorganização) da sala parece não incomodá-la.
- A coordenação pedagógica pediu licença para um aviso, a turma vai sair mais cedo amanhã.
- A professora continuou escrevendo os exercícios no quadro e a conversa também até que ela gritou e o silêncio veio por alguns segundos.
- Dois alunos que tinham ido imprimir um trabalho voltaram.
- Seguidos pedidos para fazer silêncio.
- A turma não obedece.
- Uma professora entra na sala e pede para falar com nossa professora, elas vão pro corredor.
- Parece que a conversa diminuiu o nível.
- A menina voltou.
- Alguns minutinhos depois a professora voltou também, continuou passando questões no quadro.
- 14 questões depois ela pergunta quem copiou todas pra ela tirar foto, já que elaborou essas questões agora em aula.

- Fotografou as questões e falou brincando que só ela podia fazer isso.
- Ficou conversando com alguns alunos na volta da sua mesa.
- Foi até a mesa de uma menina, que a chamou.
- Depois, foi até um grupinho de menino que não estavam copiando ou resolvendo os exercícios, perguntou o motivo de eles não estarem fazendo nada, eles responderam, mas não consegui ouvir.
- Outro grupo de 3 meninos, que estavam perto de mim começaram a jogar bolinhas de papel, algumas na minha direção, caíram perto, mas não me atingiram.
- Ela estava conversando com outros alunos sobre feminismo, misoginia, misandria.
- Bateu, mas ela continuou por alguns por alguns instantes.
- A professora que veio em seguida pediu pra ela apagar o quadro, ela pediu pra um menino apagar. A outra professora disse meia duzias de palavras relacionadas com apagar o quadro, mas com o tumulto da troca de horários no corredor onde eu não consegui ouvir.
- Fomos pra 92, me sentir em um lugar mais na frente, onde alguns alunos me indicaram.
- Algumas meninas me cumprimentaram e outra, que vi no centro dias desses, disse que estava passeando com a mãe.
- Essas meninas convidaram a professora para um churrasco que a turma vai fazer dia 15/12.
- Enquanto isso, a professora escrevia as mesmas questões da outra turma no quadro nessa turma também.
- Me convidaram para o churrasco também.
- A conversa aqui está bem baixinha.
- Algumas dúvidas sobre essas questões de revisão foram somadas.
- Alguns alunos começaram a falar sobre outras escolas, pois uns não ficarão mais nessa escola.
- A professora continuou escrevendo no quadro, esqueceu como escreve “Kubistchek”.
- A conversa continuou, mas contida.
- Um aluno me perguntou o motivo das minhas observações, eu respondi.
- Conforme a professora ia colocando as questões, ia apagando outras, alguns gritos: “não apaga sora!”. Ela respondeu “vou apagar, você só ficam conversando!”.
- Ela sentou, uma aluna veio até a mesa dela e disse que Domingo vai fazer a prova para o IF. e elas ficaram conversando sobre isso.
- A conversa aumentou no fundo.
- Outros dois se juntaram na conversa sobre o IF.

- A professora pediu silêncio, o volume baixou.
- Continuou conversando com duas alunas.
- E também as conversas paralelas em grupinhos.
- Ela vai corrigir as questões na próxima aula.
- Uns alunos pediram pra ir pro recreio, mas a professora disse que ainda não, muito cedo.
- Alguns alunos desceram, outros continuaram em sala.
- Fomos embora.

- Lilia Neves 1/12

- Cheguei na escola e fui direto para a sala dos professores, fiquei conversando com a professora e os demais professores.
- A nossa professora me disse que essa é a ultima semana, pois as próximas serão de recuperação e exames, assim os horários mudam muito.
- Uma professora de espanhol disse que está cuidando do seu neto, e então ficamos conversando sobre crianças e como elas nos som a surpreendem.
- Marcamos a nossa entrevista, bateu e viemos para 312.
- Ela começou a aula com a chamada e cobrou um trabalho atrasado.
- Alguns entregaram e outros pediram para prorrogar o prazo, ela aceitou, só pediu que entregassem até a próxima Terça.
- Após ela comunicou que não vão conseguir ver todo conteúdo e assim vão ver um filme do conteúdo em que pararam, pós II guerra mundial.
- E fazer um trabalho relativo ao filme.
- A professora disse que um ponto bom de não ser nota no ensino médio é que ela ainda consegui dar aula, no médio a "nota" é conceito e ainda não estão fechados, por ser por área.(no fundamental a nota é em números e já foram entregues).
- Poucas pessoas nessa turma, da outra vez tinha mais.
- Alguns estavam vem dispersos, a professora chamou atenção.
- como sempre, a professora vai falando, instigando e colocando tópicos do assunto no quadro, o assunto é período democrático no Brasil (1945-1964).
- Bastante conversinhas paralelas seguidos pedidos de silêncio.
- Às 13:35, uma professora bate na porta e pede licença, diz que ela e a nossa professora tinham um acordo de que aquela sala era utilizada por outra turma toda Terça para recuperação, a nossa professora disse que esqueceu e todos foram saindo e a turma e a

turma da recuperação entrando, congestionando a passagem. Fomos para uma sala no mesmo corredor.

- A sala que viemos tem ar condicionado, bom pois está bem quente hoje.
- A professora continuou a aula utilizando o exemplo das eleições da escola para explicar a candidatura do Eurico Gaspar Dutra.
- Ela não usa o livro, que ela mesma escolheu. Explicou para os alunos o motivo de não utilizar esse livro.
- Quando ela estava escolhendo os livros, o representante disse que o livro vinha com uma versão digital. Ela disse que sabia que esse livro era mais fraco, mas que achou interessante essa questão do material extra, só que isso nunca aconteceu. Ela contactou o representante que jogou a culpa no MEC, que também jogou a culpa no representante. E ela nunca teve acesso ao material on line. Ela disse que nunca mais escolhe um livro fraco que tem material extra.
- Continuando… trouxe a reflexão das eleições passadas para presidente.
- Trouxe a questão das greves atuais no estado.
- Uma aluna chegou agora 14:00h, bem mais tarde
- A professora não falou nada.
- Conselho de classe geral 30/12.
- Trouxe a questão da reforma agrária para a cidade.
- MST, preço de terra, proteção dos latifundiários.
- Quanto a conversa fica mais alta, ela pediu silêncio.
- Aceitou uma bala que um aluno lhe ofereceu.
- Uma aluna perguntou quando acaba as avaliações, a professora respondeu que é semana que vem, que é o conselho das humanas.
- Do plano Salte, ela trouxe para o polo naval>Energético de RG.
- Um aluno retrucou uma expressão que ela colocou no quadro. Ela brincou e arrumou, depois perguntou pro aluno: “Tu tá melhor agora? tem Psicológico está bom?”.
- Todos deram risadas, e ela continuou a aula.
- Enquanto a professora escrevia os tópicos no quadro, algumas conversinhas paralelas. A professora não disse nada.
- A volta de Vargas:(1951-1954)
- A professor se mostra bem entendida da teoria marxista.
- Dois alunos, que estavam na biblioteca fazendo trabalho, voltaram e entregaram os seus trabalhos.
- ”Lutar pelos interesses da tua classe é egoísta”.
- ”Sou que nem aluno, preciso de uma pressãozinha para corrigir as provas”, respondeu quando perguntaram quando vai entregar as notas.

- Bateu.
- Fomos na sala dos professores trocar o livro e viemos para 112, no caminho conversamos sobre o desgaste de ser professor.
- Com 20 horas, a professora acreditar ser ótima, mas ela tem 40 horas e é muito cansativo. Agora ela disse que revê muito a crítica que ela fazia aos professores tradicionais, ela acha que está virando uma. Ela disse que não tem tempo para ler os livros que gostaria, mas além das 40 horas em duas escolas, ela é dona casa, sempre tem algo pra fazer.
- Chegando na sala depois de lances eternos de escadas, ela fez a chamada.
- Pediu os trabalhos atrasados e perguntou quem trouxe as mudas de plantas.
- Nessa turma ela está desenvolvendo trabalho de ervas na história, que vai sair um livro e a plantação dessas ervas.
- Vamos lá pra baixo, plantar!
- A atividade de plantar as mudas foi bastante organizada.
- A turma se ajudou, eu e a professora ficamos observando e ela interviu quando necessário.
- Voltamos para a sala, cansados.
- Ela pediu a parte escrita dessa parte do trabalho até o final de semana, por e-mail ou facebook.
- Ela disse que não vai dar matéria porque daqui a pouco já vai bater pro recreio.
- Enquanto isso, ficaram conversando e uma menina perguntou sobre o trabalho de literatura, que ninguém fez.
- A turma se mobilizou para fazer queixa da professora para diretora. A professora interviu, disse que era melhor falar diretamente com a professora e explicar a situação.
- Ela liberou o pessoal 5 minutos antes de bater para o recreio.
- Ela me perguntou o que achava dessa situação e eu concordei com ela.
- Ainda na sala, perguntei se essa turma era empenhada, ela disse que antes eles eram muitos quietos, quando ela chegou, mas aos poucos ela foi mudando a sua maneira de dar aula. Antes ela explicava, mas eles não respondiam, aí ela começou a falar falar com eles, brincar, falar bobagens… e eles começaram a se abrir mais com ela.
- Fomos para a sala dos professores, aos poucos outros professores chegaram também.
- Se sentaram para tomar seu café, seu lanche.
- Essa professora contou que ainda está no processo de construção da sua casa e está aterrando o pátio com o marido.

- Ela põe a mão na terra, eles fazem de tudo nessa obra.
- Ela me convidou para tomar chá e sentar a mesa com ela e as demais professoras.
- Ela começou a falar da outra escola que fica na periferia e começou a conversa sobre serviços sociais para dar acesso iguais para todos. E também conversamos sobre a construção histórica do bairro que essa escola está, BGV.
- Duas professoras discordaram que esse bairro é periférico.
- Mas seria periferia no pensamento de que boa parte da população foi empurrada para lá, outra parte ocupou alguns territórios e outra vem da zona portuária/centro.
- Bateu e voltamos para a sala de aula.
- Depois de lances eternos de escadas, chegamos.
- A aula começou e era sobre democracia, Atenas, filosofia, …
- Contou o mito do verão e inverno na construção grega.(fui atingida por uma bolinha).
- Demetria, Persefone e Hadis.
- Razão x mito.
- A professora saiu pra recarregar a caneta.
- A turma ficou dispersa, conversas, risadas, mas ainda todos em seus lugares, com volume baixo.
- Voltou, a professora, bem camada das escadas.
- Ela escreve um pouco, fala um pouco, vai alternando…
- Como o conteúdo é Atenas, ela disse que deve-se ter cuidado com conceitos, principalmente na questão sexual, não existe homossexualidade, na questão do isolamento da mulher na sociedade.
- Normativas de cada época.
- Uma menina perguntou sobre as mulheres egípcias serem carecas, a professora não sabia sobre isso, e me perguntou, e também não soube dizer, em seguida bateu.
- Viemos pra sala de vídeo, onde vai ter apresentação de trabalho.
- A turma 212 foi chegando e a professora foi cobrada das notas e das provas corrigidas.
- Ela riu, disse que está fechando as notas da outra escola.
- O primeiro grupo a apresentar, tinha três meninas e foi a cidade de Pelotas.
- A turma sentou em roda, nessa sala não tem mesa.
- O próximo grupo vai usar power point, a professora foi ajudar a ligar o equipamento.
- Logo que apresentaram, as meninas perguntaram sobre a nota.
- A professora disse: vocês tiraram “csa”, mas vocês leram bastante, na verdade vocês só leram, né?!

- O segundo grupo falou de Santa Vitória do Palmar, “csa”
- Esse grupo teve alguns problemas de comunicação, mas a professora deixou, não interviu. a turma riu.
- *Depois das apresentações, a professora fez uma recapitulação das demais apresentações e um grupo mostrou as imagens da cidade do Rio Grande, que no dia da apresentação não conseguiu. Bateu.
- Cheguei mais cedo, como de costume, mas hoje a professora se atrasou. Fiquei no hall de entrada vendo os estudantes.
- Ela chegou toda esbaforida, dizendo que levou multa por excesso de velocidade no caminho para a escola.
- Foi direto para a sala dos professores, pegou o estojo, colocou o lanche na geladeira e viemos para 62.
- A aula já começou com bronca por causa das notas muito abaixo da média, sendo que ela passou vários trabalhos durante o ano e principalmente nesse semestre.
- Ela foi falando as notas, quem vai fazer exame e quanto cada um precisa tirar no exame.
- Hoje o silêncio nesta sala prevaleceu, por parte dos alunos. Só a professora irritada, brava, brigando com os alunos.
- A cara de derrota no rostinho dos alunos é igual.
- Apenas alguns passaram.
- Uma aluna chegou bem atrasada, a professora brigou também, disse que já falou com a direção que ano que vem isso não vai mais acontecer.
- Disse pra todos que ano que vem os conteúdos são mais complicados, que eles tem que se focar mais, que eles não fazem mais nada da vida.
- Parou um pouco a bronca, pois alguns alunos perguntaram mais sobre os conteúdos do sétimo ano.
- Colocou as datas dos exames no quadro.
- Duas meninas de outra turma, que estão organizando uma festinha, vieram perguntar sobre o que ela acha de mandar embora quem não contribuiu com nada. Pois ela acha injusto.
- A professora deu sua opinião, mas não conseguir escutar.
- Ela voltou a colocar as datas no quadro.
- Perguntaram sobre as notas de ensino religioso.
- Ela começou a falar as notas também.
- Pelo menos em ensino religioso, as notas foram melhores.
- Uma aluna veio até a professora fez um carinho nela e sentou de novo.
- Ela disse o que vai cair no exame: todas as provas. E distribuiu provas extras pra eles poderem estudar.

- Logo se formou uma parede de alunos em volta da mesa da professora.
- Duas meninas distribuíram os últimos trabalhos. Bateu.
- Fomos pra 81, que está organizando uma festinha.
- A professora esqueceu de comprar algo, então fomos em uma padaria próxima a escola. Muitos alunos também saíram pra comprar algo.
- Voltamos para a 81, os alunos estavam bem descontraídos, fizeram discursos, carinho na professora.
- A professora agradeceu também, ela e algumas meninas fizeram uma bandejinha para diretora da escola.
- Enquanto isso, fiquei olhando os alunos brincando.
- Quando a professora voltou, se lembrou que deveria ter ido pra 61 e não 81.
- A 61, ficou sozinha até agora.
- Viemos pra 61, as pressas. A professora não apareceu muito abalada por a turma ter ficado sozinha.
- Mas brigou bastante com a turma por causa das notas, aqui também.
- Nesta turma ⅓ somente passou, e ainda assim com "ajudinha divina", segundo ela.
- Ela entregou as notas e disse quanto cada um precisa para o exame.
- Bateu, mas ela continuou falando, brigando, e dando as notas.
- Uma barreira formada por alunos na volta da mesa da professora.
- Aqui, parecem mais desinteressados ainda.
- A professora continuou dando as notas.
- Uma menina veio conversar comigo, perguntou onde eu moro, quantos anos eu tenho.
- Enquanto isso, a turma estava virada na bagunça.

- Voltamos pra 81, que está em festa.
- Alguns foram pro pátio, outros ficaram em aula.
- Eu e a professora ficamos conversando sobre uma amiga em comum, logo chegou um aluno, que ficou em exame. Dei algumas dicas de concentração.
- Chegou uma menina e conversamos sobre a falta de respeito do programa pânico e a ComicCon Experience.
- Bateu para o recreio.
- Na sala dos professores os assuntos foram de cachorros vira-lata até férias.
- Ninguém aguenta mais esse ano.

- A professora disse que vai passar o ano novo em São Lourenço, com o esposo e os sogros. Ela ficou contente, pois conseguiu a última cabana do hotel que ela queria.
- Alguns professores, não sabem o que vão fazer no natal ou ano novo.
- Bateu.
- 71, está agitada na volta do recreio, mas a professora de religião estava fechando as últimas notas dessa turma, na sala mesmo.
- Quando ela saiu, a coordenadora pedagógica veio avisar que amanhã essa turma não tem aula e que a partir de hoje é só recuperação e não precisa vir quem já passou. Ela e a professora saíram da aula juntas.
- Enquanto isso, uma menina da 81 veio saber quem ia pro parque aquático e uma bagunça tomou conta.
- Alguns mandando fazer silêncio, pra ela poder dizer as notas.
- O silêncio dura pouco, ela volta a pedir silẽncio.
- Três meninas que sentaram perto de mim foram até a mesa da professora, essas meninas ficaram conversando comigo, sobre está de férias e ter vergonha de usar biquíni.
- Aos poucos a mesa da professora ficou cheia de alunos ao redor.
- Uma professora veio avisar que não tem aula amanhã (de novo).
- Muita conversa, conversa alta mesmo.
- A mesa vai esvaziando…
- A professora irritada, começa a gritar por silêncio.
- Uma menina faz prova, no meio dessa barulheira.
- A professora está fechando as notas pendentes.
- Manda sentarem e ficarem quietos, mas não adianta por muito tempo.
- A conversa fica alta rapidinho.
- Ela disse pras meninas falarem mais baixo.
- Seguidos pedidos de silêncio foram feitos.
- A conversa continua, a professora continua fechando nota. Alguns alunos na sua volta.
- O que está claramente incomodando-a é o barulho da conversa…
- Outra professora chega… E vai organizando seu material e pedindo silêncio enquanto a nossa professora termina de fechar as notas.
- A nossa professora resolve terminar isso na outra turma 61.